UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ANTES DA NOITE:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI
POR LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
(NATAL, 1898-1986)

Francisco Firmino Sales Neto

Rio de Janeiro
2013

ANTES DA NOITE:
HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI
POR LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
(NATAL, 1898-1986)

Francisco Firmino Sales Neto

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, do Instituto de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientadora: Profª Drª Andréa Casa Nova Maia

Rio de Janeiro

2013

S163 Sales Neto, Francisco Firmino
Antes da noite: história, memória e escrita de si por Luís da Câmara Cascudo (Natal, 1898- 1986), 2013.
237 f.

Orientadora: Profª Drª Andréa Casa Nova Maia

Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2013.

1.Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986. 2. Memorial Câmara Cascudo – História. I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em História Social. II. Título.

CDD 928.81

***ANTES DA NOITE*:**

HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI

POR LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

(NATAL, 1898-1986)

Francisco Firmino Sales Neto

Orientadora: Profª Drª Andréa Casa Nova Maia

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, do Instituto de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História Social.

Aprovada por:

_____

Profª Drª Andréa Casa Nova Maia – UFRJ
Orientadora

_____

Profª Drª Luiza Larangeira da Silva Mello – UFRJ
Examinadora Interna

_____

Prof. Dr. Henrique Estrada Rodrigues – PUC-Rio
Examinador Externo

_____

Profª Drª Margarida de Souza Neves – PUC-Rio
Examinadora Externa

_____

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior – UFRN
Examinador Externo

_____

Prof. Dr. José Augusto Pádua – UFRJ
Suplente Interno

_____

Profª Drª Angela Maria de Castro Gomes – UFF
Suplente Externa

Rio de Janeiro

2013

À Dinara e Maria Isabela, belas
manifestações do amor em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Os que acompanharam esta trajetória acadêmica de perto sabem o quanto o percurso foi gratificante, mesmo quando percorrendo caminhos um pouco tortuosos. Particularmente no decurso do doutorado, minha vida passou por profundos deslocamentos profissionais, espaciais e subjetivos que me obrigaram a repensar metas e prioridades. Como um historiador amador, no sentido de quem se julga eterno aprendiz e de quem exerce a profissão que ama, tive que fazer importantes escolhas. Algumas vezes, por força da necessidade, tais decisões tiveram que seguir na contramão do que a circunspecta Academia exigia para poder conferir o ostentoso título de um vir a ser, isto é, para qualificar um *Doutorando*!

Definindo a cidade de Cajazeiras como *porto seguro*, dividi-me entre o Rio de Janeiro (onde era estudante), a Paraíba (onde me descobri professor e, especialmente, onde constituí minha amada família) e o Rio Grande do Norte (para aonde retornarei sempre em busca das raízes que me ergueram e sustentam). Essa deambulação espacial foi constante e necessária, esgarçando minha identidade de *provinciano incurável* e, curiosamente, exigindo deste pesquisador da biografia cascudiana questionamentos acerca de sua própria vida. O que não deixa de ser positivo, pois, afinal, uma das utilidades ou vantagens da história para a vida é nos auxiliar na tarefa de entendermos transformações sociais que, muitas vezes, estão manifestas em nós mesmos...

Por essa razão, mais do que nunca, precisei contar com o apoio logístico, intelectual e, sobretudo, afetivo de pessoas naturais ou residentes nesses três estados. Ainda que eu seja o único responsável por cada lacuna e cada falha que este trabalho possui, ele não seria possível sem a palavra, o gesto, o afago e a atitude de pessoas queridas com as quais dividi dúvidas, escolhas, percursos e, claro, a própria vida. Sejam aqueles com quem convivi por pouco tempo, sejam aqueles que diariamente estiveram ao meu lado, todos eles deixaram sua contribuição expressa e impressa em cada ideia formulada nas páginas deste estudo. Diante de trabalho urdido de maneira tão coletiva, sei que poderei cometer lapsos de memória e esquecer-me de agradecer a alguém. Mas o que é o esquecimento se não a outra face da memória?! Lembrados ou esquecidos, todos fazem parte desta tese tecida em função dos nobres sentimentos do amor e da amizade.

Por tudo isso, obrigado a todos que cruzaram meu caminho e me indicaram a direção a seguir!

Minha gratidão inicial vai para o Deus que me faz forte todos os dias e sem o qual eu não teria conseguido chegar até aqui. Quando obstáculos surgiram, para não *ficar* pelo caminho, encontrei nesse Deus não institucionalizado pelos homens a força para seguir em frente: *porque quando estou fraco então sou forte!*

Agradeço a meus familiares e amigos que, mesmo à distância, fizeram-se presentes todos os dias, entendendo minha ausência e procurando maneiras diversas de fornecer confiança e estímulo para este pesquisador andarilho. A lista é enorme para que eu possa nomear cada pessoa que, seja por laços sanguíneos e/ou vínculos afetivos, fez parte desta jornada. Embora não os nomeie, cada um de vocês sabe o quanto sou feliz pelo amor, carinho e amizade que vocês me proporcionam: muitíssimo obrigado!

Agradeço a CAPES pelo breve período de financiamento desta pesquisa. Para um representante de uma atual *geração acadêmica* de bolsistas que havia cursado integralmente a graduação (CNPq) e o mestrado (CAPES) com financiamento, dedicando-me exclusivamente ao estudo e à pesquisa, a ausência de apoio governamental pareceu apontar para dificuldades. Porém, a despeito da impossibilidade de manutenção no Rio de Janeiro durante todo o período do doutoramento, essa situação trouxe um importante benefício: a descoberta do ensino como prazerosa atividade profissional. Diria que a ocasião fez o professor e, felizmente, abriu importantes portas que não estavam entre os meus horizontes de expectativa naquele momento. Parafraseando um colega, obrigado CAPES!

Diante disso, quero oferecer gratidão e afeto aos meus alunos e minhas alunas da Escola Doméstica de Natal, do Colégio Henrique Castriciano e da Universidade do Vale do Acaraú (em Natal); e da Universidade Federal de Campina Grande (em Cajazeiras). Quando esta trajetória começou, durante a graduação, uma peculiar timidez me trazia receios quanto à profissão que eu estava abraçando. Hoje, tendo decorrido alguns anos, não me imagino fazendo outra coisa. Foi pela convivência e pelo retorno de cada encontro, cada aula e cada diálogo que me percebi professor e, sobretudo, que me realizei como pessoa. Obrigado por me ensinarem o significado da docência e por me permitirem aprender com vocês diariamente!

Nessas mesmas instituições de ensino, notadamente na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (UACS/CFP/UFCG), agradeço aos colegas de trabalho pelas experiências e parcerias firmadas. De maneira especial, agradeço aos professores Ana Uhle, Isamarc Lôbo, Rodrigo Ceballos, Rosemere Santana, Rosilene Melo, Valter Rodrigues e Viviane Ceballos. Com a maior parte deles, também doutorandos, compartilhei mais de perto as alegrias e os dilemas de realizar um doutorado distante da instituição promotora e em exercício diário de

uma profissão. Ainda na UFCG, quero agradecer ao diretor do CFP, professor Jose Cezario de Almeida; ao coordenador administrativo da UACS, professor Manoel Dionizio Neto; e, na Procuradoria da instituição, ao procurador Alcides e aos advogados Cristiano e Florêncio – todos gentilmente empenhados em superar a burocracia brasileira e a má-vontade de algumas "criaturas" para viabilizar minha licença, por um período letivo, visando o fim desta tese.

Não posso deixar de agradecer às instituições que, de diversas maneiras, forneceram o suporte teórico e empírico para a realização deste trabalho. Por isso, agradeço a meus eternos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), aos quais devo não apenas excelentes cursos de graduação e mestrado, mas também um carinho e uma atenção sem igual. Especialmente, agradeço aos queridos professores Aurinete Girão, Conceição Guilherme, Helder Viana e Raimundo Nonato pelo incentivo diário e pela amizade sincera; e ao professor Durval Muniz, com quem esta pesquisa se iniciou, em 2004, pelo companheirismo de mais de nove anos de muito trabalho regado "com muito amor e humor"; Ainda na UFRN, agradeço a meus amigos e colegas de curso e, em particular, aos parceiros de pesquisas e estudos do pensamento cascudiano ao longo de todos esses anos.

No Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), agradeço aos professores que contribuíram para o meu doutoramento: a professora Cida Mota, pelo instigante seminário de cultura que ministrou; ao professor Carlos Fico, pelo auxílio que me levou à qualificação; e a professora Marieta de Moraes Ferreira, pelas importantes contribuições durante o exame de qualificação. Agradeço também a todos os colegas de quem partilhei saberes e experiências; e, com uma gratidão sem medida, aos amigos que me acolheram no PPGHIS: Aldilene Cesar, André Freixo, Ivan Norberto, Naiara Damas, Rafaela Balsinhas e Rodrigo Perez.

De forma muito carinhosa, agradeço aos meus dois orientadores nesta trajetória que, de maneira encantadora, demonstraram o quanto a história pode ser uma ciência humana: o professor Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães e a professora Andréa Casa Nova Maia. Ao saudoso professor Manoel, "que o absurdo da morte levou cedo demais", devo a escolha da problemática de estudo e a escolha do PPGHIS para desenvolvê-la, recebendo-me com rara sabedoria e humildade. Nessa rápida orfandade acadêmica, um anjo da guarda decidiu me proteger e assumir minha orientação, oferecendo não só o vasto conhecimento histórico que possui, mas ofertando gratuitamente estímulo, alegria e bondade. À querida professora Andréa, devo a conclusão desta tese e meu doutoramento. Muitíssimo obrigado, professora!

Sou grato aos professores e professoras que aceitaram o convite para compor a banca de defesa desta tese, socializando conhecimentos e contribuindo com interlocuções

acadêmicas e cascudianas. É gratificante quando conseguimos compor uma mesa de diálogo que reúna a experiência no assunto e a habilidade no trato, permitindo intercâmbio de ideias e apontando perspectivas!

Para representar as instituições de pesquisa que subsidiaram as interpretações que este estudo apresenta, agradeço carinhosamente à Dona Lúcia, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. De forma particular, agradeço à Daliana Cascudo – diretora do Memorial Câmara Cascudo e do Instituto Câmara Cascudo – que sempre esteve disposta a auxiliar o andamento das minhas pesquisas, esclarecendo dúvidas, indicando e fornecendo documentações e, mesmo, respondendo meus e-mails "perguntadeiros". Sou um espectador do esforço de Daliana em preservar e difundir o patrimônio cultural cascudiano, superando obstáculos e ressignificando a memória de sua própria família para dar vida a uma instituição como o *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo, que vem se consolidando não apenas como uma "homenagem à memória" de seu patrono, mas como um incentivo ao estudo de nossa história e cultura.

Em minhas temporadas fluminenses (melhor seriam temporadas "vascaínas"), contei com o abrigo, a proteção e o carinho de minha "família carioca": Ana, Cris, Conceição e Lourdes – nordestinas como eu, mas que escolheram o Rio com ponto de ancoragem para a realização de seus sonhos. Obrigado, meninas, pela acolhida, pela companhia, por não terem medido esforços para o meu sucesso e, diante do estudo exaustivo, por terem me apresentando o *Rio maravilha* que escolheram!

De maneira extremamente especial, agradeço a minha amada família. À minha mãe (Lourdes), meu pai (Paulo), meu irmão (Raniere), minha cunhada (Irysneide), minha sobrinha (Alice), minhas tias (Marias), minha sogra (Cristina) e meu cunhado (*Dieguinho*) agradeço por terem sabido lidar com os muitos problemas que apareceram nos últimos tempos e que, por vezes, entenderam como a distância pode se transformar em impotência, em sofrida impossibilidade de fazer diferente. Obrigado por tudo!

Agradeço, sobretudo e todos, a minhas duas companheiras desta jornada e parceiras de vida: minha esposa (Dinara) e minha filha (Maria Isabela). Se os últimos anos foram intensos, não o foram somente para mim. Foi *com* elas e *por* elas que muito obstáculo foi superado, muita mudança foi assimilada, muita renuncia foi entendida e muita distância foi encurtada em nome do amor que nos une. Por mais que eu tente transformar em palavras os sentimentos que me tocam, não conseguirei compor expressões que os signifiquem. Por isso, melhor é ser simples para não ser simplista: amo vocês!

O auto-retrato

No retrato que me faço
– traço a traço –
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança

no final, que restará?
Um desenho de criança...
corrigido por um louco!

Mário Quintana

RESUMO

***ANTES DA NOITE*:**
HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESCRITA DE SI
POR LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
(NATAL, 1898-1986)

Francisco Firmino Sales Neto

Orientadora: Profª Drª Andréa Casa Nova Maia

Resumo da Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, do Instituto de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História Social.

Este trabalho tem por objetivo problematizar um *projeto de memória* empreendido pelo renomado escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo (Natal, 1898-1986) e consolidado por seus herdeiros legais e intelectuais: o Memorial Câmara Cascudo – instituição criada, em 1987, na cidade do Natal. Cascudo realizou incontáveis práticas de produção subjetiva, elaborando uma cuidadosa *imagem de si* que, enquadrada como memória e desafiando o esquecimento, ainda hoje seduz seus conterrâneos e dificulta as reflexões críticas de sua obra. De maneira quase artesanal, tamanho era seu investimento diário nessa tarefa, ele escreveu autobiografias, correspondências, diários, crônicas etc; formou um alentado acervo pessoal, arquivando uma variedade de documentos e objetos relacionados a sua trajetória de vida e intelectual; e manifestou o desejo de criar uma fundação para abrigar, preservar, gerir e divulgar seu patrimônio intelectual e cultural – hoje constituída sob a chancela do *Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo*. Todavia, em meu entender, essa planejada fundação ganhou sua primeira e mais longa existência com a criação do Memorial Câmara Cascudo – instituição de memória que, por pouco mais de 20 anos, abrigou o acervo do escritor, reproduziu sua autoimagem e, oficialmente, instituiu a memória de seu patrono. Diante disso, problematizo esse Memorial enquanto a materialização de um *projeto de memória* elaborado por Cascudo ao longo de sua vida ou, nos termos poéticos do próprio

autor, gestado *Antes da Noite*. Em termos teóricos, este estudo se inscreve no campo da historiografia, mais precisamente na perspectiva da biografia enquanto uma peculiar forma de escrita da história, lidando com as relações existentes entre a história e a memória quando o assunto é o estudo do passado. Para alcançar meu objetivo, analiso os escritos (auto)biográficos cascudianos, as biografias que o tematizaram, seus artigos em periódicos e o noticiário da imprensa local acerca de sua vida, de sua obra e, após a sua morte, de sua memória – além disso, quando possível, problematizo o arquivo pessoal do escritor (acervo apenas parcialmente disponível à pesquisa). Em termos metodológicos, imprimo uma perspectiva hermenêutica ao estudo da biografia de Cascudo, analisando os discursos, enunciações e interpretações que definiram sua vida e engendraram sua memória. Destarte, defendo a tese de que a maneira como a escrita da vida de Luís da Câmara Cascudo está organizada resulta, por um lado, de uma elaborada *escrita de si* cascudiana encarada como um *projeto de memória*; e, por outro lado, decorre dos agenciamentos póstumos pelos quais sua memória passou, sendo institucionalizada por meio da criação do Memorial Câmara Cascudo, em Natal.

Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo. Memorial Câmara Cascudo. História. Memória. Escrita de si.

ABSTRACT

BEFORE THE NIGHT:
HISTORY, MEMORY AND WRITING OF ONESELF
BY LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
(NATAL, 1898-1986)

Francisco Firmino Sales Neto

Supervisor: PhD. Andréa Casa Nova Maia

Doctoral thesis abstract presented to History Institute's Pos-Graduation Program in Social History, in the Federal University of Rio de Janeiro, as part of the necessary requirements to the obtention of the title of Doctor in Social History.

The aim of this work is to focus on a memory project undertaken by the reputed norte-rio-grandense writer Luís da Câmara Cascudo (Natal, 1898-1986) and consolidated by his legal and intellectual heirs – the Câmara Cascudo Memorial – an institution created in 1987, in the city of Natal. Cascudo accomplished countless practices of subjective production, shaping a careful image of himself which, framed as memory and defying oblivion, still seduces his countrymen today and obstructs the critical reflections of his work. In an almost handmade way, his daily investment in his task was such that he wrote autobiographies, correspondences, journals, chronicles, etc.; formed a substantial personal collection, archiving a variety of documents and objects related to his intellectual work and life; and manifested the desire to create a foundation to shelter, preserve, manage and spread his intellectual and cultural heritage – constituted today under the guard of Ludovicus – Câmara Cascudo Institute. However, as I see it, this so planned foundation gained its first and longest existence with the creation of the Câmara Cascudo Memorial – a memory institution that sheltered the writer's collection for little over twenty years, reproduced his self-image and instituted its patron's memory officially. Therefore, I enquire this Memorial while the materialization of a memory project planned by Cascudo throughout his life or, in the author's own poetic terms, conceived Before the Night. In theoretical terms, this study is enlisted into the field of

historiography, more precisely under the perspective of biography as a particular kind of history writing, dealing with the existing relationship between history and memory when it comes to studying the past. To reach this goal, I analyze Cascudo's (auto)biographical writings, those biographies which took him as their subject, his articles in newspapers and the local press news on his life, work and his memory, after his death – besides, whenever possible, I inquire the writer's personal archive (which is only partially available for research). Methodologically, I bring a hermeneutical perspective to the study of Cascudo's biography, analyzing the discourse, enunciation and interpretation that defined his life and conceived his memory. Thus, I defend the thesis that the way in which Luis da Câmara Cascudo's life account is organized results, on one side, of an elaborate "cascudian" writing of oneself as a memory project and on the other, it is originated by the posthumous negotiation through which his memory went, being institutionalized by the creation of the Câmara Cascudo Memorial in Natal.

Keywords: Luís da Câmara Cascudo. Câmara Cascudo Memorial. History. Memory. Writing oneself.

LISTA DE SIGLAS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Em Natal:

ANL – Academia Norte-rio-grandense de Letras

APERN – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

BCZM – Biblioteca Central Zila Mamede - (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

BPCC – Biblioteca Pública Câmara Cascudo

CDCES – Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza - (Fundação José Augusto)

DN – Diário de Natal

ICC – *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo

IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

MeCC – Memorial Câmara Cascudo

MuCC – Museu Câmara Cascudo

TN – Tribuna do Norte

Em Porto Alegre:

MCHC – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

Em Recife:

APEP – Arquivo Público do Estado de Pernambuco

BPEP – Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

FDR – Faculdade de Direito do Recife

FGF – Fundação Gilberto Freyre

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

IAHGP – Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano

No Rio de Janeiro:

ABL – Academia Brasileira de Letras

BAM – Biblioteca Amadeu Amaral - (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular)

BMV – Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos - (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

BN – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

CNR – Centro Norte-Rio-Grandense

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - (Fundação Getúlio Vargas)

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa

FMR – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

MIS – Museu da Imagem e do Som

Em Salvador:

FMB – Faculdade de Medicina da Bahia

IHGBA – Instituto Histórico e Geográfico da Bahia

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Câmara Cascudo trabalhando em sua biblioteca particular, em Natal. Anos 1970.....21

IMAGEM 2 – Memorial Câmara Cascudo e Monumento a Câmara Cascudo, em Natal.....24

IMAGEM 3 – Imagem do jornal *Tribuna do Norte*, ilustrando o funeral de Cascudo. Natal, 1986.....53

IMAGEM 4 – Imagem do jornal *Diário de Natal*, ilustrando o gabinete de trabalho de Cascudo. Natal, 1986.....55

IMAGEM 5 – Imagem do jornal *Diário de Natal*, ilustrando uma homenagem póstuma a Cascudo. Natal, 1986.....64

IMAGEM 6 – Imagem do jornal *A República*, ilustrando o funeral de Cascudo na Academia Norte-rio-grandense de Letras. Natal, 1986..... 71

IMAGEM 7 – Máscara mortuária de Câmara Cascudo, exposta no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.....85

IMAGEM 8 – Monumento a Câmara Cascudo, em Natal.....92

IMAGEM 9 – Imagem do jornal *Tribuna do Norte*, de 1986, ilustrando um projeto arquitetônico de Le Corbusier que teria inspirado a criação do monumento a Câmara Cascudo.....95

IMAGEM 10 – Fotografia da inauguração do Memorial Câmara Cascudo. Natal, 10 de fevereiro de 1987.....96

IMAGEM 11 – Imagem do jornal *A República*, divulgando a inauguração do Memorial Câmara Cascudo. Natal, 10 fev. 1987.....99

IMAGEM 12 – Imagens do jornal *Diário de Natal*, ilustrando os trabalhos de catalogação e transferência do acervo cascudiano para o Memorial Câmara Cascudo. Natal, 1989.....101

IMAGEM 13 – Cascudo beija Enélio Petrovich, durante a Semana Câmara Cascudo. Natal, 20 de dezembro de 1964.....126

IMAGEM 14 – Câmara Cascudo e Américo de Oliveira Costa. Anos 1970.....128

IMAGEM 15 – Câmara Cascudo e Diógenes da Cunha Lima. Anos 1970.....130

IMAGEM 16 – Fotografia do jovem *Cascudinho*. Anos 1920.....147

IMAGEM 17 – Fotografia de Cascudo à janela de sua biblioteca para a Avenida Junqueira Aires. Sem data.....162

IMAGEM 18 – Fotografia do já maduro Cascudo, sentado em uma poltrona, em sua residência. Anos 1970.....167

IMAGEM 19 – Fotografia do já maduro Cascudo, recebendo a visita de estudantes em sua residência. Anos 1970.....179

IMAGEM 20 – *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo, em Natal.....193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - *Da vida à eternidade...* 18

CAPÍTULO 1 Chega a noite para *os da longa viagem*... 41

1.1 Depois que a morte passou..... 50
1.2 Os mortos que estão vivos..... 60
1.3 Há uma vaga de gênio na cultura..... 71
1.4 Um monumento à memória..... 86

CAPÍTULO 2 O entardecer de um *colecionador de crepúsculos* 107

2.1 Um estado da arte cascudiana..... 109
2.2 Depoimentos da província..... 118
2.3 Viagens ao universo de um brasileiro feliz..... 127

CAPÍTULO 3 O alvorecer de uma *velha figura* 132

3.1 O tempo e ele..... 139
3.2 Quem não adoece, não se conhece..... 155
3.3 Um ano de vida..... 165
*3.4 Hoje, o **Ontem** para o amanhã*..... 177

CONSIDERAÇÕES FINAIS - *...da eternidade à vida* 186

REFERÊNCIAS 195

ANEXO 222

INTRODUÇÃO
Da vida à eternidade...[1]

Sou uma saudade da vida agarrado
ao sonho de continuar a viver.

Luís da Câmara Cascudo[2]

Esta tese tem como objetivo central investigar e problematizar a constituição de um *projeto de memória* elaborado pelo escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo e postumamente consolidado por seus herdeiros legais e intelectuais: o Memorial Câmara Cascudo, localizado na cidade do Natal.[3]

De acordo com depoimentos de biógrafos, familiares e amigos de Cascudo publicados em diversos jornais potiguares, o escritor teria sofrido uma grande frustração ao final da vida: o fato de não ter podido escrever seu último livro autobiográfico que, escrito na velhice, deveria se constituir em uma versão última e definitiva para a sua memória. Em referência à passagem do tempo e à proximidade da morte, esse livro receberia o título de *Antes da Noite*.[4] Utilizando-se de um poético eufemismo para se referir ao término da vida, Cascudo demonstrou um relativo temor diante da ideia de fenecer. Devido às debilidades provocadas por uma idade avançada, porém, ele faleceu sem ter escrito seu tão desejado título autobiográfico ou, pelo menos, sem o ter trazido a público.

Logo em seguida ao seu falecimento, ocorrido em 30 de julho de 1986, a imprensa e a intelectualidade natalense iniciaram um entusiástico debate acerca da construção de uma memória cascudiana, cujas bases de significação deveriam seguir o enquadramento fornecido pelo autor ainda em vida – configuração manifesta pelo desejo de escrever um livro autobiográfico que se anteciparia à morte e faria a memória de sua vida e obra. Em decorrência desse debate, no início do ano de 1987, foi instituído o Memorial Câmara Cascudo, entidade que objetivava homenagear o escritor por meio de uma determinada configuração da/para a memória daquele que, sem dúvida, foi o intelectual potiguar com maior projeção fora do estado do Rio Grande do Norte.

Assim sendo, desenvolvo este estudo a partir da ideia de que o Memorial Câmara Cascudo mantém correspondência com o citado livro *Antes da Noite*, considerando que a criação dessa entidade foi pautada pelo que o autor deixou escrito em seus livros de cunho autobiográfico e pelo que deixou inscrito em seu arquivo particular, tendo o Memorial, portanto, sido criado na intenção de manter uma conformidade com aquilo que seu patrono julgava ser sua *memória final*. De imediato, evidenciando

---

[1] RABAÇAL, João Alfredo. Câmara Cascudo: da vida à eternidade. *A República*, Natal, 21 set. 1986.
[2] CASCUDO, Luís da Câmara *apud* MACEDO, Paulo. A última festa de aniversário. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago, 1986.
[3] VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In:___. *Projeto e metamorfose:* antropologia das sociedades complexas. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 97-105.
[4] OS últimos desejos de Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 03 ago. 1986.

minha proposta de trabalho, deixo claro que analisar a construção dessa memória "final" cascudiana no contexto de um projeto pessoal do escritor e, por conseguinte, no processo coletivo de criação de seu Memorial se configurou como o aspecto precípuo que norteou esta pesquisa, na qual tomo o livro *Antes da Noite* como o eixo que articula as ideias e que estrutura a organização dos capítulos desta tese.

Apresentar Câmara Cascudo ao leitor, fornecendo um esboço biográfico para auxiliar na compreensão deste estudo, poderia ser uma atividade relativamente simples, na medida em que não faltam escritos (auto)biográficos cascudianos para embasar um relato acerca de sua vida. Porém, essa espécie de contextualização biográfica se transforma em uma difícil atividade teórica porque a existência de uma (auto)biografia oficializada acerca desse escritor, isto é, sua memória, é justamente o ponto a partir do qual está montada minha problematização. Nesse sentido, ainda que uma apresentação seja efetivamente necessária em estudos deste tipo, não posso considerar essa exposição inicial como um mero perfil biográfico ou simplesmente como um procedimento acadêmico burocrático a ser mecanicamente cumprido. Mesmo porque, sem ainda me aprofundar diante dessa questão, os eventos selecionados, os significados atribuídos e os aspectos não apresentados em um perfil como esse já servem para demonstrar um posicionamento teórico-metodológico e uma dada forma de pensar a biografia como gênero historiográfico.[5]

Por essa razão, opto por apresentar a biografia cascudiana a partir das *cores e nomes* com as quais ela vem sendo traçada por seus biógrafos e pelos guardiões de sua memória[6], sem, no entanto, deixar de (de)marcar meu posicionamento teórico-metodológico diante da questão.[7] Como não posso prescindir de tal tarefa, pois, forneço desde já alguns dados biobibliográficos de Câmara Cascudo (e também forneço algumas informações acerca do processo de criação de seu Memorial), ainda que o faça de maneira simplificada e procure questionar essa narrativa ao longo do trabalho. Com isso, tentarei chamar a atenção para os efeitos dessa memória cascudiana na forma como os estudiosos de sua história de vida e da formação de seu pensamento têm lidado com uma elaborada e sedutora *escrita de si*[8] que, para usarmos a já clássica definição de Pierre Bourdieu, está configurada como uma verdadeira *ilusão biográfica*.[9]

Com efeito, Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, no dia 30 de dezembro de 1898. Enquanto filho de uma tradicional família

---

[5] LORIGA, Sabina. *O pequeno x:* da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (História e historiografia, 6).
[6] GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.
[7] *CORES e nomes - Cascudo.* Produção: Margot Ferreira. Natal: Inter TV Cabugi, 2010.
[8] GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
[9] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral.* 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

de prestígio político e de forte poderio econômico na sociedade norte-rio-grandense (o Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Ana Maria da Câmara Pimenta), o então *Cascudinho*, como era carinhosamente chamado por familiares e amigos, pôde dispor do privilégio de uma educação esmerada e de uma formação intelectual erudita.[10] Pertencendo às chamadas elites locais, pôde manter relações pessoais com representantes das diversas esferas sociais que geriam a cidade do Natal ou que, nela, sobre ela e a partir dela, geravam riquezas econômicas e/ou produziam conhecimento.

Em 1918, ele iniciou sua atividade literária por meio da publicação de artigos em um jornal local de propriedade da família Cascudo (*A Imprensa*). Entre os anos de 1918 e 1922, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e se transferiu para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não chegando a concluir a formação médica. No período de 1924 a 1928, estudou na Faculdade de Direito do Recife, onde se formou em Ciências Jurídicas e Sociais. Embora tenha atuado na área do Direito, o exercício dessa profissão não se tornou a sua principal atividade. Ainda nos anos 1920, vivenciou experiências literárias que, de certa forma, contribuíram para sua atuação intelectual, mantendo longa correspondência e diálogo com escritores modernistas e regionalistas. É dessa mesma época seu livro de estreia, *Alma patrícia* (1921), no qual atuou como crítico literário e promoveu entre seus conterrâneos uma sistematização de livros e autores.[11] Assim, configurou-se uma coletividade literária local, ou seja, seu livro inaugural contribuiu para a instituição daquilo que se convencionou chamar de uma literatura norte-rio-grandense.

Na passagem dos anos 1920 para os anos 1930, a família Cascudo passou por uma acentuada crise financeira, acarretando a falência econômica de seu patriarca e a perda da vasta propriedade onde moravam e trazendo implicações para a continuidade da trajetória intelectual do jovem Cascudo. Casado recentemente com a jovem Dahlia Freire, ele constituía seu próprio núcleo familiar e, em face dessa crise financeira paterna, passava a ser o mantenedor de toda a sua família. Ainda nos anos de 1930, ele vivenciou algumas significativas experiências políticas, destacando-se por sua relutante atuação monarquista e por sua participação na Ação Integralista Brasileira, na qualidade de chefe-provincial pelo Rio

[10] Acerca dos genitores do escritor, ver: LEMOS, Thadeu Villar de. *O coronel Cascudo*. Niterói: Oficina da Revista Rural, 1967.
BARRETO, Anna Maria Cascudo. *Coronel Cascudo:* o herói oculto. Natal: EDUFRN, 2010.

[11] Nesta tese, visando pensar a obra de Câmara Cascudo no contexto de sua produção, farei menção a seus livros sempre com a data das primeiras edições. Ainda que eu venha a utilizar edição posterior, farei a historicização de sua obra marcando uma distinção entre a edição original e suas reedições, mantendo no texto a data em que o livro veio a público inicialmente. Por isso, utilizarei duas formas de referências: 1) para a bibliografia de Cascudo nas edições em que foram por mim consultadas, ver a seção destinada às referências; 2) para conhecer a bibliografia cascudiana em suas primeiras edições e em suas edições atuais, consultar o anexo 1 deste trabalho.

Grande do Norte. Em virtude do próprio significado político daquela época, essa fase de sua atuação pública é a menos conhecida de sua vida, estando ainda envolta em muitas dúvidas e silenciamentos.[12]

Imagem 1 Câmara Cascudo trabalhando em sua biblioteca particular, em Natal, durante os anos de 1970.

Acervo: *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo

Entre os anos 1940 e 1950, ele se consolidou intelectualmente a partir de duas vertentes literárias: 1) histórica, escrevendo a *História da cidade do Natal* (1947) e a *História do Rio Grande do Norte* (1955); e 2) folclórica, alcançando projeção internacional e publicando o hoje considerado clássico *Dicionário do folclore brasileiro* (1954). Na sua vasta bibliografia, circulou pela critica literária, pelo jornalismo, pela biografia, pela história, pelo folclore, pela etnografia e pela memória. Segundo um recente levantamento bibliográfico, que procurou inventariar sua obra e acabar com a já lendária e indefinida menção à quantidade de livros publicados, Cascudo escreveu 121 opúsculos e 103 livros (além de ter anotado ou traduzido outros 10 livros), totalizando 234 títulos.[13] Excluem-se desse catálogo, até por causa de uma prolixidade cascudiana, as inúmeras reedições de seus livros e sua incalculável atividade literária em periódicos do Brasil e do exterior que, mesmo com o cuidadoso e

[12] Sobre isso, ver: TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. *Silenciando peças e criando lacunas:* uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). 94p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

[13] Nesse levantamento, da autoria de Daliana Cascudo, a distinção entre livro e opúsculo foi feita a partir da quantidade de páginas contidas em cada exemplar. A quantidade mais ou menos aproximada a 60 páginas demarcou o limite entre o que seria um opúsculo (texto menos volumoso) e um livro (texto mais extenso).

exaustivo levantamento realizado por Zila Mamede (para o período de 1918 a 1968) e ampliado por Vânia Gico (para o período de 1968 a 1995), ainda nos surpreendemos constantemente com a descoberta de textos não arrolados e/ou desconhecidos dos especialistas em sua obra.[14]

Em meados do século XX, especificamente a partir de 1959, Cascudo passou a publicar seus livros a que proponho a classificação de autobiográficos: *Canto de muro* (1959), *O tempo e eu* (1968), *Pequeno manual do doente aprendiz* (1969), *Gente viva* (1970), *Na ronda do tempo* (1971), *Ontem* (1972) e *Prelúdio e fuga do real* (1974). Esses títulos, em grande medida, definiram uma memória cascudiana que, desde então, vem sendo repetida por seus biógrafos e, de algum modo, pelos estudiosos de sua obra. De acordo com os objetivos de cada capítulo desta tese, essa bibliografia memorialística servirá de fonte histórica para o desenvolvimento de minhas ideias e para a sustentação de minhas interpretações.

Apesar de ser mais conhecido enquanto folclorista, é com o título de historiador que seus conterrâneos mais o reconhecem e exaltam seu trabalho, uma vez que Cascudo foi nomeado oficialmente pelo prefeito de Natal, Sylvio Piza Pedroza, como *historiador da cidade do Natal* (1948) e contribuiu decisivamente para produzir uma historiografia sobre essa cidade. Todavia, para o próprio Cascudo, sua principal identificação era com o título de professor, tendo exercido a docência como professor de História no colégio Atheneu Norte-rio-grandense e em escolas particulares de Natal; e de Direito Internacional e de Etnografia Geral na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; além de ter o hábito de orientar e responder consultas de pesquisadores e estudantes que o ligavam, o escreviam ou batiam a sua porta em busca de informações e indicações de leituras.

Por ter permanecido em Natal durante toda a sua vida, ele recebeu e incorporou a sua biografia o título de *provinciano incurável*. Epíteto que não apenas demarcou a escolha do local de sua residência como delimitou sua terra natal como centro gerador de sua obra e como categoria espacial, temporal e subjetiva que norteou seus escritos e sua atividade intelectual. Para Cascudo, ser provinciano significou utilizar o cotidiano local e suas vivências pessoais como elementos de justificação e de autorização do seu trabalho, principalmente na

[14] Para maiores informações sobre os dados bibliográficos de Luís da Câmara Cascudo, consultar a já mencionada relação produzida por Daliana Cascudo – inventário bibliográfico que se encontra em anexo a esta tese.
Ver também: MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo:* 50 anos de vida intelectual, 1918-1968 – Bibliografia anotada. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3t.
GICO, Vânia. *Luís da Câmara Cascudo:* bibliografia comentada - 1968/1995. 1. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1996.

elaboração de seu perfil de historiador, folclorista e etnógrafo.[15] Já consagrado pela crítica especializada e tendo alcançado uma projeção internacional, Cascudo recebeu inúmeras homenagens e tributos, sendo monumentalizado, em vida, como símbolo maior da intelectualidade de seu estado. Nessa condição, faleceu em 30 de julho de 1986, aos 87 anos de idade, na sua proclamada província e cidade natal.

Por sua vez, inaugurado em 10 de fevereiro de 1987, o Memorial Câmara Cascudo é uma instituição criada com o fim de promover a memória da vida e da obra de seu patrono que, na época da inauguração, era recém-falecido. Sua criação se deu por meio de uma parceria firmada entre a família Cascudo e o Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Essa parceria foi estabelecida por meio de um regime de comodato no qual o acervo cascudiano foi emprestado pela família Cascudo ao Estado – representado pela Fundação José Augusto e pelo Conselho Estadual de Cultura que, no caso, eram os órgãos responsáveis pela discussão, proposição e efetivação das políticas culturais empreendidas pelos gestores do Rio Grande do Norte. Através de uma "Declaração de Reserva de Posse de Acervo Cultural e Patrimonial", entre os anos de 1988 e 1989, o acervo do escritor foi transferido de sua residência para o prédio do recém-inaugurado Memorial Câmara Cascudo, localizado no centro histórico da cidade do Natal e próximo à residência onde o escritor viveu em torno de 40 anos (por volta de 1947 a 1986).

Esse acervo permaneceu no Memorial até o ano de 2009, quando foi transferido de volta para a casa onde Cascudo havia morado e produzido a maioria de seus livros, passando a englobar o acervo do *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo, instituição que havia sido criada em 2007 e inaugurada na data do natalício de seu patrono, em 30 de dezembro de 2009.[16] Apesar dessa transferência, devemos considerar o fato de que o acervo do escritor permaneceu pelo menos duas décadas sob a guarda do Memorial Câmara Cascudo, estando organizado e parcialmente disponibilizado conforme uma lógica de memória que a entidade havia instituído e, pretensamente, seguindo a maneira como o próprio Cascudo organizou sua memória, influenciando o estudo da vida e da obra cascudiana para além do tempo em que esse acervo no Memorial esteve.

---

[15] GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A etnografia como auto-retrato:* espaço, tempo e subjetividade em Luís da Câmara Cascudo. New Orleans: IX Congresso Internacional da BRASA, 2008. Disponível em: <http://www.brasa.org/documents/brasa_ix/Jose-Reginaldo-Santos-Goncalves.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

[16] LEITE, Daliana Cascudo Roberti. A Babilônia – biblioteca de Luís da Câmara Cascudo. *Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.* Natal, 2010. 6p. Digitado.
Desde então, o Memorial Câmara Cascudo passou a funcionar apenas com uma sala para atividades culturais e uma exposição acerca do folclore brasileiro. No momento em que esta tese está sendo finalizada, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte vem anunciando na imprensa local a reforma e a revitalização do Memorial, sob a supervisão dos mesmos responsáveis pela criação do Museu da Língua Portuguesa, sediado em São Paulo.

Imagem 2 Memorial Câmara Cascudo.

Endereço:

Praça André de Albuquerque, nº 30. Bairro Cidade Alta. Natal – Rio Grande do Norte

Coleção Particular

Embora não sejam únicas, o Memorial e o Instituto são as duas principais instituições que, atualmente, agem em favor da memória do historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo. Por oportuno, ao longo da tese, exporei mais detidamente essas questões ligadas à criação e ao funcionamento do Memorial Câmara Cascudo, bem como os aspectos referentes à criação do Instituto Câmara Cascudo enquanto novo espaço voltado à memória cascudiana e enquanto atual responsável por abrigar, conservar e gerir o patrimônio intelectual e cultural de seu patrono.

Fornecidas as informações que, nesse momento, cumprem o importante papel de apresentar Câmara Cascudo e indicar o Memorial como uma instituição criada, imediatamente após a morte do escritor, para abrigar seu acervo e, assim, preservar e difundir a vida e a obra de seu patrono, passo a estabelecer a problematização que fundamentou esta pesquisa. Diante disso, tendo frequentado pessoalmente o Memorial, afirmo que foi no contato com esse arquivo pessoal cascudiano que este estudo começou a ser formulado, pois, desde meados de 2004, tenho realizado pesquisas acerca do escritor Luís da Câmara Cascudo e venho utilizando o acervo do Memorial – e, agora, do Instituto – como fonte histórica para meus trabalhos.

Em um primeiro momento, realizado durante a graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), interessei-me por estudar a (auto)biografia como um gênero historiográfico capaz de evidenciar a relação dos homens com o tempo, ao atribuírem significados a suas trajetórias de vida e aos efeitos do fluxo temporal na sociedade em que viviam. Com esse fim, junto com um grupo de pesquisadores em iniciação científica, debrucei-me sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo por haver a percepção da existência de uma dada biografia cascudiana enquanto uma narrativa repetitiva e cristalizada e, portanto, ainda distante de uma crítica historiográfica que reconhecesse nessa biografia a historicidade que eu tanto buscava.[17] Por isso, interessado em problematizar os sentidos e as narrativas atribuídas à vida do escritor conterrâneo, passei a investigar um dos capítulos mais recorrentes e significativos de sua biografia: a amizade com o escritor Mário de Andrade (com quem Cascudo começou a se corresponder em 1924) e sua proclamada participação de *primeira hora* no movimento modernista, cujo ápice fora o fato de ter recebido e hospedado Mário de Andrade, entre o final do ano de 1928 e o início do ano de 1929, na Vila Cascudo – então, residência de sua família em Natal.

Ao realizar a pesquisa, cujos resultados se encontram publicados no livro *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino*, procurei mostrar como esse capítulo modernista da biografia cascudiana havia sido produzido discursivamente e historicamente.[18] Por suspeitar de sua participação no movimento regionalista, centralizado na figura de Gilberto Freyre, no Recife, em meados dos anos de 1920, procurei entender o porquê da atuação modernista de Cascudo ser tão acentuada em suas biografias em detrimento de sua atuação regionalista – ocorrida na mesma época, mas praticamente ignorada e silenciada nas narrativas de sua vida. A pesquisa concluiu que a exaltação do Cascudo modernista partiu de lugares de produção de conhecimento em que a literatura possuía centralidade, por exemplo, a Academia Norte-rio-grandense de Letras e o Departamento de Letras da UFRN, cujos representantes estavam preocupados em estudar e destacar o modernismo como o principal movimento de renovação literária no país. Como já foi demonstrado por uma historiografia acerca do modernismo brasileiro, essa centralidade decorre da própria consolidação do modernismo como ápice da literatura nacional.[19] Em alternativa a essa memória modernista, talvez até acentuando demais o tom de minhas críticas acerca da questão, finalizei aquele estudo apresentando a atuação regionalista cascudiana como outro capítulo biográfico possível.

---

[17] Esse grupo, do qual participei ativamente de junho de 2004 a agosto de 2009, foi coordenado pelo Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Sobre essa pesquisa, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Luís da Câmara Cascudo em "As batalhas contra o Tempo":* a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. 26p. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

[18] SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silenciam:* Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.

[19] AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo:* os anos 20 em Pernambuco. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

Posteriormente, já no mestrado em História e Espaços (também pela UFRN), ampliei o enfoque de observação da minha pesquisa: saindo de um capítulo biográfico específico e analisando um processo mais amplo e complexo: a monumentalização intelectual de Luís da Câmara Cascudo pelos seus conterrâneos. Processo que passou por uma relação de produção de conhecimento sobre a cidade do Natal e sobre o estado do Rio Grande do Norte, especialmente nos anos de 1940 e 1950, e pela retribuição citadina por esse conhecimento produzido. Em tom de gratidão, alguns setores da sociedade local (notadamente políticos, jornalistas e intelectuais) homenagearam o escritor e a consagraram como expoente intelectual da chamada província. Com o intuito de homenagear e, assim, retribuir a dedicação intelectual cascudiana a sua terra, esses segmentos reforçaram uma articulação entre Cascudo e Natal. Os títulos de historiador oficial da cidade do Natal, de provinciano incurável, de professor de província e de escritor provinciano, por exemplo, emergiram historicamente nesse contexto.

Os resultados dessa pesquisa, publicados no livro *Luís Natal ou Câmara Cascudo: de ator a autor da cidade do Natal*, apontaram para uma construção identitária cascudiana como símbolo intelectual natalense – identificação personificada no uso do pseudônimo *Luís Natal*.[20] Ao mesmo tempo, o estudo concluiu que essa relação identitária foi assumida de maneira recíproca por seus conterrâneos que fizeram emergir uma espacialidade a qual nomeei de *Natal cascudiana* – definida como uma cidade elaborada em função desse gesto intelectual do escritor em produzir conhecimento histórico sobre sua terra que, por sua vez, passou a incorporar o nome de seu filho dileto na toponímia urbana, batizando rua, avenida, estabelecimentos comerciais, prédios públicos etc. Essa discussão requereu de minha parte um embasamento teórico acerca das relações entre a história e a memória. Com o uso de um quadro teórico mais abrangente acabei por ampliar também minhas inquietações em torno da memória cascudiana e, assim, formulei esta proposta de pesquisa cujos resultados ora apresento.

Portanto, foi em consequência desses estudos preliminares que esta tese se tornou possível, percebendo que ainda há muito a se fazer para conseguirmos problematizar o complexo universo cultural e produtivo de Câmara Cascudo. A sua pluralidade temática e sua alentada erudição demandam, constantemente, novas perspectivas de análise, novas proposições teóricas, o uso de novas fontes e metodologias e, principalmente, uma leitura de Cascudo que se fundamente "a partir dele, apesar dele ou, eventualmente, contra ele".[21] Elementos que, nesse caso, dependem de uma recusa em pensar Cascudo exclusivamente a partir do enquadramento e dos significados atribuídos a sua memória por ele próprio e por muitos de seus comentadores.

---

[20] SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo:* de ator a autor da cidade do Natal. Campina Grande: EDUFCG, 2013.

[21] SILVA, Marcos A. da. Câmara Cascudo e a erudição popular. *Projeto História,* São Paulo, n. 17, p. 317-334, nov. 1998.

Ao pensar a consagração intelectual de Cascudo e sua incorporação à memória citadina natalense, em uma chave de leitura que propunha uma interação entre história e memória, identifiquei aquilo que, em meu entender, era o problema central em torno do modo como o estudo de sua vida e obra ocorria: o cuidadoso trabalho de enquadramento de sua memória e os usos sociais que, desde então, dela tem sido feitos. Assim sendo, é importante salientar que a formulação desta pesquisa foi delimitada a partir da suspeição provocada pela leitura e análise de notícias publicadas nos jornais natalenses, entre os anos de 1970 e 1980, nas quais seus autores declararam que o próprio escritor, ciente dos embates políticos que iriam ocorrer em torno de sua memória, havia planejado uma instituição destinada a abrigar seu acervo e, consequentemente, a rememorar sua vida e obra pelos anos posteriores a sua morte.[22]

Proferidas antes mesmo do falecimento de Cascudo e da efetiva implantação do Memorial como entidade cultural, essas matérias já tornavam pública uma notória intenção, na ocasião ainda remetida a um futuro não datado, de institucionalizar uma determinada memória encarada como um compromisso com a lembrança. Assumindo uma postura crítica que é consensual entre os historiadores diante do conteúdo expresso nesse tipo de declaração, comecei a questionar acerca das razões que levavam o Memorial Câmara Cascudo a se assemelhar a um *projeto* para fixar algumas orientações específicas de como seu patrono deveria entrar para a memória coletiva da cidade. Passei a indagar o porquê de o Memorial ter sido criado para se constituir em um arquivo claramente organizado sob a ótica de uma identidade cascudiana, de modo a difundir um modelo biográfico que se propunha a seguir as prescrições fornecidas pelo próprio Cascudo para dar significado a sua vida e suas ações.

Dessa forma, considerando o gesto de Cascudo de arquivar documentos relativos a sua atividade intelectual (acervo que foi reunido no Memorial Câmara Cascudo e que, mais tarde, foi transferido para o Instituto Câmara Cascudo), como um investimento deliberado para produzir uma configuração de sua memória, em semelhança ao enredo de suas autobiografias, a questão central que norteia esta proposta de pesquisa está assim formulada: em que medida e a partir de quais referenciais o Memorial se constituiu na desejada *memória final* cascudiana, correspondendo ao planejado livro não escrito *Antes da noite*? Ou, inversamente, como o plano de escrita do livro *Antes da Noite* pode ser encarado como um projeto de memória cascudiano que resultou na criação do Memorial? E, por fim, quais as implicações desse projeto de memória na forma como a vida e a obra cascudiana passou a ser evocada após a sua morte? Desenvolver tais questionamentos, considerando as relações historiográficas possíveis entre a história e a memória, permitirá o exame desse *projeto de memória* cascudiano, de modo a verificar as consequências de sua efetiva implementação na forma repetitiva e não historicizada como, por muito tempo, se analisou a vida e a obra desse singular personagem da intelectualidade brasileira.

---

[22] Ver os jornais *A República*, *Diário de Natal*, *O Poti* e *Tribuna do Norte* datados dos anos 1970 e 1980.

No que concerne aos aspectos teóricos que embasaram minha pesquisa, este trabalho se inscreve no campo da *historiografia*, lidando particularmente com as relações entre a história e a memória. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, nos debates acadêmicos acerca dos pressupostos teórico-metodológicos mais utilizados atualmente pelos historiadores, o termo historiografia diz respeito à análise das regras que norteiam a produção do saber histórico, correspondendo à elaboração temporal mais sofisticada que uma sociedade produz. Em suas palavras:

> A história da historiografia ou a análise historiográfica, entendida como reflexão sobre os modelos e as regras que norteiam as práticas da pesquisa e da escritura da história, em momentos e espaços específicos ou em autores e obras tomadas em grupo ou individualmente, faz parte do que podemos chamar da cultura histórica de uma dada época ou sociedade.[23]

Dessa forma, a análise historiográfica faz parte do que esse historiador nomeou de *cultura histórica*. A noção de cultura histórica engloba os vários meios que uma sociedade dispõe para significar o tempo e as várias formas que utiliza para assimilar os efeitos do fluxo temporal sobre si. Isso inclui os monumentos, os museus, os arquivos, as festividades, os calendários, a ideia de patrimônio histórico-cultural, as políticas culturais, o consumo de produtos retrôs, os memoriais, a escrita etc. No entanto, essas várias configurações do tempo não necessariamente implicam um maior conhecimento acerca do passado ou uma compreensão mais crítica das experiências pretéritas, a despeito de sua vasta inserção em segmentos sociais como a mídia, as relações econômicas, os lugares voltados para produção do saber e as esferas do poder. Assim, o passado está sendo constantemente solicitado como demandas contemporâneas, assumindo significados bastante complexos.[24]

Por outro lado, como elemento mais aprimorado dessa cultura histórica, a historiografia traz consigo uma dimensão crítica e provoca uma série de implicações para a maneira como a História, enquanto disciplina, é produzida. Nesses termos, a análise historiográfica vai além de um simples inventário de obras publicadas, configurando-se como uma operação intelectual que investiga as tensões existentes na sociedade quando se trata de atribuir sentido à passagem do tempo, notadamente por meio das diferentes concepções atribuídas à história como escritura sobre o passado. Do mesmo modo, a análise historiográfica deve assumir a tarefa de refletir acerca de quais as concepções de passado que estão sendo requeridas pelo presente e, com isso, problematizar os demais elementos constituintes de

---

[23] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador *NAÏF* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). *Estudos sobre a escrita da história.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 192.

[24] HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória:* arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

uma determinada cultura histórica. De acordo com Manoel Luiz Salgado Guimarães, essa função da historiografia é definida da seguinte maneira:

> O passado só pode emergir efetivamente como resultado, portanto, de uma relação que as diferentes sociedades estabelecem com o transcurso do tempo. Se esta relação é ela mesma histórica, o que significa afirmar diversa para cada sociedade no tempo, cabe a uma historiografia, como disciplina, investigar estas diferentes e diversas maneiras de constituição do passado, e neste sentido podemos pensá-la como integrando os estudos em torno da memória cultural.[25]

Nessa perspectiva, a historiografia deve ainda voltar sua atenção para uma das preocupações candentes na sociedade contemporânea: os investimentos maciços nas tarefas de memória, ao que autores como Andreas Huyssen e Beatriz Sarlo têm chamado de uma *cultura da memória*. Para os estudiosos do tema, a cultura da memória é um fenômeno de grandes proporções que se caracteriza por um retorno obsessivo ao passado e por uma tentativa de trazer essa temporalidade já decorrida de volta ao presente. Para Beatriz Sarlo, em especial, essa obsessão pela memória está relacionada a uma hodierna "guinada subjetiva" decorrente de uma nova concepção de passado e de um reordenamento conceitual do presente.[26]

Pensada a partir de diferentes demandas sociais, essa formulação conceitual articula os esforços de memória com as formas de configuração do tempo, consequentemente provocando desdobramentos no campo da historiografia. Outrossim, na medida em que os discursos da memória estão sendo cada vez mais questionados pela história, investe-se em uma historicização das formas de lembrança que a sociedade dispõe. Ao historiador, que tem no exercício da lembrança a condição do ofício, cabe desenvolver esse campo de investigação que articula cultura histórica e cultura da memória, ou seja, uma análise historiográfica das formas do lembrar-se.

Para isso, no caso desta tese, são fundamentais os conceitos de *história* e *memória*, quando potencializados a partir da relação conceitual que a historiografia é capaz de estabelecer entre os dois termos. Autores como Walter Benjamin, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Paul Ricœur, Pierre Nora e Fernando Catroga, para citar alguns, detiveram-se no estudo dessa relação, mostrando as dificuldades e os riscos de conceituar tais termos. Sendo assim, ao invés de propor uma definição rigorosa para cada um dos elementos da questão, a história e a memória, opto por discuti-los em sua relação de proximidade, verificando alguns dos exercícios de lembrança que essas duas elaborações temporais são capazes de realizar e quais as contribuições que podem trazer para esta pesquisa. Por meio

---

[25] GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *História cultural:* experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 21.

[26] SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007. p. 10.

dessa articulação, evitar-se-á pensar a memória como uma essência ou como um *a priori* histórico, em favor de uma postura historiográfica que encare a memória, particularmente em torno de Luís da Câmara Cascudo, como uma construção decorrente da soma de expectativas sociais e de investimentos pessoais; e que pode ser, portanto, tomada como objeto de estudo da história.

Com efeito, tanto a memória quanto a história estão vinculadas a uma dimensão evocativa, dialogando com o exercício da lembrança e com a possibilidade de esquecimento do passado. Porém, a maneira como essas práticas anamnésicas ocorrem são distintas. Enquanto a memória tende a reverenciar ou condenar os objetos que evoca, a história se propõe a uma recordação crítica do passado, dessacralizando a memória e primando pela historicidade. Jacques Le Goff, por exemplo, considera a memória como um nível elementar de elaboração temporal, devendo, por isso, transformar-se em objeto da história.[27] Na perspectiva de Le Goff, pois, evidencia-se a memória como passível de uma análise historiográfica.

Assim definidas, cada uma dessas leituras do passado que circulam no social possui suas especificidades de análise, respondendo de maneiras diversas às condições sociais do presente que as possibilita.[28] Diante disso, Beatriz Sarlo nos mostra como existem conflitos pelo passado entre a história e a memória. Cada uma dessas perspectivas desconfia das reconstituições que a outra produz, de modo que seria uma ingenuidade acreditar em um fácil entendimento entre essas duas vertentes. Sobretudo porque há determinadas memórias que foram sacralizadas pela sociedade, bem como existem outras memórias que foram apropriadas pelo Estado e que, pela proximidade com o presente, mantêm funções políticas ainda muito latentes. Tudo isso dificulta a emergência do discurso histórico, pois a história precisa recorrer a procedimentos críticos que vão de encontro à visão muitas vezes conservadora e nostálgica que a memória possui e estimula.[29]

Portanto, o trabalho historiográfico que ora apresento visa submeter o Memorial Câmara Cascudo, enquanto uma memória institucionalizada, a uma investigação que questione seu processo de criação, percebendo as condições históricas de elaboração do seu conceito de memória. Problematizar esse enquadramento da memória, no caso de Luís da Câmara Cascudo, pressupõe considerar o papel do sujeito na sua constituição identitária. Não se trata de negar o estatuto social e coletivo da memória, nem tão pouco de pensar uma autonomia do sujeito em relação à sociedade, trata-se de evidenciar a tomada de consciência dos indivíduos ao investirem na constituição de uma imagem pública e social de si mesmos.

---

[27] LE GOFF, Jacques. *História e memória.* 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. p. 49.
[28] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, 1990.
[29] SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* cultura da memória e guinada subjetiva, 2007. p. 9.

De acordo com Michael Pollak, por exemplo, o que aproxima memória e identidade social é a "imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros".[30] Por seu turno, para o antropólogo Gilberto Velho, essa tomada de consciência dos sujeitos visando dar significado a suas ações e, logo, para impulsionar suas próprias vidas está na base da constituição das identidades sociais. Nesse sentido, os investimentos pessoais materializam *projetos de memória* que imprimem alguns sentidos particulares e restritos a cada projeto, delimitando trajetórias de vida e fazendo da memória uma organização das preocupações pessoais com os quadros sociais do momento.[31]

Ao escrever autobiografias, selecionar documentos, anotá-los, datá-los e reuni-los sob uma ótica identitária, Câmara Cascudo reproduziu uma perspectiva muito comum a outros intelectuais seus contemporâneos: o desejo de imortalizar suas ações e de se sobrepor ao tempo, ou seja, uma intenção de *projetar sua memória*. Procedendo a escolhas, entre o lembrar e o esquecer, muitos homens do século XX escreveram autobiografias e montaram seus arquivos pessoais baseados na crença de que esses livros e documentos possuíam a capacidade de engendrar temporalidades futuras e preencher as ausências do passado. Esse tempo da memória, que se recusa a reconhecer a dinamicidade, aspirava conter a inexorabilidade do transcurso temporal e, pretensamente, conferia aos seus produtores o poder de serem lembrados tal como desejavam ser reconhecidos posteriormente à morte.

Isso se coaduna com a concepção de arquivo formulada pelo próprio Luís da Câmara Cascudo. Em estudo que analisa o papel dessa instituição para a sociedade, Cascudo escreveu que o "destino do Arquivo é preparar os elementos da Posteridade. Não há palavra mais vaga nem mais ameaçadora. Parece que a Posteridade é uma dependência do nosso arbítrio e fatalmente sancionará as escolhas de nossa predileção".[32] Para ele, o arquivo possuía um estatuto futuro de credenciar-lhe à posteridade. Nessa acepção, arquivar o passado tornou-se uma compulsão dos sujeitos modernos. Desde os homens mais simples aos personagens de maior prestígio na sociedade, muitos passaram a registrar suas memórias como sinônimo de garantia de uma identidade digna de nota. Contudo, pelo caráter de testemunho pessoal, esse imperativo da lembrança por meio dos documentos deixados tende a negar a dimensão historiográfica dos arquivos e os transforma em redutos de uma intenção de verdade. Como adverte um pesquisador do tema:

---

[30] POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
[31] VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose:* antropologia das sociedades complexas, 1999. p. 101-104.
[32] CASCUDO, Luís da Câmara. *A função dos arquivos.* Recife: Arquivo Público Estadual, 1956. p. 13.

> Este imperativo nos leva à compulsão pelo arquivo e pelas tarefas de arquivamento, fazendo-nos esquecer que, se tudo está arquivado, anotado, controlado e vigiado, a história como criação não é mais possível, transformando-se o passado em espelho do próprio arquivo, transmutado em lugar da verdade, reificado e dehistoricizado. O arquivo perde sua dimensão de escritura e, portanto, sua forma simbólica e necessariamente histórica de significação das experiências humanas.[33]

Assim sendo, é lícito refletir sobre as práticas de *arquivamento*, pois como lembra Paul Ricœur "antes do arquivo consultado, constituído, há o arquivamento".[34] Antes da constituição do arquivo do Memorial Câmara Cascudo, houve o processo de seleção de documentos que resultou na impressão de um modelo de escritura e de leitura para a vida desse escritor e silenciou pontos destoantes da imagem que ele próprio desejava converter em registro, ou seja, ainda no arquivamento se deu o processo pessoal de seleção e de enquadramento da memória cascudiana, forjando um perfil identitário que tem como modelo suas autobiografias.

Mas quais implicações e encargos esse ato pessoal de arquivamento possui? Conforme Jacques Derrida, na etimologia da palavra arquivo está o termo grego *arkhê*, que designa uma competência hermenêutica. Essa habilidade era atribuição do arconte, ou seja, era função de um magistrado que detinha o poder de interpretar os documentos e de estabelecer a lei e a ordem na Grécia Antiga.[35] Desde então, a noção de arquivo foi sendo ampliada e, em nossa sociedade contemporânea, transformou-se em uma instituição de memória ou, como definiu Pierre Nora, configurou-se como um "lugar de memória".[36]

Os arquivos pessoais tornaram-se, pois, o lugar de inscrição da memória dos sujeitos no tempo, adquirindo o papel de interpretação autorizada pelos próprios indivíduos. Com isso, a noção de arquivamento interroga a contribuição do sujeito ao imprimir uma interpretação para o arquivo que articula os documentos como uma unidade ideal. Desconstruir essa unidade é tarefa de uma historiografia que problematize o arquivo como uma impressão de significados ou como uma escritura do passado. Por meio de tal postura, poder-se-á pensar o arquivamento como um conjunto de práticas subjetivas que produz memórias e permite a elaboração de significações. Afinal, como assevera Derrida,

---

[33] GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.). *Cultura política e leituras do passado:* historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 28.

[34] RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. p. 176.

[35] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo:* uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (Conexões, 11). p. 11-14.

[36] De acordo com Nora, os lugares de memória são criados através de gestos de investimentos para refugiar determinadas memórias e cristalizá-las na sociedade. Três manifestações caracterizam esse tipo de lugar: existência material, simbólica e funcional, ou seja, possuem uma espacialidade física concreta, possuem um cunho valorativo simbólico e exercem uma função clara de evocar a lembrança. Acerca disso, ver NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História,* São Paulo, dez. 1993.

"o arquivamento [tanto] produz como registra o evento"[37] e, desta feita, compreende outras práticas de construção de si.

Penso isso a partir das ideias de Philippe Artières, que considera o ato de produzir arquivos pessoais como uma prática de construção subjetiva porque permite ao indivíduo equilibrar a imagem íntima de si mesmo e a imagem social que deseja transmitir. Para esse autor, "arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e a morte".[38] Desse modo, considero o arquivo do Memorial Câmara Cascudo como um texto autobiográfico que, apesar de ter sido escrito ao longo do século XX e ter sido transferido para outra instituição no século XXI, é ainda o enredo central para os estudos que se propõem a entender alguma faceta do pensamento cascudiano.

Dentre as práticas de construção subjetiva, sem dúvida, a biografia é uma das manifestações mais difundidas e acessíveis. Sobretudo no século XIX, o gênero biográfico foi o carro-chefe de uma historiografia política que se propunha a escrever a *História da Nação* e dos seus construtores. Junto com os arquivos, a biografia passou a conferir a certeza das marcas deixadas por uma vida, isto é, tornou-se sinônimo de memória. Durante muito tempo, o ato de produzir (auto)biografias foi a maneira mais comum dos sujeitos escreverem a própria memória e de induzirem as leituras que os outros fariam dela. Na contemporaneidade, esse gênero de escrita assumiu uma nova dimensão. Ao aproximar o ser individual e o coletivo social, a biografia tem se transformado em um instrumento de pesquisa na sociedade, particularmente como um campo da historiografia. Indiferente ao relativo julgamento prévio enfrentado por esse campo de pesquisa, a biografia histórica tem resultado em excelentes trabalhos, cujo maior mérito, em minha opinião, foi repensar o papel desse gênero para a produção historiográfica, de modo a retirar-lhe sua condição de memória e atribuir-lhe o papel de mais um discurso historiográfico possível.

Nesse sentido, é oportuno pensar o arquivamento empreendido por Câmara Cascudo como uma estratégia autobiográfica. A partir dessa confluência entre práticas arquivísticas e estratégias autobiográficas, na qual se constituiu um campo historiográfico, faço ainda uso do conceito de *escrita de si*.[39] De acordo com Michel Foucault, a escrita de si consiste em uma prática reflexiva em que o sujeito dialoga consigo mesmo para estabelecer uma definição identitária e construir uma imagem de si que é também social.[40] Isso significa pensar a vida como uma construção em aberto, como um texto, sempre passível de correções, acréscimos e reescritas, de modo que o indivíduo está em constante elaboração

[37] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo:* uma impressão freudiana, 2001. p. 28-29.
[38] ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09-34, 1998.
[39] Como exemplo dos usos da escrita de si pela historiografia, ver GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*, 2004.
[40] FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

subjetiva. Disso decorre a possibilidade de considerarmos a ação deliberada e sistemática de acumular documentos como uma forma dos sujeitos "escreverem" suas memórias públicas. Mesmo não tendo escrito, em termos literais, sua desejada "memória final", Câmara Cascudo a inscreveu em seu arquivo particular. Antes da temida "noite dos tempos", de tantas referências em sua obra, Cascudo reuniu os elementos que asseguraram o tipo de presença que ele teria na memória coletiva da cidade do Natal: como um dever de lembrança a ser assumido por todo natalense.[41]

Dessa forma, o Memorial Câmara Cascudo corresponde a essa *escrita de si*, na medida em que seu processo de *arquivamento*, isto é, seu processo de criação se propôs a manter um enquadramento da memória desejado pelo escritor. Investigar o arquivo pessoal de Luís da Câmara Cascudo como inscrição e escritura de sua memória, portanto, é o passo inicial para problematizarmos sua atividade intelectual. Ao mesmo tempo, poder-se-á evitar a mesmice dos discursos laudatórios, frequentes em todos os níveis da sociedade local, em favor de uma historiografia que reflita sobre os significados assumidos e acerca das contribuições deixadas pela obra cascudiana, pois, como escreveu Le Goff, "devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens".[42]

No que se refere ao suporte metodológico por mim adotado, é necessário evidenciar que, para o tratamento adequado da problemática formulada por esta pesquisa, as fontes primárias selecionadas são distintas quanto a seus suportes materiais, suas épocas de elaboração, seus meios de circulação e seus fins de produção. Além disso, cumpre anotar que o *corpus documental* examinado é constituído tanto por documentos manuscritos quanto por fontes impressas. Porém, em sua quase totalidade, esse material ou foi produzido por Luís da Câmara Cascudo ao longo de toda a sua vida ou, com autorias variadas, foi produzida em torno desse escritor. Assim, na medida em que está sendo problematizado neste estudo o processo de constituição de uma memória cascudiana, fica notório que as fontes estão agrupadas sob uma mesma série temática. Isso permitiu o recorte um pouco mais amplo das fontes bem como a apropriação e o tratamento em conjunto dos seus dados, mesmo que considerando as especificidades exigidas no tratamento de cada tipo de documento escolhido e mesmo que demandando escolhas rigorosas para delimitar e ajustar esse *corpus* à problemática formulada.

Nesse sentido, as fontes documentais analisadas estão classificadas da seguinte forma: produção bibliográfica, acervo pessoal e fontes de apoio. Essa ordenação não foi uma escolha arbitrária que dependeu unicamente da minha vontade. Ao contrário, fundamentou-se na maneira como esse material foi organizado e catalogado pela equipe técnica que trabalhou no Memorial Câmara Cascudo, cuja ordem, defendo, mantém relações com os anseios pessoais do autor. Portanto, o recorte das fontes

[41] Acerca desse imperativo da lembrança, ver RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007.
[42] LE GOFF, Jacques. *História e memória*, 1996. p. 477.

obedeceu às circunstâncias de seu *arquivamento*, estando diretamente ligado às implicações decorrentes do objetivo central deste plano de estudo: problematizar a criação do arquivo do Memorial Câmara Cascudo como resultado de um *projeto de memória* cascudiano.

Primeiramente, explorei o conjunto bibliográfico publicado por Câmara Cascudo, lidando com questões concernentes à relação entre a história e a memória, notadamente nos estudos em que a dimensão (auto)biográfica foi tomada como eixo para sua produção. Em virtude da grande quantidade de livros e opúsculos por ele escritos, superior a duas centenas, selecionei aqueles que foram mais bem recebidos pela crítica especializada e que hoje são definidos e autorizados como os títulos mais significativos do seu pensamento. Por meio desses livros, busquei o entendimento acerca das concepções de história, memória e biografia para esse autor, uma vez que esses são os principais conceitos orientadores dos estudos que tenho desenvolvido em minha trajetória acadêmica, particularmente os conceitos norteadores desta pesquisa.

Do mesmo modo, esse primeiro conjunto documental foi importante para a problemática em questão devido à existência de um forte apelo à memória nos escritos de Cascudo, sobretudo nos campos da história, do folclore e da etnografia. Neles, a questão da memória aparece de forma central: como um argumento de autoridade do tipo de saber produzido e, por conseguinte, estabelecendo uma fusão entre autor e conhecimento. É essa mesma relação entre autor e conhecimento, isto é, entre vida e obra, que orientou o surgimento do Memorial Câmara Cascudo e que dá sentido às biografias de Cascudo.

Segundo as ideias de Pierre Bourdieu, esse é um procedimento muito recorrente, pois os relatos autobiográficos têm como preocupação dar um sentido razoável e inteligível a uma vida, estabelecendo significados lógicos que, na maioria das vezes, passam facilmente a orientar as narrativas dos futuros biógrafos dessa mesma existência individual.[43] Pensando nisso, foi indispensável examinar essa bibliografia memorialista cascudiana, comparando-a com o *modelo biográfico* apresentado por seus principais biógrafos, estabelecendo os pontos de aproximação e de distanciamento mantidos entre essas versões para a sua vida.

Para que essa comparação fosse possível, selecionei também outro conjunto bibliográfico: a produção sobre Luís da Câmara Cascudo. Entre esses livros, escolhi algumas biografias sobre Cascudo que dialogam com suas autobiografias, utilizando-as para uma reflexão sobre os usos de uma memória cascudiana. O exame dessa bibliografia como fonte historiográfica visou, portanto, perceber as condições de possibilidade desse *projeto de memória* assumido e implantado pelo Memorial Câmara Cascudo e identificar as formas de apropriação desse

[43] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral*, 2002. p. 184-185.

discurso pelos estudiosos do pensamento cascudiano. Isso demandou a escolha de livros publicados em diferentes décadas para que os elementos priorizados em cada estudo, os procedimentos teórico-metodológicos utilizados e as tensões entre o padrão biográfico de Cascudo e as liberdades de escolhas dos seus biógrafos pudessem ser discernidos.

Há ainda outro conjunto documental, ainda que pouco explorado: o acervo pessoal do escritor. Como sabemos, a criação de um arquivo não se trata da construção de um espaço neutro para o qual o passado seria remetido e onde ficaria prontamente organizado à espera de um leitor autorizado. O arquivo é resultado de interesses e descasos, de seleções e classificações, de intempéries e conservações, de objetivos planejados e funções banais, de estratégias e acasos, de gestos de escolha individual e das necessidades coletivas de guarda; enfim, a concepção de arquivo também depende das opções do historiador e das questões que ele deseja responder, estando sujeito a modificações ao longo do tempo. Por esse modo, o arquivo do Memorial Câmara Cascudo deve ser ele próprio historicizável em sua constituição, para que sejam evidenciados os embates e tensões pela produção dos sentidos que dele emergem quando a sociedade natalense tenta explicar a vida e a obra de um dos seus personagens mais destacados.[44]

Porém, é interessante frisar, que o acervo cascudiano não está inteiramente disponibilizado para a consulta. Está em curso um processo de digitalização e indexação desse acervo, de forma que apenas parte de seu volumoso conjunto documental está acessível à pesquisa no momento: a biblioteca e as correspondências. Nesse sentido, ainda que fosse de meu interesse e percebesse nisso um grande potencial heurístico, tornou-se inexequível um estudo específico sobre os tipos de documentos e os assuntos tratados, estabelecendo relações de problematização e reflexão entre a vida de Cascudo e o seu arquivo pessoal.[45] Por mais que a parcela disponível do acervo permita algumas interpretações, isso não passa de um ponto de vista sujeito ao risco de generalizações, uma vez que a parcela indisponível do arquivo pode muito bem trazer outras interpretações, ou mesmo, contrariar aquilo que se pensa.[46]

Diante da impossibilidade de uma visão mais ampla, buscou-se enfatizar muito mais o processo de criação desse arquivo como um projeto de memória cascudiano e, em seguida, analisar o processo de criação de uma entidade cultural para instituir esse arquivo como um patrimônio intelectual de Câmara Cascudo. Isso determinou, inclusive, a adoção teórica do conceito de memória como o elemento capaz

---

[44] SALOMON, Marlon. (Org.). *Saber dos arquivos.* Goiânia: Edições Ricochete, 2011.

[45] Como exemplo desse tipo de estudo, ver: HEYMANN, Luciana Quillet. *De arquivo pessoal a patrimônio nacional:* reflexões sobre a construção social do "legado" de Darcy Ribeiro. 247p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo:* a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951). 340p. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

[46] ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-91, 1996.

de refletir, ao mesmo tempo, sobre as estratégias autobiográficas e as práticas de arquivamento cascudianas. Embora não forneça uma visão panorâmica do arquivo nem permita interpretações mais complexas, esse aspecto buscou lançar algumas luzes sobre esse acervo pessoal e, pensando na minha própria trajetória de estudos, identificar e reconhecer caminhos para quando esses documentos vierem a público.

Quando necessário, ainda estabeleci aproximações entre a produção bibliográfica já citada, o acervo pessoal do autor e o terceiro conjunto de documentos selecionados para esta pesquisa: as fontes de apoio. Esse último conjunto documental reúne o noticiário da imprensa potiguar acerca de Câmara Cascudo, parte das suas correspondências enviadas e sua produção ensaística, sobretudo a colaboração em jornais e revistas. Essas fontes, especialmente no primeiro capítulo, serviram para acompanharmos o histórico da criação do Memorial e percebermos sobre quais bases de diálogo e argumentação essa proposta de memória foi instituída.

Após explicitar as especificidades de tratamento do *corpus documental*, é preciso demonstrar como foi realizado o cruzamento de todos esses dados e informações, de modo a conseguir analisá-los apropriadamente e de não incorrer em generalizações apressadas. Nesse sentido, é interessante utilizar as discussões de Giovanni Levi, segundo as quais a abordagem hermenêutica do material biográfico foi um avanço epistemológico que a antropologia possibilitou à história social, considerando a biografia como um gênero historiográfico. Para esse tipo de abordagem, a biografia foi reconhecida como um campo discursivo dependente de um gesto historiográfico de interpretação, pois o ato biográfico estaria relacionado à atribuição de significados a uma existência individual no transcurso do tempo. Com isso, a reflexão entre os historiadores acerca de uma maneira mais problematizada de abordar o aspecto biográfico foi estimulada, "rejeitando uma interpretação unívoca das trajetórias individuais" e percebendo o caráter dinâmico e social do indivíduo.[47]

Na medida em que houve atribuições de sentidos para uma vida, a análise da documentação também pensou esse campo discursivo que Giovanni Levi mencionou. Nesses termos, fez-se necessário um cuidado especial com o papel da linguagem a partir da qual esses sentidos se tornaram possíveis. Pois, como bem definiu Beatriz Sarlo, o discurso da memória se move "no impulso de bloquear os sentidos que [lhe] escapam; não só eles se articulam contra o esquecimento, mas também lutam por um significado que unifique a interpretação".[48] São os enunciados, por exemplo, que objetivam uma dada forma de enquadrar a memória cascudiana e que, por isso, agem sobre os estudos críticos de seu pensamento.

---

[47] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral,* 2002. p. 178.
[48] SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* cultura da memória e guinada subjetiva, 2007. p. 50.

Assim sendo, este trabalho desenvolveu uma análise discursiva a partir da ideia de enunciação, isto é, encarando os enunciados a partir das relações diretas que eles mantêm com os objetos de saber e de poder. Segundo Michel Foucault, pensar a ideia de enunciação se baseia nas recorrências que, em uma relação saber-poder, configuram os discursos e os dotam de significações. Dessa forma, a análise do discurso se propõe a perceber os mecanismos pelos quais um discurso se manifesta e se insere na ordem social que o possibilita. Isso não significa considerar o enunciado pretensamente como uma essência do discurso. Pensar a ideia de enunciação, ao contrário, pressupõe identificar as regularidades e os interesses que compõem e delimitam os discursos, dando-os lugares sociais para ocorrerem e fixando suas fronteiras de sentido.[49] Por meio dessa metodologia foi possível articular os três conjuntos documentais expostos e identificar as condições de possibilidade dessa atuante *cultura da memória* em torno do escritor Luís da Câmara Cascudo por parte da sociedade local.

Para concluir esta introdução, que já está se alongando demais, apresento a estrutura tripartite deste trabalho. Em função da referência cascudiana à chegada da noite como sendo a proximidade da morte, denotando a passagem do tempo e o desenrolar de sua vida intelectual, esta tese procurou seguir a ideia de um transcurso temporal. Porém, em função mesmo de um posicionamento teórico, esse transcurso não se deu de forma cronológica e linear, recusando-se a acompanhar a vida de Cascudo do nascimento à morte e da morte à memória. Antes, assim como fez o célebre personagem de Machado de Assis (Brás Cubas), a exposição das ideias ocorreu de maneira retrospectiva, partindo da finitude para encontrar no passado respostas aos problemas e demandas contemporâneas.[50]

Nesse sentido, o trabalho se inicia com o falecimento de Câmara Cascudo e o surgimento de uma inquietação entre os norte-rio-grandenses acerca dos rumos do patrimônio intelectual e cultural cascudiano e da institucionalização de sua memória. Esse ponto de partida, sob a clave da memória, guiou minha escrita no sentido de encontrar *antes da noite* as condições de possibilidade e os diferentes significados atribuídos a um *projeto de memória* que teve em Cascudo seu principal idealizador e em seus conterrâneos os grandes executores. Não se trata, contudo, de se pautar por uma busca a origem desse projeto nem de acreditar na perspectiva de uma relação direta e verdadeira entre Cascudo e sua memória, até porque, como mostrou Foucault, em toda origem está a desordem e as tensões em torno daquilo a que julgávamos único.[51] Trata-se, pois, de perceber como as memórias individuais e coletivas são históricas e, portanto, devem ser historicizadas.

---

[49] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
[50] ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
[51] FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In:___. *Microfísica do poder.* 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. p. 15-37.

Com efeito, o primeiro capítulo apresenta o impacto da morte de Cascudo para a sociedade local, em 1986, destacando sua repercussão na imprensa e percebendo os significados que foram sendo atribuídos a esse fato. Ao mesmo tempo, analiso como essa repercussão apontou para uma necessidade de homenagear e fazer memória do escritor norte-rio-grandense. Na ocasião, após o diálogo em torno de diferentes propostas de memória surgidas, optou-se por seguir um interesse que seria do próprio Cascudo: criar uma fundação para gerir seu acervo e difundir suas ideias. Como resultado, então, foi criado o Memorial Câmara Cascudo, em 1987. Nesse primeiro momento da tese, em um diálogo em que estava em jogo o interesse promover a lembrança e as possibilidades do esquecimento, discuto o processo que resultou na criação de uma instituição de memória para Cascudo, em Natal.

No segundo capítulo, recuando um pouco mais no tempo, examino os significados que foram atribuídos para a vida e para a obra de Cascudo por seus biógrafos e comentadores. Isso se justifica porque, em grande medida, seus biógrafos participaram do debate em torno da constituição da memória cascudiana e da criação do Memorial. Considerando que a ideia de uma fundação para abrigar e gerir o acervo pessoal do escritor surgiu dele próprio, e no mesmo momento em que essas biografias estavam sendo escritas, esses livros acabaram contribuindo para a elaboração de um *modelo biográfico* em perspectiva cristalizada e centrada em determinados fatos e épocas. Assim sendo, nesse segundo momento, problematizo o Cascudo biografado e procuro entender como essa *escrita dos outros* acabou interferindo em uma *escrita de si* cascudiana, participando diretamente da instituição de sua memória e no modo como sua vida e obra foi sendo analisada daquele momento em diante.

No terceiro e último capítulo, ainda no contrafluxo do tempo, reflito acerca da *escrita de si* cascudiana. A partir de seus livros de memória, publicados em meados do século XX, identifico e discuto os principais núcleos de significação que ele próprio atribuiu a sua vida e obra. Essa discussão está centrada na percepção de que o *projeto de memória* planejado por Cascudo manteve diálogo com a produção de seus livros autobiográficos e, logo, com a forma pela qual esse indivíduo se definiu e se percebeu socialmente. É nesse sentido, por exemplo, que o livro *Antes da Noite* pode representar esse ponto de interseção entre uma escrita de vida e um projeto de memória. Assim, no terceiro momento deste trabalho, a ênfase se desloca dos sentidos atribuídos por outros à memória de Cascudo e dos usos pelos quais essa memória passou para se concentrar nos sentidos que o próprio autor do projeto atribuiu a sua memória. Com isso, a despeito dos já existentes estudos cascudianos, podemos compreender o porquê de uma recorrência discursiva quando o assunto é o estudo da vida e da obra de um pensador de postura e atuação tão múltipla.

Ao longo desta tese, é minha intenção retirar o escritor Luís da Câmara Cascudo dessa referida memória e inseri-lo no discurso da história, fazendo sua vida e obra assumirem sentidos e posições menos laudatórias e mais críticas. Afinal, ainda pensando a partir das

ideias de Beatriz Sarlo, para a produção de conhecimento é mais importante entender do que simplesmente lembrar – ainda que, para os sujeitos envolvidos, lembrar possa ser o suficiente.[52] Portanto, se investirmos para lançar esse autor novamente no curso do tempo e problematizarmos sua memória *antes da noite*, ou seja, durante o processo de seu enquadramento, talvez possamos aprofundar o entendimento de suas múltiplas contribuições intelectuais.

[52] SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* cultura da memória e guinada subjetiva, 2007. p. 22.

CAPÍTULO 1

Chega a noite para *os da longa viagem*...[53]

> *Os cortejos deixavam a casa com o pôr-do-sol, como se o fim do dia fosse uma metáfora para o fim da vida. Esse horário também sugere associações entre o sono e a morte.*[54]
>
> *João José Reis*

Eram 16 horas e 30 minutos do dia 30 de julho de 1986. Em uma crepuscular quarta-feira natalense, nas dependências da Casa de Saúde São Lucas, iniciou a *mais longa* e *última viagem* cascudiana. Ou, como preferia ele próprio e como ainda hoje repetem seus biógrafos, *encantou-se no céu aldeão* o professor de província, historiador oficial da cidade do Natal e mestre do folclore brasileiro.[55] Naquele fim de tarde, aos 87 anos de idade, faleceu o renomado escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo.

Como uma espécie de "marco" histórico-biográfico, essa data sinalizou a transição entre um *projeto de memória* cascudiano elaborado ao longo de sua vida e o processo de efetivação póstuma dessa memória que, até então, vinha sendo cuidadosamente elaborada e que, atualmente, é o eixo central das explicações para sua vida e obra. Naquele instante, ainda que não fosse o momento mais apropriado para se pensar nisso, o patrimônio e a memória do escritor passaram à responsabilidade de seus herdeiros legais e intelectuais, pois, como divulgou a imprensa local, Cascudo havia deixado "o mundo dos vivos, passando à eternidade da lembrança".[56] No mesmo instante, imbuídos do objetivo de "zelar pelo seu legado"[57], aqueles que poderíamos chamar de *especialistas da memória* entraram em cena para refletir sobre o destino do patrimônio intelectual e cultural do escritor recém-falecido.[58]

---

[53] CASCUDO, Luís da Câmara. Os da longa viagem... *A República*, Natal, 03 jan. 1942.

[54] REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). *História da vida privada no Brasil:* Império. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2. p. 116.

[55] A palavra "encantamento" foi utilizada por Cascudo e por seus biógrafos como sinônimo à palavra morte. A preferência por esse termo eufemístico tem a ver com a recusa cascudiana diante da finitude humana. Para ele, negar a existência da morte passava pelo desuso do termo e pela recusa em esquecer o morto. Sobre isso, ver LEITE, Daliana Cascudo Roberti. (Org.). *Câmara Cascudo:* 20 anos de encantamento. Natal: EDUFRN, 2007.

[56] RABAÇAL, João Alfredo. Câmara Cascudo: da vida à eternidade. *A República*, Natal, 21 set. 1986.

[57] DIÓGENES vai propor que cadeira de Cascudo não seja mais ocupada. *A República*, Natal, 01 ago. 1986.
Sobre a noção de *legado*, entendida como a transformação de uma memória individual em um projeto político-social materializado na criação de instituições de memória para gerir os bens materiais e simbólicos deixados por um sujeito exponencial e que a ele se referem, ver HEYMANN, Luciana Quillet. *De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional":* reflexões acerca da produção de "legados". Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1612.pdf>. Acesso em: 03 maio 2013.

[58] Esse termo é da autoria de ABREU, Regina. *A fabricação do imortal:* memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996. p. 70.

Diante do ocorrido, o pesar tomou conta dos diversos segmentos sociais da cidade do Natal e do estado do Rio Grande do Norte, sobretudo de sua elite intelectual, que, naquele instante, perdera seu expoente. Capitaneado por esse segmento intelectual, os jornais locais foram pródigos em noticiar os últimos dias de vida do historiador e folclorista, bem como em divulgar com detalhes suas exéquias e, pelos dias seguintes, em informar acerca das inúmeras e variadas homenagens póstumas surgidas. Esses periódicos destacaram o fim de tarde como uma metáfora para o fim de uma vida e associaram a morte do escritor com a chegada da *noite eterna* para aquele que sempre procurou conter a passagem do tempo e a finitude humana em seus diversos estudos sobre a cultura popular e acerca do passado. Usando os próprios termos publicados por esses jornais: "E ele se foi para sua última viagem. Sua noite eterna".[59]

Na mesma perspectiva, tais periódicos destacaram ainda a lamentação cascudiana por não ter escrito seu último livro autobiográfico que, em sugestiva e velada menção à morte, receberia o título de *Antes da Noite*: "Lamento muito não ter podido escrever 'Antes da Noite', meu livro que ficaria como a minha memória final".[60]

Em razão de uma simbólica referência ao conceito de memória, esse último projeto editorial/intelectual cascudiano assumiu uma importância central nesta pesquisa, sugerindo o título do trabalho e a organização das ideias, bem como norteando os objetivos propostos nos capítulos e a formulação geral de minha tese. Segundo a qual, entre outros aspectos, sustento que a forma como a biografia de Câmara Cascudo ainda hoje tem sido recorrentemente escrita e dada a ler, mesmo tendo decorrido quase três décadas de seu falecimento, é resultado de uma elaborada e artesanal *escrita de si* cascudiana.[61] Afirmo que a maneira como a escrita da vida de Cascudo está organizada resulta, por um lado, de identitários investimentos por ele realizados ao longo de toda a sua vida para traçar uma coerente narrativa de si que desse sentido à complexidade de sua existência – para a qual o livro *Antes da Noite* seria seu corolário, isto é, uma última oportunidade de se autodefinir; por outro lado, essa biografia "oficial" decorre dos agenciamentos póstumos pelos quais a memória cascudiana passou e, por meio do qual, foi sendo cristalizada – processo cuja criação de uma instituição de memória (o Memorial) foi seu apogeu.

---

[59] NATAL, comovida, sepultou seu Mestre. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.

[60] OS últimos desejos de Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 03 ago. 1986.
Esta pesquisa localizou referências jornalísticas a esse título autobiográfico para toda a década de 1980.
Ver, por exemplo: CASCUDO fará novo livro com título "Antes da Noite". *A República*, Natal, 21 dez. 1980.

[61] NEVES, Margarida de Souza. O artesanato da memória: Luís da Câmara Cascudo e a narrativa autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.). *Narrativas e saberes biográficos.* Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 59-74.

Compondo uma cuidadosa imagem de si, essa escrita de vida está constituída por um sem número de textos autobiográficos com enredos padronizados e pelo arquivamento de uma alentada e selecionada documentação referente a sua trajetória intelectual. Documentos que, arquivados, hoje constituem o acervo pessoal cascudiano e concorrem para formar um dos maiores e mais significativos patrimônios culturais e intelectuais do/sobre o Rio Grande do Norte, senão do Brasil, em solo potiguar. Apesar da inexistência desse último título autobiográfico previsto, a recorrência de uma narrativa de si na obra cascudiana e em seu arquivo pessoal converteu sua (auto)biografia naquilo em que ele próprio desejava: uma última memória, porque tem sido bastante repetida, em muitos casos, sem maiores reflexões.[62]

Com efeito, problematizo aqui a constituição dessa memória (auto)biográfica e histórica do escritor potiguar tomando como referência a proposta lançada e assumida por ele mesmo em vida – propalada pelo livro *Antes da Noite*, mas que efetivamente viria ganhar forma após a sua morte com a criação de uma fundação para gerir e divulgar o importante patrimônio cultural e intelectual que ele havia acumulado.[63] Seguindo um caminho retrospectivo, entre a cristalização póstuma de sua memória e a elaboração dessa proposta de memória *antes da noite*, neste primeiro capítulo investigo o ápice da constituição de uma memória cascudiana no Rio Grande do Norte, quando da criação do Memorial Câmara Cascudo, em 1987, na cidade do Natal.[64]

---

[62] É interessante destacar que muitos elementos dessa biografia cascudiana, digamos, *oficial* têm recebido importantes análises a partir de meados dos anos 1990. Infelizmente, sob a feição de monografias, dissertações e teses, apenas uma pequena minoria dessas análises foi publicada em livro. Enquanto trabalhos acadêmicos, essas novas interpretações estão disponíveis nas bibliotecas das universidades onde foram produzidas e, em alguns casos, na *internet*, permanecendo com o acesso mais restrito a pesquisadores também universitários. Por outro lado, algumas vezes, essas mesmas análises que problematizaram um dos aspectos biográficos mais comumente repetidos acabaram reproduzindo outros aspectos sem maiores reflexões. Nesse sentido, ver: OLIVEIRA, Aluízio Lins de. *Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo.* 165p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

[63] A definição de patrimônio cultural e intelectual, nesse caso, engloba o conjunto de bens deixados por Cascudo e que, em função de possuírem valor histórico-cultural, são tomados como elementos que devem ser preservados e disponibilizados para uso social. Isso inclui sua residência, seu acervo museológico e etnográfico, seu arquivo pessoal, sua bibliografia e, claro, o capital intelectual de seu nome de autoria. Acerca da bibliografia que me permitiu formular esse conceito, por exemplo, ver:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Patrimônio ou matrimônio, isso é lá com Santo Antônio?* Algumas reflexões em torno da relação entre memória e patrimônio. Natal, 2010. 16p. Digitado.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. A função social dos arquivos e o patrimônio documental. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. (Orgs.). *Tempo, memória e patrimônio cultural*. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 73-85.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

[64] Considerar a criação do Memorial Câmara Cascudo, nos anos de 1980, como apogeu de uma memória cascudiana não significa desconsiderar os seus desdobramentos hodiernos com a criação do Instituto Câmara Cascudo, em 2007 (inaugurado em 2009 e aberto ao público em 2010). Julgo que o Memorial e o Instituto respondem a demandas sociais e epistemológicas diferentes, bem como estão inseridos em regimes de historicidade distintos por estarem separados no tempo em duas décadas. Assim, como o nome sugere, o Memorial está mais voltado para essa concepção cristalizada de memória do que propriamente o Instituto.

Embora o próprio Câmara Cascudo, em sua fase octogenária, alegasse não ter tempo para olhar à morte e afirmasse que evitava pensar e nomear tal fenômeno, essa era uma preocupação sua e de seus amigos. Em uma das muitas vezes que tratou do assunto, ele assim se expressou: "Eu fui estudante de Medicina até o quarto ano e encaro a morte como uma consequência lógica da vida. Eu não sinto emoção nenhuma ante a ideia da morte. Até como legítima defesa contra o fenômeno, eu prefiro não pensar nessa hora".[65] A julgar pelas inúmeras menções bibliográficas a essa questão, os motivos dessa preocupação residiam no fato de que, em meados dos anos de 1980, ele já possuía uma idade avançada e sentia em seu corpo os efeitos do tempo transcorrido e de uma vida inteira dedicada a pesquisas e estudos (especialmente noturnos), causando-lhe uma drástica redução da sua capacidade de enxergar – além da perda da audição.[66] Por isso, ciente de que a morte era uma consequência biológica e, notadamente em termos culturais, de que a morte representava a possibilidade do esquecimento, Cascudo se ressentia por não ter podido *finalizar* sua memória, antecipando-se à *noite* e elaborando um último livro de cunho autobiográfico.[67]

Em termos metafóricos, planejar e se ressentir da impossibilidade de escrever um livro de memórias que se anteciparia à *noite* representa combater a morte. Uma tentativa deliberada de negar e afastar o que o fim da vida poderia assinalar: a ameaça do esquecimento. Na iminência da finitude física, nada mais compensador do que a perenidade da escrita – e, não por acaso, em um livro de cariz memorialístico. Ciente da inexorabilidade da morte, recusar-se a pronunciar esse termo o substituindo por um eufemismo expressa, no mínimo, um receio diante da finitude; e, no limite, sistematizar suas memórias denota uma preocupação com os modos pelos quais sua trajetória de vida iria ser lembrada e pelos quais sua obra iria ser explicada após o término de sua vida. Para ele, por meio desse livro de memórias – escrito antes da chegada da morte propriamente dita – estariam elaboradas uma última chave de leitura para a sua longa e complexa existência e uma derradeira base para a explicação e compreensão de sua vasta e multifacetada obra. Uma versão oficial e padrão, porque

[65] UMA vida repleta de glórias e bom humor. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jul. 1986.
[66] CASCUDO, Luís da Câmara *apud* VASCONCELOS, Osair. "Não tenho tempo para olhar a morte". *Diário de Natal*, Natal, 31 jul. 1986.
[67] Vale salientar que o aspecto memorialístico é uma marca de toda a obra cascudiana, estando presente nas crônicas de jornais e nos principais livros de história e de folclore, nos quais suas vivências pessoais servem de mote e de orientação para as informações que oferece aos leitores. Além disso, Cascudo escreveu alguns livros autobiográficos, intitulando parte deles por meio de uma preocupação com a passagem do tempo e com a proximidade da morte. Por exemplo: *O tempo e eu* (1968), *Pequeno manual do doente aprendiz* (1969), *Gente viva* (1970), *Na ronda do tempo* (1971) e *Ontem* (1972). No terceiro capítulo voltarei a essa questão e analisarei com mais vagar esses livros. É também interessante frisar que, segundo os jornais natalenses, Cascudo havia recebido várias sugestões para ditar o livro *Antes da Noite* a um copiador, contornando a impossibilidade biológica/física de escrever. Porém, ele teria declarado não saber ditar e, por isso, não o produziria.

fornecida pelo próprio interessado e porque o facilitaria ser recordado nos termos com os quais ele se identificava socialmente e, por reciprocidade, a partir dos quais ele se autodefinia subjetivamente.[68]

Em suas próprias palavras, antecipar-se à *noite* significaria adiantar-se à morte e sistematizar, em vida, uma *memória*, supostamente, *final*. Assim sendo, neste trabalho, o anseio cascudiano de escrever o livro *Antes da Noite* é problematizado como um trabalho de enquadramento de memória desejado por Câmara Cascudo e, também, como uma proposta de *imagem de si* a ser ofertada à posteridade.[69] Por isso, para além de considerá-lo um simples projeto inconcluso de autobiografia ou apenas um último plano literário (como noticiaram alguns jornais), aproprio-me desse planejado e potencial livro de memórias enquanto um uso retórico para a organização das ideias expostas nesta tese, fazendo menção ao fluxo temporal; e, particularmente, o utilizo como uma categoria heurística para refletir sobre o processo de criação de uma memória cascudiana no Rio Grande do Norte. Dessa forma, neste estudo, antecipar-se à *noite* passa a significar também uma reflexão sobre os modos pelos quais uma dada memória foi gestada ao longo da vida do escritor – ainda que materializada somente após a sua morte, em um memorial.

Na medida em que esse plano não foi efetivado em livro, sendo mencionado pelos jornais como um projeto editorial autobiográfico não realizado, o amplio e o utilizo conceitualmente enquanto um *projeto de memória* cascudiano. Tomando como referência as ideias do antropólogo Gilberto Velho e do historiador Fernando Catroga, considero essa proposta de memória a partir dos interesses particulares de Cascudo e dos quadros sociais com os quais esse indivíduo se articulou para construir sua identidade intelectual pública enquanto *professor* e *escritor de província*. Projeto alicerçado pela atribuição de significados aos fragmentos passados de sua memória biográfica (pessoal/social) e às ações empreendidas durante sua trajetória intelectual.[70] Um projeto pessoal de memória que, articulando biografia e trajetória, estava baseado em elementos vividos no passado, elaborado em função das demandas do presente e a ser efetivado nas incertezas de um futuro póstumo, tecendo como enredo biográfico uma vitoriosa trajetória intelectual em uma "pacata e provinciana" cidade

---

[68] RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998, p. 35-42.

[69] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Id., Memória e identidade social. *Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

[70] VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose:* antropologia das sociedades complexas, 1999. p. 97-105.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia.* Coimbra: Quarteto, 2001.

nordestina. Em um duplo significado, uma memória projetada: no sentido de planejada por Cascudo e, também, enquanto algo por ele mesmo remetido à posteridade.

Ainda que exista uma dimensão estratégica em um projeto como esse – assim como há finalidades em projetos de qualquer outra natureza –, não pretendo mapear e enfatizar um pretenso estratagema de cálculos e finalidades que teriam norteado esse projeto de memória cascudiano, fugindo, assim, de uma "armadilha" teórica (e, por que não, teleológica): a formulação de uma espécie de "teoria da conspiração" por meio da qual todas as ações e escolhas individuais seriam explicadas a partir da ênfase a uma memória individual naturalizada e em detrimento de uma memória coletiva plural e histórica. Os adeptos desse tipo de perspectiva, um tanto quanto arriscada ao estudioso de projetos intelectuais de memória, se esquecem que, postumamente, cabe a outros sujeitos sociais a implantação do projeto inicial e, portanto, novos anseios e demandas passam a nortear a manutenção ou a alteração do que estava inicialmente previsto pelo autor do projeto. Nesses termos, deve se levar em conta a distinção entre as experiências e expectativas cascudianas ao elaborar seu projeto de memória e as ações empreendidas por seus herdeiros legais e intelectuais na criação do Memorial Câmara Cascudo.[71]

Não obstante, quero refletir acerca das condições de possibilidade do *projeto de memória* cascudiano, percebendo na proposta elaborada por Cascudo os significados atribuídos a sua memória, comparando com o significado de memória implantado no Memorial e, por conseguinte, compreendendo a atual escrita de sua vida por parte de biógrafos e estudiosos de seu pensamento. Nesse sentido, concordamos com Catroga para quem "a formação do eu de cada indivíduo será, assim, inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa e do modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como *projeto*".[72] Nesse caso, isso significa pensar como, em um horizonte de expectativas, uma proposta de memória foi sendo pensada e consolidada, passando a dar consistência a uma (auto)biografia intelectual.[73]

Destarte, na condição de um *projeto de memória*, o livro *Antes da Noite* se tornou, através da imprensa local, o argumento mais recorrente entre os conterrâneos de Cascudo para justificar e estabelecer uma memória última do/para o escritor em terras potiguares, demarcando um justo lugar a ser ocupado por ele no cenário letrado local e nacional. Não

[71] Como exemplo de trabalho que leva em conta esse aspecto, ver: DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias.* 481p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
[72] CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia,* 2011. Sem paginação.
[73] KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. da PUC-Rio, 2006.

tendo sido publicamente realizado pelo escritor, seus pares redefiniram o livro como "Depois da sombra da morte" e se propuseram a consolidar essa proposta de memória final:

> Não nos deu o último livro que revelou desejar ter escrito: "Antes da Noite", epílogo de suas memórias. Deixou que nós, que tanto o admiramos e enaltecemos, o fizéssemos, trocando o título para "Depois dos sombras da morte" [sic], o que faremos, daqui por diante, todas as vezes que lhe cultuarmos a imorredoira memória e lhe tributarmos o merecido louvor.[74]

Esse "epílogo de suas memórias" foi materializado efetivamente através da criação de uma instituição de memória, em Natal, para abrigar o acervo pessoal e intelectual desse escritor: o Memorial Câmara Cascudo, implantado entre o final do ano de 1986 e o início do ano de 1987. Sustento a ideia de que esse Memorial, em grande medida, corresponde ao livro *Antes da Noite*. Em virtude do Memorial Câmara Cascudo se tratar de um enquadramento institucional de memória que, pretensamente, indicaria os interesses pessoais e seguiria os parâmetros fornecidos pelo escritor ainda em vida, é impossível não compararmos o livro de não escrito e essa memória institucionalizada em arquivo: ambos representam a constituição de uma memória cascudiana no Rio Grande do Norte – gestada ao longo da vida do escritor e consolidada após sua morte. Por sua vez, ambos fazem parte de um mesmo contexto de experiências e expectativas que, entre o desejo de lembrar e o receio de esquecer, formalizaram e concretizaram uma proposta de memória cascudiana à posteridade. Nesse caso, uma memória não escrita em livro, mas inscrita em arquivo, ou seja, uma *memória arquivada*.[75]

Diante de todo o exposto, neste capítulo, pretendo investigar um período de pouco mais de seis meses decorrido entre o falecimento de Cascudo, em 30 de julho de 1986, e a inauguração do Memorial Câmara Cascudo, em 10 de fevereiro de 1987. Especificamente, o intuito é analisar e compreender os diálogos estabelecidos entre familiares do escritor, seus amigos, seus pares intelectuais e os gestores locais, percebendo a repercussão da morte de Cascudo e as medidas tomadas para a constituição de uma memória cascudiana, notadamente por meio da criação do Memorial. Isso significa refletir acerca das *condições de possibilidade* para a existência dessa instituição de memória que, no processo mesmo de sua constituição, poderíamos considerá-la como a materialização de uma tão comentada e desejada proposta de *memória final* para o seu patrono.[76]

---

[74] PAIVA, Cônego Jorge O'Grady. Em memória e louvor de Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 05 out. 1986.
[75] O termo é da autoria de RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007.
[76] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, 2004.

Para alcançar meu objetivo, irei acompanhar o debate que foi instaurado na imprensa local[77], conduzido por destacados membros do meio cultural norte-rio-grandense e pelos representantes do Governo do Estado do Rio Grande do Norte[78], acerca dos rumos do patrimônio intelectual de Cascudo daquele momento em diante. Na ocasião, diversos setores da sociedade se questionaram sobre o futuro intelectual da *província* e se pronunciaram em favor de um monumento à memória daquele que mais teria contribuído para projetar o estado no cenário letrado brasileiro. Por meio das páginas dos jornais *A República*, *Diário de Natal*, *O Poti* e *Tribuna do Norte* e das revistas do *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* e da *Academia Norte-rio-grandense de Letras* é possível acompanharmos toda essa repercussão da morte do escritor Câmara Cascudo e, com isso, entendermos o que esse evento representou para o meio letrado local, a ponto de ser convertido em um *dever de memória* norte-rio-grandense.[79]

Julgando-se impossibilitado de cristalizar sua memória em vida, através do livro *Antes da Noite*, coube a seus conterrâneos instituírem uma memória última para celebrar o legado cultural produzido pelo escritor norte-rio-grandense mais ilustre. Dentre as variadas maneiras de se promover uma memória intelectual, foram aventadas como ações a serem cumpridas: construção de monumentos, reedições de obras, atribuição de títulos simbólicos e a eternização do nome do autor no rol das personalidades locais. Os representantes do Governo do Estado (Paulo Macedo e Veríssimo de Melo), da Academia Norte-rio-grandense de Letras (Américo de Oliveira Costa e Diógenes da Cunha Lima), do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Enélio Lima Petrovich) e, sobremaneira, da família Cascudo (representada por seus filhos, Anna Maria Cascudo e Fernando Luís da Câmara Cascudo) não pareciam estar em pleno consenso acerca dos rumos do patrimônio intelectual cascudiano, mas todos concordavam com a necessidade de preservá-lo e difundi-lo.

---

[77] Não posso deixar de mencionar que a imprensa nacional também noticiou amplamente o falecimento de Câmara Cascudo. Porém, em grande medida, reproduziu informações já publicadas na imprensa norte-rio-grandense. Apesar de essas notícias terem sido veiculadas em grandes jornais e revistas como *O Estado de São Paulo*, *O Globo* e *Veja*, por exemplo, o que denota a importância do escritor e o destaque de sua morte, opto por me focar nas publicações locais por ter sido nelas e por meio delas que o debate em torno da memória de Cascudo foi efetivado, tendo a frente – e com a palavra – os maiores interessados: os norte-rio-grandenses.

[78] Concentro-me no Governo do Estado do Rio Grande do Norte, em detrimento da Prefeitura Municipal do Natal, em virtude de a edilidade natalense ter realizado homenagens póstumas mais simbólicas e menos materiais. Além disso, considero o fato de o Memorial Câmara Cascudo ter sido criado com a participação efetiva do Governo do Estado, tendo como referencial um Cascudo patrimônio intelectual de todo o Rio Grande do Norte e não apenas de Natal.

[79] Termo da autoria de RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007.

Cada instituição ou grupo envolvido possuía uma proposta de memória específica para ser efetivada.[80] Ainda que esses grupos mantivessem relações de proximidade entre si (alguns deles pertenciam a mais de uma instituição) e todos tivessem mantido relações pessoais com Cascudo (alguns, inclusive, foram seus biógrafos), cada proposta apresentada conferia destaque ao lugar de onde partia. Apesar das constantes divergências de opiniões, não podemos dizer que esse debate se transformou em um litígio, mesmo porque, a despeito de qualquer discordância de cunho formal e/ou simbólico, todos os segmentos envolvidos participaram ativamente desse diálogo e, de uma maneira ou de outra, contribuíram decisivamente para implantar o enquadramento de memória escolhido: a criação de um memorial para impedir os riscos do esquecimento provocado pela *noite dos tempos* sobre o *escritor provinciano*, abrigando seu rico acervo documental e divulgando sua biobibliografia.[81] Nesse contexto em torno da morte do escritor potiguar e, consequentemente, a partir de um diálogo póstumo em favor de sua memória, foi inaugurado o Memorial Câmara Cascudo para "homenagear o maior nome intelectual do Estado, reunindo em uma única instituição informações preciosas sobre a sua vida e sua obra".[82]

Ao final deste capítulo, pois, espero ter problematizado essa relação entre vida e obra configurada pelo livro não escrito e pela criação do Memorial. Instituição onde, de fato, foi concretizado o projeto de memória *antes da noite*, sob o signo de um enredo autobiográfico a partir do qual vieram a público uma escrita e uma *imagem de si* cascudiana à posteridade. Do mesmo modo, espero mostrar o duplo e recíproco movimento que está na base da constituição dessa memória: um conjunto de interesses pessoais associado a demandas sociais. Sendo mais específico ao tema tratado, a percepção de que a memória cascudiana foi enquadrada com base em um projeto pessoal de Cascudo e por meio do diálogo promovido por alguns segmentos sociais do Rio Grande do Norte. Em grande medida, isso significa uma concepção de que toda memória está constituída na confluência entre um posicionamento individual e uma dimensão coletiva.

Enfim, este capítulo está organizado entre o *encantamento da noite eterna* e a *eternização de uma memória*, isto é, entre a morte do escritor Luís da Câmara Cascudo e a criação de seu Memorial.

---

[80] MARIA, Anna. Memorial Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 13 fev. 1987.
[81] Acerca dos conflitos em torno de memórias, ver: PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 20 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*, 2002. p. 103-130.
[82] MEMORIAL Câmara Cascudo. *Folder de divulgação.* Natal: [s.e.], [s.d.]. Coleção particular.

1.1 Depois que a morte passou...[83]

Para entendermos o que a morte de Câmara Cascudo representou para os norte-rio-grandenses, no sentido de também percebermos os fatores que proporcionaram o surgimento imediato de um discurso em favor da memória do escritor e, consequentemente, a criação de um memorial, é necessário refletirmos acerca do que a imprensa de Natal publicou sobre esse tema, ditando o tom das narrativas póstumas cascudianas.

Após o falecimento, ocorrido naquele dia 30 de julho de 1986, a imprensa natalense divulgou os eventos fúnebres a partir de testemunhos e imagens que davam conta de uma população fortemente comovida e do doloroso sentimento de perda que tomou conta dos potiguares, notadamente dos habitantes de Natal – cidade onde o escritor nasceu, viveu e morreu e que foi constantemente transformada em texto pela ação do estudioso do passado citadino.[84] Com essa perspectiva, entre as primeiras publicações sobre o assunto, houve a divulgação das chamadas "notas oficiais" que, nesse caso particular, se tratavam de comunicações feitas por instituições locais para informar e lamentar o falecimento do escritor e se solidarizar com sua família e com seus conterrâneos.

Nesses comunicados oficiais, dois aspectos correlatos se sobressaíram: a relação afetiva de Cascudo com a cidade do Natal e a preocupação citadina em fazer memória do escritor. O então Governador do Estado do Rio Grande do Norte, Radir Pereira[85], destacou em sua nota a importância intelectual de Cascudo e chamou a atenção para a necessidade de uma memória em favor do "eminente escritor" como uma ação de "reverência que toda a comunidade norte-rio-grandense há de consagrar à memória do insigne conterrâneo, exemplo de dedicação à vida intelectual, glória da ciência e das letras nacionais".[86] Já o Prefeito da cidade do Natal, Garibaldi Alves Filho[87], divulgou uma nota mais extensa e de conteúdo mais explícito, destacando a importância da relação de saber e afeto existente entre o pesquisador e a cidade amada e intelectualizada pela escrita. Os aspectos destacados pela Prefeitura do Natal, por meio de sua nota, procuraram significar e evidenciar o que aquele momento de dor representava para seus munícipes:

---

[83] CASCUDO, Luís da Câmara. Depois que a morte passou... *A República*, Natal, 22 dez. 1948.
[84] NATAL diz adeus a seu historiador. *A República*, Natal, 01 ago. 1986.
[85] Radir Pereira de Araújo governou o Rio Grande do Norte entre 15 de maio de 1986 e 15 de março de 1987. Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003).* Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.
[86] GOVERNO do Estado: nota. *A República*, Natal, 31 jul. 1986.
[87] Garibaldi Alves Filho esteve à frente da Prefeitura Municipal do Natal entre 1986 e 1988. Disponível em: <http://www.natal.rn.gov.br/gapre/paginas/ctd-395.html>. Acesso em: 30 jun. 2008.

> Natal perdeu na tarde de ontem aquele que a projetou universalmente. A cidade foi por ele intensamente amada. Os laços que ele estabeleceu com a cidade e o seu povo são insuperáveis, indescritíveis pela extensão e grandeza dos sentimentos. Natal perdeu o gênio que desbravou as ciências humanas como ninguém. Esta cidade foi, assim, graças a Cascudo, tema, cenário, berço e inspiração para toda uma concepção de humanismo alicerçada na valorização do homem como criador de cultura. A "Universidade do Povo", por ele concebida em sua juventude, era, sem dúvida alguma, a própria cidade, cuja alma ele captou e com ela se identificou como nenhum outro natalense.
>
> Natal chora e pranteia a perda deste seu filho inesquecível: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO. Nenhum gesto e nenhuma atitude formal e oficial serão capazes de exprimir com exatidão os laços e os sentimentos da cidade e do seu povo com o seu grande mestre. Mestre que cultivava a simplicidade dos gênios a convivência com tudo o que retratava a vida da cidade. Exupéry imaginou uma "Cidadela" para contar as suas emoções e traduzir os seus ideais. Cascudo se valeu de sua amada cidade, de suas mais diversas manifestações culturais e espirituais, para elaborar uma obra que alcança as mais puras emoções da natureza humana.
>
> Natal está enlutada. Seu pranto toma a forma de uma parada no tempo, pois a sua História, a sua vida e o seu futuro se demarcarão, sempre, por tudo o que se refira a períodos anteriores e posteriores a LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.[88]

Tais notícias e depoimentos resumiram aquele instante como um grandioso e merecido gesto público de despedida de uma cidade para o seu filho mais ilustre. Cada segmento social ali representado personificaria a cidade do Natal que, enlutada e emocionada, observava a partida daquele que a havia transformado em temas de livros e da qual havia optado por nunca se afastar.[89] Para os jornais, ao longo do dia 31 de julho de 1986, a cidade do Natal havia parado para se despedir do *incurável escritor provinciano* – aquele que, apesar de inúmeros convites de universidades e centros culturais do Brasil e do exterior, havia permanecido na sua amada cidade natal até a morte.

Como tributária do único escritor que havia sido capaz de se projetar e se consagrar intelectualmente permanecendo em solo natalense, essa cidade encarnada por políticos, jornalistas e intelectuais destacou os méritos cascudianos por ter escrito uma vasta e universal obra em uma *província* supostamente desprovida de arquivos e bibliotecas.[90] Como gratidão ao escritor e em reconhecimento a sua obra, caberia aos natalenses imortalizarem, *após a noite*, a vida e a obra daquele que seria seu principal conterrâneo. Naquele momento, vide a nota oficial da Prefeitura do Natal, demarcava-se uma divisão temporal em antes e depois de

---

[88] PREFEITURA de Natal: nota oficial. *A República*, Natal, 31 jul. 1986.

[89] CASCUDO sepultado com honras de estado. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 ago. 1986.
O ADEUS a quem estudou o gesto de despedida nas mãos do povo. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.

[90] Acerca do epíteto de *provinciano incurável*, ver: CASCUDO, Luís da Câmara. Um provinciano incurável. *Província*, Natal, n. 2, p. 5-6, 1998. (Edição fac-similar da edição de 1968).

Cascudo. A partir de então, a vida intelectual natalense seria compreendida por aquilo que Cascudo contribuiu e pelas perspectivas abertas por seus escritos, compondo um marco divisor de ideias e de projeção. Essas razões não só justificavam as demonstrações de emoção e pesar como reconheciam nelas um mérito do labor intelectual cascudiano.

Por isso, como é de praxe na linguagem jornalística, sobretudo diante do falecimento de algum indivíduo prestigiado socialmente, os periódicos locais noticiaram a morte de Cascudo e suas exéquias sob o viés da consternação. Centrados nessa comoção coletiva, já esperada por ser Câmara Cascudo bastante estimado por seus conterrâneos, esses jornais ressaltaram as cerimônias fúnebres como um evento singular na história da cidade, digno de seu filho mais dileto:

> Foi um dos enterros mais bonitos que Natal já assistiu. Por onde passava o cortejo, a multidão acenava com as mãos, se despedindo daquele que sempre teve tudo o que quis, mas nunca deixou de ser humilde e viver sua simplicidade. Um potiguar autêntico, Provinciano incurável. As ruas e avenidas da cidade que ele mais amou na vida, ficaram congestionadas para vê-lo passar para sua morada final.[91]

Dessa forma, familiares, amigos, ex-alunos, intelectuais, políticos, admiradores e transeuntes e curiosos – simbolicamente denominados, no discurso jornalístico, de *populares* ou de *gente do povo* – participaram do velório do folclorista e de uma cerimônia religiosa presidida pelo arcebispo de Natal, Dom Nivaldo Monte, ambas realizadas na Academia Norte-rio-grandense de Letras; do cortejo fúnebre pelas ruas da cidade, em carro do Corpo de Bombeiros, com paradas em frente à Biblioteca Câmara Cascudo e ao Museu Câmara Cascudo; e do seu sepultamento, com honras de Chefe de Estado, ocorrido no Cemitério do Alecrim, também em Natal. Para demonstrar o impacto social desses eventos, independente da precisão dos números informados, um dos diários natalenses chegou a contabilizar a presença de 5 mil pessoas no funeral do escritor.[92]

Nessas cerimônias, ainda de acordo com o noticiário, participaram representantes das principais instituições políticas e culturais do estado do Rio Grande do Norte, com as quais Cascudo mantinha estreita relação: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, também representando a Presidência da República; Prefeitura Municipal do Natal, pela qual, em cerimônia pública, ele havia sido nomeado historiador oficial em 1948; Academia Norte-rio-grandense de Letras, instituição por ele fundada, em 1936; Instituto Histórico e Geográfico do

[91] NATAL, comovida, sepultou seu Mestre. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.
[92] O ADEUS a quem estudou o gesto de despedida nas mãos do povo. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.

Rio Grande do Norte, sodalício cultural mais antigo do estado (1902) e do qual Cascudo fazia parte desde 1927, sendo, indiscutivelmente, o principal e mais profícuo representante; Forças Armadas, onde ele era frequentemente condecorado e convidado a discursar; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição da qual foi um dos fundadores, pronunciou a aula inaugural e era Professor Emérito – cujas vestes talares lhe serviram de roupa fúnebre e cuja bandeira revestiu seu féretro; Igreja Católica – Cascudo era marcadamente católico, mantendo uma aproximação com a cúpula da Igreja e com importantes intelectuais de pensamento cristão;[93] além dos já citados *populares* que, para os jornalistas, queriam prestar uma última homenagem ao folclorista que havia se dedicado por toda a vida ao estudo da cultura do povo.

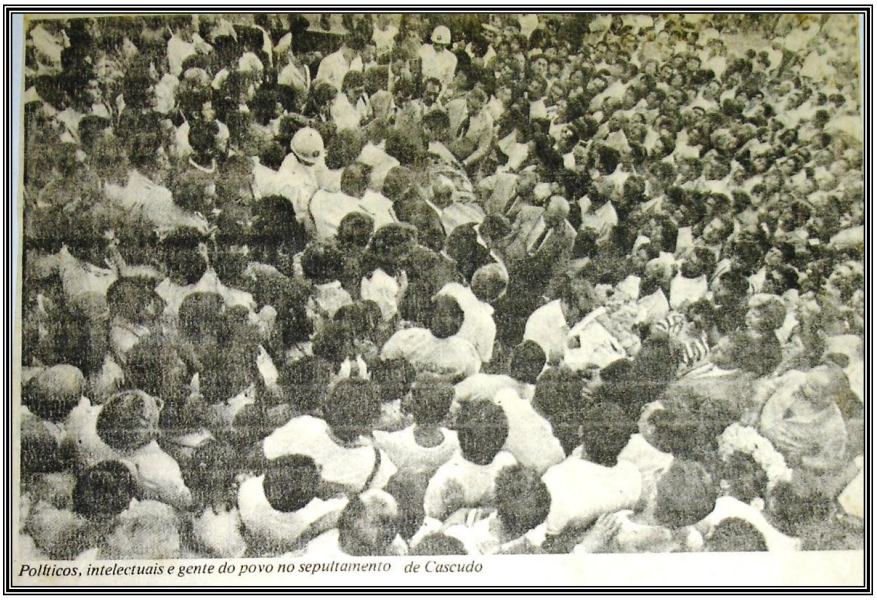

Imagem 3 Políticos, intelectuais e gente do povo no sepultamento de Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 ago. 1986.

Ainda como exemplo do impacto social alcançado por esse funeral, some-se à numerosa presença de membros dos diversos setores da sociedade os depoimentos fornecidos por personalidades locais e nacionais bem como as declarações dadas por pessoas simples, ilustrando as concorridas homenagens póstumas ao escritor e procurando dar sentido aos fatos recém-ocorridos. O escritor pernambucano Gilberto Freyre, por exemplo, declarou: "a morte de Câmara Cascudo representa uma grande perda para a cultura brasileira, pois ele desempenhava uma função que só ele podia desempenhar, combinando erudição com sensibilidade popular. Além de uma grande intelectualidade foi também uma grande figura

[93] Sobre a relação de Cascudo com a Igreja Católica, ver: LIMA, Bruna Rafaela de. *Da rede ao altar:* vida, ofício e fé de um historiador potiguar. 233p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

humana".[94] Por sua vez, falando em nome dos potiguares, Manoel Vaz Fernandes afirmou: "o Rio Grande do Norte sofreu uma perda irreparável com a morte do seu mestre maior Luís da Câmara Cascudo. Era o nosso gênio, o homem que durante anos a fio foi o responsável, lá fora, pela divulgação da cultura nordestina".[95]

Foram muitos os depoimentos com esse mesmo olhar em relação àqueles acontecimentos. Particularmente, as constantes declarações dos gestores locais já deixavam entrever como o patrimônio intelectual de Cascudo possuía um forte significado político, possibilitando menções e usos por parte da Prefeitura e do Governo locais. Dentre esses pronunciamentos, podemos dar visibilidade à declaração de Geraldo Melo[96] que, menos de um ano depois, viria a ser Governador do Estado do Rio Grande do Norte; e outra declaração do Prefeito de Natal na época, Garibaldi Alves Filho. De acordo com Geraldo Melo, pessoalmente, ele estava experimentando "a perda de toda a comunidade que empobrece com sua [de Cascudo] ausência, a de sua sabedoria, da juventude que o acompanhou a vida inteira, mas consolada pela certeza de perenidade de sua obra e do seu exemplo".[97] Nessa mesma linha de pensamento, sendo novamente bastante prolixo, o prefeito Garibaldi Alves Filho comentou:

> O Rio Grande do Norte e a cidade do Natal perdem a figura de maior expressão cultural e perdem, sobretudo, o filho que em circunstância alguma deixou de viver e morar aqui, na sua terra. Escritor e historiador de fama internacional, poderia ter vivido as glórias de sua condição nos maiores centros culturais no mundo inteiro. Recebeu convites de instituições internacionais, mas nunca aceitou-os, porque quis sempre viver aqui. Por duas vezes deixou de ser membro da Academia Brasileira de Letras, preferindo integrar a Academia Norte-rio-grandense de Letras.[98]

Essa *retórica da perda*, constantemente associada à cidade, pautou o discurso da imprensa e da intelectualidade potiguar acerca da morte de Câmara Cascudo.[99] Para dar sentido ao falecimento do escritor toda uma semântica da perda foi agenciada, de modo a destacar a importância dos estudos cascudianos e o valor do seu patrimônio cultural. Isso

---

[94] FREYRE, Gilberto. In: DE CASCUDO – I. *Tribuna do Norte*, Natal, 02 ago. 1986.
[95] FERNANDES, Manoel Vaz. In: CASCUDO. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 ago. 1986.
[96] Geraldo José da Câmara Ferreira de Melo viria a governar o Rio Grande do Norte de 15 de março de 1987 a 15 de março de 1991.
Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*, 2000.
[97] MELO, Geraldo. In: INTELECTUAIS e políticos louvam o apego à terra. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jul. 1986.
[98] ALVES FILHO, Garibaldi. In: INTELECTUAIS e políticos louvam o apego à terra. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jul. 1986.
[99] Conceito elaborado a partir do uso feito por GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda:* os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ: IPHAN, 2002.

significa dizer que a noção de perda intelectual passou a ser um poderoso elemento de valorização do autor e de sua obra. Além disso, ao definir o momento como uma "perda irreparável", esse noticiário classificou um legado como patrimônio cultural e intelectual, ou seja, definiu um valor para o acervo do escritor, classificando-o como um bem cultural que merecia ser preservado e divulgado por contribuir para a formação de uma identidade norte-rio-grandense.[100] Notadamente na opinião de seus pares, essa perda lastimável deveria despertar nos potiguares e, de maneira mais específica, nos natalenses a preocupação em valorizar esse singular universo intelectual.[101]

Assim sendo, enlutados e ao mesmo tempo ciosos da dimensão da obra cascudiana, os membros do meio letrado local e/ou políticos e jornalistas ressaltaram a grande ausência que a morte de Câmara Cascudo representava para o estudo da cultura e do passado brasileiro e, logo, o imenso vazio intelectual que ele havia deixado.[102] Nas palavras do cronista Vicente Serejo, essa ausência se fazia sentir porque as mãos de Cascudo "já não tocam a velha máquina de escrever, nem alisam a madeira antiga da mesa de trabalho, lenho onde [ele] imprimiu todos os saberes".[103] Embora destacando uma imprecisa e cambiante quantidade de livros publicados, tal ausência era sentida de forma mais clara pela impossibilidade dessa bibliografia ser continuada. Chegara ao fim uma vida e, com ela, a impossibilidade de continuação de uma obra, deixando um vazio para o qual, na maioria das matérias, a presença de fortes imagens ilustrativas procuraram destacar:

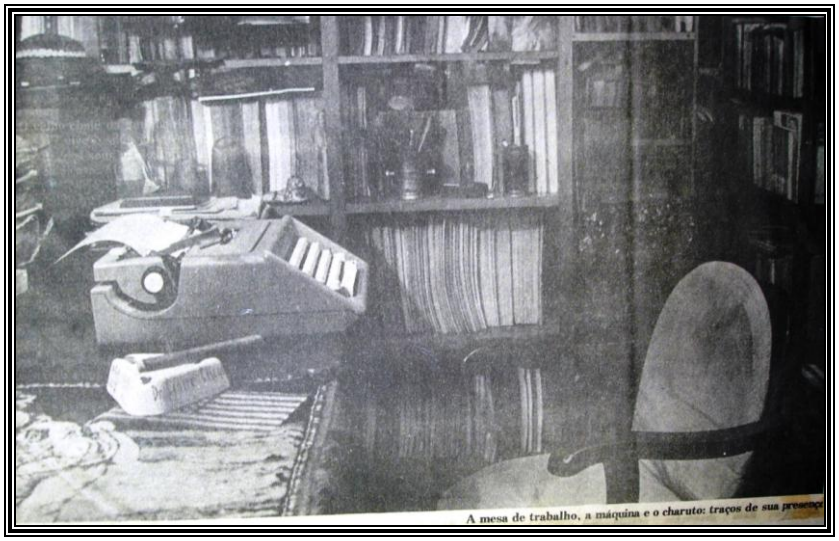
A mesa de trabalho, a máquina e o charuto: traços de sua presença

Imagem 4 A mesa de trabalho, a máquina e o charuto: traços de sua presença. *Diário de Natal*, Natal, 30 dez. 1986.

[100] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
[101] PERDA lamentável. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.
[102] SEREJO, Vicente. O imenso vazio. *Diário de Natal,* Natal, 31 jul. 1986.
[103] *Id.*, Câmara Cascudo, um olhar sobre a ausência... *O Poti,* Natal, 03 ago. 1986.

Esse discurso textual e imagético do vazio e da ausência, porque narrado e poetizado nas páginas dos jornais e ilustrado por inúmeras fotos da biblioteca e gabinete de trabalho do escritor, define bem o que representou a morte de Câmara Cascudo para intelectuais, políticos e jornalistas norte-rio-grandenses.[104] Como se depreende das narrativas, todas orientadas por um sentimento de pesar e por uma forte emoção, sua morte representou uma dolorosa privação humana. Entretanto, em termos mais pragmáticos, como é de nosso interesse, o falecimento de Cascudo significou uma perda intelectual irreparável. Havia partido sem deixar substitutos aquele que fora a principal referência intelectual do estado do Rio Grande do Norte durante o século XX – período que o biógrafo cascudiano Américo de Oliveira Costa nomeou de "século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo".[105] Bastaria uma manchete publicada no jornal *A República*, direta e forte, para expressar o significado dessa morte e o sentimento de vazio por ela deixado: *Morreu Câmara Cascudo*.[106]

Conforme exposto no noticiário local, a sequência dos acontecimentos em tono do falecimento do escritor partiu de uma forte comoção social, passou pela percepção de que isso representava uma perda intelectual para o estado e para a cidade e pela sensibilização de um vazio deixado na cultura local. Não obstante, essa tríade de emoções se manifestou em iniciativas de homenagens e de recordações. Naquele momento, a questão da memória entrou em evidência e se tornou um problema que demandava reflexões, respostas e soluções. Sob a perspectiva desse vazio literário e dessa emergência de homenagens póstumas, pois, desenvolveu-se o debate local em torno de uma memória de/para Luís da Câmara Cascudo. Sob o impacto de sua morte e do consequente sentimento de perda intelectual, criou-se uma expectativa em torno da construção de uma memória cascudiana no Rio Grande do Norte, especificamente na cidade do Natal. Para superar o sentimento de vazio e a ausência que haviam tomado conta dos norte-rio-grandenses era necessário promover ações que mantivessem o escritor presente na memória de seus conterrâneos: a ausência percebida como estímulo à recordação.

A princípio, em tom meramente apologético e como manifestação pública de memória, a divulgação de artigos elogiosos foi a alternativa escolhida por seus pares, sobretudo os representantes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da

---

[104] SOLIDÃO de frente para o Potengi. *Tribuna do Norte*, Natal, 02 ago. 1986.
[105] NATAL, comovida, sepultou seu Mestre. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.
COSTA, Américo de Oliveira. O século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo. *O Poti*, Natal, 03 ago. 1986.
[106] MORREU Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 31 jul. 1986.

Academia Norte-rio-grandense de Letras, para destacar e manter em evidência a vida e a obra cascudiana, superando o vazio por ele deixado e reverenciando seu papel na produção de conhecimento histórico e folclórico. A hora era de saudar o escritor e de reconhecer suas qualidades e contribuições intelectuais. O sentimento causado pela ausência de Cascudo entre os vivos possibilitou uma primeira configuração póstuma para a sua memória: *afetiva* e alicerçada por um saudosismo. Essa saudade, definida como lembrança nostálgica, elaborou uma primeira forma de memória para Cascudo: recordá-lo sob a emoção de não se poder mais contar com sua presença e, por outro lado, na esperança de superar uma perda e mantê-lo presente na memória coletiva da cidade do Natal e do estado do Rio Grande do Norte.[107]

Nesses mesmos saudosos artigos encomiásticos, ao promoverem um importante diálogo coletivo acerca de como lembrar e do quê deveria ser lembrado, seus pares indicaram os fins assumidos por essas primeiras homenagens: reconhecer, reverenciar e recordar. Esses artigos relembraram marcos biográficos, fizeram menções a aspectos curiosos da elaboração de sua obra e deram testemunhos de momentos inusitados na vida do escritor. Por ora, não nos cabe detalhar esses artigos, pois é de interesse apenas analisar a repercussão e significação da morte de Cascudo. Por esse motivo, informo tão somente que o destaque ficou por conta das pequenas biografias publicadas, narradas por meio de um enredo teleológico que ligava a douta infância cascudiana ao renomado escritor adulto: o menino de saúde frágil que, por isso, apaixonou-se pelos livros; o jovem rico que, por um tempo, estudou medicina e, depois, formou-se em direito; a jovial atividade de agitação literária, na qual se destacou a amizade com Mário de Andrade e a adesão ao movimento modernista; a falência comercial e a perda da fortuna paterna; o professor e conversador inigualáveis; o espírito provinciano de amor devotado a Natal; o exímio escritor de cartas; o zeloso guardião do passado citadino; o mestre do folclore brasileiro; enfim, uma glória intelectual norte-rio-grandense.[108]

Além dessas minibiografias, inúmeras entrevistas concedidas pelo folclorista e variados discursos sobre ele foram republicados, a partir dos quais os periódicos pareciam disputar quem teria feito a última entrevista e/ou a melhor matéria sobre o *mestre*, ressaltando os mesmos elementos presentes nos artigos acima mencionados. Isso, por si só, demonstra o interesse dos norte-rio-grandenses em ler matérias sobre Cascudo e em acompanhar os rumos a serem dados ao seu patrimônio intelectual. Por sua vez, a existência desse vasto noticiário nos indica um forte desejo de memória para garantir que seu esforço intelectual não tivesse

[107] Sobre essa concepção de saudade, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.). *História e sensibilidade.* Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 117-139.
[108] DADOS biográficos. *Diário de Natal,* Natal, 31 jul. 1986.

sido em vão, não caísse no esquecimento. Na qualidade de assunto preferencial da imprensa, Câmara Cascudo recebeu as primeiras homenagens póstumas por meio da escrita e do gesto de escrever sobre o escritor, recordando-o e mantendo em evidência sua singular trajetória de vida e de trabalho em nome dos saberes histórico e cultural.

De acordo com os periódicos, a publicação de tantos artigos se justificava ainda porque um exemplo de vida e uma obra sem igual deveriam permanecer para que os pesquisadores pudessem estudá-los e, assim, conseguissem dar continuidade a uma missão intelectual provinciana: "se por um lado, a morte dele foi uma perda, por outro, sabemos que o seu exemplo permanece vivo, com ressonâncias eternas e universais".[109] Esse tipo de homenagem passou a ser cada vez mais frequente e oriunda dos mais variados setores sociais, notadamente daqueles que lidavam com algum tipo de produção cultural: escolas, grupos folclóricos, teatros, associações culturais etc.[110] Respaldados pelo sentimento de saudade e baseado na tensão ausência/presença, recordar Cascudo se transformou em um imperativo social norte-rio-grandense, melhor e inicialmente definido na exortação feita pelo jornalista Cassiano Arruda Câmara para relembrar o escritor e, logo, mantê-lo vivo e presente na memória local. Mesmo longa, é interessante lermos na íntegra tal exortação à memória cascudiana:

> VIVA CASCUDO
>
> Sepultado Luís da Câmara Cascudo, é necessário que os seus contemporâneos sejam dignos dele, da sua convivência, da dimensão exata da sua grandeza.
>
> Cascudo não terminou com a morte física, sentida, lamentada, chorada por todos.
>
> Mais do que sua obra literária, existe um exemplo de vida a preservar.
>
> E se já existia uma presença de Cascudo como nome de Instituto da Universidade, de Biblioteca ou Museu, essa multiplicidade de organismos não resgata a dívida que todos temos com a maior expressão cultural do Rio Grande do Norte em todos os tempos.
>
> Para quem sempre optou pela província, a constatação do [seu] neto Newton – "todos podem vir, ele era Universal" – aceitando a presença no velório de pessoas com as quais não simpatizava, deve servir de advertência a todos nós.
>
> O que devemos fazer para preservar o "mundo de Cascudo" é um desafio colocado para todos. Para autoridades, entidades culturais e para a própria comunidade.
>
> O vazio deixado por ele – e magistralmente expresso numa foto ontem publicada por este *Diário* – não pode se confinar aos limites de sua sala de

[109] DOM Nivaldo Monte destaca a fé inabalável do mestre da cultura. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 ago. 1986.
[110] ESCOLA Jean Mermoz homenageia Cascudo. *A República*, Natal, 07 set. 1986.
TEATRO infantil de Macaíba homenageia Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 26 set. 1986.

> visita, onde a cadeira desocupada, se sobressai de forma contundente e verdadeira.
>
> Cassiano Arruda Câmara[111]

Na exortação de Cassiano Arruda, novamente, dois elementos se sobressaem: a dívida provinciana com o escritor, uma vez que ele teria projetado a cidade e o estado por meio de seus escritos; e o desafio surgido naquele momento para preservar o universo cultural cascudiano, para o qual políticos, intelectuais e a população local deveriam agir, de algum modo e em conjunto, para divulgar o legado deixado "pela maior expressão cultural do Rio Grande do Norte em todos os tempos". Assim, no contexto do falecimento de Câmara Cascudo e na perda intelectual que isso representava, o debate inicial que foi produzido na imprensa por jornalistas, políticos e intelectuais norte-rio-grandenses estabeleceu um segundo sentido para a memória do escritor, semelhante ao que Paul Ricœur nomeou de *dever de memória*: uma obrigação de lembrar, nesse caso, alicerçada pela gratidão.[112]

Em razão da obra produzida por Cascudo, da sua permanência em Natal e de sua projeção internacional, os natalenses deveriam recordar o escritor e propagandear os resultados alcançados em uma vida dedicada ao estudo das coisas locais. A memória seria entendida enquanto dever e, então, o passado seria evocado como uma obrigatoriedade do presente. Como natalenses e norte-rio-grandenses, situados naquele momento presente, *devíamos* ao escritor a realização de uma obra singular e *deveríamos* recordá-la para dela fazermos jus. O impacto social da morte de Câmara Cascudo, especialmente para o meio intelectual da chamada *província*, despertou sentimentos que gestaram uma memória afetiva e saudosa em relação ao escritor, bem como demandaram a necessidade de uma recordação constante da vida e da obra cascudiana.

Desse modo, como indivíduo e intelectual extremamente respeitado e admirado por seus conterrâneos, o falecimento de Câmara Cascudo comoveu os norte-rio-grandenses. Além disso, o impacto social de sua morte e a consequente repercussão na imprensa local possibilitaram a emergência de um discurso memorialístico de caráter afetivo e baseado no critério da gratidão. Entendido enquanto um dever coletivo de recordação, o objetivo era instituir uma memória condizente com a sua pessoa e com as suas contribuições intelectuais. Buscava-se homenagear e manter uma lembrança constante do autor, recordando sua dimensão humana e seus sucessos intelectuais. Em outras palavras, *depois que a morte*

---

[111] CÂMARA, Cassiano Arruda. Viva Cascudo. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.
[112] RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, 2007.

passou, surgiu um sentimento de perda intelectual que tornou necessário recordar Cascudo e, também, ressaltar seu patrimônio intelectual. Assim sendo, foi lançada a seguinte questão: qual(is) deveria(m) ser a(s) forma(s) escolhida(s) por seus conterrâneos para homenagear o escritor e recordar sua vida de frequente labor intelectual?

1.2 Os mortos que estão vivos...[113]

Estabelecer uma forma específica para homenagear e recordar Câmara Cascudo não era uma das tarefas mais fáceis nem tão pouco era uma empreitada inédita. Ainda em vida, como afirmou um de seus biógrafos, Cascudo "já se alteava como a estátua de si mesmo".[114] Talvez como nenhum outro escritor local, ele gozou do privilégio de receber inúmeras homenagens em vida e, já então, foi monumentalizado como patrimônio da cultura potiguar.[115] Muitas dessas homenagens, de maneira intencional ou não, haviam se transformado em verdadeiros *lugares de memória* – na acepção que Pierre Nora empresta a esse conceito.[116] Por meio do conteúdo simbólico que comportavam, esses lugares eram capazes de evocar a imagem de um escritor monumental. Porque conceituado intelectualmente e prestigiado socialmente, esses lugares cascudianos de memória provocavam a lembrança de alguém que ainda não havia morrido e que, por isso, ainda agia no presente, mas que mesmo assim já enquadrava em uma dada configuração pretérita de sua vida. Por exemplo, na cidade, já existiam inúmeras placas comemorativas em seu nome; ele já havia recebido comendas, medalhas e títulos honoríficos diversos; e seu nome já compunha uma onomástica urbana, por exemplo, batizando rua (1955), prêmio cultural da Prefeitura do Natal (1964), biblioteca (1973) e museu (1973).[117]

Em face de tantas homenagens já prestadas em vida, restavam muitas dúvidas sobre qual era a forma mais adequada e eficaz para homenageá-lo e recordá-lo postumamente, cumprindo a função da autoplanejada *memória final* e, ao mesmo tempo, não caindo em repetições. Por essa razão, se fazia necessário aprofundar o debate já iniciado pela

---

[113] CASCUDO, Luís da Câmara. Os mortos que estão vivos... *Diário de Natal*, Natal, 16 out. 1948.
[114] COSTA, Américo de Oliveira. O século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo. *O Poti*, Natal, 03 ago. 1986.
[115] RIEGL, Aloïs. *El culto moderno a los monumentos:* caracteres y origen. Madrid: Visor, 1987. (La balsa de la Medusa, 7)
[116] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
[117] Sobre isso, ver: FURTADO, Cristiane Silva. *A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal.* Rio de Janeiro, 2004. 56p. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica FAPERJ. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>. Acesso em: 08 ago. 2008.

intelectualidade nas páginas da imprensa local e definir uma proposta original e concreta capaz de consolidar uma memória última para Cascudo. Existia certo consenso que essa homenagem à memória do escritor deveria se focar na noção de uma trajetória intelectual, estabelecendo um pacto biográfico que articularia vida e obra. Afinal, tratava-se de um indivíduo que se destacou socialmente por suas atividades e pelas posições ocupadas no campo intelectual.

Para os debatedores que se posicionaram diante dessa questão, Cascudo havia conseguido a façanha de somente ter morrido após realizar uma obra intelectual que o manteria vivo, pelas letras, no mundo das ideias.[118] Isso significa que os argumentos em favor dessa proposta giraram em torno da noção de imortalização pela obra.[119] A despeito da morte e de qualquer possibilidade de esquecimento, ele seria lembrado cada vez que alguém consultasse algum de seus muitos livros. Nas palavras da folclorista baiana Hildegardes Vianna, publicadas pelo jornal natalense *A República*, "como todo mortal, Luís da Câmara Cascudo, o meu sempre amado e lembrado Mestre e Amigo, morreu. Mas os seus livros perpetuarão o seu nome".[120] A crença na imortalidade por meio dos feitos realizados, nesse caso através de uma obra intelectual, prometia a superação do esquecimento e garantiria a eterna memória de seu nome. Seus livros o levariam à eternidade, fazendo-o e mantendo-o vivo pela lembrança.[121]

Isso nos remete à relação que a escrita mantém com a morte, especialmente a escrita sobre o passado, uma vez que a escrita memorialística e histórica exerce um duplo jogo de afastar/ausentar a morte e de reviver o que está ausente/distante.[122] Para Michel de Certeau, por exemplo, a operação escriturária (e histórica) se configura como uma prática intelectual preocupada em exorcizar a morte e mantê-la sob controle. Para ele, a todo instante, a escrita da história dialoga com a passagem do tempo e com a morte, definida enquanto uma dimensão intrínseca do estudo do passado. Nesse mesmo sentido, ao analisar escritores europeus considerados prolíficos, Maurice Blanchot observou uma preocupação intelectual de burlar a morte ou, pelos menos, de tornar a finitude mais gloriosa pela escrita. Segundo ele, até morrerem, muitos escritores costumavam escrever justamente para não morrerem, confiando-se à sobrevivência de suas obras. E acrescenta: "O gênio enfrenta a morte, a obra é a morte tornada vã ou transfigurada ou, segundo as palavras evasivas de Proust, tornada

[118] A GRANDE façanha do Mestre. *A República*, Natal, 07 set. 1986.
[119] ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões.* Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998.
[120] VIANNA, Hildegardes. Meu mestre Cascudo. *O Poti*, Natal, 03 ago. 1986.
[121] RABAÇAL, João Alfredo. Câmara Cascudo: da vida à eternidade. *A República*, Natal, 21 set. 1986.
[122] CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In:___. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 64-119.

'menos amarga', menos inglória' e 'talvez menos provável'."[123] Para Blanchot, de acordo com os escritores em que analisou, havia uma crença de que a obra pudesse fazer o sujeito vencer a morte, garantindo um fim glorioso por meio do reconhecimento do esforço investido na escrita e pelo valor da obra deixada – além de assegurar para o autor uma permanência para além do correr da temporalidade.

Apesar dessa crença em uma virtual imortalidade literária, havia um aspecto a ser considerado: a obra de Câmara Cascudo era pouco lida e o conteúdo de seus livros era praticamente ignorado por seus conterrâneos. São muitas as referências na documentação levantada de que Cascudo não dispunha do reconhecimento de seus conterrâneos quando o assunto era a leitura de sua obra. Nesse sentido, os próprios jornais que divulgavam a comoção pelo falecimento do escritor e que acreditavam em uma provável imortalização por meio da obra haviam feito a ressalva de que os natalenses não tinham acesso à obra cascudiana e, por isso, desconheciam o conteúdo e ignoravam a repercussão nacional e internacional de seus livros:

> A cidade em que nasceu e viveu o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo, conhece nada ou muito pouco sobre suas obras publicadas. É verdade que quando se fala de Câmara Cascudo não há quem não tenha ouvido falar neste nome, sobretudo, no dia de ontem quando foi realizado seu sepultamento e o assunto dominante na imprensa, nos noticiários de rádios e emissoras de televisão era a sua morte.
>
> Manoel Teotônio de Melo, 63 anos, comerciante aposentado e hoje corretor de imóveis, sabia, por exemplo, que Cascudo tem muitos livros publicados, embora nunca tenha lido nenhum deles, talvez por "relaxamento" – justificou.
>
> (...).
>
> Ana Maria Nunes Batista, 23 anos, e Lênio Soares Galvão, 22 anos, ambos estudantes do curso de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, queixam-se de que "Câmara Cascudo ainda não teve a atenção que deveria ter nas escolas".[124]

Logo, como homenagem, não bastava simplesmente reeditar seus livros que, pelo acesso a um público restrito ou pelo desinteresse dos potenciais leitores, poderiam continuar pouco conhecidos pelo público local. Era preciso ir além e chamar a atenção para o sujeito por trás do escritor, destacando seu viver, seu trabalho e seus méritos intelectuais, de modo a despertar um efetivo interesse por sua obra. Se era essa obra que nos imputava um *dever de memória*, deveríamos conhecê-la melhor. Algo que seria possível através da compreensão do universo pessoal do escritor e da recordação constante de sua vida intelectual pública –

[123] BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 90-91.
[124] NATALENSE não leu obra do historiador. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 ago. 1986.

elementos que estimulariam o acesso a seus livros e despertariam pesquisas e estudos acerca de seus conteúdos e afirmações. Enfim, enquanto estudioso de questões populares, era urgente transformá-lo em um autor popular para que, de fato, seus livros fossem consultados e para que ele fosse realmente lembrado por seus escritos.[125] A imortalização pela obra só estaria garantida se a bibliografia cascudiana estivesse facilmente disponível por meio de reedições frequentes e pudesse alcançar um fiel público leitor.

Com isso, chegou-se à noção central que iria nortear todas as propostas para a memória cascudiana daquele momento em diante, inclusive a principal delas: o Memorial Câmara Cascudo. Assim como ele próprio havia pretendido com o livro autobiográfico *Antes da Noite*, nessa outra fase do diálogo promovido na imprensa local foi estabelecida a negação da morte do escritor e se configurou uma preferência por sua vida, enfatizando os aspectos contribuintes e constituintes de sua trajetória intelectual na *província* – espaço, vale frisar, ora entendido como a cidade do Natal ora como o estado do Rio Grande do Norte. Os discursos que ordenaram e deram sentido a esses fatos definiram que o escritor e sua obra deveriam permanecer vivos, possibilitando a criação de uma memória cascudiana.

Talvez por essa razão, o cemitério foi encarado como *lugar do esquecimento*.[126] Não houve, ou pelo menos não localizei nas fontes, qualquer proposta que considerasse o túmulo do escritor no cemitério do Alecrim, em Natal, como um lugar onde fosse possível ser evocada a sua memória pela coletividade – excetuando-se os discursos pronunciados durante o funeral que, em função do próprio gênero discursivo, possuíam esse cunho evocativo. Na medida em que as práticas que definem esse espaço e que o fazem existir enquanto tal estão permeadas por lembranças de momentos passados, era plausível que o cemitério onde Câmara Cascudo foi sepultado se transformasse em mais um *lugar de memória* – no sentido de um lugar onde podemos compensar uma perda fazendo dela memória. Não se trata de formular contrafactuais e cogitar a possibilidade do surgimento de uma romaria popular ao túmulo do escritor, mas sim de considerar que, em um primeiro momento, a *morada final* é geralmente encarada como um estímulo à lembrança. Assim como a casa, onde cada lugar vazio remetia à perda e à ausência do sujeito que ali viveu, o túmulo também poderia sugerir essa concepção de memória.

Entretanto, ao invés de ter sido entendido como um lugar onde a memória se refugia, seu túmulo ganhou o significado de lugar onde o esquecimento era mais iminente – pelo

[125] CASCUDO, Daliana. Infelizmente Cascudo não é um autor popular. Entrevistador: Hayssa Pacheco. *Diário de Natal*, Natal, 20 dez. 2006.
[126] O termo é da autoria de WEINRICH, Harald. *Lete:* arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

menos quando se refere a uma possível utilização memorialística pela sociedade norte-rio-grandense. Nesse caso, para usar as palavras de Cascudo, o espaço tumular se tornou local da memória do morto e não de *gente viva*.[127] Como o referencial era viver, para manter o escritor vivo pela memória era necessário seguir uma das máximas cascudianas e esquecer-se de quaisquer aspectos que se referissem à morte e definissem um morto, fazendo-o existir: "a Morte existe; os Mortos não!".[128] No debate público em torno de sua memória, optou-se por discutir propostas que remetessem e significassem a vida e não a morte do escritor, atribuindo sentidos positivos aos lugares e/ou aspectos memorialísticos que estivessem cotidianamente praticados no mundo dos vivos: nas ruas e nas instituições culturais da cidade.

Na condição de lugar pouco frequentado ou frequentado apenas em situações extraordinárias, o cemitério era encarado como propenso ao esquecimento. Por sua vez, o túmulo foi deixado à alçada da família. Como é de direito, naquele momento, o cemitério ficou assegurado como uma dimensão mais íntima e privada da recordação. Seja para culto religioso/cristão seja para culto memorialístico, o túmulo do escritor dizia respeito a seus entes mais próximos ou, pelo menos, cabia para manifestações mais discretas e pessoais – como o terço que havia sido rezado no anonimato após o término do funeral e que, na época, virou notícia.

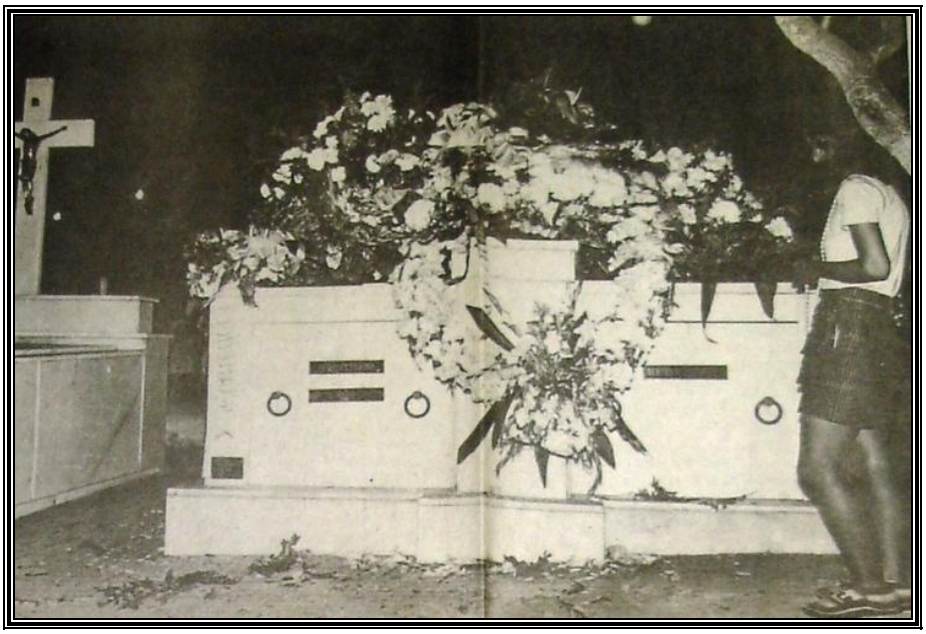

Imagem 5 Depois de tudo, das honras, dos discursos, da presença de autoridades, um terço anônimo, a homenagem do povo que Câmara Cascudo tanto amou. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.

[127] CASCUDO, Luís da Câmara. *Gente viva.* 1. ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
[128] *Id.*, *Ibid.*, p. 09.

Em virtude de todo o debate que vinha sendo realizado, fica claro o porquê desse entendimento: *recordar era viver* e o espaço do cemitério não era o lugar mais favorável a esse tipo de recordação, uma vez que haveria ali uma constante ameaça do esquecimento. Como afirma Harald Weinrich, "a morte é o mais poderoso agente do esquecimento". Ainda que os homens ergam "trincheiras de recordação contra o esquecimento da morte", essa memória estará sempre ameaçada pelo signo da finitude e pela promessa do esquecer.[129] Daí porque em momento algum foi cogitado a transformação do túmulo do escritor em uma homenagem póstuma a partir da qual lhe seria feito memória. O túmulo onde foi sepultado Cascudo e haviam sido enterrados seus pais era espaço íntimo da família Cascudo. Como permanece sendo, era um *lugar de memória* familiar.

Outra explicação para o modo como a memória cascudiana era pensada nesse debate via jornal e pelo qual ela seria configurada ao longo do diálogo – a noção de uma *memória viva* – diz respeito à forma como o próprio Cascudo definiu em seus escritos a relação entre vida e memória em oposição à relação entre morte e esquecimento. Na medida em que se buscava instituir uma memória para o escritor que seguisse uma configuração biográfica por ele mesmo fornecida, em referência ao citado livro *Antes da Noite*, essa oposição entre vida e morte e/ou memória e esquecimento esteve com frequência na pauta das discussões, retomando argumentos presentes ao longo de toda a obra cascudiana. Em sua bibliografia, indiretamente, ele refletiu acerca do impacto da morte sobre a memória coletiva. Por meio de análises acerca dos efeitos do fluxo temporal sobre os espaços rurais e urbanos, sobre os homens de seu tempo e de outrora e sobre as manifestações culturais ditas tradicionais e que estariam sob a ameaça de descaracterização e desaparecimento, ele procurou demonstrar pela escrita como o esquecimento era uma consequência da finitude humana.[130] Ou seja, para ele a morte levava ao esquecimento.

Mesmo não tendo escrito um trabalho mais amplo e de cunho teórico para esclarecer sobre o que entendia como memória e esquecimento, Cascudo nos deixou, em momentos diversos e esparsos de sua obra, algumas reflexões acerca da definição de memória que guiou seus estudos e seu resoluto trabalho intelectual contra o esquecimento. Ao longo de sua vida, ele exerceu a função de cronista do cotidiano natalense em periódicos. Nas páginas dos jornais natalenses *A Imprensa* (anos 1910 e 1920), *A República* (de finais dos anos 1920 aos anos 1960, com reedições até o final da década de 1980) e *Diário de Natal* (de finais dos anos 1930 em diante), ele dedicou centenas de artigos ao tema da finitude. Nessa condição, ao se

[129] WEINRICH, Harald. *Lete:* arte e crítica do esquecimento, 2001. p. 49.
[130] CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In:___. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. p. 55-85.

deparar com a destruição ou com a morte, que provocava os apagamentos do passado ou o afastava das pessoas que lhe eram queridas, ele costumava elaborar uma espécie de crônica necrológica para registrar o fato e elogiar aquilo ou aquele que deixava de existir.[131]

Para ele, memória era arbítrio da contemporaneidade que decidia o quê, quem e como lembrar. Enquanto isso, o esquecimento era o efeito do tempo e da distância entre o passado e o presente. Apesar desse tipo de texto ter aparecido em crônicas espalhadas ao longo de toda sua atividade jornalística, foi, no meu entender, em uma crônica de 1960 que ele elaborou a definição mais clara acerca do que entendia por memória e esquecimento. Categorias definidas por ele enquanto ações humanas que existiam por meio de uma relação mútua e de constante tensão. Intitulando esse pequeno texto de *Memória e Mistério*, Cascudo se propôs a refletir acerca do que chamou de "mecânica da memória popular", isto é, ele buscava entender quais eram "os nomes que resistem [ao tempo] e porque resistem e quais são os processos do esquecimento para nomes que eram espetacularmente ilustres...".[132]

Tomando como elemento de observação o fato de sujeitos serem esquecidos rapidamente, efeito compartilhado pela epígrafe de Machado de Assis de tanta recorrência nos textos cascudianos (*Les morts vont vite*[133]), Cascudo se questionou acerca do fato de sujeitos convencidamente crédulos na própria eternidade serem esquecidos imediatamente após a morte. Segundo ele, existiriam "mistérios de fixação imprevisíveis" por trás da memória coletiva futura que, a juízo de cada época, poderiam apagar "glórias imortais" ou ressaltar nulidades sociais:

> Entende-se que essa "glória imortal" é decretada pela contemporaneidade e sempre os contemporâneos são péssimos julgadores.
>
> (...).
>
> Graças a Deus a memória é uma selecionadora que não pede licença para fixar ou eliminar. Não há quem possa decidir sobre a presença do nome ilustre no futuro.
>
> (...).
>
> Para manter-se, por algum tempo, um nome é preciso a mesma eterna vigilância interesseira da cobertura radiofônica e jornalística num produto comercial. Mesmo assim, devem ter notado, os produtos passam de moda e da lembrança como as criaturas humanas.[134]

---

[131] CASCUDO, Luís da Câmara. Cussy... *A República*, Natal, 04 out. 1938.
Id., Minha madrinha Filó. *A República*, Natal, 21 jul. 1946.
Id., A chaminé defunta. *A República*, Natal, 02 fev. 1949.
Id., Defendendo a cidade!. *A República*, Natal, 20 jul. 1949.
[132] *Id.*, Memória e mistério. *A República*, Natal, 18 fev. 1960.
[133] *Id.*, Doutor Souto. *A República*, Natal, 18 mar. 1942.
[134] *Id.*, Memória e mistério. *A República*, Natal, 18 fev. 1960.

No caso dessa crônica, há de se considerar seu contexto de produção e, portanto, sua historicidade, apontando para uma leitura que justifica a atividade do cronista ao escrever sobre "criaturas humanas" de outrora que, nos anos 1960, estariam à mercê do julgamento da contemporaneidade para não serem esquecidas. Para Cascudo, uma sociedade contemporânea não poderia emitir um juízo adequado acerca de pessoas que viveram em tempos pretéritos. Só o conhecimento do passado permitiria aos sujeitos do presente discernir nomes dignos de memória e nomes fadados ao esquecimento. Isso respaldava a função do próprio historiador e cronista que, ao mensurar o valor dos sujeitos por meio da época em que viveram, seria capaz de ajuizar opinião e fazer memória. Ao refletir acerca dos mistérios da memória, ele buscava entender como a passagem do tempo era prejudicial à seletividade do passado e, com isso, buscava justificar sua vigilância jornalística em torno de nomes que, não fossem suas crônicas, ultrapassariam a iminência e entrariam no ocaso do esquecimento.

Por outro lado, ao se preocupar com a finitude humana e sugerir o que entendia por memória, ele nos apontou possibilidades de pensar os modos pelos quais sua própria memória foi transformada em projeto. Nesse sentido, não se trata de recuar a significação da memória cascudiana dos anos de 1980 para os anos de 1960, mas de perceber como sua atividade de cronista esteve pautada na preocupação em fazer memória de norte-rio-grandenses dignos "de citação e exemplo" e, portanto, contribuiu para a elaboração de um conceito cascudiano de memória.[135] Assim como Michelet, havia um interesse de Câmara Cascudo em atravessar o "sombrio rio dos mortos"[136] – naquilo que Margarida Neves chamou de uma dimensão mnemônica da obra cascudiana, na medida em que ele assumiu o papel de promover a ressurreição do passado: "no exercício de sua função intelectual, [Cascudo] atua como o *mnemom*, o homem-memória dos tempos de outrora, e assume a função de guardião daquilo que deve ser lembrado por uma determinada sociedade (...)".[137]

Com efeito, o significado de memória utilizado por Câmara Cascudo se configura como um exercício intelectual em incessante desafio ao tempo, selecionando lembranças e evitando o esquecimento. Uma preocupação com o fluxo temporal estava na base dessa operação intelectual, cunhando uma definição de memória que se constituiu em uma verdadeira barreira de contenção diante do devir. Aquilo que ele chamou de uma "visão imóvel" que objetivava recuperar uma pretensa impressão inicial "gravada na placa ainda

[135] CASCUDO, Luís da Câmara. Rafael Arcanjo Galvão. *A República*, Natal, 24 out. 1942.
[136] *Id.*, Os da longa viagem... *A República*, Natal, 03 jan. 1942.
[137] NEVES, Margarida de Souza. Artes e ofícios de um "provinciano incurável". *Projeto História,* São Paulo, n. 24, p. 65-85, jun. 2002. p. 77.78.

virgem da sensibilidade inicial".[138] Nesse sentido, para Cascudo, não existia memória sem esquecimento; havia memória porque havia a ameaça do esquecimento. É pela negação do esquecimento que seu conceito de memória está formulado. Se a contemporaneidade não possuía outros critérios seguros para recordar a não ser o recurso ao passado, manter esse passado vivo seria a garantia da memória.

Foi com essa lógica que, através de suas crônicas, ele se propôs a registrar e proteger manifestações tradicionais da cultura local, cartografar e patrimonializar os espaços históricos de sua terra e, principalmente, ressuscitar velhas figuras do passado norte-rio-grandense derribadas "antes da noite, no meio dia da esperança e do sonho".[139] Diante do esquecimento manifesto, ele ofereceu seu ofício intelectual como alternativa de lembrança. Para ilustrar tal postura, uma observação nas já referidas crônicas oferece inúmeros exemplos: sobre o Doutor Barata – "Enterrado na soleira da Igreja do Senhor Bom Jesus da Ribeira, o Tempo apagou o letreiro do túmulo, o lugar do sepulcro e, nas almas apressadas, a lembrança do morto";[140] acerca do Doutor Antunes – "Desapareceu em silêncio. Os raros amigos a Morte levou. Ninguém o recorda. Acidentalmente o seu nome emerge, do fundo do Passado, como uma reminiscência inconsciente";[141] e em relação ao Miguelzinho da Gamela – "O Tempo, como a uivante ventania das praias, arrancou-lhe a cruz do sepulcro, como apagou seu nome triste do coração apressado dos homens".[142]

Suas crônicas jornalísticas de história se configuram, assim, em uma memória da/para a cidade, dando nova vida aos seus conterrâneos mortos e, sobretudo, esquecidos. Aos quais ele classificava, a despeito do fato de estarem esquecidos, como os sujeitos mais representativos de épocas anteriores. Esse é o caso do capitão da Polícia Militar do Rio Grande do Norte no Império, Focio Joaquim do Rego Barros, a quem ele lamentou a perda e novamente atribuiu importância: "Seu sepultamento arrastou quase toda a população num acompanhamento melancólico, seguindo o féretro de uma das criaturas mais populares e queridas da cidade do Natal".[143] Curiosamente, anos mais tarde, esse mesmo tipo de narrativa seria utilizada para anunciar a morte do cronista e para destacar sua importância social e intelectual.

---

[138] CASCUDO, Luís da Câmara. A visão imóvel. *Diário de Natal*, Natal, 13 dez. 1947.
[139] CASCUDO, Luís da Câmara. Depois que a morte passou... *A República*, Natal, 22 dez. 1948.
[140] *Id.*, Doutor Barata. *A República*, Natal, 30 jan. 1942.
[141] *Id.*, Doutor Antunes. *A República*, Natal, 22 ago. 1942.
[142] *Id.*, Miguelzinho da gamela... *A República*, Natal, 14 mar. 1943.
[143] *Id.*, Comando da Polícia Militar durante o Império. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 53, p. 21-28, 1960. p. 25.

A morte, pois, parece ser o elemento que fez Cascudo constantemente refletir sobre a relação entre a memória e o esquecimento, definindo uma concepção particular para as atividades mnemônicas e compondo uma preocupação com a possibilidade dele próprio não ser lembrado. Ao ser capaz de perceber que a imortalidade pela memória não era uma garantia humana, por depender consideravelmente da ação dos vivos, Cascudo definiu o esquecimento como uma dupla morte. O que significa defender que memória demandava vida, enquanto morte resultava em esquecimento. Pior do que morrer era ser esquecido, era não ser lembrado. Reproduzindo suas palavras: "quem *Mortem vincit*, precisa vencer o Esquecimento, a morte civil nos corações ingratos".[144]

Por isso, Cascudo negava a Morte (com inicial maiúscula para conferir destaque) e não aceitava o Esquecimento (também grafado em maiúsculo). Ao usar a crônica para comentar o falecimento de seu amigo Afrânio Peixoto, ele sentenciou:

> Sócrates negava o poder da Morte. Para ele a verdadeira Morte era o Esquecimento. A Morte pode retirar a criatura da Vida e colocá-la, inteirinha, dentro de um pensamento pelo milagre da saudade e pelo processo da memória. O Esquecimento envolve o nome num manto de cinza. E cada dia nova chuva de cinzas cai do céu, reforçando as camadas que separam quem viveu dos que vivem.[145]

A ação do cronista, que observava o cotidiano e a partir dele se remetia ao passado para fazer memória, seria justamente uma iniciativa visando retirar a poeira que cobria os documentos e buscando remover as cinzas depositadas sobre os monumentos, deixando vizualizar sujeitos e temporalidades cujo esquecimento havia separado dos vivos e os restituindo à admiração "numa demonstração pública de saudade".[146] Nessa perspectiva, o esquecimento é definido como a passagem do tempo e a distância que separa vivos e mortos. Para Cascudo, então, a memória seria a anulação dessa distância (leia-se esquecimento) e a garantia de manutenção do passado que, por extensão de sentido, sustenta também seu conceito de história como continuidade e não como ruptura: "Nós somos os nossos antepassados que vivem. (...). O *Presente* é o *Passado* de amanhã, madrugada do dia próximo, sinal luminoso que depressa se some na Morte. Quem vive, seja qual for a profissão, veleja sempre na sombra do rio dos *Mortos*, como dizia Michelet".[147]

---

[144] CASCUDO, Luís da Câmara. Tentou vencer as estrelas, venceu a morte! *A República*, Natal, 20 jul. 1943.
[145] *Id.*, Mestre Afrânio. *Diário de Natal*, Natal, 16 jun. 1947.
[146] *Id.*, Os da longa viagem... *A República*, Natal, 03 jan. 1942.
[147] *Id.*, Resposta ao mais amável dos anônimos. *A República*, Natal, 16 jan. 1940.

Disso resulta a formação dos pares conceituais vida e memória e morte e esquecimento. Essas definições assumiram centralidade na forma como o escritor Luís da Câmara Cascudo atribuiu significado ao tempo e produziu temporalidades em seus escritos e, consequentemente, configuraram a maneira em que ele elaborou suas narrativas acerca do passado – seja enquanto história seja enquanto memória. Diante desse transcurso do tempo, surge uma memória entendida como esforço para manter vivo, pela lembrança, aquilo que estaria ameaçado pela verdadeira morte: o esquecimento. Em suas crônicas, reproduzindo uma última vez, ele escreveu:

> É preciso levar para os espíritos a seiva eterna dessa lembrança. Não ter o culto da Morte, mas o respeito aos Mortos, vivos pelo exemplo e pelo trabalho. (...). A forma única, e verdadeiramente completa da Morte é o Esquecimento. No mais, é apenas uma modalidade da ausência. E, para os que crêem na vida-eterna, essa ausência é um período de viagem.[148]

Portanto, como pudemos verificar, a própria concepção cascudiana de memória e de esquecimento formulada em seus escritos, notadamente em suas crônicas, serviu para embasar a argumentação dos debatedores em favor da memória desse escritor no contexto de sua morte, em 1986. Os intelectuais, políticos e jornalistas que promoveram tal debate encararam o falecimento do escritor como uma última viagem ou como uma ausência sentida, de modo a negarem a morte enquanto potencial esquecimento ou, paralelamente, de modo a recusarem o esquecimento como consequência da morte. Tal como os sujeitos que procurou restituir à memória coletiva, Cascudo foi transformado em motivo de textos com intenções memorialísticas, reiterando um enredo e definindo uma concepção de memória que, claramente, tinha origem nas ideias daquele que estava sendo lembrado por meio de homenagens póstumas. Câmara Cascudo, em fase de imortalização, participando ele próprio do debate em favor de sua memória, na medida em que forneceu indiretamente os argumentos e as definições que iriam constituir a lembrança de sua vida e de sua obra: a noção de uma *memória viva*.[149]

---

[148] CASCUDO, Luís da Câmara. Dia do patrono. *A República*, Natal, 12 mar. 1940.

[149] Simbolicamente, *Memória Viva* é o nome de um *site* que se propõe a "manter acesa a lembrança dos grandes nomes da História do país". Em especial, dedica-se a divulgar personagens culturais norte-rio-grandenses. Dentre os escritores que foram biografados e tiveram elementos de sua obra disponibilizados por esse endereço eletrônico, existe uma seção destinada à memória cascudiana – página que foi lançada junto às comemorações do centenário de nascimento do escritor, em 1998. Além disso, *Memória Viva* é o nome de um programa de entrevistas exibido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (TVU) a partir dos anos de 1980. Entre os seus depoentes, esse programa contou com a participação do próprio Câmara Cascudo. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/> e <www.tvu.ufrn.br/navegacao/programacao>. Acesso em: 18 jun.2013.

1.3 Há uma vaga de gênio na cultura[150]

Uma das primeiras versões apresentada – e de fato implementada – para instituir essa referida *memória viva* de/para Câmara Cascudo teve origem na Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL), imediatamente após o falecimento do escritor. Tendo como referencial a crença em uma imortalidade intelectual cascudiana, já na manhã do dia 31 de julho de 1986, os jornais locais atribuíram destaque à iniciativa do presidente da Academia de Letras local, Diógenes da Cunha Lima (ex-aluno, amigo e um dos principais biógrafos de Cascudo), no sentido de propor alterações nos estatutos da instituição para reduzir o número de cadeiras de 40 para 39, "imortalizando" a cadeira nº 13 e, com isso, deixando o assento cascudiano permanentemente vacante.[151]

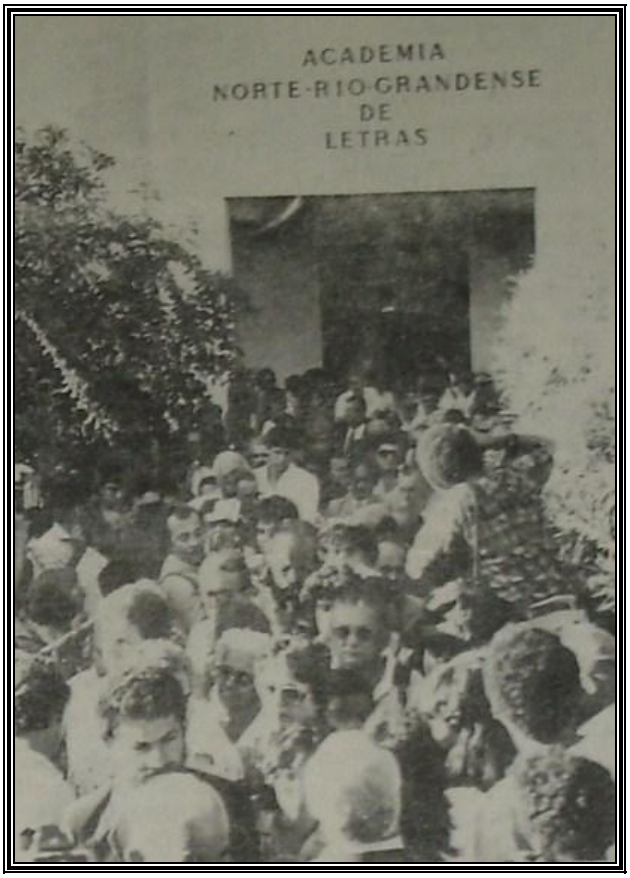

Imagem 6 Academia Norte-rio-grandense de Letras, local onde ocorreu o velório de Câmara Cascudo.

A República, Natal, 01 ago. 1986.

[150] HÁ uma vaga de gênio na cultura. *Diário de Natal*, Natal, 31 jul. 1986.
[151] CADEIRA vaga. *Diário de Natal*, Natal, 31 jul. 1986.

Em uma lógica de imortalidade, cuja inspiração advém do lema *ad immortalitatem* da Academia Brasileira de Letras, aqueles que são admitidos em Academias literárias passam a ser identificados como imortais, na medida em que suas obras, de valor literário qualificado e reconhecido por essas próprias instituições culturais, seriam capazes de perpetuá-los. Quando do falecimento de Cascudo, simbolicamente, seu corpo foi velado nas dependências da Academia Norte-rio-grandense de Letras – cercado por seus pares e recebendo as derradeiras homenagens justamente em um local que remete para a sua contribuição à produção de cultura, ao mobilizar escritores, fundar órgãos culturais e ampliar o cenário letrado potiguar. No simbolismo do lugar escolhido, o velório do fundador da Academia de Letras no estado do Rio Grande do Norte ocorreu no lugar onde a escrita seria capaz de imortalizar aqueles que partiam do convívio diário.

Durante aquele momento em que a comunidade, em sentinela, prestava suas últimas homenagens a Cascudo, Diógenes da Cunha Lima apresentou sua proposta de homenagem à memória do *falecido imortal:*

> O presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, escritor Diógenes da Cunha Lima, declarou ontem, quando acompanhava o corpo do historiador Luís da Câmara Cascudo, que vai propor ao plenário da Academia a mudança nos estatutos da entidade para declarar vaga, permanentemente, a Cadeira nº 13, que teve como fundador e único ocupante o grande folclorista natalense.
>
> Na opinião de Diógenes, autor de um livro sobre o escritor, "Câmara Cascudo, um brasileiro feliz", a substituição de Cascudo é uma tarefa impossível para a contemporaneidade porque ele foi além do talento como há [sic] [comum a] muitos intelectuais talentosos. "Cascudo é o gênio e ninguém pode substituir um gênio".
>
> Além de fundador da Academia, onde conviveu cinquenta anos – este ano [1986] a Academia completa seu cinquentenário – Câmara Cascudo nunca aceitou pertencer a outra Academia de Letras, nem mesmo à Academia Brasileira de Letras, inclusive diante de pedidos unânimes para lançar sua candidatura. Essa sua demonstração de amor será perpetuada pela decisão de manter, a partir de agora, sua cadeira vaga para sempre.[152]

A proposta de Diógenes da Cunha Lima nos leva, de imediato, a fazer uma reflexão sobre a importância intelectual de Cascudo para o meio letrado local, percebendo-o como expoente da produção cultural no Rio Grande do Norte. Essa posição exponencial foi bastante reforçada pelo conjunto de notícias publicadas nos jornais natalenses, nos quais muitas matérias fizeram recorrentes menções a uma extraordinária capacidade intelectual cascudiana. Particularmente o presidente da Academia de Letras, em reiteradas vezes, elevou esse

[152] CADEIRA vaga. *Diário de Natal,* Natal, 31 jul. 1986.

expoente à categoria de uma genialidade criativa. Dimensão que, para Diógenes da Cunha Lima (no que se refere especificamente aos escritores do estado do Rio Grande do Norte), seria exclusividade da obra de Cascudo. Em virtude dessa concepção de genialidade, os jornais foram enfáticos em anunciar a existência de uma "vaga de gênio na cultura" norte-rio-grandense deixada pelo falecimento do historiador e folclorista. Não podemos desconsiderar a emotividade e a expressividade daquele momento, de modo que muitos arroubos discursivos se tornaram possíveis porque, para os representantes do meio letrado local, Cascudo era uma unanimidade intelectual, orientando e exercendo influências sobre os demais escritores e despertando sentimentos de profunda admiração entre seus pares – inclusive, no propositor da referida homenagem.

Ao fazer uso desse tipo de discurso e ao levantar esse tipo de proposta, a intenção de Diógenes (como é mais comumente chamado) era prestar uma homenagem em nome da instituição que representava, a Academia Norte-rio-grandense de Letras, *imortalizando* o assento de número 13, até então unicamente ocupado por Cascudo, para que a cadeira permanecesse "para sempre insubstituível, reforçando a imagem de imortalidade do mestre".[153] O principal argumento que sustentou essa proposta era relativamente simples: não haveria alguém com nível intelectual capaz de substituir o renomado escritor. Em virtude da quantidade de livros publicados, do amplo universo de estudos a que se dedicou e da inédita e extensa projeção nacional e internacional de um potiguar residente no próprio estado, Câmara Cascudo seria insubstituível. Sua morte teria deixado em aberto uma vaga de gênio na cultura norte-rio-grandense. No entanto, paradoxalmente, nenhum outro escritor poderia se candidatar a essa vaga, uma vez que, na opinião da intelectualidade local, outros não dispunham de igual talento, produtividade e prestígio: "no Rio Grande do Norte não há ninguém suficientemente qualificado para substituí-lo".[154]

---

[153] INTELECTUALIDADE do RN reverencia Câmara Cascudo. *A República,* Natal, 01 ago. 1986.
Ainda segundo os jornais locais, havia o interesse de Diógenes da Cunha Lima em nomear a sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras de "Casa Câmara Cascudo" e de transformar Cascudo no patrono da instituição.
DIÓGENES vai propor que cadeira de Cascudo não seja mais ocupada. *A República,* Natal, 01 ago. 1986.
Apesar de não ter sido amplamente historiado por esta pesquisa, o empréstimo do nome de Cascudo para patronear a Academia e para batizar a sede da instituição aparece em vários momentos na documentação levantada como tendo sido efetivado. Por exemplo, no contexto da candidatura, eleição e posse do ex-prefeito de Natal e ex-governador do Rio Grande do Norte Sylvio Piza Pedroza para a ANRL, ocorrida entre 1994 e 1996, há menções a sua admissão à "Casa de Câmara Cascudo", "que tem como fundador e patrono o maior historiador de todos os tempos do Rio Grande do Norte".
PETROVICH, Enélio Lima. *[Correspondência enviada a Sylvio Piza Pedroza]*. Natal, 05 out. 1994. Carta. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.
RODRIGUES, João Batista Cascudo. *[Correspondência enviada a Sylvio Piza Pedroza]*. Brasília, 15 out. 1996. Carta. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.
[154] LIMA, Diógenes da Cunha. In: CASCUDO sepultado com honras de Estado. *Tribuna do Norte,* Natal, 01 ago. 1986.

Conforme o entender do presidente dessa entidade cultural, não haveria outro escritor no Rio Grande do Norte que, efetivamente, tivesse méritos intelectuais para ocupar a cadeira de número 13 da Academia de Letras. Em suas palavras: "Luís da Câmara Cascudo foi o único homem de gênio do Rio Grande do Norte. Aqui existem talentos, mas gênio, só ele". [155] Tal iniciativa foi publicada em todo o noticiário acerca da morte de Cascudo e, mesmo antes de ser apreciada em assembleia pela Academia, já parecia ganhar o apoio de alguns políticos, jornalistas e intelectuais. Nesse sentido, o igualmente acadêmico da ANRL e presidente da Fundação José Augusto, jornalista Paulo Macedo, também propôs a imortalização da cadeira de Câmara Cascudo. Sem deixar claro se essa era uma proposição sua ou se apenas apoiava a iniciativa de Diógenes da Cunha Lima, Paulo Macedo publicou em sua coluna no jornal *Diário de Natal* a seguinte opinião:

> (...). Muita coisa será divulgada em rádios, jornais e televisão a partir de agora sobre o grande vulto das letras nacionais, que tanto honrou e dignificou a sua terra, da qual nunca quis sair, emocionou com o seu trabalho, a sua obra, e a sua genialidade, a gente potiguar.
>
> A sua cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras não devia ser declarada vaga, para não vir a ser preenchida. Foi a única Academia que ele aceitou pertencer, por isso e pelo seu valor imensurável, devia a Academia conservá-lo na cadeira nº 13.[156]

Como a decisão de imortalizar a cadeira nº 13 ia de encontro ao que preconizava os estatutos da Academia Norte-rio-grandense de Letras, era necessário promover uma alteração no documento que regulamentava a instituição. Para os defensores dessa proposta, a modificação dos estatutos seria plenamente justificável quando se tratava de homenagear aquele que havia criado a Academia e que, pela centralidade exercida e pela ampla rede intelectual mobilizada, havia sido o principal responsável pelo funcionamento e pelo prestígio social adquirido pela ANRL. Haveria, portanto, uma forte relação de proximidade entre a história de vida do acadêmico recém-falecido e a existência da própria instituição, legitimando a proposição desse tributo.

Nesses termos, com raras exceções, as declarações publicadas acerca de tal questão estavam em acordo de que a homenagem era justa porque destacava a atuação cascudiana no sentido de compor uma coletividade intelectual que resultou na criação de uma Academia de Letras no Rio Grande do Norte. Ao tentar historiar esse processo de criação da ANRL,

---

[155] LIMA, Diógenes da Cunha. In: INTELECTUAIS e políticos louvam o apego à terra. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jul. 1986.
[156] MACEDO, Paulo. [s. t.]. *Diário de Natal*, Natal, 31 jul. 1986.

deparei-me com artigos de jornais que reforçam essa mobilização cascudiana no intuito de criar um espaço voltado à reunião e à associação dos escritores locais – elemento que estava entre as justificas que nortearam a proposta de homenagem formalizada por Diógenes da Cunha Lima.

Em 1934, por exemplo, Cascudo publicou um artigo no jornal *A República* no qual chamou a atenção para a necessidade de uma cooperação intelectual em favor da literatura norte-rio-grandense que, para ele, estaria dispersa e desmobilizada. Ainda segundo ele, nossa literatura estaria descaracterizada pela impossibilidade de diálogos que resultassem em intervenções e contribuições sociais. Para quem vinha atuando como crítico literário desde os anos 1920, era preciso consolidar uma tradição literária local e reverter a situação que considerava de inércia intelectual no Rio Grande do Norte.[157] Em suas palavras:

> Várias vezes tenho tentado fundar em Natal uma associação que reúna o elemento intelectual. As respostas timbram, modestamente, pela recusa. Quase toda gente tem um pavor a ser intelectual. O título de literato chega a ser pejorativo. Uma verdadeira delícia é ver o riso superior e desdenhoso com que se ouve falar da necessidade intelectual nestas terras amáveis do Rio Grande do Norte.
>
> (...). A solidão intelectual do Estado é um dos aspectos mais lastimáveis em toda nossa História mental.
>
> (...).
>
> Aqui fica, alto e forte, o meu brado de angústia e de vergonha por não ter em minha terra nenhuma sociedade que represente o esforço mental de meus patrícios em todo o esplendor de sua criação.[158]

De acordo com Câmara Cascudo, entre idas e vindas, essa cooperação foi concretizada apenas entre os anos de 1936 e 1937, quando a Academia Norte-rio-grandense de Letras foi, respectivamente, criada e instalada de maneira regular. Conforme artigo que escreveu em 1949 para tratar da organização inicial da ANRL, havia sido de sua própria autoria (em uma reunião com o jornalista conterrâneo Aderbal de França[159]) a elaboração do projeto, o convite aos escritores, a indicação dos patronos e a criação da instituição: "todos os acadêmicos fundadores foram, sem exceção, convidados por mim. Em nossa casa, ou melhor na sala e alpendre, fizemos as primeiras sessões preparatórias".[160]

---

[157] Em grande medida, dois dos primeiros livros cascudianos (*Alma patrícia*, de 1921 e *Joio*, de 1924) expressaram essa preocupação com a constituição de uma tradição literária no Rio Grande do Norte, atuando como crítico literário e selecionando uma plêiade de escritores para agrupá-los sob a definição de literatura norte-rio-grandense. Além disso, ainda nos anos de 1920, Cascudo publicou artigos e resenhas literárias em jornais e revistas com esse perfil intelectual de crítico de literatura, destacando-se por seu envolvimento e participação nas reuniões e publicações do Centro Polymathico – associação literária norte-rio-grandense existente, durante alguns anos, no início do século XX.

[158] CASCUDO, Luís da Câmara. Necessidade de cooperação intelectual. *A República,* Natal, 11 nov. 1934.

[159] Jornalista natalense que também aparece na documentação com os nomes Adherbal França e Aderbal França.

[160] CASCUDO, Luís da Câmara. Há treze anos... *A República,* Natal, 09 ago. 1949.

Anos mais tarde, a *Revista da Academia* publicou uma matéria reiterando a atuação de seu fundador ao sensibilizar e convocar "as maiores expressões intelectuais da terra", lançando as bases para o desenvolvimento da instituição: a "concretização [da ANRL] no tempo resultou não só no esforço dos vintes [sic] fundadores, mas sobretudo do impulso inicial, da fé e do entusiasmo que ele [Cascudo] soube instalar nos seus companheiros e continuadores".[161] Isso significa dizer que Cascudo esteve em posição de centralidade entre os fundadores da Academia, sendo o responsável por selecionar e reunir um conjunto de escritores com os quais ele próprio interagia e se identificava. Em face mesmo dessa autoridade cascudiana no processo de criação e consolidação da entidade, sob sua regência, foi composto um coletivo de escritores que passaram a se definir e a se encontrar enquanto uma intelectualidade norte-rio-grandense.

Destacando-se entre os fundadores da ANRL, Câmara Cascudo foi o primeiro e, até então, o único ocupante da cadeira número 13, cujo patrono é o historiador Luis Fernandes.[162] Apesar da criação dessa instituição está ligada a sua atuação como crítico literário, a escolha de um historiador como patrono tem a ver com o lugar de autoria que Cascudo passava a ocupar entre o final dos anos de 1920 e início dos anos de 1930: o de historiador. Essa posição intelectual em torno do estudo do passado se deu por meio da sua admissão ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (respectivamente em 1927 e 1934) e por meio da publicação de algumas biografias de personalidades históricas, tais como: *López do Paraguay* (1927), *O Conde d'Eu* (1933), *Em memória de Stradelli* (1936) e *O Marquês de Olinda e seu tempo* (1938).[163]

No seu discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras, Câmara Cascudo procurou explicar o porquê da escolha do historiador Luis Fernandes para patrono da cadeira nº 13, garantindo a presença de Clio entre as variantes da expressão literária: poesia,

---

[161] LUÍS da Câmara Cascudo – o fundador. *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*, Natal, 1976. Sem paginação.

[162] Segundo o próprio Cascudo, Luis Manuel Fernandes Sobrinho nasceu na cidade de Caraúbas, interior do Rio Grande do Norte, em 28 de fevereiro de 1856; e faleceu em Natal, no dia 21 de setembro de 1935. Atuou como advogado, promotor, juiz, desembargador e deputado estadual. Em termos culturais, destacou-se por suas pesquisas acerca da história local. Entre seus trabalhos mais conhecidos está um estudo sobre a imprensa periódica no Rio Grande do Norte, no qual historiou jornais que circularam no estado entre 1832 e 1908.
FERNANDES, Luis. *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte (de 1832 a 1908).* 2 ed. Natal: Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.
Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. *Oradores, Rio Grande do Norte (1889-2000):* biografia e antologia. 2. ed. aum. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2004. p. 262-267.

[163] Vale frisar que, em 1924, Cascudo publicou seu primeiro livro de cunho historiográfico: *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte*. Conforme já apontado, para ver as referências das primeiras e das atuais edições cascudianas, consultar listagem anexa a esta tese; e, para conhecer as edições por mim consultadas, ver a seção destinada às referências.

romance, geografia etc. Definindo a "História como a memória do Tempo", ele destacou um esforço intelectual comum entre os estudos realizados por seu patrono e o trabalho que ele mesmo desejava imprimir em nome da instituição que havia criado. Diante dessa semelhança, para ele, não haveria "melhor nem mais culto companheiro para uma jornada de ressurreição" do que um historiador com o perfil de Luis Fernandes que, por meio de um sistemático e devotado estudo do passado, seria o seu orientador nas atividades de valorização das letras no Rio Grande do Norte:

> Escolhi-o [Luis Fernandes] para meu Patrono porque ele possibilita uma imitação. Qualquer moço, querendo, será o que ele foi, vencendo o que ele venceu, mantendo-se fiel ao ideal no bom combate, ficando até o fim, natural, espontâneo, humano.
>
> (...).
>
> Assim, inicialmente, espalhou, com amoroso cuidado, as camadas de pó, sepultando no esquecimento, nossa pequenina História. Pedra a pedra, reuniu os materiais para a capelinha votiva, acendendo a lâmpada oblacional, inaugurando o culto afetuoso ao nosso Passado.
>
> (...).
>
> Em louvor do teu nome, querido amigo, velho mestre, meu Patrono, oriento minha vida no estudo do Brasil, na alegria de amar e compreender o meu irmão, na exaltação perene
>
> àqueles que *por obras valerosas*
> *Se vão da lei da Morte libertando.*[164]

Outro elemento que foi utilizado como justificativa para a consolidação da homenagem proposta por Diógenes da Cunha Lima de imortalizar a cadeira nº 13 da ANRL era o fato de Câmara Cascudo nunca ter lançado sua candidatura a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL), apesar dos inúmeros convites recebidos e das constantes campanhas levantadas por seus amigos e admiradores para que isso ocorresse. Essa decisão seria reforçada por sua suposta recusa em fazer parte de outras Academias de Letras regionais – ao contrário do que ocorria com os Institutos Históricos dos quais, conforme a opinião corrente de seus biógrafos, Cascudo fazia parte de todas as suas representações estaduais.[165] Na opinião de alguns interlocutores desse debate, tais recusas demonstrariam um carinho especial do escritor pela Academia local, que ele mesmo havia fundado.[166]

---

[164] CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. *Oradores, Rio Grande do Norte (1889-2000),* 2004. p. 262-267.

[165] LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz.* 1. ed. Natal: RN Econômico, 1978. p. 53.

[166] MACEDO, Paulo. [s. t.]. *Diário de Natal,* Natal, 31 jul. 1986.

INTELECTUAIS e políticos louvam o apego à terra. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jul. 1986.

Vale frisar que, apesar da afirmativa de uma recusa cascudiana em pertencer as Academias de Letras de outros estados brasileiros, uma matéria do jornal natalense *A República* publicada em 1956 vai de encontro a essa informação. Ao noticiar que Câmara Cascudo havia ganhado o prêmio Machado de Assis, da Academia

Em torno dessa questão, segundo informações do próprio Câmara Cascudo, por cinco vezes ele teria sido convidado por amigos acadêmicos para lançar sua candidatura à Academia Brasileira de Letras.[167] Apesar desses insistentes convites e mesmo dizendo nutrir uma grande admiração pela Academia, ele costumava se posicionar como "eterno noivo da ABL" – sem quaisquer "ameaças ilusivas de consórcio".[168] De fato, existem inúmeras referências na documentação a convites e indicações para que essa candidatura ocorresse.[169] Por exemplo, em 1968, através de uma carta destinada a seu conterrâneo e amigo Thadeu Villar de Lemos, ele mencionou um movimento da Academia Norte-rio-grandense de Letras para levá-lo, contra a sua vontade, à imortalidade no cenáculo das letras nacional:

> Para começo de conversa: – não sou candidato senão a uma boa morte o mais tarde possível! Deu uma *aragem* na Academia local para fazer-me imorrível, mas consegui recuperar o direito de morrer. Tem-me custado caro. Cartas e até telegramas. Não foi possível evitar o berreiro dos jornais. Falta de assunto. Graças a Deus o Manoel Rodrigues [de Melo], presidente da Academia [Norte-rio-grandense de Letras], restituiu-me o papel que eu, esgotado e emocionado pelo assalto de ternura na noite de 18 de janeiro, assinara. E *eles* transformaram em petição para inscrição.[170]

De acordo com a jornalista Anna Maria Cascudo Barreto, filha do escritor, as explicações para o fato de seu pai ter se mantido reticente em se lançar candidato a ABL podem ser encontradas na dimensão política que envolve a eleição dos acadêmicos nessa instituição. Tal argumento se depreende de uma declaração paterna reproduzida por Anna Maria na biografia cascudiana *O colecionador de crepúsculos*, segundo a qual um candidato a acadêmico não se elegeria necessariamente por seus méritos intelectuais, mas pela realização de uma boa política de bastidor: "reconheço muitas injustiças e algum corporativismo, já que

---

Brasileira de Letras, em 1956, o referido jornal incluiu Cascudo entre os membros das Academias do Rio Grande do Norte, Acre, Alagoas, Amapá, Ceará, Niterói, Pará, Paraíba e Rio Grande do Sul.
HONROSA distinção conferida ao escritor Luis da Câmara Cascudo: Prêmio "Machado de Assis", da Academia Brasileira de Letras. *A República,* Natal, 01 jul. 1956.

[167] É interessante destacar que Cascudo ganhou dois prêmios literários da Academia Brasileira de Letras: o prêmio "João Ribeiro", de 1949, pelo livro *Geografia dos mitos brasileiros* (1948); e o prêmio "Machado de Assis" pelo conjunto da obra, em 1956.
O escritor Câmara Cascudo premiado na Academia Brasileira de Letras. *A República,* Natal, 01 jul. 1949.
HONROSA distinção conferida ao escritor Luis da Câmara Cascudo: Prêmio "Machado de Assis", da Academia Brasileira de Letras. *A República,* Natal, 01 jul. 1956.

[168] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998. p. 63.

[169] Por exemplo, com a morte do escritor Gustavo Barroso (em 1959), alguns amigos de Cascudo lançaram sua indicação para a vaga deixada pelo falecimento do escritor cearense na Academia Brasileira de Letras. Como ocorrido em vezes anteriores e como ocorreria em vezes posteriores, ele não lançou sua candidatura à ABL.
ÍNTEGRA da indicação de Câmara Cascudo para a Academia Brasileira de Letras. *A República,* Natal, 09 fev. 1960.

[170] CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Thaville]. Natal, 01 mar. 1968. In: LEMOS, Thadeu Villar de. *Mensagens de Câmara Cascudo e Cosme Lemos.* 1. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1978. v. 1. p. 11.

nomes reconhecidamente merecidos lá [na ABL] não se encontram, enquanto outros, apenas impulsionados por política e interesses outros, são escolhidos".[171] Apesar desses aspectos políticos, ainda segundo a opinião de sua filha e biógrafa, o "verdadeiro" motivo para que Cascudo não tenha se candidatado a Academia Brasileira de Letras seria o fato de ele não gostar da ideia eleitoreira de pedir votos e de ter que concorrer com amigos bastante próximos, alegando que ganhar de um amigo seria "uma violência" pessoal.[172] Procurando se afastar dessas pretensões *ad immortalitatem*, quando questionado acerca de sua relação com ABL, Cascudo costumava se esquivar da pergunta, respondendo-a de maneira irônica: "Não entrei para a Academia, não tenho feitio acadêmico. (...). Apesar de feio, gosto da beleza. Tenho a impressão de que eu de fardão, espadim de lado e chapéu de bico ficava parecendo o rei do Congo".[173]

Não obstante a recusa em se candidatar "rumo à imortalidade" nacional, esse foi um dos argumentos utilizados pelos membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras para "imortalizar" a cadeira ocupada por Cascudo. É interessante destacar que isso também possuía significados políticos para a ANRL, na medida em que, de alguma forma, manter-se-ia o escritor entre seus pares mesmo sendo ele já falecido. O que significa dizer a manutenção dos usos simbólicos e políticos de um importante nome intelectual, atribuindo prestígio à entidade e aos demais acadêmicos.

Diante de um cenário tão favorável à proposta de Diógenes da Cunha Lima, esta pesquisa localizou apenas uma voz dissonante: a opinião do também acadêmico Gumercindo Saraiva que, nas páginas do jornal *Tribuna do Norte*, periódico publicado em Natal, se manifestou contrário à iniciativa do presidente da ANRL. Assim como outros haviam afirmado na imprensa, Saraiva também definiu seu ex-professor e amigo como um sujeito insubstituível: "Câmara Cascudo é insubstituível. É difícil encontrar neste século quem o substitua".[174] Porém, afirmou o considerar insubstituível naquilo que se referia à formação humana e à devoção a cidade do Natal e a seus conterrâneos, e não pela impossibilidade de nova ocupação da cadeira nº 13.[175]

Para Saraiva, os valores manifestos por Cascudo só teriam a garantia de posteridade se a ideia de imortalidade acadêmica fosse respeitada. Nessa perspectiva, uma vez declarada

---

[171] BARRETO, Anna Maria Cascudo. *O colecionador de crepúsculos:* fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo. 1. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2003. p. 123.
[172] *Id.*, *Ibid.*, p. 124-125.
[173] CASCUDO, Luís da Câmara. In: FRIAS, Lena. Cascudo, com 79 anos, surdo e quase cego. *Tribuna do Norte*, Natal, 04 dez. 1977.
[174] SARAIVA, Gumercindo. In: INTELECTUAIS e políticos louvam o apego à terra. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jul. 1986.
[175] *Id.*, Cascudo deve ser substituído imediatamente... *Tribuna do Norte*, 24 ago. 1986.

vaga, a cadeira cascudiana na Academia Norte-rio-grandense de Letras deveria receber outro escritor que pudesse reverenciar as obras e dar continuidade aos importantes estudos históricos do patrono do assento e de seu, até então, único ocupante:

> A coisa mais importante, portanto, para o Acadêmico, é a imortalidade, com seu desaparecimento e, outros, assumindo, oportunidade em que relembram sua obra. E, Cascudo não tendo sucessor, a Cadeira 13 fica mutilada, imperfeita, defeituosa, decepada e no decorrer dos anos, ninguém mais recorda o mestre na sua formação humana, repleta de ensinamentos, benevolências, afabilidades e outros predicados na genialidade do mestre.[176]

Assim sendo, Gumercindo Saraiva conclamou seus pares a promoverem a substituição imediata da vaga deixada por Cascudo na ANRL para que houvesse "continuidade, sequência e prolongamento, naquilo que chamamos de imortalidade".[177] Em seu entendimento pessoal, ainda havia muito a ser feito para conhecermos a história do Rio Grande do Norte e para entendermos a vida e obra de Câmara Cascudo, de modo que melhor seria realizar eleições visando a admissão de um outro acadêmico, elegendo novo imortal capaz de empreender essas tarefas. Como homenagem alternativa para seu mestre, Saraiva propôs a criação do *Dia de Cascudo*, data comemorativa na qual um sentimento de igualdade irmanaria "as elites e a periferia, [para que melhor] conheçam a obra cascudiana".[178]

Nesse contexto de críticas e ressalvas à iniciativa do presidente da ANRL, a filha de Cascudo veio a público emitir a opinião da família sobre a questão. Em sua coluna no jornal *A República*, a jornalista Anna Maria Cascudo se mostrou insatisfeita com a discussão em torno da cadeira nº 13 da Academia de Letras. Segundo escreveu, os dois filhos de Cascudo (ela própria e Fernando Luiz da Câmara Cascudo) haviam sido convidados a substituírem o pai na instituição, mas não se julgavam "à altura de estar na cadeira do nome Luís da Câmara Cascudo".[179] Intitulando a nota publicada de "fofocas", Anna Maria Cascudo afirmou não ter interesse na discussão nem desejo de influenciar nos rumos da sucessão acadêmica. Solicitando respeito diante da dor familiar, ainda fez menção as ideias do acadêmico Gumercindo Saraiva:

> Gumercindo Saraiva tem opiniões inteiramente pessoais sobre discriminações que sofre, mas não são nossas e nada temos com debates

[176] SARAIVA, Gumercindo. Cascudo deve ser substituído imediatamente... *Tribuna do Norte,* 24 ago. 1986.
[177] *Id., Ibid.*
[178] *Id., Ibid.*
[179] MARIA, Anna. Fofocas. *A República,* Natal, 22 ago. 1986.

> sobre [a] Academia. Meu pai nos ensinou a não brigar por poder nem estrelismo. Pedimos que não nos incomodem por futilidades. Recusamos discussões sobre autoria de frases e outras tolices...[180]

Embora invertendo o ângulo de observação da homenagem, a proposta de Gumercindo Saraiva permaneceu vinculada a preocupação de imortalidade em torno de Luís da Câmara Cascudo, demonstrando o interesse da sociedade potiguar de fazer memória da vida e da obra do escritor recentemente falecido. Assim como Anna Maria Cascudo, outros se somaram ao debate em oposição às ideias defendidas por Saraiva. Dentre eles, um admirador de Cascudo que, atribuindo valores religiosos à discussão, utilizou a escrita para sacralizar a memória cascudiana. Comparando a Academia de Letras com a Santa Ceia cristã, esse novo debatedor reafirmou a já proclamada genialidade de Cascudo, fornecendo apoio à proposta de Diógenes da Cunha Lima no sentido de imortalizar a cadeira nº 13 da Academia:

> Não, a cadeira do mestre não está vazia. A sua genialidade virou matéria sólida e esta matéria encheria toda a academia, que dirá uma cadeira única. É isso: cadeira única. Único senhor. Senhor agora eterno, pois o homem Cascudo se levantou, mas a genialidade e a cultura Cascudo, continuarão sentadas para todo o sempre.
>
> Depois de morto na cruz, nenhum dos apóstolos ousou colocar outro para ocupar a cadeira de Cristo. A "décima terceira" cadeira continuou "vazia" para o Cristo ressuscitar a cada dia.
>
> Cascudo vive. Ressuscita a cada dia, pois o folclore sempre irá povoar todos os espaços da terra, não só uma cadeira única, homenagem mínima diante do máximo da genialidade que Ele é.
>
> O apóstolo Diógenes tem razão.[181]

Após debate público, a discutida proposta foi aprovada pela assembleia da ANRL e a cadeira nº 13 da instituição foi efetivamente declarada *em memória*, sendo mantida vaga ou, se preferirmos, permanecendo ocupada por Câmara Cascudo. Em reunião do Conselho Estadual de Cultura (CEC), órgão deliberativo acerca da política cultural do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, foi registrada na ata do dia 07 de outubro de 1986 a declaração do conselheiro Diógenes da Cunha Lima acerca do que ele chamou de uma "reunião histórica" ocorrida na Academia Norte-rio-grandense de Letras que referendou sua proposta e, ainda conforme lavrado na referida ata do CEC, teria sido decidido também a

---

[180] MARIA, Anna. Fofocas. *A República*, Natal, 22 ago. 1986.
Vale à pena frisar que essa nota de Anna Maria Cascudo foi publicada dois dias antes do mencionado texto de Gumercindo Saraiva e, no entanto, faz menção às ideias nele contidas. Sendo assim, as ideias de Saraiva devem ter sido veiculadas de outras formas ou meios, de modo a chegarem ao conhecimento da filha de Cascudo.
[181] LIMA, Renato Vilar de. Cascudo: o onipresente. *A República*, Natal, 14 set. 1986.

nomeação de Cascudo como patrono da Academia e a obrigatoriedade da inclusão no discurso dos novos acadêmicos de uma "citação da obra do patrono da mesma".[182]

A cadeira número 13 da ANRL permaneceu nessa condição *em memória* aproximadamente por dez anos. Em 1996, ela voltou a ser ocupada pelo músico paraense, radicado em Natal, Oriano de Almeida. De acordo com o historiador Cláudio Galvão, que escreveu uma biografia desse músico, a ideia de promover a reocupação da cadeira vaga tomou vulto por iniciativa de Enélio Lima Petrovich, então presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e também imortal da Academia de Letras potiguar. Na época, segundo Galvão, "o candidato que mais plenamente reunia requisitos para ocupá-la seria Oriano de Almeida". Afirmou ainda Cláudio Galvão que "não foi fácil convencer Oriano de que poderia ocupar tão importante lugar numa instituição literária", tendo aceitado o encargo somente "quando passou a observar o fato por um ângulo especial": a percepção de que não substituiria Cascudo, mas que, enquanto amigo, iria representá-lo.[183]

Mesmo tendo voltado a ser ocupada por um novo imortal, a ação de manter imortalizada por dez anos a cadeira nº 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras representou mais do que uma simples homenagem a Cascudo. Havia na iniciativa de Diógenes da Cunha Lima uma preocupação com a memória de seu companheiro de instituição. Os argumentos que sustentaram a proposta e a concretizaram procuravam exaltar o escritor, destacar sua importância para a ANRL e evidenciar sua singular atuação no cenário cultural do Rio Grande do Norte. Além disso, ao insistirem em uma genialidade cascudiana, seus pares o posicionaram em um nível intelectual de superioridade que não apenas justificou a proposta, mas reforçou uma aproximação entre a memória do escritor e a história literária potiguar. Aspecto que, para o presidente da Academia de Letras, não poderia ser esquecido. Desse modo, *em memória* de Câmara Cascudo, manter vaga a cadeira nº 13 foi um dos

---

[182] CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA. Natal. *Ata da reunião realizada no dia 07 de outubro de 1986*. p. 50.
O Conselho Estadual de Cultura é um órgão deliberativo da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, tendo sido instituído pelo Decreto nº 4.793 (de 04 de abril de 1967) e pela Lei 3.691 (de 03 de outubro de 1968). Conforme legislação específica, o CEC tem sido responsável por debater subvenções, elaborar planos e fomentar as ações culturais potiguares. Ao longo do tempo, passou por alterações organizacionais e contou com a representação dos presidentes da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Fundação José Augusto – principais entidades envolvidas no enquadramento da memória cascudiana e na criação do Memorial Câmara Cascudo. Disponível em: <www.gabinetecivil.rn.gov.br/acess/conselhosestaduais.asp>. Acesso em: 12 set. 2012.
Acerca do CEC, ver: ALVES NETO, Francisco Martins (Org.). *O silêncio dos secretários:* biografia do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte (1968-2011). No prelo.

[183] O músico Oriano de Almeida nasceu em Belém, no ano de 1927, e faleceu em Natal, no ano de 2004. GALVÃO, Cláudio. *O céu era o limite:* uma biografia de Oriano de Almeida. Natal: EDUFRN, 2010. p. 292.

principais movimentos culturais promovidos pelos norte-rio-grandenses, logo após seu falecimento, para instituir uma memória cascudiana em Natal e no Rio Grande do Norte.

Por outro lado, apesar das iniciativas de Diógenes, e talvez em virtude do próprio elitismo da Academia Norte-rio-grandense de Letras, a instituição tem hoje uma atuação pouco visível na manutenção dessa memória cascudiana que ela ajudou a instituir, ficando mais restrita a publicações e eventos memorialísticos realizados e presenciados pelos próprios imortais da instituição. Mesmo porque, outras propostas de homenagem à memória cascudiana surgiram e alcançaram uma posição social de maior visibilidade e de constante capacidade de evocação, a saber: o Memorial Câmara Cascudo e, ainda, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Vale destacar que, desde 2005, com o falecimento de Oriano de Almeida ocorrido no final do ano anterior, a cadeira número 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras está ocupada pela jornalista e escritora Anna Maria Cascudo Barreto, filha de seu primeiro ocupante.

Além da ANRL, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, instituição cultural mais antiga do estado e da qual Câmara Cascudo fazia parte desde 1927, também participou do debate em torno da memória do escritor falecido. Contudo, atuou de maneira diferenciada, na medida em que não lançou uma proposta específica para homenageá-lo. Apesar de não ter obtido uma repercussão ampla no conjunto de notícias publicadas pelos jornais natalenses a partir de 30 de julho de 1986, o IHGRN foi transformado, pela ação de alguns de seus membros, em um *lugar de memória* cascudiano.[184] Diante da já mencionada noção de perda intelectual, o Instituto Histórico foi sendo convertido no lugar onde, mais tarde, chegou-se a dizer que "venerar a memória de Câmara Cascudo é quase uma religião".[185]

O Instituto Histórico local foi criado no ano de 1902 por representantes da chamada elite política, econômica e cultural norte-rio-grandense para reunir documentos que pudessem solucionar uma disputa judicial entre os estados do Ceará e do Rio Grande do Norte acerca de seus limites e fronteiras. Mais precisamente para definir a posse histórico-geográfica da região salineira de Grossos. Por esse motivo, nos primeiros anos de sua existência, o IHGRN pautou suas atividades na aquisição de documentos e na constituição de um arquivo sobre a conquista

[184] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
[185] LEITE, Daliana Cascudo Roberti. Câmara Cascudo, um guerreiro. *Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Natal, 2000. 3p. Mimeografado.

e a colonização da capitania do Rio Grande.[186] Durante os anos de 1920, sob a presidência de Nestor dos Santos Lima, a entidade passou a se preocupar também com a escrita de uma história oficial em que constasse os principais eventos e personagens do passado norte-rio-grandense. Naquele momento, Câmara Cascudo foi incorporado ao quadro de sócios efetivos da instituição e passou a colaborar na escrita das efemérides dessa história oficial.

Diante do prestígio intelectual de Cascudo e da importância de seus escritos históricos para os natalenses, sua produção historiográfica publicada na *Revista do Instituto* alcançou um amplo reconhecimento e se consolidou como um paradigma na historiografia local. Em função de seus escritos sobre o passado do Rio Grande do Norte para os jornais locais, para a Prefeitura Municipal do Natal e para o IHGRN, Cascudo foi consagrado com o título oficial de historiador da cidade. Ao mesmo tempo, a aceitação de sua versão acerca do passado norte-rio-grandense consolidou o lugar de Cascudo como o principal historiador do Rio Grande do Norte e elevou seu nome acima da própria instituição de onde ele escreveu. As páginas da *Revista do Instituto* nos permitem visualizar essa centralidade cascudiana entre os sócios do IHGRN. Ao longo de todo o século XX, ele não só foi o autor da maioria dos textos publicados como ele foi a temática de vários outros artigos.

Nesses termos, Câmara Cascudo se sobressaiu entre os sócios do Instituto e, como tal, passou a fazer parte de uma memória da instituição, ou melhor, confundiu-se com a própria história da instituição – assim como havia ocorrido com a Academia de Letras. Na ocasião da morte de Câmara Cascudo, o IHGRN estava sob a presidência de Enélio Lima Petrovich – seu ex-aluno e parente de sua esposa, Dahlia Freire Cascudo. No elogio fúnebre que pronunciou, Enélio Petrovich destacou a sensação de orfandade que ele e os demais confrades do Instituto estavam vivenciando, mas também ponderou sobre sua confiança na imortalidade da sabedoria cascudiana: "por isso, Mestre Cascudo é imortal, pela grandeza de sua alma, pela magnitude de seu coração e pelo esplendor de sua sabedoria universal".[187]

O presidente do Instituto assumiu, naquele instante, um papel de guardião da memória cascudiana, passando a se dedicar decididamente a recordar e reverenciar a contribuição de Cascudo para a escrita de uma história do Rio Grande do Norte. Nenhum entre os seus pares dedicou-se com tanta veemência a escrever sobre ele e a homenageá-lo. A ação de Enélio

[186] LIMA, Nestor dos Santos; MELO, Manoel Rodrigues de. *As cinco sedes do Instituto; A fundação do Instituto Histórico*. Natal: Fundação José Augusto: Ed. da UFRN: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1982.
[187] PETROVICH, Enélio Lima. O adeus ao mestre Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 10 ago. 1986.

Petrovich ,"que luta[va] para fazer daquela casa a memória de Cascudo"[188], foi fundamental para converter o IHGRN na *casa da memória cascudiana.*

Imagem 7 Máscara mortuária de Câmara Cascudo. Produzida em gesso pelo odontólogo Jório Marques de Souza, na madrugada do dia 31 de julho de 1986, sob encomenda de Diógenes da Cunha Lima (ANRL). Em 1994, foi doada por Jório Marques a Enélio Petrovich, estando exposta no IHGRN.[189]

Coleção Particular

Publicações de livros sobre Cascudo, reedições de seus livros de história, festividades anuais nas datas do natalício e do falecimento do escritor, publicação de artigos laudatórios na *Revista do Instituto*, fotografias e fragmentos de livros expostos nos móveis e nas paredes da instituição foram algumas das incontáveis homenagens daquele que se declarava discípulo cascudiano para homenagear seu mestre.[190] Tudo isso foi realizado a partir das iniciativas

[188] SOUZA, Jório Marques *apud* MÁSCARA mortuária de Cascudo é doada ao Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,* Natal, v. 87, 2001. p. 78.
[189] Para maiores informações, ver: MÁSCARA mortuária de Cascudo é doada ao Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,* Natal, v. 87, 2001. p. 77-78.
Ver, ainda: A máscara mortuária de Cascudo. *O Poti,* Natal, 03 ago. 1986.
[190] PETROVICH, Enélio Lima. A data do Mestre Cascudo. *Tribuna do Norte,* Natal, 30 dez. 1995.

pessoais de Enélio, como era mais conhecido, que passou a se preocupar mais com a memória de Cascudo do que propriamente com os estudos acerca da história local:

> Mestre Câmara Cascudo, para todos nós, seus discípulos e admiradores, partiu, perenizando, porém, a sua inteligência, a sua erudição, o seu humanismo e a sua cultura multiforme. (...).
>
> E nós, pobres e efêmeras criaturas humanas, neste mundo de Deus, saberemos perpetuar a sua memória, para exemplo das gerações de hoje e do porvir.[191]

A proposta de Enélio Petrovich em perpetuar a memória cascudiana foi tão bem consolidada que, no Rio Grande do Norte, Cascudo é hoje mais conhecido como historiador do que como folclorista, lugar de saber que o projetou internacionalmente. Ainda que a ação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte tenha alcançado mais êxito do que a iniciativa da Academia Norte-rio-grandense de Letras, perdurando por mais tempo e alcançando maior visibilidade, ela foi sendo efetivada no decorrer dos anos – graças à iniciativa de Enélio Petrovich – e estando menos envolvida no debate ocorrido imediatamente após a morte do escritor que resultou na institucionalização de sua memória. Ao mesmo tempo, foi a proposta do Estado que se tornou a memória oficial cascudiana, servindo desde então para nortear as leituras sobre a vida e a obra de Cascudo.

1.4 Um monumento à memória

Em parceria com a família Cascudo, o Estado do Rio Grande do Norte também prestou uma homenagem póstuma a Luís da Câmara Cascudo, construindo um monumento público e criando uma instituição de memória para administrar o patrimônio intelectual do escritor: o Memorial Câmara Cascudo. Essa instituição, que consolidou os parâmetros pelos quais a memória do escritor foi enquadrada, estava pensada como um Centro de Estudos e Pesquisas sobre a vida e a obra de seu patrono e, notadamente, acerca da cultura popular – tema que norteou a atividade do folclorista ao longo de sua trajetória intelectual. Menções fortuitas acerca de um ainda provável Instituto de Pesquisas Câmara Cascudo aparecem na documentação já na década de 1970, nos termos de uma fundação. Para entendermos a origem de tal instituição, que veio a ser efetivada com a criação do Memorial, em 1987, é necessário recuarmos um pouco no tempo para acompanharmos a trajetória de sua idealização, desenvolvimento e consolidação.

---

[191] PETROVICH, Enélio Lima. Mestre Câmara Cascudo - imortal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, a. 147, n. 352, Jul./Set. 1986. p. 948-950.

A primeira referência localizada por esta pesquisa ao reconhecimento do acervo cascudiano enquanto um patrimônio cultural e intelectual potiguar, visando sua proteção e difusão, está em uma correspondência de 1972. Ao responder uma missiva de Thadeu Villar de Lemos, Cascudo fez menção a um conjunto de notícias que estariam sendo publicadas em jornais pernambucanos e cearenses acerca do tombamento de sua biblioteca particular: "[a] notícia [do] tombamento [de] minha biblioteca é boato um tanto exagerado. Não houve, não há e provavelmente nada haverá no assunto, exceto na vontade de alguns fieis sonhadores. Jamais tomarei a iniciativa no assunto".[192] Anos mais tarde, o jornal natalense *A República* publicou uma pequena nota informando acerca da disponibilização futura do acervo de Cascudo em uma fundação: "Atenção amantes da cultura: o acervo do mestre Cascudo será posteriormente preservado através de uma FUNDAÇÃO a ser criada - Fundação Câmara Cascudo. Não poderíamos ter notícia melhor, na área".[193]

No entanto, as referências mais claras em torno dos planos de criação de uma fundação para gerir o patrimônio cascudiano foram dadas pela filha do escritor, Anna Maria Cascudo Barreto, em uma entrevista por ela concedida ao jornal *Diário de Natal*, no ano de 1984. De acordo com Anna Maria Cascudo, ao declarar uma vontade pessoal de morar fora de Natal, sua permanência na cidade se devia à responsabilidade que ela iria ter após o falecimento de seu pai, assumindo a administração de uma fundação que a família já teria criado. Ainda segundo Anna Maria, esse órgão deveria ser administrado exclusivamente pela família para evitar disputas políticas em torno da memória de Cascudo, uma vez que ele mesmo teria ciência dos embates que iriam surgir entre os segmentos político-culturais do Rio Grande do Norte para se apropriarem de seu patrimônio e do poder político e econômico de seu nome. Nas palavras da filha do escritor:

> Eu não sou uma apaixonada, uma enamorada de Natal, embora saiba que tenha que ficar aqui, porque papai já me disse que quando ele desaparecer essa casa tem que virar uma fundação e eu ser presidente enquanto viver, ele não admite outra pessoa, principalmente pela minha sinceridade. Ele quer que se estude folclore, etnografia e história, as coisas que ele sempre amou, e que eu fique à frente, ele disse: "Você é a pessoa certa de ficar à frente, não deixe que isso se transforme em escada política, principalmente porque você sabe as pessoas reais que são amigas minhas". (...). Eu caladinha, caladinha já registrei um Instituto de Pesquisas Câmara Cascudo, já fiz, já está registrado, já é uma personalidade jurídica. Ele já assinou, já está tudo feito para depois se transformar em fundação, com a família à frente (...). Já existe tudo isso, porque um dos maiores receios de

[192] CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Thaville]. Natal, 11 abr. 1972. In: LEMOS, Thadeu Villar de. *Mensagens de Câmara Cascudo e Cosme Lemos*, 1978. p. 52-53.
[193] ATENÇÃO amantes da cultura. *A República*, Natal, 30 jan. 1979.

> papai, ele me chamou e disse: "Cuidado para não tomarem isso [meu patrimônio cultural] de você, já houve uma articulação para venderem a biblioteca de meu pai, ele ficou doente de ódio (...)".[194]

Questionada se haveria alguma participação ou auxílio do Estado, Anna Maria respondeu que esse diálogo poderia vir a existir, mas apenas por meio de convênios e parcerias de trabalho, sem quaisquer interferências diretas dos gestores públicos nas atividades que iriam ser desenvolvidas pela instituição. Conforme essa entrevista, havia uma clara percepção da importância política e cultural do legado cascudiano, de modo que, após o seu falecimento, o acervo deveria ser preservado e disponibilizado para fomentar as atividades culturais, notadamente folclóricas e históricas, que estavam na base da obra de Cascudo. Esse Instituto de Pesquisas Câmara Cascudo já estaria criado juridicamente e deveria ser futuramente instalado nas dependências da casa da Avenida Junqueira Aires, número 377, onde o patrono da instituição produziu seus principais livros.

Quando do falecimento do escritor, em 30 de julho de 1986, a preocupação com esse legado foi um dos principais pontos destacados pelo já mencionado debate póstumo que se travou na imprensa. Com efeito, imediatamente após a morte do escritor, foi proposto por familiares, jornalistas e amigos de Cascudo o tombamento de sua casa pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte. A intenção era preservar o casarão da Avenida Junqueira Aires e o patrimônio histórico-cultural que a residência abrigava, sobretudo como local onde a obra cascudiana foi produzida. Nesse contexto, mais uma vez, a ideia de uma fundação foi noticiada em jornal: "[eis a] Casa do Mestre Luís da Câmara Cascudo onde acolheu por tanto tempo a prodigiosa inteligência e que os Ministérios da Cultura e Educação pensam em transformar, com a concordância da família, num centro de estudos internacionais".[195]

Reconhecendo os valores culturais, históricos e artísticos do imóvel e seguindo a vontade cascudiana, a Fundação José Augusto (FJA) se comprometeu a captar recursos para o tombamento da casa: "reconhecendo ser uma obrigação da Fundação [José Augusto] e do Estado tombar a casa, Franco Jasiello [diretor cultural da instituição] promete que tudo será feito desde já visando preservar a memória e os testemunhos de Câmara Cascudo, no caso específico, o casarão".[196] Contudo, em razão da burocracia estatal, o casarão da Junqueira Aires só foi transformado em patrimônio histórico local no início do ano de 1990.

---

[194] Cf. BARRETO, Anna Maria Cascudo. *Entrevista*. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.
[195] MACEDO, Paulo. [s. t.]. *Diário de Natal*, Natal, 31 jul. 1986.
[196] CASA tombada para que nunca mais desapareça. *O Poti*, Natal, 03 ago. 1986.

Nesse ínterim, outra proposta foi publicada pela imprensa natalense, tendo sido originada e empreendida pela Fundação José Augusto: a construção de um monumento à memória de Cascudo.[197] Vinculada ao Estado, desde 1963, a FJA é o órgão responsável pelas políticas culturais do Governo do Rio Grande do Norte. Na época do falecimento de Câmara Cascudo, esse órgão era presidido pelo jornalista e imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Paulo Macedo, que, estando no topo da hierarquia administrativa da Fundação, tinha direito de assento no Conselho Estadual de Cultura (CEC) que, por sua vez, é o órgão de deliberação das políticas culturais dos gestores potiguares. Enquanto o CEC tem uma ação mais deliberativa acerca das ações culturais, a FJA tem uma função mais organizacional e executora, atuando mais próximo das instituições promotoras de cultura e das manifestações culturais no Rio Grande do Norte.

Desde o primeiro instante da morte de Cascudo, na qualidade de instituições responsáveis por fomentar a cultura local, o Conselho Estadual de Cultura e a Fundação José Augusto procuraram se posicionar entre as instituições culturais que debatiam o significado daquele momento. Particularmente, a FJA publicou matérias assinadas por seu presidente, Paulo Macedo, propondo ações em torno da memória daquele que havia deixado "o convívio humano, por ele elevado ao valor máximo, para pertencer à eternidade da memória" e que, "em seu pensamento e em sua obra, encerrou o gênio, o talento e os sonhos de um povo inteiro edificando, com a palavra escrita, o monumento indestrutível da Inteligência e da Cultura".[198]

Assim, na primeira reunião do Conselho Estadual de Cultura após o falecimento de Cascudo, ocorrida em 05 de agosto de 1986, Macedo propôs aos conselheiros dedicarem aquele encontro ao escritor, de modo que todos testemunhassem a "amizade e respeito ao maior expoente da cultura norte-rio-grandense". Ainda naquela reunião, ficou decidido que as instituições culturais do estado (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Academia Norte-rio-grandense de Letras, Fundação José Augusto e Conselho Estadual de Cultura) se uniriam para homenagear o escritor; que a FJA organizaria um ciclo nacional de palestras para homenagear sua memória; e que a Academia de Letras reeditaria o livro *História da cidade do Natal* (1947) e a biografia escrita por Diógenes da Cunha Lima *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz* (1978).[199]

---

[197] CASCUDO vai ter um monumento em Natal. *A República,* Natal, 12 set. 1986.
[198] FUNDAÇÃO José Augusto: nota oficial. *Diário de Natal*, Natal, 01 ago. 1986.
[199] CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA. Natal. *Ata da reunião realizada no dia 05 de agosto de 1986.* p. 40-41.

Posteriormente, na reunião do dia 26 de agosto de 1986, Paulo Macedo anunciou duas novas iniciativas da Fundação José Augusto: o esforço para transformar o dia do folclore, dia 22 de agosto, em dia de Cascudo; e a montagem de uma comissão para elaborar "a programação definitiva à memória de Câmara Cascudo", com a intenção de dar o nome do escritor ao campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e erigindo um monumento ao professor na pessoa do homenageado.[200]

Seguiu-se debate público, por meio da imprensa e por meio de reuniões ocorridas na sede da FJA, para definir o conteúdo da homenagem, o tipo e o local onde o monumento seria afixado.[201] Quanto ao tipo e ao conteúdo do monumento, após sugestões como a de Diógenes da Cunha Lima em favor de um monumento de corpo inteiro e com fisionomia modelada a partir da máscara mortuária do escritor, decidiu-se que deveria ser realizado um concurso entre os arquitetos locais para a escolha da melhor proposta de homenagem.[202] Segundo Veríssimo de Melo, no que se referiu ao local do monumento, esse foi um "ponto polêmico" das reuniões. Entre as diversas propostas, foram indicados os seguintes locais: Forte dos Reis Magos (primeira construção da capitania do Rio Grande e principal ponto turístico da cidade do Natal); entrada da cidade (nas proximidades do, então, estádio Castelão – onde está sendo construída a atual Arena das Dunas); Praças Augusto Severo (no bairro da Ribeira, onde o escritor havia nascido); das Mães (nas proximidades da última residência do escritor), Sete de Setembro (nas proximidades do chamado "Corredor Cultural" e de esquina com a Avenida Junqueira Aires, onde ele residiu) e André de Albuquerque (marco zero da cidade).[203]

Conforme as matérias dos jornais, participaram das reuniões os "intelectuais e dirigentes de todos os órgãos da cultura potiguar": Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Academia Norte-rio-grandense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Secretaria Municipal de Cultura (de Natal), Fundação José Augusto e Conselho Estadual de Cultural.[204] Nomes como Diógenes da Cunha Lima, Veríssimo de Melo e Américo de Oliveira Costa – todos eles biógrafos de Cascudo e membros de órgãos culturais do estado do Rio Grande do Norte – participaram ativamente do debate, inclusive escrevendo matérias ou dando declarações públicas nos jornais da cidade, ajudando a organizar o concurso para a escolha do monumento vencedor que, após o debate na imprensa e aprovação

[200] CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA. Natal. *Ata da reunião realizada no dia 26 de agosto de 1986.* p. 43.
[201] MACEDO, Paulo. O monumento a Câmara Cascudo. *Diário de Natal*, Natal, 16 set. 1986.
[202] ESTADO erguerá monumento em homenagem a Cascudo. *A República*, Natal, 17 set. 1986.
[203] MELO, Veríssimo de. Onde deve ficar o monumento a Câmara Cascudo? *A República*, Natal, 21 set. 1986.
[204] MACEDO, Paulo. O monumento a Câmara Cascudo. *Diário de Natal*, Natal, 16 set. 1986.

do Conselho Estadual de Cultura, passou a incluir também uma fundação em torno da vida e da obra cascudiana:

> Para a aprovação deste Conselho [Estadual de Cultura] foi trazida a proposta de se transformar a Casa da Cultura na Fundação Cultural Luís da Câmara Cascudo, fazendo na frente um calçadão onde ficaria o monumento de corpo inteiro do homenageado, e no seu interior todos os seus livros, fotografias, artigos e depoimentos gravados e filmados.[205]

Conforme o registro em ata do CEC, a proposta foi aprovada por unanimidade, ficando acertado que a inauguração deveria ocorrer no próximo aniversário de nascimento do escritor, em 30 de dezembro de 1986. Situado nas proximidades da Praça André de Albuquerque, marco zero da cidade do Natal, o monumento ficaria posicionado em frente a uma fundação cultural: "ali na Praça André de Albuquerque, símbolo de formação da cidade (...), a imagem *cascudiana* viverá sempre no culto maior dos seus concidadãos, mostrando a obra e o criador juntos na saudade eterna de seus conterrâneos e admiradores".[206]

Durante a inauguração dessa fundação e desse monumento, ainda deveria ser lançado um livro reunindo as crônicas cascudianas em jornais.[207] Uma vez aprovada a proposta, na primeira semana de outubro daquele mesmo ano, foram abertas as inscrições para o concurso *Monumento Câmara Cascudo*.[208] Apesar do esforço em tentar localizar o regulamento do concurso, os projetos inscritos e os pareceres da comissão julgadora, não obtive êxito para acessar esse material em qualquer das instituições promotoras do concurso nem consegui resposta alguma às insistentes tentativas de contato com os envolvidos, uma vez que uns já faleceram e outros não responderam as minhas solicitações. Não havendo outros registros significativos nas atas da reunião do CEC acerca da construção do monumento, restaram-me apenas informações desencontradas dos jornais locais que, mesmo assim, foram utilizadas por esta pesquisa após algumas comparações e reflexões críticas.

---

[205] CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA. Natal. *Ata da reunião realizada no dia 23 de setembro de 1986.* p. 47-48.

[206] MACEDO, Paulo. Memorial faz cinco anos. *O Poti*, Natal, 09 fev. 1992.

[207] Segundo matéria publicada por Paulo Macedo no jornal *O Poti*, esse livro reuniria as crônicas cascudianas publicadas no jornal *Diário de Natal* (coluna *Acta Diurna*) e seria organizado pelo jornalista Vicente Serejo. Porém, na ocasião da inauguração do Memorial Câmara Cascudo, não são feitas menções ao livro e não consta a existência de tal livro na bibliografia cascudiana. Como sabemos, essas colunas estão sendo enfeixadas em livro pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, desde os anos de 1970, com o título de *O livro das velhas figuras* – atualmente com 10 volumes publicados.
Cf. MACEDO, Paulo. Reunião. *O Poti*, Natal, 14 set. 1986.

[208] FUNDAÇÃO pede a arquiteto projeto para C. Cascudo. *A República*, Natal, 04 out. 1986.
MONUMENTO "Câmara Cascudo". *A República,* Natal, 03 out. 1986.

Nesse sentido, os jornais natalenses mencionaram a existência de 21 inscritos no concurso.[209] A comissão de avaliação, listada por essas notas jornalísticas, seria composta por um representante da Fundação José Augusto (Paulo Macedo), um representante do Conselho Estadual de Cultura (Veríssimo de Melo), um representante da Academia Norte-rio-grandense de Letras (Jurandyr Navarro) e dois representantes do Instituto dos Arquitetos do Brasil no Rio Grande do Norte (Aroldo Neves Maia e Ruth Maria da Costa Ataíde).[210] Ao final do concurso, no início de novembro de 1986, a comissão julgadora considerou vencedor o projeto de autoria de Sami Elali (arquiteto e empresário do ramo hoteleiro natalense): uma estátua do escritor em tamanho natural colocada sobre uma mão surgida do chão que, de acordo com as matérias dos jornais, sinalizaria a palma da mão da cidade do Natal ou, segundo Paulo Macedo, representaria o carinho do povo norte-rio-grandense ao erguer seu patrimônio cultural.[211]

Imagem 8 Monumento a Câmara Cascudo – Projetado pelo arquiteto Sami Elali e esculpido pelo artista plástico Dorian Gray Caldas.

Endereço:

Praça André de Albuquerque. Bairro Cidade Alta.

Natal – Rio Grande do Norte

Coleção Particular

[209] MONUMENTO a Cascudo tem 21 arquitetos inscritos. *A República,* Natal, 17 out. 1986.
[210] MONUMENTO a Luís da Câmara Cascudo. *A República,* Natal, 31 out. 1986.
[211] SAMI Elali fará projeto de monumento para Cascudo. *A República,* Natal, 08 nov. 1987.
MACEDO, Paulo. Depoimento. In: AZEVEDO, Romildo Teixeira de (Coord.). *I Painel sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo.* 1. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1988. p. 59-61.

Após o resultado desse concurso, Anna Maria Cascudo Barreto veio a público para demonstrar sua alegria com a vitória de quem chamou de um amigo estimado, Sami Elali, e para expressar o sentimento de emoção familiar com "todo este amor com a memória do nosso pai". Além disso, em artigo no qual encontrei pela primeira vez a menção literal e explícita ao nome Memorial Câmara Cascudo, Anna Maria explicou a ausência da família nas reuniões em torno da escolha do monumento cascudiano por temer que a presença dos familiares do escritor pudesse causar algum tipo de constrangimento, "tratando-se de algo praticamente 'inventado' pela cidade e amigos".[212]

Outra pessoa a se posicionar publicamente diante do resultado foi o representante do CEC na comissão julgadora, Veríssimo de Melo, que ressaltou seus laços de amizade com o homenageado, declarou não conhecer o ganhador do concurso e afirmou ter encontrado excelentes projetos inscritos. Para emitir seu parecer, declarou ter utilizado o critério da viabilidade e do baixo custo: "os trabalhos apresentados eram todos de alto nível. Uns bem mais caros do que outros. Preferi fixar-me num mais modesto, em termos de viabilidade, por saber que a Fundação 'José Augusto' dispunha de verbas limitadas para a execução do monumento".[213]

Embora a proposta de homenagem cascudiana empreendida pela Fundação José Augusto tenha sido bem recebida pelos representantes das instituições culturais, tenha passado por uma ampliação de monumento para memorial e tenha sido desenvolvida com bastante celeridade, ela não deixou de enfrentar algumas oposições. Apesar do cenário favorável apresentado principalmente pelos jornais *A República* e *Diário de Natal*, as reuniões do Conselho Estadual de Cultura registraram a dificuldade em conseguir recursos para a realização da obra do Memorial e, em seguida, noticiaram o adiamento de sua inauguração devido à burocracia estatal.[214] Do mesmo modo, ao se aproximar a data inicialmente prevista para a inauguração do monumento e a primeira vez que o aniversário de Cascudo transcorria após a sua morte, dia 30 de dezembro de 1986, duas matérias foram publicadas na imprensa criticando a iniciativa de Paulo Macedo e da Fundação José Augusto em torno da homenagem à memória cascudiana.

A primeira dessas matérias, publicada em 28 de dezembro de 1986, foi assinada pelo jornalista Franklin Jorge e procurou apontar uma série de problemas em torno do processo de

---

[212] MARIA, Anna. Memorial Câmara Cascudo. *A República,* Natal, 11 nov. 1986.
[213] CASCUDO na palma da mão da cidade. *A República,* Natal, 28 jan. 1987.
[214] CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA. Natal. *Atas das reuniões realizadas nos dias 11 e 23 de novembro de 1986.* p. 55, 59 e 60.

planejamento e construção do memorial a Cascudo. Segundo o jornalista da *Tribuna do Norte*, a lista de problemas existentes era vasta: ausência do "povo" na discussão em torno do monumento; processo de escolha autoritário e sem a participação dos artistas plásticos (o concurso seria restrito aos arquitetos); projeto desproporcional e desprovido de qualidade; desqualificação e inidoneidade da comissão julgadora do prêmio; manipulação do número de inscritos (que seriam 14 ao invés de 21); construção apressada e escolha de um local inapropriado; agressão ao espaço urbano; e, até mesmo, a derrubada de árvores durante a construção.[215]

Por essa razão, quase 300 pessoas teriam subscrito um manifesto com o objetivo de embargar a obra e reabrir o debate público "com ampla participação do povo desta cidade [do Natal] que Luís da Câmara Cascudo amou". Ainda de acordo com a reportagem, muitos teriam apontado que o Memorial era uma tentativa de promoção de Paulo Macedo ao associar seu nome ao de Cascudo. De maneira quase cômica, Franklin Jorge afirmou ter procurado o secretário de cultura de Natal para comentar o manifesto e as acusações mencionadas, mas ele teria se limitado a pedir ao repórter que tivesse "pena" de Paulo Macedo porque "o homem está aperreado"! Ao finalizar a matéria, o repórter chamou a atenção para uma repercussão negativa do caso, reproduzindo a opinião de um empresário local:

> Eu vi a construção lá e não soube do que se tratava por falta de indicações. Mesmo assim já fui contra a construção naquele local, por considerar que ali não cabe mais nada. Especialmente um monumento a Cascudo, cujo saber se projeta sobre toda a cidade. A medida em que fui tomando conhecimento das razões e implicações referentes ao monumento, que considero mesquinho em relação ao significado de Cascudo para todos nós, fico cada vez mais indignado com essa afrontosa manipulação do prêmio. Cascudo, que amava esta cidade, jamais aceitaria um negócio desses. Todas as razões mostram a infelicidade da obra: localização, projeto, método de escolha do projeto, interesses envolvidos, e, principalmente, a transformação da memória de Cascudo, tão sagrada à cidade, numa farsa que envergonha todos nós.[216]

De tom mais específico, a segunda crítica também foi publicada pelo jornal *Tribuna do Norte*, mas, dessa vez, sem autoria. Publicada em 04 de janeiro de 1987, essa matéria fez referência a supostas irregularidades que teriam sido cometidas pela Fundação José Augusto durante a organização e construção do já mencionado monumento. Sem detalhar que irregularidades seriam essas, procurou novamente desqualificar a comissão julgadora que

[215] JORGE, Franklin. Ação contra o memorial pede respeito a Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 28 dez. 1986.
[216] LISBOA, Véscio. In: JORGE, Franklin. Ação contra o memorial pede respeito a Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 28 dez. 1986.

premiou o projeto de Sami Elali. Segundo a reportagem, essa desqualificação se refletiu claramente na proposta vencedora, que seria cópia de um projeto do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. O monumento a Cascudo, sob a forma de uma mão, teria sido imitado de um monumento feito por Le Corbusier, nos anos 1950, na cidade de Chandigarh, na Índia. De acordo com o autor da comparação, o uso de espelhos d'água e o destaque de uma mão monumental exposta em praça pública seriam claramente de inspiração *corbusiana* e, portanto, demonstrariam a premiação de uma cópia arquitetônica pela Fundação José Augusto e o Conselho Estadual de Cultura. Para comprovar sua tese de plágio, o autor anônimo da matéria ainda reproduziu fotos do monumento a Cascudo e do projeto do monumento feito pelo arquiteto europeu para estimular os leitores a fazerem a mesma comparação e chegarem a suas conclusões:

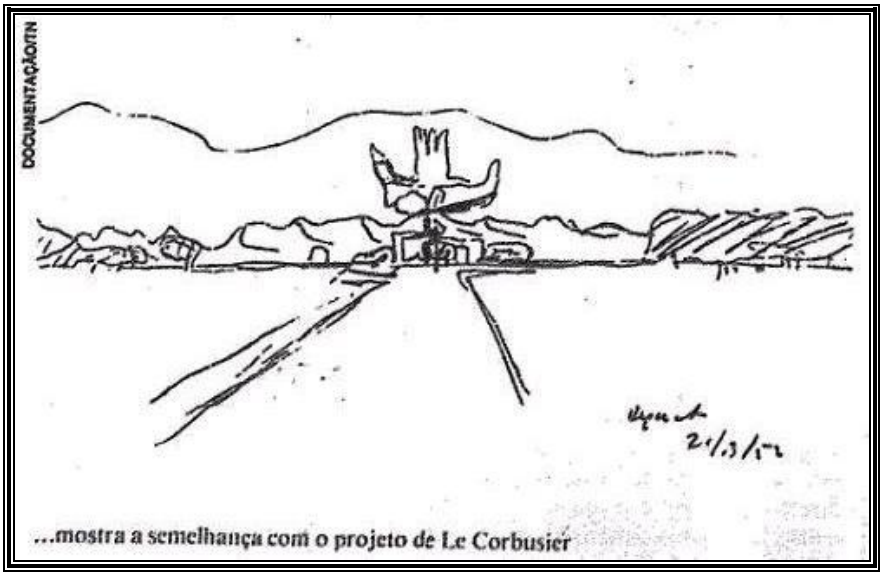

Imagem 9 Monumento à Cascudo lembra trabalho de arquiteto francês.
Tribuna do Norte, Natal, 04 jan. 1987.

Apesar das críticas ao projeto, não havia nessas matérias uma oposição à ideia de homenagear Cascudo nem mesmo uma disputa em torno dos significados atribuídos à memória cascudiana. Para o autor de ambos os textos, no Rio Grande do Norte, havia um consenso de que Cascudo era merecedor de homenagens à altura de sua contribuição intelectual e em respeito à sacralidade de sua memória. Aliás, foi justamente a própria noção de uma memória cascudiana o elemento utilizado pelos jornalistas da *Tribuna do Norte* para se posicionarem contrários a proposta de homenagem idealizada pela Fundação José Augusto. Nesses termos, a oposição que as matérias imprimem parece ter sido dirigida à Fundação José Augusto e, principalmente, ao também jornalista Paulo Macedo que trabalhava para outro

veículo de comunicação da cidade: o jornal *Diário de Natal*, onde Câmara Cascudo também atuou como cronista. Isso talvez explique porque as únicas matérias de teor crítico acerca do debate pela memória cascudiana tenham sido publicadas pelo jornal *Tribuna do Norte*, enquanto o *Diário de Natal* (casa profissional de Paulo Macedo) e *A República* (jornal oficial do Estado) se posicionaram constantemente favoráveis a todas as ações desenvolvidas pelas instituições culturais norte-rio-grandenses, notadamente as iniciativas da FJA, para construir um memorial a Cascudo. Sobre essa questão, posteriormente, Paulo Macedo emitiu apenas alguns comentários gerais, dizendo ter enfrentado "oposições de algumas pessoas de má fé, dificuldades de toda ordem, não só percalços, adversidades, mas até antagonismos".[217]

A despeito dessas oposições, os trabalhos de construção do monumento prosseguiram e, em solenidade pública realizada na noite de 10 de fevereiro de 1987, foi oficialmente inaugurado o Memorial Câmara Cascudo pela família do escritor (representada por Dahlia Freire Cascudo), pelo governador do Estado (Radir Pereira) e pelo presidente da Fundação José Augusto (Paulo Macedo).[218]

Imagem 10 Inauguração do Memorial Câmara Cascudo, em Natal.
Solenidade realizada na noite de 10 de fevereiro de 1987.

Em primeiro plano, da esquerda para a direita,

Dahlia Freire Cascudo, Radir Pereira e Paulo Macedo.

Acervo: *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo

[217] MACEDO, Paulo. Depoimento. In: AZEVEDO, Romildo Teixeira de (Coord.). *I Painel sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo*, 1988. p. 60.
[218] SILVEIRA, Toinho. Hoje: inauguração do "Memorial Câmara Cascudo". *A Republica*, Natal, 10 fev. 1987.

A cerimônia de inauguração do Memorial Câmara Cascudo teve uma grande repercussão na imprensa potiguar. No dia da solenidade, os jornais reproduziram um texto oficial e uma imagem de divulgação da esperada homenagem do Governo do Estado para "a maior glória intelectual do Rio Grande do Norte e uma das figuras universais mais expressivas do mundo das letras".[219] Esse *release* tinha a intenção de divulgar a solenidade e esclarecer a população acerca do Memorial, convidando os interessados a participarem do evento público – "momento em que a comunidade se reúne para reverenciar a memória do escritor".[220]

Os depoimentos da família Cascudo destacaram momentos distintos da cerimônia, mas, tocados sentimentalmente pelo gesto de homenagem que havia mobilizado as principais instituições culturais da cidade do Natal, todos ressaltaram a emoção familiar com aquele momento em que "toda a cidade venera e admira àquele que tanto a amou [e] que nunca a deixou, apesar de todos os convites nacionais e internacionais". Para a neta do escritor e diretora do Memorial, Daliana Cascudo, a homenagem era um "poema de amor da cidade"; para o filho de Cascudo, Fernando Luís da Câmara Cascudo, todas as discussões em torno da homenagem teriam sido válidas, "pois reclamavam da forma, não da essência", ou seja, questionava-se o modo de render tributos e não se discordava da homenagem nem dos méritos do homenageado; já para Anna Maria Cascudo, principal porta-voz da família, aquela era "uma noite inesquecível sob todos os pontos de vista. Um punhado de sorrisos para semear nossa saudade...".[221]

Por sua vez, para o idealizador da homenagem, o momento era de extrema alegria pelo sucesso de sua iniciativa e pela repercussão positiva que ela obteve. Em sua coluna no jornal *Diário de Natal*, Paulo Macedo comentou e reproduziu inúmeros depoimentos de amigos e personalidades locais que o parabenizava pelo gesto e pela qualidade do Memorial. Por exemplo, foi reproduzida a opinião de um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Alcir Veras, acerca do que chamou de uma feliz e oportuna iniciativa do presidente da Fundação José Augusto, "fazendo erguer, na têmpera e na durabilidade do bronze, imagem-símbolo de uma obra, de um legado, que transcende ao tempo e se perpetua na memória do povo norte-rio-grandense".[222]

---

[219] ADALBERTO. Memorial Luís da Câmara Cascudo, inauguração hoje. *A Republica*, Natal, 10 fev. 1987.
[220] FJA inaugura hoje à noite memorial Câmara Cascudo. *A Republica*, Natal, 10 fev. 1987.
[221] Todas as declarações estão reproduzidas em: MARIA, Anna. Memorial Câmara Cascudo. *A República*, 13 fev. 1987.
[222] VERAS, Alcir. In: MACEDO, Paulo. Ao mestre com carinho. *Diário de Natal*, Natal, 14 fev. 1987.

Para Macedo, o sucesso da inauguração do Memorial Câmara Cascudo era "a consagração de uma ideia" que reuniu os esforços coletivos e harmônicos das instituições culturais da cidade do Natal por seis meses, período decorrido entre o falecimento do escritor (em 30 de julho de 1986) e a inauguração da instituição (em 10 de fevereiro de 1987).[223] Naquele semestre de planejamento, oposições e obras, foi instituída não apenas uma homenagem à memória cascudiana, mas a própria "memória final" desejada por Cascudo. Configurava-se a partir daquele momento a institucionalização de uma versão oficial para a vida e a obra cascudiana, dimensão poeticamente percebida pelo musicista Oriano de Almeida:

> Diante da bela fachada da casa que vai abrigar livros, manuscritos e lembranças de sua gloriosa vida, o perfil em bronze de Câmara Cascudo contempla amorosa a cidade e a cidade amorosa contempla o seu mestre, como num pacto de simples lealdade. Todo louvor seria pouco para medir apenas este detalhe expressivo da iniciativa que se tornou realidade graças ao esforço persistente, objetivo claro e, sobretudo, profundo amor de seus idealizadores.
>
> Cumprimento a Fundação José Augusto, através de seu presidente jornalista Paulo Macedo, e a todos aqueles que deram uma parcela de seu trabalho e talento para estabelecer o elo duradouro e afetivo entre o Grande Mestre e os passantes de hoje e de amanhã – seus eternos aprendizes.[224]

Construído com recursos do Governo do Estado e, de acordo com os jornais, com doações realizadas por empresários locais e admiradores do escritor Luís da Câmara Cascudo, o Memorial estava originalmente composto por duas partes: 1) um Centro de Estudos e Pesquisas, abrigando "tudo sobre a vida e a obra do escritor" – isso quer dizer, entre outras coisas, contendo inicialmente apenas objetos pessoais, fotografias, entrevistas e a bibliografia cascudiana, não incluindo ainda seu vasto e numeroso acervo que só mais tarde seria transferido; e 2) em frente ao prédio desse Centro de Estudos e Pesquisas havia uma pequena praça com um espelho d'água, de onde fluía uma mão, esculpida pelo artista plástico Dorian Gray Caldas a partir do projeto do arquiteto Sami Elali, sobre a qual estava o monumento em bronze e em tamanho natural do escritor.[225]

---

[223] MACEDO, Paulo. A consagração de uma iniciativa. *Diário de Natal*, Natal, 12 fev. 1987

[224] ALMEIDA, Oriano de *apud* MACEDO, Paulo. Cidade amorosa recebe seu mestre. *Diário de Natal*, Natal, 10 fev. 1987.

[225] MACEDO, Paulo. Radir inaugura memorial hoje. *Diário de Natal*, Natal, 10 fev. 1987.
POVO já pode reverenciar a mestre Cascudo no memorial. *A República*, Natal, 13 fev. 1987.

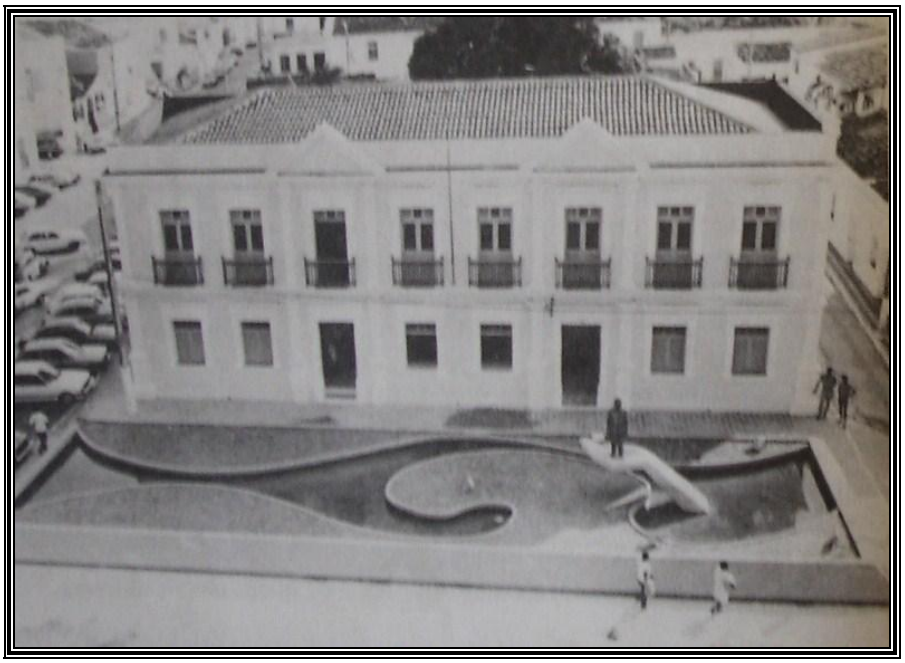

Imagem 11 Fotografia de divulgação do Memorial Câmara Cascudo, publicada no dia da solenidade de inauguração.

A República, Natal, 10 fev. 1987.

Isso significa dizer que, quando de sua inauguração, o Memorial não era exatamente uma instituição voltada exclusivamente para a pesquisa. Antes, era todo um complexo cultural produzido em homenagem à memória cascudiana – o que incluía uma praça, um monumento e um prédio onde iria funcionar "um serviço completo de informações sobre a vida e a obra" do historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo.[226] Nessa condição de totalidade, o Memorial estava situado em uma localização de conteúdo simbólico muito peculiar, uma vez que estava centrado em um imóvel onde antes funcionava a Casa da Cultura do Rio Grande do Norte, no centro histórico de Natal. Mesmo remodelado ao longo dos anos, o prédio era uma construção de significativo valor histórico e artístico, tendo sido construído no século XVIII para abrigar a Provedoria da Real Fazenda (ou Real Erário) e tendo sido palco de importantes acontecimentos históricos como a Revolução de 1817 – razão pela qual veio a ser tombado como patrimônio, em 1990. Além disso, estava situado de frente para o marco zero da cidade do Natal (na Praça André de Albuquerque) e onde também se situa o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação (primeira igreja construída na Capitania do Rio Grande).[227]

[226] FJA inaugura hoje à noite memorial Câmara Cascudo. *A Republica,* Natal, 10 fev. 1987.

[227] As informações acerca do imóvel foram retiradas de dois documentos: 1) uma correspondência de Cascudo a Enélio Lima Petrovich, historiando a construção – documento arquivado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; 2) o processo de tombamento do imóvel como Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte, que está no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto.

Após a inauguração do Memorial Câmara Cascudo, e passada a euforia inicial com a homenagem, as notícias acerca da memória cascudiana diminuíram um pouco de quantidade e frequência. Mas, diante da importância do homenageado, não desapareceram das páginas dos jornais locais. Particularmente, uma nova questão entrou em cena e passou a ser comentada: o destino do acervo acumulado pelo escritor. Ainda que o Memorial fosse composto por um Centro de Estudos e Pesquisas (em alguns documentos e imagens essa seção aparece denominada de Centro de Documentação e Pesquisa), o conjunto de documentos acumulados pelo patrono da instituição não foi imediatamente incorporado por essa entidade cultural.

Como nos permite concluir a documentação, em um primeiro momento, o setor de pesquisas do Memorial possuía apenas uma parte da bibliografia cascudiana, um conjunto de objetos pessoais e, principalmente, uma exposição de fotografias – elementos que cumpriam a função biográfica de apresentar sua vida e o seu trabalho intelectual. Um documento assinado por Daliana Cascudo, em 14 de setembro de 1987, que se encontra no arquivo da Fundação José Augusto pode nos dá uma ideia de que objetos eram esses, na medida em que foram relacionados 50 objetos doados pela viúva do historiador e folclorista para compor o acervo do Memorial. Dentre esse material doado por Dahlia Freire Cascudo, estavam placas comemorativas, comendas, títulos e objetos de estudo como óculos e canetas.[228] Em grande medida, a relação do material inicialmente doado pela família se refere à realização e ao reconhecimento do trabalho intelectual de Câmara Cascudo.

Os motivos apontados para que o acervo cascudiano – composto por sua biblioteca particular, correspondências recebidas, fotografias, mapas, objetos de arte, coleções etnográficas, mobiliário e objetos utilitários da residência, objetos pessoais e o conjunto de premiações recebidas (diplomas, títulos, comendas, placas etc) – não tivesse sido transferido integralmente para o Memorial Câmara Cascudo, dando existência ao anunciado Centro de Documentação e Pesquisa, seriam de ordem sentimental. Segundo noticiaram os jornais, Dahlia Cascudo, que ainda morava na residência onde havia vivido por volta de 40 anos na companhia do marido escritor, recusava-se a deixar o acervo sair de sua casa por estar "ainda muito ligada à memória do marido".[229]

CASCUDO, Luís da Câmara. *[Correspondência enviada a Enélio Lima Petrovich]*. Natal, 07 nov. 1965. Carta.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA. *Processo nº 53/82.* Resolve pelo tombamento do prédio do antigo Quartel General de Natal. Brasil/Natal, 1982-1990.

[228] CASCUDO, Daliana. *Relação de material doado por D. Dália Freire Cascudo, viúva de Luís da Câmara Cascudo, ao Memorial Câmara Cascudo*. Natal, 14 set. 1987. Acervo do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

[229] VICENTE, Sebastião. Finalmente, um trabalho sério. *Diário de Natal*, Natal, fev. 1989. Recorte de jornal – Acervo do jornal *Diário de Natal*.

Apenas no último trimestre de 1988, junto aos preparativos para a comemoração dos 90 anos de nascimento do escritor, seu acervo passou por um processo de limpeza, registro, catalogação e transferência para o Memorial Câmara Cascudo. Realizado por profissionais cedidos pela Biblioteca Pública Câmara Cascudo, instituição que também faz parte da Fundação José Augusto, esse trabalho era resultado de uma parceria entre a família Cascudo e o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, visando conservar e dar destinação pública ao acervo. Havia ainda o interesse de microfilmar a parte epistolar do arquivo, permitindo que a documentação fosse consultada por pesquisadores interessados em conhecer a vida e compreender a obra cascudiana.[230]

Imagem 12 Fotografias do trabalho de organização e catalogação do acervo cascudiano para a transferência do casarão da Junqueira Aires para o Memorial Câmara Cascudo.

Diário de Natal, Natal, fev. 1989.

Conforme noticiaram os jornais, essa parceria visava atender aos desejos do próprio titular do arquivo em manter seu acervo sediado no estado do Rio Grande do Norte, a exemplo da atitude que o próprio Cascudo teve em vida, permanecendo em solo norte-rio-grandense; e em democratizar seu legado cultural e seus estudos para as gerações subsequentes de potiguares estudiosos dos temas de seu interesse intelectual:

> O pedido feito em vida pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo, falecido em julho de 1986, começa a se transformar numa realidade [a organização e disponibilização de seu acervo]. (...). A finalidade é permitir que todo o material possa ser pesquisado, como queria o "mestre" Cascudo. E tranquiliza outra de suas preocupações: vai ficar tudo no Rio Grande do

[230] OS 90 anos de Câmara Cascudo. *Diário de Natal*, Natal, 31 dez. 1988. Recorte de jornal – Acervo do jornal *Diário de Natal*.

> Norte, à disposição da terra de onde ele, mesmo com a repercussão que seu trabalho conseguiu, nunca quis sair.[231]

O grande destaque apresentado pela documentação era o fato de o acervo permanecer no Rio Grande do Norte, mesmo porque, vez ou outra, os jornais noticiavam valores e possibilidades de venda do arquivo, obrigando a família a se pronunciar publicamente em negação a essas matérias tratando de prováveis negociações: "não pretendemos nem doar, nem vender, nem negociar o acervo".[232] Além disso, destacou-se a disponibilização pública do acervo cascudiano, uma vez que isso iria *dar vida* ao Memorial, fazendo-o cumprir a tarefa que seus idealizadores haviam inicialmente planejado:

> Dois anos depois de inaugurado, o Memorial Câmara Cascudo finalmente vai fazer jus ao nome que tem. A instituição foi fundada em 10 de fevereiro de 1987, 'com a finalidade de promover os meios de condições para que o estudo e o conhecimento de Luís da Câmara Cascudo seja uma realidade sensível à evidência significativa do monumento', conforme reza seu material de divulgação. Uma meta que, até hoje, não saiu dos *folders* distribuídos na inauguração. O prédio, recheado de fotografias de Cascudo, não abriga entretanto a obra completa do folclorista: dos 153 livros [sic] publicados por Cascudo, somente 100 existem no Memorial.
>
> Com a transferência do acervo do casarão da Junqueira Aires para a instituição, o Memorial deve ganhar vida. Daliana Cascudo Roberti Leite, neta de Cascudo e Coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa do Memorial, lembra que o prédio funcionava mais como um museu – exibindo títulos como o de doutor Honoris Causa concedido pelo então reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Diógenes da Cunha Lima, e a condecoração da Ordem de São Gregório Magno, concedida pelo Papa Pio XII. Objetos pessoais e miniaturas de comentas também figuravam.[233]

Assim sendo, em meados de 1989, o acervo de documentos de Câmara Cascudo (especialmente cartas, fotografias e livros) foram transferidos para a sede do Memorial Câmara Cascudo, na Praça André de Albuquerque. Pelo convênio firmado, sob regime de comodato, esses documentos foram emprestados ao Estado, ou seja, continuaram pertencendo a família. Mas, desde então, ficaram sob a responsabilidade da Fundação José Augusto. A intenção era fazer funcionar, de fato, um Centro de Estudos e Pesquisas. Porém, de acordo com Daliana Cascudo, a biblioteca pessoal de Cascudo só foi aberta ao público efetivamente em 1994, enquanto as demais seções de seu acervo permaneceram indisponíveis pelo tempo

---

[231] VICENTE, Sebastião. O precioso acervo do Mestre Cascudo está sendo agora organizado e democratizado com a seriedade devida. *Diário de Natal*, Natal, fev. 1989. Recorte de jornal – Acervo do jornal *Diário de Natal*.
[232] CASCUDO, Fernando Luís da Câmara *apud* ACERVO de Cascudo não vai sair de Natal. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 dez. 1988.
[233] VICENTE, Sebastião. Finalmente, um trabalho sério. *Diário de Natal*, Natal, fev. 1989. Recorte de jornal – Acervo do jornal *Diário de Natal*.

em que estiveram no Memorial. Sua *Babilônia*, como ele mesmo chamava sua biblioteca pessoal, ficou sendo a parte do arquivo de Cascudo tornado público.

O próprio Memorial não conseguiu se efetivar como o planejado complexo à memória de seu patrono, funcionando muito mais como um museu biógrafo que abrigava o acervo pessoal cascudiano e possuía um monumento público em memória do escritor homenageado. Não obstante, por meio de exposições e eventos festivos, o Memorial atuou decididamente no sentido de fazer memória e estimular a lembrança de um importante produtor cultural no Rio Grande do Norte. Como monumento, o Memorial Câmara Cascudo cumpriu a função de fazer memória a Cascudo, mesmo que não tenha conseguido se efetivar como uma instituição de pesquisa à altura de seu acervo e do universo intelectual de seu patrono.

Até porque, durante os anos que se seguiram à transferência do acervo cascudiano para o Memorial Câmara Cascudo, os jornais mencionaram e ilustraram a situação de precariedade em que se encontrava a instituição e a documentação por ela abrigada. Chegou-se ao ponto de o jornal *Folha de São Paulo*, de maneira pouco elegante, em 1998, classificar o Memorial como um "lixão", onde mais do que se promover a memória centenária de Cascudo ocorria o descaso e o esquecimento de suas contribuições intelectuais.[234] Diante da falta de recursos e do descaso da Fundação José Augusto com Memorial, assim como ainda hoje costumamos ver com outras instituições culturais potiguares (em especial as que estão sob a responsabilidade administrativa e financeira da FJA), essa instituição de memória enfrentou problemas estruturais que ameaçaram a integridade do acervo e não permitiram a disponibilização (acesso e pesquisa) pública de um importante acervo documental que, ao contrário do previsto, não encontrava condições adequadas de conservação e se deteriorava a cada dia.

Por motivos e questões que extrapolam o alcance desta pesquisa, especialmente por ser testemunha ocular da inoperância da Fundação José Augusto (assim como da mentalidade "provinciana" dos gestores norte-rio-grandenses quando o assunto é a produção cultural do/no Rio Grande do Norte), o acervo do escritor foi transferido de volta ao casarão da Junqueira Aires, em 2009, onde passou a englobar o acervo do *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo e, finalmente, entrou em processo de conservação e digitalização. Nesses termos, mais uma vez, o acervo cascudiano foi reordenado e submetido a uma nova lógica arquivística e de significação biográfica – além de ser institucionalizado sob novas perspectivas. Por oportuno, tratarei dessa hodierna ressignificação da memória cascudiana.

---

[234] CARVALHO, Mario Cesar. Alegres trópicos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 dez. 1998. Caderno mais!

Com efeito, após propostas distintas de uma memória para Câmara Cascudo, o projeto implementado foi aquele que seguiu os desígnios do próprio escritor. O intuito de criar uma fundação para gerir seu patrimônio e realizar pesquisas sobre a cultura popular foi postumamente concretizado, mesmo que seus resultados não tenham sido os esperados. O debate realizado pela imprensa, contando com a opinião de membros de diversas instituições culturais locais, apontou para um órgão que pudesse imortalizar o "mestre" a partir da referência a sua vida provinciana e a sua obra cultural. O *projeto de memória* elaborado pelo escritor *antes da noite* forneceu, assim, os elementos para que seu patrimônio cultural e intelectual fosse imortalizado em um Memorial. Nas palavras do jornalista Paulo Macedo, quem concretizou essa intenção cascudiana:

> "Lá, na área onde nasceu a cidade, em ambiente histórico que foi sua atmosfera de vida e inspiração, o Mestre de corpo inteiro, no bronze, vive a glória de permanecer da mão do povo, abrindo caminho a todos os interessados nos estudos e pesquisas que refletem a sua obra imortal. Ali, com os materiais da história (pedra, cal e bronze), identifica-se a presença imperecível de Luís da Câmara Cascudo na geografia urbana de Natal".[235]

Contudo, mesmo como uma memória institucionalizada, algumas questões de fundo precisam ser aqui refletidas, na medida em que foram recorrentes ao longo desse debate público realizado por intelectuais, jornalistas e políticos após a morte de Cascudo.

A primeira delas se refere aos interlocutores do debate, especialmente os nomes de Paulo Macedo, Diógenes da Cunha Lima, Veríssimo de Melo, Enélio Lima Petrovich e Américo de Oliveira Costa. Representando as instituições culturais do estado do Rio Grande do Norte, especialmente o Conselho Estadual de Cultura (todos, em algum momento, tiveram assento no CEC), a Academia Norte-rio-grandense de Letras (todos eram imortais da Academia) e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (todos se relacionaram diretamente com a instituição na qualidade de sócios), esses sujeitos foram os principais artífices de uma memória cascudiana no Rio Grande do Norte – contando, é claro, com a parceria da família Cascudo. Todos esses intelectuais, alguns sendo também jornalistas e estando envolvidos com as esferas do poder, mantinham relações pessoais com Cascudo – seja por laços familiares, de amizade ou por terem sido seus alunos, seja por terem construído suas trajetórias intelectuais sob orientação cascudiana. Alguns, como veremos no próximo capítulo, se definem como discípulos de Câmara Cascudo e sobre ele escreveram biografias.

---

[235] MACEDO, Paulo. Depoimento. In: AZEVEDO, Romildo Teixeira de (Coord.). *I Painel sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo*, 1988. p. 61.

O segundo aspecto se refere aos argumentos utilizados nesse debate público ocorrido na imprensa local para justificar a necessidade de uma memória cascudiana no Rio Grande do Norte: a genialidade do escritor e sua relação intelectual e afetiva com a cidade do Natal. Isso é importante porque trouxe implicações para a escrita da vida e a leitura da obra de Cascudo. Ao reforçarem uma relação identitária entre Cascudo e Natal, os artífices dessa memória reiteraram uma significação biográfica central para o próprio Câmara Cascudo: a ideia do *provinciano incurável*, aquele que nunca deixou sua cidade e, como tal, construiu uma trajetória intelectual diferenciada. Essa escolha excêntrica, no sentido de estar distante dos centros de produção de conhecimento e afastado das principais bibliotecas e arquivos brasileiros, reforçaria o mérito e o alcance universal de sua obra, uma vez que seus livros superariam as adversidades intelectuais e descobririam outras formas de saber oriundas da cultura popular existentes em seu cotidiano: a província apareceria como um ângulo especial de sua produção, sendo percebida como espaço de convivência e como condição de seu ofício.

Isso corresponderia a uma genialidade intelectual cascudiana que, propalada e exaltada nos jornais e revistas citadinos, posicionaram o autor acima da crítica: "hoje, Cascudo virou um personagem folclórico em Natal. Não deixou seguidores – só cultuadores e aduladores".[236] Não se trata de reduzir o valor da obra de Câmara Cascudo nem de menosprezar sua importância para o pensamento social brasileiro. Ao contrário, quero dizer com isso que, ao exaltar uma condição de genialidade, seus comentadores desviaram o foco de atenção de um exercício reflexivo para uma postura apologética e acrítica em torno de sua produção intelectual. Talvez, não fosse o excesso de um discurso laudatório, a produção de conhecimento em torno do universo intelectual cascudiano estivesse ainda mais aprofundada e, mesmo, sua obra não tivesse passado tanto tempo afastada dos centros de produção de conhecimento, como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, naquilo que um colaborador do jornal *Folha de São Paulo* questionou: "por que um etnólogo do seu porte [de Cascudo] é jogado no limbo pela universidade?".[237]

Mesmo considerando que essa discussão personalista tinha o papel de homenagear Câmara Cascudo e, portanto, que não podemos esperar dela quaisquer posicionamentos discursivos críticos, é necessário ponderar suas implicações epistemológicas. Ao passo que esse debate intelectual buscava homenagear e instituir uma memória cascudiana, esse tipo de argumentação informou um processo de sacralização em torno de sua memória na cidade do

[236] CARVALHO, Mario Cesar. Alegres trópicos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 dez. 1998. Caderno mais!
[237] *Id., Ibid.*

Natal e no estado do Rio Grande do Norte. Assim sendo, enquanto versão última, a criação do Memorial Câmara Cascudo representou o ápice de uma memória para seu patrono, cujas bases de configuração estavam envoltas em uma aura de sacralidade que, ainda hoje, insiste em nortear a produção de conhecimento sobre o tema.

Essa mesma sacralidade, em meu entender, tornou insustentável a tensa relação público-privado que propiciou a criação do Memorial Câmara Cascudo. Havia um descompasso entre a crescente importância atribuída ao acervo particular cascudiano enquanto um patrimônio cultural norte-rio-grandense e os decrescentes investimentos públicos para preservar, gerir e difundir as contribuições intelectuais de seu titular. Institucionalizado como monumento intelectual da província, o Cascudo imortalizado pela homenagem de seus amigos e pares intelectuais impossibilitou a efetivação integral dos objetivos que deveriam ser cumpridos pelo Memorial no sentido de usar seu acervo como porta de acesso para a compreensão da vida e da obra cascudiana. Como afirmou seu filho Fernando Luís: "Cascudo foi tragado pela província que cultuava".[238]

Por fim, a dimensão da pesquisa, que deveria ser o carro-chefe das atividades desempenhadas pelo Memorial Câmara Cascudo, acabou esbarrando em uma definição tradicional de arquivo, convertendo-se em uma memória arquivada. Na medida em que estava inacessível, o acervo cascudiano não foi transformado no planejado Centro de Estudos e Pesquisas Culturais. Antes, seu arquivo pessoal tornou-se o famoso *lugar de memória* de Pierre Nora, compensando a perda ocasionada pela morte de Câmara Cascudo e, enquanto registros de sua atividade intelectual, exercendo a função simbólica de manter a lembrança de sua atividade intelectual.[239]

Mantidos fora do alcance dos estudiosos, esses registros documentais acabaram por reiterar uma versão cristalizada da memória cascudiana que, na ausência de problematizações e na impossibilidade de uma reflexão constante e atualizada, mantém-se em voga a partir do enquadramento de memória produzido por Câmara Cascudo em seus livros autobiográficos e também elaborada por seus biógrafos nas décadas que antecederam a criação do Memorial. Por outro lado, *após a noite*, o Memorial Câmara Cascudo alcançou um dos objetivos de quando era ainda um projeto de memória cascudiano, tornando-se a pretensa "memória final" que o livro *Antes da Noite* não pôde ser. Enquanto isso, seu arquivo, sua contra-memória e, logo, sua história permaneceram encobertos como "segredos" da *Babilônia*.

---

[238] CASCUDO, Fernando Luís da Câmara *apud* CARVALHO, Mario Cesar. Alegres trópicos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 dez. 1998. Caderno mais!

[239] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

CAPÍTULO 2

O entardecer de um *colecionador de crepúsculos*[240]

> *Mas o tempo da comemoração, como se sabe, é também o da quarentena do exercício da crítica.*[241]
>
> *Antonella Salomoni*

Em uma fotobiografia dedicada ao pai, a jornalista Anna Maria Cascudo Barreto nomeou Câmara Cascudo de um *colecionador de crepúsculos*. Esse termo se refere à admiração cascudiana pelo pôr-do-sol no rio que corta a cidade do Natal, o rio Potengi, na margem do qual residia a família Cascudo e hoje estão situados o Memorial e o Instituto homônimos. Tal admiração fazia com que o escritor, na companhia do amigo Sylvio Piza Pedroza, percorresse os espaços urbanos natalenses para observar o crepúsculo sob diferentes ângulos e paisagens na busca por eleger o mais belo pôr-do-sol da cidade do Natal. Esse termo também pode se referir à preocupação do Cascudo biógrafo, aquele que dedicou a maior parte de seus escritos a retirar do ocaso personagens do passado natalense – vidas que um dia haviam brilhado, mas que estavam declinando no horizonte da lembrança de seus conterrâneos, ou seja, personalidades de outrora que perderam o brilho e estavam desaparecendo da memória citadina. Cada personagem "roubado ao esquecimento" seria um novo crepúsculo para a sua coleção.

Essa preocupação de biógrafo é o eixo norteador deste segundo capítulo, cujo objetivo é examinar as narrativas de vida elaboradas pelos principais biógrafos de Cascudo, de modo a refletir acerca de um padrão biográfico existente desde meados do século XX e que foi institucionalizado no Memorial Câmara Cascudo. Tal capítulo se justifica pelo fato dos biógrafos cascudianos terem sido personalidades intelectuais e políticas locais e, a grande maioria deles, terem sido interlocutores no processo de criação do Memorial. É interessante destacar que ainda em 1947, ou seja, aproximadamente 40 anos antes de falecer, Cascudo já havia recebido uma publicação biográfica, sob a forma de opúsculo, na qual seus amigos o homenagearam destacando suas diversas facetas intelectuais e humanas. Desde então, outras biografias surgiram, reproduzindo os sentidos atribuídos pelo próprio Cascudo a sua vida e obra. A maioria dessas biografias foi escrita por pessoas que de algum modo mantiveram alguma relação pessoal com Cascudo, coincidindo em enredo, cronologia, argumentação e adjetivação.

---

[240] BARRETO, Anna Maria Cascudo. *O colecionador de crepúsculos:* fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo, 2003.

[241] SALOMONI, Antonella. Um saber histórico de Estado: os arquivos soviéticos. SALOMON, Marlon. (Org.). *Saber dos arquivos.* Goiânia: Edições Ricochete, 2011. p. 30.

Diante disso, anseio discutir a transformação do biógrafo em biografado. Antes do crepúsculo de sua vida, Câmara Cascudo já havia recebido estudos biográficos. Antes mesmo do risco do ocaso, os biógrafos a ele se dedicaram. Por isso, recuando no corte temporal do capítulo anterior, busco perceber nessas biografias quem são seus autores; quais eram suas relações com Cascudo; quais fontes utilizaram para escrever suas biografias; em que medida construíram ou reproduziram o padrão biográfico do Memorial; e se contribuíram para a criação dessa instituição de memória.

Nesse sentido, as biografias escolhidas deverão ser examinadas comparativamente para que fiquem evidentes as condições de possibilidade de criação de um memorial. Porém, essa análise comparativa não será exposta individualmente nem terá qualquer intenção de apresentar cada biógrafo e biografia. Antes, essas narrativas de vida serão problematizas em conjunto e de acordo com suas épocas de produção, verificando os lugares sociais de produção dos biógrafos, as relações pessoais ou intelectuais mantidas com o biografado, os significados que imprimiram para a vida e obra cascudiana e suas participações no processo de constituição de uma memória de/para o escritor Luís da Câmara Cascudo. Em termos teóricos e metodológicos, esses livros serão analisados enquanto uma *escrita dos outros*. Isso significa considerar o papel dos biógrafos no sentido de definirem significados para a vida e a obra de Câmara Cascudo.

As principais biografias que serviram de fontes para este capítulo são: *Luiz da Câmara Cascudo: depoimentos* (1947); *A província* (1968); *Luís da Câmara Cascudo: sua vida e sua obra* (1969); *Viagem ao universo de Câmara Cascudo* (1969); *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968* (1970); *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz* (1978); *I Painel sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo* (1988); *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil* (1999); e *O colecionador de crepúsculos* (2003).[242]

Em função dessa perspectiva mais panorâmica em torno da análise de tais livros e da percepção da importância de cada biografia para a problemática desta tese, qual seja o processo de enquadramento da memória cascudiana, alguns trabalhos serão mais destacados e comentados que outros. Ainda que todos os biógrafos e biografias em tela tenham sido examinados, a ênfase recairá sobre aqueles autores cujo investimento para a criação do Memorial Câmara Cascudo foi mais decisivo (Diógenes da Cunha Lima, Enélio Petrovich e Américo de Oliveira Costa) ou sobre aquelas narrativas cuja contribuição para um enredo (auto)biográfico cascudiano foi mais propalado (*Depoimentos* e *A província*).

[242] Para as referências completas desses livros, consultar a bibliografia cascudiana em anexo.

2.1 Um estado da arte cascudiana

Para dar sequência à análise desses estudos biográficos, julgo necessário avaliar o estado da arte cascudiana, apontando e mensurando o nível do debate intelectual em torno do sujeito/objeto desta pesquisa. A primeira constatação é que não podemos mais afirmar, como até bem pouco tempo o fazíamos, que Câmara Cascudo tem sido ignorado pela Academia, mormente por pesquisadores vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – instituição que concentra a maior parte das pesquisas já realizadas acerca dessa temática. Vivemos um momento em que as Universidades redescobrem a obra cascudiana e caminham no sentido de consolidar uma reflexão acerca das contribuições desse historiador e folclorista para a formação do pensamento social brasileiro.

Essa constatação é resultado de um levantamento de livros, artigos, monografias, dissertações e teses que tematizaram a vida e/ou a obra de Cascudo ou que dele se utilizaram para refletir sobre alguma temática de estudo tratada em seus livros. A relação não só é extensa como é multidisciplinar – assim como a própria obra cascudiana, que circula por diversos campos do saber. Em virtude de ser esta tese um trabalho inscrito no campo da História, em grande medida, priorizei o diálogo com textos produzidos por historiadores. Mesmo porque nem todos os trabalhos realizados são de fácil acesso, na medida em que não estão disponíveis nos bancos virtuais de dissertações e teses e que, por isso, permanecem inéditos ao grande público ou que, no caso dos estudos precursores, não estão mais em circulação por terem recebido edições pequenas e não terem passado por reedições.

Apesar dessa prioridade historiográfica, quando acessível, procurei dialogar também com textos de memorialistas, cientistas sociais, antropólogos, arquitetos e estudiosos da literatura que, de algum modo, refletiram sobre o universo intelectual cascudiano. Evitando enumerar esses estudos e publicações, o que somente alongaria a discussão e pouco acrescentaria a minha proposta de trabalho, realizo um breve "balanço historiográfico" para apontar os diferentes momentos e concepções em torno da temática – com ênfase nos autores que mais contribuíram para este estudo. Ao realizar essa análise historiográfica, *grosso modo*, mapeei três momentos de produção de conhecimento acerca de Cascudo.[243] Entretanto, é necessário que fique claro não haver aqui uma intenção de estabelecer classificações estanques para essa bibliografia. Afinal, em cada uma dessas fases, há exceções que não se enquadram no que era o padrão discursivo da época.

[243] A bibliografia dos estudos cascudianos que, englobando as três fases apontadas, foram por mim consultados estão disponíveis ao final deste trabalho na seção das referências.

A primeira fase, que corresponde principalmente ao período em que Cascudo viveu e aos primeiros anos após a sua morte, é composta por uma bibliografia a que denomino de *personalista*. Nesse primeiro momento, que para efeito explicativo compreende quase inteiramente a segunda metade do século XX, encontramos estudos biobibliográficos produzidos por intelectuais e jornalistas que possuíam um forte vínculo de amizade ou nutriam profunda admiração pelo escritor. Esses trabalhos, nos quais uma fortuna crítica destacou as iniciativas de Américo de Oliveira Costa, Zila Mamede e Diógenes da Cunha Lima, possuíam a intenção de homenagear o escritor e, por isso, foram pautados por uma narrativa encomiástica.[244]

É dessa fase o maior número de publicações localizadas por esta pesquisa, estando composta por uma incontável quantidade de artigos publicados em jornais e revistas de circulação local e nacional e também por um conjunto bibliográfico que, embora dedicado à *persona* intelectual do escritor, procurou destacar laços de fraternidade mantidos com o autor e fazer conhecer algumas excentricidades de sua personalidade. A existência dessa relação de afetividade e admiração justifica o tom laudatório das narrativas e explica a inexistência de reflexões e posicionamentos críticos diante do tema. Como exemplo de tal perspectiva, podemos citar o texto da autoria de Joracy Camargo no qual declarou sua impossibilidade de escrever uma crítica sobre Cascudo por considerá-lo autor de uma atividade literária de profunda contribuição social, afirmando-nos restar a tarefa de usar as palavras apenas para consagrar o amigo:

> Quanto a mim, entretanto, que Deus me livre de macular a obra de Cascudinho, escrevendo um ensaio, um artigo, uma crônica, ou seja lá o que for sobre sua produção literária e científica. Seria uma grande falta de respeito, mesmo para louvar e por em relevo seus inumeráveis valores estéticos e literários. (...). Cascudo já não mais está ao alcance da crítica, e só mais tarde é que sua obra poderá ser objetivo de pesquisas. Agora, é apenas aceitar, admirar e consagrar o que pensou e escreveu.[245]

Em um sentido tradicional e apologético do termo, há claramente uma dimensão biográfica presente nessa *bibliografia personalista*. Produzidas no mesmo contexto em que Câmara Cascudo escreveu seus livros autobiográficos, essa bibliografia interagiu diretamente com os escritos memorialísticos cascudianos – ora reproduzindo-os e, curiosamente, ora

---

[244] MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo:* 50 anos de vida intelectual, 1918-1968 – Bibliografia anotada, 1970.
COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo.* 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1969.
LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz.* 1. ed. Natal: RN Econômico, 1978.

[245] CAMARGO, Joracy. A maior glória de Cascudinho. *Província,* Natal, n. 2, p. 23-24, 1998. p. 23. (Edição fac-similar de 1968).

alimentando os significados que o próprio Cascudo atribuiu a sua vida. Assim sendo, a *escrita de si* cascudiana tem uma forte aproximação e interação com aquilo que podemos chamar de a *escrita dos outros* acerca dele próprio, na medida em que ele aceitou tais narrativas e as incorporava em seus textos memorialísticos. É conhecido o exemplo do título de *provinciano incurável*, que seria uma atribuição dada por Afrânio Peixoto, tendo sido plenamente incluído pelo folclorista potiguar em sua autobiografia. Em suas próprias palavras:

> Em 1946 fiz parte de uma comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Uruguai. Éramos três: Aloísio de Castro, Angione Costa e eu, único sobrevivente.
>
> Voltando, contou-me Aloísio de Castro que Afrânio Peixoto, sabendo da expedição cultural, dissera num leve riso – "E ele deixou o Rio Grande do Norte? *Câmara Cascudo é um provinciano incurável!*"
>
> Encontrara meu título justo, real, legítimo.
>
> PROVINCIANO INCURÁVEL!
>
> Nada mais (Grifo do autor).[246]

Não querendo entrar no mérito da quantidade e da qualidade dessa fase de estudos cascudianos, mas ao mesmo tempo procurando destacar a importância desses escritos no contexto de sua produção, posiciono-me para além de suas apologias e reconheço as informações que trouxeram para o entendimento de como a trajetória intelectual cascudiana foi sendo composta e como sua obra foi sendo recebida pelo meio literário local e pelo público leitor. Apesar da ausência de crítica, ou justamente por isso, o que estou chamando de uma *bibliografia personalista* tem uma grande importância para este estudo que se propõe a pensar a instituição de uma memória cascudiana na cidade do Natal. Como veremos ao longo deste capítulo, após o processo de localização e seleção, parte desse conjunto bibliográfico foi problematizado na condição de fonte historiográfica, servindo para o entendimento do processo de constituição de uma memória de/para Câmara Cascudo que levou à criação de seu Memorial.

Em uma segunda fase bibliográfica, que engloba o período de transição entre o século XX e o século XXI, temos o surgimento de pesquisas científicas em torno da vida e da obra de Cascudo. Procurando identificar elementos que fossem capazes de aproximar e agrupar os trabalhos dessa fase, estabelecendo diferenciações com a bibliografia que a precedeu, é possível verificarmos alguns aspectos inovadores: as vinculações às Universidades, um caráter científico, a adoção de um suporte teórico-metodológico crítico e, principalmente, a preocupação em se posicionar para além de um discurso laudatório. Em virtude de possuírem

[246] CASCUDO, Luís da Câmara. Um provinciano incurável. *Província*, Natal, n. 2, p. 5-6, 1998. p. 6.

um escopo acadêmico, nomeei esses estudos de *bibliografia científica*. Nesse contexto produtivo podemos destacar as iniciativas dos professores universitários Humberto Hermenegildo de Araújo, Marcos Silva e Vânia de Vasconcelos Gico. Suas pesquisas foram organizadas por objetivos e perspectivas distintas, alcançando resultados específicos para cada área em que se detiveram. Porém, em comum, esses pesquisadores contribuíram para reaproximar a Academia da obra de Câmara Cascudo, inaugurando e consolidando um campo de pesquisas e estudos acerca do escritor norte-rio-grandense.

Humberto Hermenegildo pode ser considerado um dos pioneiros na realização de um estudo cascudiano adotando uma perspectiva acadêmica reflexiva, quando cursou o mestrado em *Teoria Literária*, pela Universidade Estadual de Campinas. Em sua dissertação – defendida em 1991 e publicada em 1995 – Hermenegildo se dedicou a acompanhar a repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Norte a partir da atuação de Luís da Câmara Cascudo e do poeta Jorge Fernandes.[247] Assim sendo, Cascudo não era propriamente o tema daquela pesquisa que, em termos específicos, era o estudo do modernismo local. Contudo, ao propor uma introdução ao estudo do modernismo no Rio Grande do Norte, Hermenegildo dedicou boa parte de seu trabalho ao entendimento da participação de Cascudo naquele movimento, enfatizando a contribuição do jovem escritor no sentido de recepcionar e divulgar as ideias modernistas em seu estado. Esse estudo não apenas inaugurou aquilo que estou chamado de uma *bibliografia científica* como contribuiu para o surgimento de novos estudos acerca dessa temática – trabalhos realizados pelo próprio Hermenegildo e pelos pesquisadores, em diferentes níveis de formação, que ele tem orientado no Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição na qual suas pesquisas estão vinculadas.[248]

Outro pesquisador que tem contribuído para a consolidação dos estudos cascudianos é o historiador Marcos Silva, norte-rio-grandense vinculado à Universidade de São Paulo. Durante as efemérides do centenário de nascimento de Câmara Cascudo, em 1998, foi iniciado o que Silva chamou de uma oportuna retomada e ampliação do debate em torno da obra cascudiana. Segundo esse historiador, não por acaso, tal iniciativa se deu fora do

---

[247] ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo:* anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

[248] Como exemplo, ver: FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição:* leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

_____. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo:* entre a tradição, o moderno e o regional. 212p. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

calendário oficial de comemorações, quando ainda não havia espaço para a crítica.[249] Desde então, ele tem organizado colóquios e livros que reúnem pesquisadores com as mais distintas posturas teórico-metodológicas, incentivando uma reflexão ampla e plural sobre o pensamento cascudiano.[250] Particularmente, em livro/dicionário que se propôs a mapear e analisar criticamente boa parte da obra de Cascudo, Marcos Silva comentou as diretrizes do campo de estudo que estava consolidando:

> Certos excessos no culto à pessoa e à obra de Câmara Cascudo, manifestos na própria menção a uma "cascudologia" (em alguns casos, talvez seja mais correto falar em cascudolatria), têm por contrapartida a tentação iluminista de "desmontar o mito", que pode, facilmente, significar tiro pela culatra em quem a reivindicar: sendo intensa a carga explosiva, em termos intelectuais, desse suposto "objeto de desmonte", o candidato a demolidor se arrisca a ficar reduzido à eterna função do discurso negador dos que o cultuam – antimito –, como se observa no argumento ateu. Melhor é procurar entender a importância criadora e crítica do Câmara Cascudo inventor de temas e abordagens, destacando potencialidades de pensamento que ela contém. Isso não significa adotar, sem mais, sua envolvente retórica sobre povo, cultura e história nem renunciar à tarefa crítica que parta de indagações básicas como: Qual Povo? Qual cultura? Qual história?[251]

De minha parte, acrescento: qual memória? Ou, mais precisamente, por que esse enquadramento da memória? Na medida em que a maioria dos estudiosos do tema, por meio século, se restringiu a reproduzir informações biográficas e estatísticas bibliográficas, no intuito de laurear o escritor norte-rio-grandense, pouco se avançou no entendimento da obra cascudiana durante esse tempo. Como adverte Marcos Silva, não se trata de uma ilusória desmontagem do mito cascudiano, mas da problematização de um reiterado discurso que não mais atende às expectativas epistemológicas da sociedade contemporânea, ansiosa por novos olhares e estudos cascudianos. Nas palavras do próprio Silva, diante de uma envolvente retórica cascudiana, é dever do pesquisador não renunciar à tarefa crítica e lançar indagações reflexivas.

Por sua vez, Vânia Gico pode ser apontada como outra pioneira no sentido de trazer a obra cascudiana para a Academia, transformando-a em tema de estudos científicos. Conforme o mapeamento realizado por esta pesquisa, é de Vânia Gico a primeira tese localizada acerca

---

[249] Ver, por exemplo: SILVA, Marcos A. da. Câmara Cascudo e a erudição popular. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 317-334, nov. 1998.
[250] *Id.*, (Org.). *Câmara Cascudo e os saberes.* Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.
[251] *Id.*, Nota preliminar. In:___. *Dicionário crítico Câmara Cascudo.* São Paulo: Perspectiva: FFLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. da UFRN: Fundação José Augusto, 2006. p. XVI-XVII.

de Cascudo em um programa de pós-graduação brasileiro.[252] Inscrita na área das Ciências Sociais, a tese de Gico foi defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1998 – ano do centenário de nascimento do escritor e, por isso mesmo, de muitas comemorações em torno dele. Não obstante o simbolismo da data, ao procurar apontar seus interlocutores, a autora afirmou:

> Cascudo legou especialmente ao Rio Grande do Norte, neste breve século XX, que o encantou por conhecê-lo, menino, rapaz e velho, uma extensa produção intelectual. (...). Pouco discutida no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que ajudou a criar, proferindo inclusive o discurso de inauguração, e na qual atuou como pesquisador e professor.
>
> Seus livros raramente são adotados nas bibliografias dos cursos regulares de graduação e pós-graduação (...). O acervo das bibliotecas localizadas em Natal possui poucas obras de Luís da Câmara Cascudo, o que não ocorre noutros Estados e países. A rede escolar potiguar, em todos os níveis, além de pouco incentivar este tipo de leitura, não possui um programa de divulgação junto às políticas culturais. Talvez só a distância do tempo histórico crie a necessidade de estudos e discussão merecida à sua obra.[253]

Naquele momento, Vânia Gico justificou e demarcou sua pesquisa apontando a inexistência de estudos e debates à altura da complexa obra cascudiana. Quinze anos separam o resultado do doutoramento de Gico de minha tese. De lá para cá, o cenário aponta para uma perspectiva distinta e não mais de impossibilidade ou inexistência de reflexões, mas de amadurecimento dos estudos cascudianos.

Acompanhando a seara aberta por esses três pesquisadores, pois, busquei investigar o processo de construção de uma memória que fez de Cascudo sujeito de veneração e que, por muito tempo, tornou outras relações de conhecimento mais difíceis ou, pelo menos, limitou o alcance de alguns trabalhos realizados. Isso significa apresentar uma terceira e hodierna fase dos estudos acerca da vida e da obra de Câmara Cascudo, na qual me vinculo, nomeando-a de *novos estudos cascudianos*.[254]

Em termos teórico-metodológicos, esses novos estudos se assemelham em muito com a fase anterior. Em grande medida, o que está determinando sua definição como momento

---

[252] Essa afirmativa está sendo feita a partir de inúmeras pesquisas em bibliotecas e *sites* especializados em dissertações e teses. Além disso, essa informação encontra respaldo no banco virtual de dissertações e teses da CAPES, que rege a pós-graduação no Brasil. Vale frisar que localizei seis teses brasileiras sobre Cascudo, mas apenas cinco delas me foram acessíveis. Somando-se a minha tese, o então sétimo trabalho de doutoramento, há ainda uma oitava tese cascudiana sendo desenvolvida neste momento com base nas discussões de Cascudo acerca da alimentação no Brasil. Para maiores detalhes, consultar a seção de referências ao final deste trabalho.

[253] GICO, Vânia de Vasconcelos. *Luís da Câmara Cascudo:* itinerário de um pensador. 208p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 14.

[254] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (Org.). *Novos estudos cascudianos.* No prelo.

particular de estudos cascudianos é um critério apenas operacional estabelecido por esta pesquisa: a proximidade do diálogo coletivo entre alguns pesquisadores e suas pesquisas e o interesse em delimitar um campo específico para inscrever esta tese. Não querendo estabelecer uma classificação arbitrária, explico, trata-se apenas de um esforço metodológico de aproximar pesquisadores e pesquisas que mantêm entre si uma afinidade temática, teórica e, por que não, identitária (no sentido de identidade acadêmica). Nesses termos, aponto as iniciativas dos pesquisadores Margarida de Souza Neves e Durval Muniz de Albuquerque Júnior, cujos projetos de pesquisa sobre Cascudo reuniram e orientaram um conjunto de pesquisadores que, desde então, tem apresentado monografias, dissertações e teses, configurando trajetórias acadêmicas em torno da obra cascudiana e/ou formando pesquisadores interessados em se dedicar à contribuição do escritor potiguar ao campo do pensamento social brasileiro.[255]

As pesquisas realizadas pela historiadora Margarida de Souza Neves acerca de Cascudo decorreram do projeto *Modernos Descobrimentos do Brasil*, vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.[256] No final dos anos 1990, no contexto de preparação para as festividades do chamado *500 anos do Brasil*, esse projeto procurou refletir sobre um conjunto de intelectuais que eram – e ainda são – tidos como "intérpretes do Brasil por buscarem mapear a identidade do país e de sua cultura".[257] Entre esses escritores que tomaram o Brasil como questão e apontaram novas formas de "descobrir" o país está Luís da Câmara Cascudo, a quem Margarida Neves destacou como possuidor de uma postura intelectual polígrafa e polifacética.

Para Neves, mesmo sendo um "descobridor que elaborou sua vasta cartografia simbólica do Brasil sem levantar âncora de seu porto de origem", em Natal, Cascudo

---

[255] Destaca-se ainda os estudos do professor José Reginaldo Santos Gonçalves acerca da etnografia cascudiana, com os quais dialogo e me identifico.
Como exemplos de seus estudos, ver: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cotidiano, corpo e experiência: reflexões sobre a etnografia de Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* Rio de Janeiro, n. 28, p. 74-81, 1999.
_____. Luís da Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil:* 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 174-183.

[256] Cf. MODERNOS descobrimentos do Brasil. Coordenação de Margarida de Souza Neves. Desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995-2004. Apresenta textos, imagens e informações sobre alguns intelectuais que contribuíram para pensar o Brasil. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/modernosdescobrimentos.htm>. Acesso em: 08 ago. 2008.

[257] Além de Cascudo, entre os descobridores pesquisados pelo referido projeto, temos: Capistrano de Abreu, Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Cecília Meireles.

possibilita inúmeras descobertas acerca do entendimento do Brasil pelo viés cultural.[258] Seus roteiros para entender o país, em face da própria personalidade "vulcânica e galvanizadora" do escritor e de sua obra, inserem Cascudo na plêiade de modernos descobridores do Brasil – motivo pelo qual sua obra mereceu da parte de Margarida Neves uma grande atenção, resultando em inúmeras publicações e orientações em torno de suas concepções de história, memória, folclore, tradição e progresso.[259]

Pela ênfase na constituição da formação do pensamento cascudiano, esses estudos propuseram importantes interpretações acerca dos "descobrimentos" intelectuais de Cascudo, oferecendo novos pontos de vista para o tema e realizando uma operação historiográfica que articulou criticamente sujeito e produção, isto é, vida e obra.

Por fim, apoiado nas novas concepções teórico-metodológicas que embasam o gênero biográfico, de acordo com as quais as narrativas biográficas não devem pensar a vida como uma coerência prévia, Durval Muniz tem questionado as versões consagradas acerca da vida e da obra de Câmara Cascudo. Em especial, esse pesquisador vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem realizado discussões acerca da forma pouco problematizada como esse tema vinha sendo explorado e, em função disso, tem proposto a realização de novos estudos enfocando os marcos da biografia oficial cascudiana, que antes eram encarados como elementos da memória. Através dessa postura, Muniz tem conseguido submeter a obra de Cascudo à análises historiográficas ao invés de reiterar interpretações já obsoletas.[260]

Preocupado também com a participação dos folcloristas brasileiros no processo de invenção da cultura popular nordestina, Durval Muniz pesquisou a vida e a obra cascudiana

---

[258] NEVES, Margarida de Souza. *Roteiros para descobrir a alma do Brasil:* uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. 2000. Relatório de pesquisa CNPq. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>. Acesso em: 08 ago. 2008.

[259] Para conhecer alguns desses estudos, ver: ABREU, Joana Cavalcanti de. *Um patrimônio de tradições:* o folclore na produção intelectual de Cecília Meireles e Luís da Câmara Cascudo. 58p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

BYINGTON, Silvia Ilg. *Pentimentos modernistas:* as cores do Brasil nas correspondências de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 173p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FARIAS, Mirella de Santo. *Memórias de um menino sertanejo:* o Sertão de Luís da Câmara Cascudo. 37p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MELLO, Luiza Larangeira da Silva. *O gorila, o homem e o robô:* a tensão entre tradição e progresso na obra de Luís da Câmara Cascudo. 52p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PAIVA, Tatiana Moreira Campos. *Luís da Câmara Cascudo:* um historiador clássico? 59p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

[260] Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Luís da Câmara Cascudo em "As batalhas contra o Tempo":* a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

para, a partir dela, entender como os folcloristas gestaram uma forma de dizer e conceber a cultura da região Nordeste em referência ao popular e tradicional e em oposição ao moderno e urbano. Em torno desse debate, variadas facetas pessoais e intelectuais de Cascudo foram analisadas e resultaram em significativos trabalhos acadêmicos. Dentre as temáticas, podemos mencionar os estudos cascudianos sobre seus perfis regionalista, modernista, integralista e católico; sobre as relações de gênero e a concepção de cultura popular em sua obra; acerca da historiografia dos espaços que desenvolveu; em torno de sua monumentalização intelectual; e acerca de alguns lugares de memória criados para homenageá-lo.[261]

Diante do exposto, verifica-se uma significativa ampliação e desenvolvimento das pesquisas e estudos acerca da vida e da obra do escritor Luís da Câmara Cascudo, notadamente em uma perspectiva historiográfica. É certo que, em virtude da complexidade e do alcance da obra cascudiana, muito ainda se tem por fazer em torno da temática e, em alguns casos, as análises carecem de aprofundamento e de certa dose de problematização. Contudo, não podemos fazer como alguns pesquisadores que tem procurado desqualificar essa produção bibliográfica – talvez, até por não terem essa visão do estado da arte cascudiana:

> Existe um número já considerável de trabalhos que tratam de Cascudo. A grande maioria na verdade se constituem em documentos de cultura que se

[261] Para conhecer alguns desses estudos, ver: BRITO, Marília Barbosa de. *Um homem, uma cidade:* relações de Luís da Câmara Cascudo com a moderna cidade do Natal (1918-1929). 94p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
COSTA, Bruno Balbino Aires da. *"Mossoró não cabe num livro":* Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012.
FERNANDES, Kaliana Calixto. *Santo de casa "faz" milagre:* Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal. 119p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
LIMA, Bruna Rafaela de. *A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo*. 63p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
LIMA, Bruna Rafaela de. *Da rede ao altar:* vida, ofício e fé de um historiador potiguar. 233p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
MEDEIROS, Gislainy Alencar. *Luis da Câmara cascudo:* a produção histórica de uma subjetividade integralista (1910 a 1940). 145p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
OLIVEIRA, Felipe de Souza Leão de. *A escrita do tempo e a poética do espaço:* história e espaço no livro Geografia do Brasil Holandês de Luís da Câmara Cascudo. 204p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. *Luís da Câmara Cascudo e a invenção do feminino na "cultura popular nordestina" (1938-1977).* Campina Grande: EDUFCG, 2009.
ROCHA, João Carlos Vieira da Costa Cavalcanti. *Entre rosas e espinhos:* os discursos sobre feminilidade e masculinidade na obra de Luís da Câmara Cascudo (1920-1930). 41p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
SOUTO, Carlos Magno dos Santos. *O alvissareiro:* a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas de 1940-1950. 134p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

> juntam aos textos de Cascudo constituindos [sic] anexos aos trabalhos deste. Recentemente surgiram alguns trabalhos acadêmicos, mas mesmo aqui poucos trazem uma contribuição a uma análise mais realista da trajetória intelectual de Cascudo. E alguns são claros em suas orientações logo nas primeiras linhas. Como este de Maristela O. de Andrade "Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo", que se inicia: "Este trabalho tem como principal motivação prestar uma homenagem à Câmara Cascudo na passagem do centenário de seu nascimento".[262]

Essa perspectiva "mais realista da trajetória intelectual de Cascudo" buscada por Aluízio Lins Oliveira não pode prescindir de toda uma bibliografia que, a despeito de quaisquer escolhas teórico-metodológicas, contribuiu para o avançar dos estudos críticos-científicos acerca das realizações intelectuais desse escritor potiguar. Assim sendo, é necessário historicizarmos essas publicações para as entendermos dentro de um contexto específico de produção. No caso do texto escrito por Maristela Andrade, por exemplo, encontramos um estudo realizado e publicado durante os festejos pelo centenário de nascimento de Câmara Cascudo, em 1998, e sob a égide do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (instituição cultural que, a partir da iniciativa de Enélio Lima Petrovich, tem se dedicado a exaltar a memória daquele que foi um dos seus mais respeitados e conhecidos representantes).[263] Desse modo, conforme a postura adotada nesta tese, é mais importante analisarmos e compreendermos a relação dessa bibliografia com uma história, uma memória e uma escrita de si cascudiana para conseguirmos imprimir um posicionamento crítico sem desconsiderarmos o que esses livros representaram para a época em que foram produzidos.

2.2 Depoimentos da província

Para refletirmos sobre as biografias que tematizaram Câmara Cascudo e que, sobretudo, traçaram perfis intelectuais para esse escritor é necessário ultrapassarmos um pouco o recorte cronológico que esta tese vem se detendo (segunda metade do século XX) para alcançarmos, brevemente, as primeiras décadas desse mesmo século, momento em que surgiram narrativas em torno do Cascudo, então, crítico literário norte-rio-grandense. Já nos anos de 1920, quando o jovem *Cascudinho* iniciava sua trajetória intelectual, os jornais locais

---

[262] OLIVEIRA, Aluízio Lins de. *Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo.* 165p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 25.

[263] ANDRADE, Maristela de. *Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo.* Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1999.

publicaram matérias voltadas para o cenário letrado do Rio Grande do Norte com o intuito de efetivamente tornar seu mais novo "escriba conhecido"[264] e promover seu nome junto a seus pares e ao público leitor do jornal. Por exemplo, em 29 de dezembro de 1922, o periódico natalense *A Imprensa* publicou um texto intitulado *Luís da Câmara Cascudo*, no qual o apresentou como escritor e comentou sua atuação: "[Luís da Câmara Cascudo] esse é um nome que cedo desfronteirou os limites do nosso Estado, com a irradiação do seu espírito brilhante".[265] Textos como esse, podem ser considerados biográficos ainda que, para a época, não tenham buscado apresentar a vida do autor, mas porque procuraram traçar a trajetória intelectual de um potiguar, utilizando-a como enredo para a significação das ideias contidas na matéria.

Essa espécie de biografia continuou a ser publicada, durante as décadas seguintes, nos jornais da chamada *província* e junto aos próprios trabalhos lançados por esse autor. No entanto, em face do progressivo reconhecimento e consagração intelectual cascudiana em meados do século XX, esses pequenos escritos biográficos passaram a assumir novas intenções: fornecer elementos para que os leitores pudessem melhor conhecer o autor e entender suas ideias, bem como resumir e expor suas contribuições intelectuais. Embora não sejam reconhecidos por uma fortuna crítica como biografias de Câmara Cascudo, essas narrativas cumpriram uma primeira função de descrever uma vida intelectual e inauguraram uma maneira peculiar de narrativa para a vida cascudiana: em tons homenageantes e laudatórios e com ênfase na dimensão pública de sua vida, isto é, destacando o escritor e tangenciando o sujeito em sua vida cotidiana.

Com essa perspectiva elogiosa, em 1947, foi lançada e dedicada a Câmara Cascudo uma publicação de cunho biográfico que, em um opúsculo de 30 páginas, conseguiu ir além das biografias jornalísticas precedentes e sistematizou alguns perfis intelectuais e pessoais para o homenageado. Essa publicação foi realizada por amigos do escritor que desejavam homenageá-lo pelo sucesso e pela projeção intelectual que vinha alcançando no país e no exterior. Particularmente, a produção desse texto biográfico ocorreu no contexto de uma viagem de Cascudo ao Uruguai, em 1946, quando ele foi convidado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil a compor uma expedição cultural àquele país.[266] Ao retornar dessa viagem internacional, ele foi saudado por seus amigos com depoimentos que, ao tempo

[264] CASCUDO, Luís da Câmara. *Cidade do Natal*. Natal: Sebo Vermelho, 1999. p. 23.
[265] LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 29 dez. 1922.
[266] Acerca dessa comissão cultural ao Uruguai, ver: CONFERÊNCIAS do escritor Luís da Câmara Cascudo em Montevidéu. *A República*, Natal, 14 maio 1946.

em que cumprimentavam o escritor conterrâneo, sugeriram qualidades e significações para a sua personalidade literária e, em menor grau, para sua vida pessoal.

Com o título *Luiz da Câmara Cascudo: depoimentos – Homenagem de seus amigos*, essa publicação reúne pouco mais de uma dezena de textos dedicados ao escritor potiguar que, em virtude do convite oficial para representar o Brasil no exterior, estava alcançando prestígio e projeção intelectuais pouco comuns entre os escritores norte-rio-grandenses radicados no próprio estado.[267] Em sua grande maioria, os autores dos pequenos textos são potiguares e vinculados à Academia Norte-rio-grandense de Letras, possuindo idades, formações e ocupações variadas. Todavia, de modo mais particular, atuavam no jornalismo, na docência e/ou na área jurídica ou, em casos individuais, como médico, sacerdote, músico ou poeta. A relação do homenageado com os autores dos *depoimentos* é de bastante proximidade, uma vez que, além de serem seus pares intelectuais, faziam parte do seu círculo de amizade e do seu convívio pessoal.

Os textos que compõem esse opúsculo apresentam perfis biográficos diversificados para Câmara Cascudo, de forma que cada autor traçou uma imagem específica para definir e ilustrar a multiplicidade intelectual do homenageado: escritor vivo, aluno primário, professor, orador, homem de fé, pesquisador, popular, estilista, *big five* do *folk lore*, provinciano e, não esquecendo a dimensão privada, Cascudo na intimidade.[268] Nesse momento de consagração e elogios, havia o interesse de destacar o quão vasto era o alcance da obra cascudiana. Por isso, cada depoente buscou mostrar um aspecto que, em sua opinião, era capaz de ilustrar a importância do trabalho intelectual de Cascudo e como era merecido seu reconhecimento por outros cenários letrados.

Os objetivos da publicação são significativos para o entendimento das narrativas biográficas que os textos estabelecem. Em especial, o texto de Manoel Rodrigues de Melo, que abre os *depoimentos*, é esclarecedor dos sentidos da homenagem e dos textos que o sucedem. Intitulado *Elogio de um escritor vivo*, o texto assinado por M. Rodrigues de Melo foi iniciado com a sentença que só os *medíocres* temem os elogios, cabendo aos fortes não

---

[267] *LUIZ da Câmara Cascudo:* depoimentos – Homenagem dos seus amigos. 1. ed. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

[268] Os 14 textos que compõe esse opúsculo são: *Elogio de um escritor vivo*, de M. Rodrigues de Melo; *Esboço biográfico*, de Nestor Lima; *Luiz da Câmara Cascudo – aluno primário*, de Francisco Ivo Cavalcanti; *Luiz da Câmara Cascudo – professor*, de Otto Guerra; *Luiz da Câmara Cascudo – orador*, de Paulo de Viveiros; *Luiz da Câmara Cascudo – homem de fé*, do Cônego José Adelino Dantas; *Luiz da Câmara Cascudo na intimidade*, de Januário Cicco; *Luiz da Câmara Cascudo – pesquisador*, de Ruy Moreira Paiva; *A popularidade Cascudinho*, de Clementino Câmara; *Luiz da Câmara Cascudo – estilista*, de Otoniel Menezes; *Luiz da Câmara Cascudo, um dos big five do folk lore mundial*, de R. de M.; *Luiz da Câmara Cascudo e a província*, de Adherbal França; *Luiz da Câmara Cascudo no meio da música*, de Waldemar de Almeida; e *Dois grandes aspectos da vida e da obra de Luiz da Câmara Cascudo*, da autoria de M. Rodrigues de Melo.

temer o *competidor intelectual* e ser capaz de elogiá-lo. Nesse sentido, para o qual o autor exemplificou com o caso de Câmara Cascudo, o elogio deixaria de ser mera *bajulação* para se tornar o reconhecimento público das *qualidades e virtudes* daquele que seria nosso *maior escritor vivo*:

> Falar, portanto, de LUIZ DA CÂMARA CASCUDO, estudando as facetas mais vivas e curiosas da sua personalidade, não constitui, para os que subscrevem esses depoimentos, um *elogio*, no sentido vulgar do termo, porque antes e acima de tudo, é um ato de justiça ao trabalhador incomparável, uma demonstração de solidariedade ao escritor desinteressado, sem estímulos, sem recursos, sem propinas, cujas vitórias, deve-os exclusivamente ao seu valor intelectual, a sua cultura, ao seu esforço pessoal, a sua abnegação, a sua tenacidade, a sua força de vontade, a sua coragem desmedida, ao seu amor extraordinário pelas letras e pelas coisas do seu país.
>
> Este, o grande e verdadeiro sentido desta homenagem. Homenagem de amigos, bem verdade, mas, homenagem tanto quanto possível distante de bajulação, de engrossamento, de paixão, de egoísmos, de interesses mesquinhos e passageiros.
>
> Por isso mesmo tem esta homenagem, e não poderia deixar de ter, um caráter todo pessoal, todo íntimo, no qual transparecem, desde logo, a dedicação, a amizade, o afeto, a estima que todos lhe dedicam e fazem questão de externar publicamente para que todos saibam e venham participar dela, homenageando, assim, o maior escritor vivo do Rio Grande do Norte, cujo nome, para satisfação e gáudio dos seus amigos e admiradores, transpôs as fronteiras do Estado, tornando-se conhecido, não só no Brasil, como em vários países da Europa e América.[269]

Não obstante as tentativas de Rodrigues de Melo em explicar o sentido não bajulatório dos elogios feitos nesse opúsculo, a publicação assumiu uma postura apologética. Mesmo porque se tratam de textos com fins homenageantes e, logo, centrados nas qualidades e com ênfase na adjetivação positiva. Assim sendo, a publicação segue com um *Esboço biográfico* cascudiano elaborado por um de seus pares no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Nestor Lima, que traçou um perfil do nascimento do escritor, passando pelos cargos e funções exercidos ao longo da vida e terminando com a exposição de sua bibliografia até então. As imagens de Cascudo vão aparecendo em sequência na publicação, sendo destacadas suas qualidades como, por exemplo, aluno, orador, religioso e estilista.

Todavia, como as publicações posteriores viriam confirmar, duas definições ganharam destaque nesse múltiplo perfil biográfico de Cascudo feito por seus amigos: as imagens de

---

[269] MELO, M. Rodrigues de. Elogio de um escritor vivo. In: *LUIZ da Câmara Cascudo:* depoimentos – Homenagem dos seus amigos, 1947. p. 4-5.
É interessante destacar que, diante da ortografia "arcaica" dessa publicação, atualizei as palavras para auxiliar na compreensão das ideias expostas.

professor e de provinciano – respectivamente propostas por Otto Guerra e Adherbal França.[270] No que se refere à imagem de professor, em texto curto, Otto Guerra ofereceu o seu depoimento como ex-aluno de Cascudo, apresentando um professor que envolvia os alunos com sabedoria e naturalidade na exposição dos conteúdos e com o estímulo e o convite ao pensamento: "dos clássicos aos cantadores populares, tudo nos era exposto com proficiência, com naturalidade, despertando interesse, dando gosto a novas investigações".[271] Já no que concerne ao provinciano, o também curto texto de Adherbal França procurou estabelecer uma relação entre a permanência do já respeitado historiador e folclorista em Natal e a realização de uma obra que estava ultrapassando os limites do Rio Grande do Norte e vinha contribuindo para o conhecimento da cultura brasileira. Segundo França, Cascudo não havia abandonado as *fronteiras da província* em busca de satisfações pessoais *longe da terra berço* e, por isso, era possível afirmar: "a província está para Luís da Câmara Cascudo como um ângulo essencial de sua vida de escritor".[272]

Esses dois textos estão entre aquele que, inicialmente, produziram uma narrativa biográfica cascudiana cujas imagens definidoras foram as de professor e de provinciano – imagens que, como veremos no capítulo a seguir, o próprio Cascudo as articulou posteriormente em suas autobiografias, compondo a imagem do *professor provinciano* ou do *professor de província*. Apesar de ter proposto uma narrativa elogiosa que, ao longo dos anos, foi sendo intensificada e se tornou a principal maneira de escrever sobre Câmara Cascudo, esses *depoimentos provincianos* elaboraram uma narrativa de vida bastante plural e, até certo ponto, incomum no conjunto das biografias analisadas, destacando algumas das mais variadas facetas do escritor homenageado. Ao mesmo tempo em que reconheceu os méritos intelectuais de cascudo e o homenageou por isso, esse opúsculo transferiu aos norte-rio-grandenses uma dívida com o escritor, já então, prestigiado:

> Natal tem uma grande dívida a saldar com Luís da Câmara Cascudo. Esta dívida não tem *preço* porque excede os limites do *valor* no sentido propriamente econômico ou monetário. Esta dívida é sobretudo de ordem moral e intelectual. Para o seu resgate exige-se apenas um pouco mais de compreensão e de boa vontade da parte daqueles que têm o dever moral de compreendê-la, de justificá-la, de saldá-la, retribuindo-a na medida do esforço e do sacrifício do seu credor.[273]

[270] Ver nota de rodapé 159, na página 75.
[271] GUERRA, Otto. Luiz da Câmara Cascudo – professor. In: *LUIZ da Câmara Cascudo:* depoimentos – Homenagem dos seus amigos, 1947. p. 10.
[272] FRANÇA, Adherbal. Luiz da Câmara Cascudo e a província. In: *Ibid.*, p. 22.
[273] M., R. de. Luiz da Câmara Cascudo, um dos *big five* do *folk lore* mundial. In: *Ibid.*, p. 21.

Com o passar dos anos, essa dívida intelectual da chamada província com o seu mais prestigiado escritor foi sendo intensificada em razão da própria consagração nacional e internacional cascudiana. Diante desse reconhecimento, outras publicações biográficas foram lançadas e mantiveram a lógica de uma narrativa homenageante e elogiosa, que os *depoimentos* de seus pares intelectuais, notadamente imortais da Academia Norte-rio-grandense de Letras, inicialmente elaboraram. Entre essas novas narrativas de vida, encontra-se o livro *Luís da Câmara Cascudo: sua vida e obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*.[274] Apesar de publicado em 1969, esse livro relata e divulga um evento ocorrido anos antes, em 1964: a Semana Câmara Cascudo, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e realizada na sede dessa instituição, em Natal.

A Semana Câmara Cascudo resultou da iniciativa do então presidente do IHGRN, Enélio Lima Petrovich, que, em decorrência do aniversário de 66 anos de Cascudo (30 de dezembro de 1964), organizou esse evento como uma "homenagem à maior expressão cultural do Estado".[275] Entre os dias 24 e 30 de dezembro daquele ano, pois, foram realizadas sessões públicas na sede do Instituto, nas quais um de seus confrades naquela que é chamada a *Casa da Memória* proferiu, a cada noite, uma palestra acerca da vida e/ou da obra do escritor aniversariante.[276]

Nos sete dias em que durou o evento, foram expostos e discutidos aspectos da vida e obra daquele a quem o organizador do evento e do livro classificou como "fenômeno Câmara Cascudo". Inclusive, nas discussões, repetiram-se algumas temáticas já tratadas nos *depoimentos* de 1947, especialmente a ênfase no provincianismo como elemento de distinção e elevação da obra cascudiana.[277] Entre os aspectos abordados pelos conferencistas, temos: o Cascudo folclorista, historiador, musicista, provinciano, criador da Academia Norte-rio-grandense de Letras e, em uma dimensão mais privada, o Cascudo em família.

---

[274] *LUÍS da Câmara Cascudo:* sua vida e sua obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. 1. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.
[275] PETROVICH, Enélio Lima. Nota explicativa. In: *Ibid.*, p. 9.
[276] Das sete palestras, apenas cinco foram incluídas no livro. De acordo com Enélio Petrovich, os textos que ficaram de fora da publicação decorriam da não entrega dos originais em tempo hábil. As palestras proferidas foram: *À margem de Câmara Cascudo*, de Américo de Oliveira Costa (em 24/12, não publicado); *Mestre Cascudo – poesia e folclore*, de Newton Navarro (em 25/12, não publicado); *Câmara Cascudo e a Academia Norte-rio-grandense de Letras*, de Aderbal de França (em 26/12, publicado); *Câmara Cascudo em família*, de Diógenes da Cunha Lima (em 27/12, publicado); *Câmara Cascudo – o musicista*, de Oswaldo de Sousa (em 28/12, publicado); *Câmara Cascudo – homem da província*, de Nilo Pereira (em 29/12, publicado); e *Câmara Cascudo – historiador* (em 30/12, publicado), de Manuel Rodrigues de Melo. Além dessas sete palestras, houve uma *Saudação ao mestre Cascudo*, da autoria de Enélio Lima Petrovich (em 24/12, publicado), durante a cerimônia de abertura do evento.
[277] PETROVICH, Enélio Lima. Nota explicativa. In: *Op. cit.*, p. 10.

Na relação dos palestrantes, repetem-se aos *depoimentos* os nomes de Manuel Rodrigues de Melo e Adherbal de França.[278] Porém, dois novos nomes ganharam destaque e, mais tarde, produziriam biografias acerca de Cascudo: Américo de Oliveira Costa e Diógenes da Cunha Lima. Assim como no opúsculo de 1947, o lugar social dos palestrantes aponta para o jornalismo, a docência e o direito, mesmo que também se incluam um artista (pintor) e um músico. Além de comporem o quadro de sócios do Instituto Histórico local, o elemento de aproximação de todos os autores/palestrantes era, segundo a própria publicação, o fato de serem sujeitos "conhecedores e admiradores da obra cascudiana".[279]

Com o objetivo de homenagear Câmara Cascudo, em evento no qual seus pares pudessem sobre ele discursar, a iniciativa do IHGRN produziu um texto notadamente encomiástico. Em particular, os textos de abertura e de encerramento do livro, escrito por Enélio Petrovich, são reveladores de como o evento foi idealizado e do tipo de narrativa de vida cascudiana que ele resultou. Fazendo uso de uma forte adjetivação, característica peculiar dos escritos de Petrovich, sua saudação inicial para abrir os trabalhos durante aquela Semana chamou a atenção, mais uma vez, para a dívida intelectual dos potiguares diante dos feitos e sucessos intelectuais de Cascudo. Assim, na opinião do presidente do Instituto Histórico, a Semana Câmara Cascudo seria uma justa e necessária homenagem para o principal representante da intelectualidade norte-rio-grandense:

> Inaugura-se, nesta oportunidade, solenemente, a "Semana Câmara Cascudo".
>
> Ideia que se transformou, no silêncio de minhas horas, em sentido, forma, movimento, ação e realidade.
>
> É a dívida que há tanto tempo necessitava ser remida e que o Instituto Histórico agora o faz nesta semana, ao seu mais eminente e ilustre sócio – Luís da Câmara Cascudo.
>
> Representa o justo agradecimento do Rio Grande do Norte a quem soube engrandecê-lo em dimensões de universalidade, não só através de seus livros, conhecidos e elogiados por especialistas de todo o mundo, como pela plenitude humana e cultural que transmite à província, no exemplo de sua vida, simples e proba, exclusivamente dedicada ao trabalho intelectual e ao desvelo de sua família, e por que não dizer, como avô, aos carinhos de sua netinha – Daliana.
>
> (...).
>
> Com estas palavras, e na qualidade de presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, representando a unanimidade de seus ilustres sócios, transmito a nossa saudação inicial a Luís da Câmara

[278] Ver nota de rodapé 159, na página 75.
[279] PETROVICH, Enélio Lima. Saudação ao mestre Cascudo. In: *LUÍS da Câmara Cascudo:* sua vida e sua obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1969. p. 17.

> Cascudo, nesta semana que tem o seu nome e que, faço votos, tenha um pouco de sua glória.[280]

De acordo com essa saudação inicial, pois, o evento tinha um objetivo muito claro: homenagear o escritor em seu aniversário de 66 anos. Com esse fim, os textos lidos na Semana assumiram uma perspectiva de elogios e de exaltação em torno de Câmara Cascudo. Particularmente, por meio de Enélio Petrovich, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte passou a se dedicar à promoção de solenidades e ao pronunciamento de discursos referentes à vida, à obra e, a partir de 1986, à memória de Cascudo. São muitas e constantes as referências no arquivo do IHGRN às comemorações realizadas nas datas de nascimento e morte do escritor e à publicação de mensagens e saudações na revista da entidade.

O pagamento dessa dívida intelectual norte-rio-grandense apontada por Enélio Petrovich, durante a Semana Câmara, Cascudo foi, de fato, assumida pelo Instituto Histórico local. Ao final daquele evento, proferindo as palavras de encerramento, Petrovich se posicionou como discípulo de Cascudo e retomou o discurso laudatório que havia proferido ao abrir a Semana – mais uma vez, justificando o porquê do esforço empreendido pelo IHGRN para homenagear aquele a quem seu presidente chamou de "Mestre, mestre de verdade":

> Mestre Cascudo:
> Quem lhe fala nesta hora é o mais modesto dos seus discípulos, para render-lhe a homenagem espontânea, sincera e fraternal desta Casa que lhe pertence, e que sempre o acolhe com júbilo e honra inexcedíveis, motivo de justo orgulho e rara felicidade.
> (...).
> É o preito de estima e reconhecimento da mais antiga instituição cultural do Estado, à maior expressão cultural do Rio Grande do Norte.
> (...).
> Nada mais fizemos senão cumprir com um pouco do muito que ainda lhe deve e continuará devendo este Estado, que lhe serviu de berço, e que, mercê de seu nome e de sua obra, nasceu para a história da cultura universal.[281]

Em resposta ao carinho e as homenagens recebidas naquele evento, o próprio Cascudo se pronunciou, por meio de uma carta, acerca da Semana que o havia transformado em tema de debate e em motivo de exposição biográfica, mencionando o simbolismo, o afeto e a

[280] PETROVICH, Enélio Lima. Saudação ao mestre Cascudo. In: *LUÍS da Câmara Cascudo:* sua vida e sua obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1969. p. 15-18.
[281] *Id.*, Palavras de encerramento. In: *Ibid.*, p. 91.

emoção daquele momento e destacando a iniciativa de seu ex-aluno Enélio Petrovich para reunir e organizar aquela semana "entontecedora de generosidade coletiva":

> Essa semana nasceu do seu coração, dedicada ao seu velho professor. E como todos os gestos humanos têm as várias interpretações dimensionais, a SEMANA CÂMARA CASCUDO expôs, na prova da lógica formal, imediata e positiva, que os obscuros e rastejantes demônios da injustificável inveja, do rancor espontâneo, do ódio puramente instintivo e sem raízes de ação pessoal provocadora, não existem na região luminosa do seu espírito.
>
> Todos os participantes da romaria lírica da minha tarde sentimental justificaram, pela presença e pela compreensão animadora, as razões misteriosas por que fiquei na cidade do Natal.
>
> Não posso agradecer-lhe, Enélio, como um homenageado atônito, atordoado pelo esplendor das festas que me ofereceram, mas posso beijá-lo na testa, como faria seu pai.[282]

Imagem 13 Encerramento da Semana Câmara Cascudo, em 30 de dezembro de 1964, nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, quando o escritor Câmara Cascudo beija, em agradecimento, a testa de Enélio Petrovich.

Acervo: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Essa relação de afetividade entre Enélio Petrovich e Câmara Cascudo, que também se estende a outros escritores cuja relação discípulo/mestre está proclamada nas fontes, serviu de base para inúmeras homenagens recebidas por ele em vida. Além disso, ela pautou os diversos *depoimentos provincianos* que seus pares prestaram ao longo de toda a segunda metade do século XX acerca da vida e da obra daquele a quem observavam e classificavam como mestre. Quando da morte de Cascudo, em 1986, esses sujeitos exploraram essa relação de afetividade

[282] CASCUDO, Luís da Câmara. A gratidão do mestre. In: *LUÍS da Câmara Cascudo:* sua vida e sua obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1969. p. 92-94.

e de proximidade para justificarem a constituição de uma memória que resultou na criação do Memorial Câmara Cascudo, em 1987.

2.3 Viagens ao universo de um brasileiro feliz

Essa mesma perspectiva de comemoração e homenagem a Câmara Cascudo teve um episódio bastante significativo no ano de 1968. Naquele ano, o escritor completou 70 anos de vida e 50 anos de atividades intelectuais. Por essa razão, as diversas instituições culturais norte-rio-grandenses realizaram solenidades festivas com discursos de seus pares e com a publicação de novos textos de cunho biográfico para comemorar o jubileu literário cascudiano.

Na ocasião, foi publicado um número especial da revista *Província 2*, na qual personalidades locais e nacionais foram convidados pela Fundação José Augusto (FJA) a escreverem sobre o aniversariante. De acordo com ofícios enviados pela FJA e assinados por sua então presidenta Ilma de Melo Diniz – documentos endereçados aos poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, que se encontram no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (no Rio de Janeiro) –, seus conterrâneos estavam "recolhendo depoimento[s] de nomes e amigos do homenageado, e por ele mesmo lembrados, sobre sua vida e obra, testemunho[s] não só de um conhecimento afetivo e humano mas do valor da obra de pesquisa do grande folclorista e etnólogo".[283] Nomes como Renato Almeida, Gilberto Freyre, Jorge Amado, o próprio Drummond, Zila Mamede e outros escritores produziram textos em homenagem a Cascudo, destacando aspectos de sua vida e obra e exaltando a importância de seu trabalho intelectual.[284] Essa revista, cuja edição original nunca tive acesso ou visualizei, possui uma edição fac-similar, sendo um dos textos biográficos mais acessíveis e citados pelos atuais pesquisadores de temas cascudianos.

Além disso, naquele mesmo ano, a Fundação José Augusto lançou o Prêmio Nacional Luís da Câmara Cascudo a ser entregue, como o nome do prêmio indica, ao melhor trabalho sobre Cascudo. O trabalho vencedor, publicado em livro pela FJA no ano de 1969, foi escrito por Américo de Oliveira Costa – ex-aluno e colega de magistério do homenageado. Com o título *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*, esse livro retoma uma serie de enunciados e

---

[283] DINIZ, Ilma Melo. *[Correspondência enviada a Carlos Drummond de Andrade]*. Natal, 03 abr. 1968. Ofício. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.
Id., [Correspondência enviada a Manuel Bandeira]. Natal, 09 maio 1968. Ofício. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.
Mesmo tendo sido convidado, Manuel Bandeira não possui texto na revista *Província 2*.
[284] *Província,* Natal, n. 2, 1998. (Edição fac-similar de 1968).

perfis já publicados sobre o biografado. Porém, o faz de maneira diferenciada ao utilizar a bibliografia do autor como fonte para a explicação dos aspectos tratados. A criança, o jovem, o provinciano incurável, o historiador, o jornalista, o memorialista, o folclorista, dentre outros perfis e lugares de saber ocupados, foram expostos por meio das referências a esses aspectos na obra cascudiana.

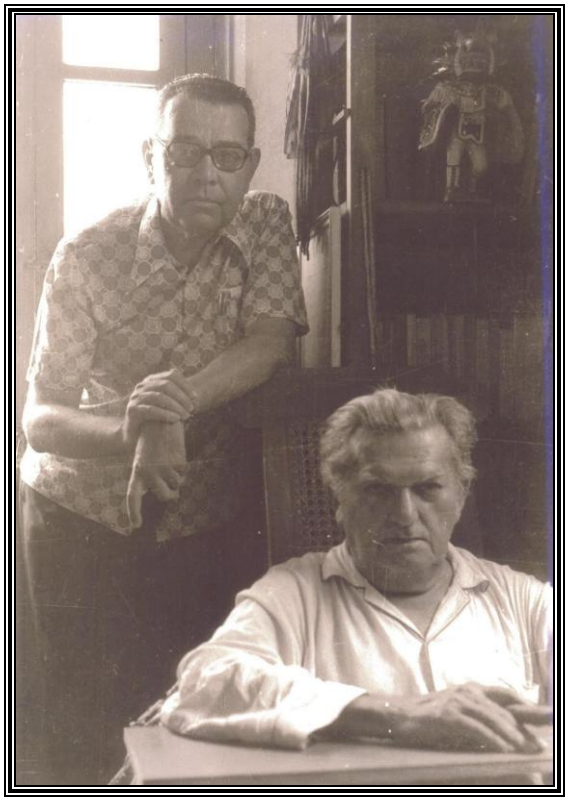

Imagem 14 Câmara Cascudo e Américo de Oliveira Costa, anos de 1970.

Fonte:
http://sergiovilar.blogspot.com.br/2010/10/home nagem-ao-escritor-de-cascudo.html

Por exemplo, ao comentar a infância e a juventude de *Cascudinho*, Costa escreveu: "em vários de seus livros e memórias ou crônicas, Cascudo descreve, à sua maneira, seus 'souvenirs d'enfance et de jeunesse'".[285] Particularmente, utilizando-se do livro *O tempo e eu* (1968) como fonte para explicar essa fase da vida de seu biografado, Américo Costa resumiu e reproduziu os eventos expostos por Cascudo em suas memórias e, em seguida, apresentou uma interpretação para a questão tratada: "uma das marcas individuais características do intelectual Cascudo é este voltar-se constantemente, menos para dentro do que para trás de si

[285] COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*, 1969. p. 9.

mesmo, a evocar pessoas, lugares e fatos da meninice e da juventude, de suas interações familiares e sociais (...)".[286]

Assim, vida e obra foram relacionadas por Américo de Oliveira Costa para escrever essa biografia, reproduzindo trechos dos livros e fazendo comentários sobre as significações que esses fragmentos possuem. Em especial, vários livros foram resumidos e comentados por Costa em seu texto, resultando em um Câmara Cascudo múltiplo, que só pode ser percebido através de uma viagem à complexidade de seu universo cultural. Ao apresentar essa viagem, Américo Costa declarou a impossibilidade de esboçar um retrato completo e definido de Cascudo, uma vez que o autor ainda estava em atividade e traria novas perspectivas para sua obra.[287] Ao mesmo tempo, definiu a obra cascudiana como "um arquipélago, pela variedade dos territórios que a integram".[288] Por perceber essa complexidade na vida e na obra de Cascudo, talvez, Costa seja, entre os seus biógrafos, aquele que mais ampla e multiplamente o enxergou:

> Essas imagens são, assim, visões, ângulos, posições, projeções, sem dúvida insuficientes e inconclusas, de quem andou percorrendo, pacientemente e sistematicamente, áreas julgadas mais significativas e ricas do mundo por ele construído. Uma tentativa, afinal, de dar do Mestre, neste cinquentenário de suas atividades de escritor, identificações ou informações peculiares, neste ou naquele setor, e de modo a permitir, um pouco ambiciosamente, uma certa noção da natureza de seu aniversário intelectual e espiritual, sem medidas e sem fronteiras.[289]

Ainda no contexto dos anos de 1960, durante as referidas festividades do jubileu literário de Cascudo, foi iniciado outro trabalho em homenagem a ele. Mais especificamente, em 1964, foi iniciado por Zila Mamede um detalhado levantamento bibliográfico da obra cascudiana, para o qual o próprio autor colaborou. Iniciado com o objetivo de ser um trabalho de mestrado em biblioteconomia pela Universidade de Brasília, esse inventário bibliográfico acabou se tornando mais uma homenagem prestada pela Fundação José Augusto ao escritor aniversariante. Publicado em três tomos pela FJA, no ano de 1970, essa biobibliografia recebeu o título de *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968 – Bibliografia anotada*.[290]

---

[286] COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*, 1969. p. 9.
[287] *Id.*, *Ibid.*, p. 8.
[288] *Id.*, *Ibid.*, p. 7.
[289] *Id.*, *Ibid.*, p. 8.
[290] MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo:* 50 anos de vida intelectual, 1918-1968 – Bibliografia anotada, 1970.

Dez anos mais tarde, em 1978, uma nova comemoração ocorreu em torno dos 80 anos de idade e 60 de produção intelectual de Cascudo. Mais uma vez, um de seus discípulos escreveu uma biografia para homenageá-lo: o advogado e imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras – e também ex-aluno de Cascudo – Diógenes da Cunha Lima, que lançou o livro *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*.[291] Segundo o autor desta biografia, que já em 1964 tinha escrito um folheto com "traços biográficos" de Cascudo[292], esse livro foi escrito em apenas oito dias para poder ser lançado em 30 de dezembro daquele ano, quando se comemoraria o natalício do homenageado. Reunindo fotos, fragmentos de textos, poemas, pensamentos e curiosidades, esse livro se diferencia das biografias já citadas. Mesmo utilizando a obra cascudiana, jornais e revistas como fonte esse livro, em grande medida, essa publicação é uma *bricolagem* feita a partir de referências diversas.

Imagem 15 Câmara Cascudo e Diógenes da Cunha Lima, anos de 1970.

Acervo: *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo.

Outras biografias foram escritas e publicadas sobre Cascudo ao longo dos anos, repetindo, muitas vezes, umas as outras. Isso ocorre porque seus autores se utilizam de alguns expedientes comuns, dentre os quais: 1) geralmente, as fontes utilizadas são os livros de memória de Cascudo; 2) assentam-se na ideia do testemunho como garantia da elaboração de

[291] LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*, 1978.
[292] *Id,. Luís da Câmara Cascudo:* traços biográficos. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1964.
Id,. Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo. Natal: Imprensa Universitária, 1965.

um perfil verdadeiro, na medida em que os autores procuram fornecer depoimentos pessoais da convivência com o biografado; e 3) os textos costumam ser escritos com o intuito de homenagear o escritor, adquirindo um caráter apologético. Sobre isso, para finalizar, utilizo a ideia de Américo de Oliveira Costa que, reproduzindo frase atribuída a Mário de Andrade, procurou explicar a principal característica da biografia *Viagem ao universo de Câmara Cascudo* e que, por extensão, podemos aplicar às demais biografias cascudianas existentes – a apologia: "Crítica apologética significa... que eu escolho pra estudar apenas os que eu admiro e amo".[293]

[293] COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*, 1969. p. 8.

CAPÍTULO 3

O alvorecer de uma *velha figura*

> *A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro.*[294]
>
> *Andreas Huyssen*

Final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Como uma historiografia hodierna tem problematizado, o Brasil vivia naquela época o fortalecimento de um regime político ditatorial, ficando submetido a governos militares por meio de uma política materializada na repressão, na tortura e na censura de expressões intelectuais com posicionamentos críticos.[295] Na ocasião, já considerado um expoente intelectual, Luís da Câmara Cascudo era então um homem de meia-idade e um escritor com uma vasta bibliografia publicada, destacando-se com títulos nas áreas da história, do folclore e da etnografia. Fundador e integrante da Academia de Letras e da Universidade locais e sócio dos Institutos Históricos potiguar e brasileiro, Cascudo era a primeira referência no cenário letrado do Rio Grande do Norte e, como tal, era bem articulado com as esferas de poder em âmbito estadual e nacional.

Um exame de sua bibliografia até aquele momento aponta as relações por ele mantidas com os representantes do poder, uma vez que muitos dos seus livros foram publicados por órgãos estaduais e federais dirigidos por seus amigos e correspondentes. Como exemplo, temos os seguintes títulos: *López do Paraguay* (1927) pela tipografia do periódico oficial do Estado do Rio Grande do Norte, o jornal *A República*; *O homem americano e seus temas* (1933) pela Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte; *O doutor Barata* (1938) pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia; *História da cidade do Natal* (1947) pela Prefeitura Municipal do Natal; *Dicionário do folclore brasileiro* (1954) pelo Instituto Nacional do Livro; *História do Rio Grande do Norte* (1955) pelo Ministério da Educação e Cultura; *Vida de Pedro Velho* (1956) pelo Departamento de Imprensa do Rio Grande do Norte; *Nosso amigo Castriciano* (1965) pela Imprensa Universitária de Pernambuco; *Nomes da terra* (1968) pelo órgão responsável pela administração das políticas culturais do Estado do Rio

[294] HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*, 2004. p. 67.
[295] Como exemplo dessa historiografia política contemporânea, ver FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil republicano:* o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 4.

Grande do Norte, a Fundação José Augusto; e *Prelúdio da cachaça* (1968) pelo Instituto do Açúcar e do Álcool.[296]

Ressaltar o contexto político do Brasil no final da década de 1960 e início da década seguinte, bem como destacar a proximidade de Câmara Cascudo com o Estado tem significados teórico-metodológicos precisos. A princípio, essa contextualização tem por objetivo situar na totalidade da obra cascudiana o surgimento de seus livros que, proponho, podem ser considerados como pertencentes ao gênero autobiográfico: *Canto de muro* (1959), *O tempo e eu* (1968), *Pequeno manual do doente aprendiz* (1969), *Gente viva* (1970), *Na ronda do tempo* (1971), *Ontem* (1972) e *Prelúdio e fuga do real* (1974).[297] Assim sendo, as memórias cascudianas publicadas em meados do século XX funcionam como fontes históricas que demarcam o eixo norteador deste capítulo: analisar os escritos autobiográficos de Cascudo como um primeiro enquadramento de sua memória pessoal que, em meu entender, serviram de parâmetro para a criação do Memorial Câmara Cascudo anos mais tarde e, logo, compuseram uma "memória coletiva" do escritor na cidade do Natal.[298] Por essa razão, o contexto das décadas de 1960 e 1970 é extremamente importante para compreendermos o processo de criação do Memorial.

Tais escritos serão aqui analisados a partir dos seguintes questionamentos: qual(is) a(s) imagem(ns) de si elaborada(s) discursivamente e ofertada(s) publicamente por Cascudo em seus livros autobiográficos? Qual(is) relato(s) ele produziu acerca de sua vida pessoal e intelectual? Quais momentos/épocas/eventos de sua vida destacou? Qual(is) a(s) relação(ões) existente(s) entre essas memórias, as biografias sobre ele escritas e o projeto do Memorial Câmara Cascudo – todos gestados nesse mesmo contexto e a partir de uma pública e comum interlocução intelectual?

Ao mesmo tempo, considero sintomático que justamente durante o período da ditadura militar brasileira tenham sido publicados os principais livros nos quais esse autor rememorou sua trajetória de vida e seu trabalho intelectual.[299] Muito embora o conservadorismo seja uma marca do pensamento cultural e político de Câmara Cascudo, sua aproximação com o regime militar não se deu em termos efetivos, nem tampouco ele fez uso de suas ideias culturais para

---

[296] Para as referências completas desses livros, consultar a bibliografia cascudiana em anexo.

[297] Embora inclua nessa relação dos livros de cunho autobiográfico os títulos *Canto de muro* (1959), *Gente viva* (1970) e *Prelúdio e fuga do real* (1974), por questões metodológicas a serem explicitadas a diante, esses livros não estão entre os escritos cascudianos analisados neste capítulo. Para as referências completas desses livros, consultar a bibliografia cascudiana em anexo.

[298] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, 1990.

[299] Agradeço à professora Margarida de Souza Neves a sugestão da problemática abordada neste capítulo: analisar não apenas o conteúdo dos livros autobiográficos cascudianos, mas também examinar suas condições de possibilidade, sobretudo o fato de eles terem sido publicados durante a ditadura militar brasileira.

elaborar uma concepção de cultura própria ao nacionalismo do momento. Era uma de suas características peculiares a livre circulação entre grupos antagônicos. Na definição da historiadora Margarida Neves, ele possuía uma "capacidade extraordinária de combinar em si e no que escreve o aparentemente contraditório" – como fez na década de 1920 com os movimentos literários modernista e regionalista; fez na década de 1930 com os representantes políticos do integralismo e do Estado Novo; e fez ainda entre o grupo republicano local (a família Albuquerque Maranhão, com quem seus genitores eram bem relacionados) e os renitentes monarquistas do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.[300]

Observador arguto, ele costumava realizar uma leitura da sociedade antes de emitir alguma opinião pública e poucas vezes se posicionou em torno de um grupo ou segmento social em contenda. Talvez por isso, no *prelúdio* da ditadura militar, ele tenha *fugido da realidade* política brasileira e tenha se voltado para si mesmo, disposto a escrever suas memórias enquanto observava os rumos políticos do país. Enquanto a situação política nacional tomava caminhos ainda incertos, Cascudo se "fechou" em sua residência na Avenida Junqueira Aires e, na qualidade de sujeito maduro e de prestígio no cenário letrado brasileiro, pôs-se na *ronda do tempo* e produziu os livros aos quais chamou de *íntimos* e *confidenciais*, ou seja, olhando para o *ontem*, procurou estabelecer uma estreita e significativa relação entre o *tempo e ele*.[301]

Mesmo tendo recebido em sua residência a visita de pessoas ligadas ao regime militar (por exemplo, em 1982, a visita do presidente João Figueiredo), Cascudo buscou se manter neutro diante do cenário político nacional. Ao invés de politizar seu discurso se posicionando publicamente a favor ou contra a ditadura militar ou mesmo submetendo seus estudos culturais aos anseios de uma política autoritária – experiência vivida de maneira frustrada durante a sua participação na Ação Integralista Brasileira nos anos de 1930 – esse sujeito *aprendiz* rememorou sua trajetória de vida e, olhando para um *canto de muro* nordestino, publicou sua intimidade e recordou aqueles sujeitos de outrora aos quais considerava *velhas figuras* de sua terra e de sua vida e que, mesmo estando mortos, eram ainda *gente viva* em sua memória. Assim, esse contexto político acabou sendo profícuo para uma autorreflexão cascudiana, de maneira que seus escritos mais intimistas aí surgiram, constituindo os marcos e os significados que seus biógrafos infinitamente repetem e reforçam.

---

[300] NEVES, Margarida de Souza. O artesanato da memória: Luís da Câmara Cascudo e a narrativa autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.). *Narrativas e saberes biográficos*, 2008. p. 59.

[301] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 25.

Por outro lado, ainda que de maneira menos ostensiva do que ocorreu na passagem das décadas de 1960 para 1970, a opção por falar de si não era propriamente uma novidade nos escritos desse autor. É uma constante em seus livros a presença de uma introdução por meio da qual são expostas as razões pessoais que o levaram a escrever sobre o assunto em foco e são apontadas as relações de proximidade por ele mantidas com a temática de sua pesquisa. Uma espécie de diálogo inicial com os leitores que, em grande medida, serviria para orientá-los na recepção e no entendimento do texto. É recorrente no decorrer de seus trabalhos o relato de suas experiências pessoais para servirem de argumentos a suas interpretações, definindo-o como informante e personagem de seus próprios estudos. Em alguns casos, como no livro *Histórias que o tempo leva* (1924), ele próprio e sua família foram transformados em personagens e assuntos dos capítulos mais recentes da história norte-rio-grandense, quando o autor descreveu a atuação de seu pai, Francisco Cascudo, no sentido de dispersar um movimento messiânico ocorrido no interior do estado do Rio Grande do Norte em finais do século XIX e quando recordou um evento feérico e assustador ocorrido durante a sua infância de "menino canguleiro": o facho de luz de um holofote por sobre as ruas e casas de Natal.[302]

Com efeito, se analisarmos a obra historiográfica cascudiana, verificaremos o seu desvelo com o ofício de recordar o passado, notadamente por meio da informação extraída dos arquivos onde pesquisou, da menção aos informantes de uma tradição oral com a qual ele se relacionou e das referências a suas incursões pelos lugares e espaços tratados. Ao escrever sobre eventos e personagens pretéritos, Cascudo justificava seus argumentos a partir de informantes de uma Natal antiga, com os quais ele teria convivido e de quem muitas informações teria recebido – os amigos de seu pai e frequentadores de sua casa, em sua maioria nascidos no século XIX. Além disso, sem necessariamente citar a fonte, fazia afirmações respaldadas por documentos que havia consultado, destacando a função e a importância dos arquivos em seus textos.[303]

Por sua vez, também com frequência, os prefácios de seus livros de folclore relatam suas experiências pessoais com as manifestações populares, a partir das quais ele teria sido impulsionado a produzir seus estudos sobre os mais variados temas da cultura popular. Nesse sentido, para ele, a história e o folclore em muito se aproximavam da memória, uma vez que os relacionou na quase totalidade de seus estudos. Havia em cada livro de história e folclore

---

[302] Canguleiro é empregado aqui, a partir da definição do próprio Cascudo, como sendo uma identidade relacionada ao espaço urbano do bairro das Rocas, em Natal, entre o final do século XIX e início do século XX. Ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte.* Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757). p. 205-235.
[303] *Id.*, *A função dos arquivos*, 1956.

um passar a limpo de suas memórias e vivências pessoais em torno dos eventos pretéritos e das manifestações culturais.

Mais precisamente em seu primeiro livro dedicado ao estudo do folclore brasileiro, intitulado *Vaqueiros e cantadores* (1939), ele produziu esse modelo de intróito citado, com uma narrativa composta em primeira pessoa, na qual suas experiências de menino criado no sertão do Rio Grande do Norte estariam sendo evocadas para fazer presente a cantoria dos vaqueiros sertanejos – elemento cultural popular que, segundo ele, estaria em processo de descaracterização e desaparecimento. As recordações de um menino sertanejo, feitas pelo então folclorista, garantiriam a seriedade e a autenticidade das informações publicadas em livro. Ao reunir e classificar as cantorias dos vaqueiros por meio de sua recordação pessoal, Cascudo pretensamente assumiu um compromisso de fidelidade com o conhecimento popular e, com isso, marcou uma aproximação notória entre os acontecimentos de sua vida e a composição de sua obra folclórica. Em suas palavras:

> Reúno neste livro quinze anos de minha vida. Notas, leituras, observações, tudo compendiei pensando um dia neste "VAQUEIROS E CANTADORES". Em parte alguma dos meus depoimentos de testemunha a imaginação supriu a existência do detalhe pitoresco. O material [deste livro] foi colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente, vieram reforçar, retocando o "instantâneo" que meus olhos meninos haviam fixado outrora. É o que fielmente se continha em minh'alma. Dou fé. [304]

Nesses termos, Câmara Cascudo exerceu uma relação muito particular com seus estudos, misturando-se ao conteúdo de sua obra e transformando seus livros em projeções de suas experiências de vida, de modo a produzir conhecimento e a produzir a si próprio como sujeito e erudito a partir do testemunho de suas vivências e da convivência com os elementos da tradição oral e popular. A obra cascudiana é um dos casos mais expressivos em que a escrita muito diz acerca do escritor. Seus textos são reveladores das vivências, experiências e visões de mundo que estiveram na base da elaboração de cada um de seus estudos. Em função dessa escrita intimista, extensiva a outros vários títulos de sua obra, é no mínimo arbitrário definir quais livros cascudianos devem ser classificados efetivamente como autobiográficos, desconsiderando sua autoinserção bibliográfica e, bem como, ignorando as referências e construções de si que esses textos promovem.

---

[304] CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores:* folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. 1. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939. (Biblioteca de Investigação e Cultura, 6). p. 5.

Todavia, segundo as classificações mais comuns feitas por seus editores, quatro títulos são comercializados atualmente enquanto livros de memória, logo, tais publicações pertenceriam ao gênero confessional da autobiografia.[305] São eles, os já citados *O tempo e eu*, *Pequeno manual do doente aprendiz, Na ronda do tempo* e *Ontem*. Apesar do consenso editorial, essa bibliografia nem sempre foi organizada de forma quaternária. Em meados de 1984, quando o projeto de uma Fundação Câmara Cascudo já existia em seus objetivos e linhas mais gerais, o jornalista, colecionador e estudioso da obra cascudiana Vicente Serejo escreveu uma série de artigos acerca do que ele nomeou de "confidências, quase inéditas, do Mestre Câmara Cascudo".[306] Ao iniciar essa série jornalística em torno dos escritos autobiográficos cascudianos, Vicente Serejo considerou apenas três desses quatro livros, em sequência cronológica, na categoria de confessionais, isto é, enquanto textos reveladores do que Cascudo pensava e sentia em âmbito mais pessoal e privado. De acordo com a opinião desse jornalista,

> Numa bibliografia superior a cem títulos, em apenas três deles [*O tempo e eu, Pequeno manual do doente aprendiz* e *Na ronda do tempo*] o escritor Câmara Cascudo adotou o estilo confessional. E ao invés de fixar-se no estudo de um assunto ou na história de alguma coisa, foi escrevendo em forma de diário, deixando que as ondas de emoção fossem enchendo páginas e páginas de confidências, num total transbordamento de desabafos, alegrias, impressões, dúvidas, mágoas, desconfianças, indagações.[307]

Conforme classificou Serejo, os livros *O tempo e eu*, *Pequeno manual do doente aprendiz* e *Na ronda do tempo* foram escritos por Câmara Cascudo em torno de si mesmo e, por isso, trariam a oportunidade de conhecer o "pensamento menos publicado, menos festejado pela crítica" e, logo, mais pessoal, atingindo uma dimensão de intimidade com o pensamento e a vida de seu autor.[308] Ao encerrar a mencionada série jornalística, porém, Vicente Serejo ainda ponderou sobre a possibilidade de considerar outros livros na categoria de confessionais: *Canto de muro* (1959), *Voz de Nessus* (1966), *Ontem* (1972) e *Prelúdio e fuga do real* (1974).[309]

---

[305] MACIEL, Sheila Dias. *A literatura e os gêneros confessionais.* Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2011.

[306] SEREJO, Vicente. Confidências, quase inéditas, do Mestre Câmara Cascudo (I, II e III). *O Poti*, Natal, 24 jun. e 01 e 08 jul. 1984.

[307] *Id*., Confidências, quase inéditas, do Mestre Câmara Cascudo (I). *O Poti*, Natal, 24 jun. 1984.

[308] *Id*., *Ibid.*

[309] *Id*., Confidências, quase inéditas, do Mestre Câmara Cascudo (III). *O Poti*, Natal, 08 jul. 1984.

Vale frisar que, enquanto jornalista e representante do cenário cultural norte-rio-grandense, Vicente Serejo não apenas leu e, a seu modo, comentou a obra memorialística cascudiana, como também participou do debate em torno da criação do Memorial Câmara Cascudo. Por esse motivo, e em virtude da própria dificuldade em delimitar a bibliografia memorialística cascudiana, a classificação bibliográfica de Serejo foi tomada como um primeiro fator para a escolha dos livros de memória a serem analisados neste capítulo – ainda que, além dos três livros enfatizados pelo jornalista, outro título tenha sido aqui acrescentado à análise: o livro *Ontem*. Essa inclusão decorre da classificação editorial contemporânea e da importância da *imagem de si* que esse livro oferece: a de professor, ou seja, a imagem mais propalada e de gosto mais particular para Cascudo.

Em relação aos demais títulos, cujos conteúdos não serão aqui analisados, justifica-se a exclusão pelos seguintes motivos: o livro *Canto de muro* não se inclui no recorte cronológico do capítulo, tendo sido produzido com pelo menos uma década de antecedência e, portanto, distante do debate intelectual por uma memória cascudiana; o livro *Voz de Nessus* configura-se mais como um estudo folclórico cujas recordações do autor foram incorporadas ao texto – assim como ocorre no citado livro *Vaqueiros e cantadores* e em outros títulos; o livro *Gente viva* faz evocações de pessoas com os quais ele dividiu momentos e, conforme as palavras introdutórias do autor, seria uma continuidade do livro *O tempo e eu* – por isso, já terá suas questões analisadas indiretamente pelo título que o antecedeu; e, para além do seu caráter memorialístico, o livro *Prelúdio e fuga do real* possui uma dimensão filosófica incomum na bibliografia cascudiana, tornando qualquer interpretação por demais subjetiva e relativista e, assim, dificultando associações concretas com os demais livros.

Portanto, a partir dessas observações, tais memórias expressas nos livros *O tempo e eu* (1968), *Pequeno manual do doente aprendiz* (1969), *Na ronda do tempo* (1971) e *Ontem* (1972) serão aqui analisadas com o intuito de perceber o(s) perfil(s) (auto)biográfico(s) nelas traçado, relacionando-o com o *projeto de memória* que serviu de referência para o estabelecimento de um memorial para o escritor Câmara Cascudo na cidade do Natal.[310] Não bastasse essa bibliografia está articulada em torno de um mesmo gênero discursivo, a autobiografia, sua publicação tem em comum o fato de terem sido lançados em edições locais pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (em alguns casos ainda com o nome de Imprensa Universitária) e, dessa forma, estão vinculados a um diálogo local acerca de uma memória cascudiana em Natal e no Rio Grande do Norte.

[310] VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose:* antropologia das sociedades complexas, 1999. p. 101-104.

Enfim, na medida em que as lembranças sugeridas pelo escritor se repetem nesses livros de cunho autobiográfico, é licito considerarmos que o ansiado livro *Antes da Noite* não destoaria dos demais títulos *íntimos e confidenciais* que foram efetivamente publicados. A inexistência dessa autobiografia que, segundo Cascudo, ficaria como sua "memória final" e a existência de um perfil autobiográfico recorrente torna esses escritos uma versão oficial, se não última, para essa memória cascudiana.

3.1 O tempo e ele

O primeiro livro autobiográfico de Luís da Câmara Cascudo, entre aqueles que serão aqui analisados, teve sua escrita concluída em 1967 e foi publicado em 1968, sob o título de *O tempo e eu: confidências e proposições*. Na opinião do prefaciador e também professor de Cascudo na década de 1910, Francisco Ivo Cavalcanti, *O tempo e eu* representa o surgimento de uma nova modalidade de escrita realizada pelo já renomado historiador e folclorista "para narrar a sua formação humana e a intensidade de sua atividade intelectual" ao escolher o estilo confidencial para traçar uma "autobiografia direta e indireta". Segundo o prefaciador, "a primeira [direta], começando por seus país, seu nascimento, sua formação física, moral e intelectual; a segunda [indireta], é o estudo de sua pessoa, através de seu convívio com outras pessoas, mesmo em lugares diferentes ao em que recebeu seu primeiro sopro de vida".[311]

Isso significa que, para Francisco Ivo, esse livro representa a emergência de um duplo perfil cascudiano: um mais direto, que se remete a formação humana de Cascudo; e um indireto, que está relacionado às vivências e à forma em que o autor se relacionou com o mundo e compôs sua trajetória intelectual. O livro estabeleceria uma articulação entre vida e obra, entre vivências e trajetória, entre o homem e o escritor. Nesse sentido, enquanto autobiografia e como enquadramento pessoal de sua memória, *O tempo e eu* significaria um primeiro esforço de Cascudo para sistematizar informações referentes aos seus quase 70 anos de vida. Como se estivesse passando sua vida a limpo, o autor elaborou uma narrativa partindo de seu nascimento e desdobrando-se de maneira não linear em eventos, personagens e imagens que marcaram o seu cotidiano.

De fácil sugestão no título, a relação com o tempo é o eixo norteador das ideias expostas no texto. Percorrendo os anos decorridos entre 1898 e 1967, o autor apresentou suas origens familiares, sua formação intelectual, momentos marcantes de sua vida e inúmeras

[311] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições. 3. ed. Natal: Ed. da UFRN, 2008. (Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias). p. 21-22.

relações pessoais mantidas. Instantes propostos como confidências de vida, evidenciando as marcas do fluxo temporal sobre aquele que sempre havia se dedicado a entender o tempo enquanto categoria heurística. Não por acaso, há uma preocupação constante sua em datar e localizar os eventos e os personagens descritos, deixando claro que o autor não apenas dissertou sobre o tempo como também vivenciou temporalidades outras, agora postas sob o regime da recordação.

Para isso, ele definiu duas formas de temporalidade em sua escrita, para as quais chamou de "Tempo-cronologia e Tempo-dimensão". A primeira forma de temporalidade estaria ligada à passagem dos anos, ao desenrolar dos eventos, à sequência dos acontecimentos, enfim, ao curso de sua vida, de modo que a perspectiva cronológica organizou a narrativa sequencial de sua biografia – perspectiva encontrada na primeira parte do livro. Apesar desse aspecto linear e sucessivo do Tempo-cronologia, Cascudo reconheceu outra forma de temporalidade em sua narrativa autobiográfica, enquanto uma forma subjetiva de experienciar o tempo e de assimilá-lo. Esse Tempo-dimensão estaria mais ligado à seletividade da memória, não estando preso a uma linearidade e, sim, vinculado aos modos como "pessoas e coisas, pensamentos e paisagens, 'idos e vividos'" foram sendo recordados e descritos ao longo da continuidade do livro. Dessa forma, entre a cronologia e a dimensão, é na qualidade de estudioso do tempo que ele se propôs a olhar para trás, construindo uma de suas primeiras imagens de si e a dedicando a seus netos para "recordarem o avô quando este tiver viajado para sempre...".[312]

Essa metáfora da viagem sugere, novamente, uma preocupação cascudiana com a morte ou, como preferia suavizar, com os mortos e que, pouco tempo depois, ganharia forma no livro *Gente viva* (1970), quando se propôs decididamente a prolongar a existência de seus amigos e familiares já falecidos por meio de "vestígios de convivência".[313] Aproximando-se dos 70 anos de idade, Cascudo verificava e lastimava a "partida" dos seus companheiros de geração, dedicando-os homenagens póstumas por meio da escrita. Essa preocupação, que nesse caso se estendia a ele próprio, representou o começo de uma reflexão intimista em torno do tempo, particularmente no que tange a finitude humana. Momento propício para narrar sua existência e também prolongá-la na escritura, isto é, a emergência histórica de uma *escrita de si* ou, em outras palavras, a construção de uma memória pessoal.[314]

---

[312] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 25; 31-32.
[313] *Id., Gente viva*, 1970. p. 9.
[314] Sobre a ideia de "escrita de si", ver GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história,* 2004.

Nesse sentido, o ano de lançamento do livro, 1968, é significativo não apenas por ser uma fuga memorialística cascudiana diante dos problemas políticos do Brasil. Naquele ano foi comemorado em Natal os 70 anos de vida de Câmara Cascudo e os 50 anos de sua atividade intelectual – motivos para festas, homenagens, discursos e publicações elogiosas em periódicos e também sob a forma de livros. Em face de uma simbólica data duplamente comemorativa, momento em que o saudosismo e a evocação costumam ganhar destaque, o contexto foi propício à escrita de memórias e a reflexões em torno dos significados de sua vida, dedicada a estudos e pesquisas, direcionando-o à escrita e à publicação de sua mais conhecida autobiografia e, de certa forma, sugerindo-o a escolha de sua relação pessoal com o tempo para nomear o livro – a que ele chamou de uma "peregrinação ao derredor de mim mesmo".[315]

Por isso, mesmo que dedicado aos netos do autor, *O tempo e eu* não iria servir apenas para que os pequenos Daliana, Newton e Eduardo Luís pudessem recordar o avô após sua "viagem eterna". Na medida em que significou o estabelecimento das primeiras e principais bases de significação para a vida e a obra do autor ao longo do tempo, esse livro traçou um perfil (auto)biográfico padrão – repetido pelos biógrafos cascudianos e oficializado no Memorial Câmara Cascudo, quando de sua inauguração em 10 de fevereiro de 1987. Em outras palavras, muito além de pautar a lembrança de seus netos, esse livro também tem servido de principal referência à memória cascudiana entre seus conterrâneos, biógrafos e comentadores.

Segundo Lauro Ávila Pereira, historiador e leitor crítico de *O tempo e eu*, a leitura dessa autobiografia nos permitiria, sobretudo, "conhecer alguns momentos da vida de Câmara Cascudo, muitas das pessoas com quem conviveu e, principalmente, aspectos de sua personalidade, seus princípios e valores morais".[316] Nesses termos, o leitor poderia se aproximar de Cascudo ao perceber sua visão peculiar de mundo, principalmente se levarmos em consideração que a atribuição de valores e a demonstração de princípios permeiam seus escritos. Referindo-se ao ex-governador do Rio Grande do Norte Antônio de Melo e Souza, por exemplo, ele escreveu: "houve-se com exatidão, consciência e utilidade inesquecíveis. Não bebia, não jogava, não fumava. Ninguém conhecia amantes do velho Souza".[317]

Porém, para além de sua feição moral, acredito que esse livro de memórias nos permite conhecer também um Cascudo visto por ele mesmo, como se ele interagisse com o

[315] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 27.
[316] PEREIRA, Lauro Ávila. O tempo e eu – memórias. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*, 2006. p. 277-280.
[317] CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit*., 2008. p. 99.

tempo e comentasse aquilo que viveu e sentiu. Como ele mesmo expressou, podemos compreender através das páginas desse livro o encontro entre o seu autor e o tempo em que viveu – podemos dizer, o *tempo e ele*: "quero contar meus casos individuais na companhia do tempo" e "todo o material, utilizado nessa viagem, foi aparecendo num percurso de setenta anos, *O Tempo e Eu*, andando juntos, inseparáveis, vendo a vida passar com as multidões".[318] Essa centralidade da categoria temporal, elemento de significação tanto da história quanto da memória, fez com que o livro tenha assumido uma posição de destaque no que se refere às narrativas de vida acerca de Câmara Cascudo e, em razão mesmo de existir essa preocupação autoral em recordar, historiar e significar sua passagem no mundo, tal relação intelectual e amistosa com o tempo pode ser uma das principais claves interpretativas do universo pessoal e intelectual cascudiano.

O livro está dividido em quatro partes: *No rasto das velhas imagens*; *A lição do cotidiano*; *Compensações e mistérios*; e *Aula de bichos*. Na primeira e maior das divisões de *O tempo e eu*, "No rasto das velhas imagens", o autor expôs seu nascimento e os primeiros anos de sua vida para seguir até o final do livro relatando as evocações de suas relações pessoais. Seguindo uma postura biográfica que se convencionou até pelo menos meados do século XX, cuja vida era narrada como um percurso orientado do início ao término da existência do indivíduo, entrecruzada de experiências e encontros marcantes, Cascudo principiou a narrativa por seu nascimento, ocorrido em 30 de dezembro de 1898, destacando o cenário e os personagens participantes desse momento inaugural de sua vida, notadamente a parteira que o pôs no mundo, as amas-de-leite que o nutriram e cuidaram, seus padrinhos e, com maior ênfase, seus pais e professores.[319] Por essa razão, as palavras que iniciam sua autobiografia também se referem a o momento inicial de sua vida:

> Nasci na rua Senador José Bonifácio que ninguém sabia em Natal quem fora. Toda a gente dizia rua das Virgens, no bairro da Ribeira. Sou, pois, canguleiro. A casa tinha duas janelas e uma porta, posteriormente numerada 212. Hoje, inteiramente modificada, pertence à firma Amaro Mesquita.[320]

Por ser, entre seus livros autobiográficos, o que mais se aproximou de um modelo tradicional de biografia que ele mesmo praticou ao estudar os personagens da história do Rio Grande do Norte, *O tempo e eu* foi iniciado com a descrição detalhada de seu nascimento e de

[318] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 31-32.
[319] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral*, 2002. p. 183-191.
[320] CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 39.

sua infância. Conforme o entendimento cascudiano acerca da maneira pela qual uma vida deveria ser narrada, no sentido em que ele a desenvolveu em suas crônicas jornalísticas tratando das *velhas figuras* do passado norte-rio-grandense (especialmente na coluna *Acta Diurna*, nos jornais natalenses *A República* e *Diário de Natal*), realizar uma biografia era cumprir a elaboração de um enredo que percorresse uma existência, entre o nascimento e a morte, destacando os sucessos ocorridos nesse meio tempo e, ao fim, recompondo vidas por meios dos vestígios deixados nos documentos e nas memórias de seus contemporâneos. Como bem observou o historiador Raimundo Arrais acerca do Câmara Cascudo cronista e, nesse caso, também biógrafo: "o narrador fixa o local, a data e circunstâncias das origens, os fatos dignos de destaque e, no termo de tudo, a morte, o esquecimento ou o abandono".[321]

Esse modelo de biografia, enredada de maneira a traçar uma linha cronológica e teleológica de coerência e sentido, foi por ele mesmo utilizada para compor sua narrativa de vida, constituindo o referencial para uma *imagem de si*. Nessa perspectiva, o livro prossegue com as descrições mais detalhadas do parto por meio do qual Cascudo veio ao mundo, de seu batizado, da escolha de seu nome, da origem de seu sobrenome, de seu primeiro banho e de um de seus primeiros brinquedos. O encadeamento conta ainda com uma biografia de seus pais, Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Ana Maria da Câmara Pimenta, enfatizando o crescimento econômico-político do pai e a vida caseira e familiar da mãe. Não me cabe reproduzir tudo o que foi escrito para cada um desses momentos. Mesmo porque, não é minha intenção recontar essa narrativa, mas percebê-la como uma *escrita de si*, enquanto um esforço de atribuição de sentido para o início de sua vida e, ao mesmo tempo, demonstrar por meio desse livro como toda identidade contém e alimenta um *projeto de memória*.

Essa primeira e maior parte de *O tempo e eu*, "No rasto das velhas imagens", é a que possui explicações mais particularizadas acerca dos assuntos tratados, especialmente atribuindo significações pessoais e afetivas a um conjunto de eventos ligados à infância e à juventude do autor – momentos mais destacados por ele. Isso significa dizer que, nesse primeiro momento do livro, ele dedicou uma sequência de páginas para conferir sentido e coerência às fases pueril e jovial de sua vida, estabelecendo marcos temporais, espaciais e subjetivos para a sua formação pessoal e intelectual. Nesse sentido, muito daquilo que se costuma escrever sobre a infância de Cascudo se originou nessa descrição que ele fez em *O tempo e eu*, compondo uma ampla narrativa que daria conta de sua "meninice" frágil e doentia e que seria a grande justificativa para a sua opção pela vida intelectual.

---

[321] ARRAIS, Raimundo. Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade do Natal. *Espacialidades,* Natal, v. 4, n. 3, p. 01-32, 2011. p. 20.

Como primeiro núcleo de significação dessa autobiografia, elemento que mais tarde seria reiterado como uma memória cascudiana, está a descrição de sua infância. Sobre ela, Cascudo elaborou um discurso teleológico que remeteu seu interesse pelo trabalho intelectual às enfermidades e fragilidades de seus primeiros anos de vida. De acordo com essa enunciação, diferente de outras crianças da mesma época, o pequeno *Cascudinho* não teria usufruído o direito à lúdica infantil coletiva. Afastava-o de quaisquer riscos o receio paterno de perder mais um filho, uma vez que os dois primeiros filhos do casal haviam falecido ainda durante a infância. Diante de uma saúde fragilizada e de um histórico familiar de mortalidade infantil, ele teria sido submetido a uma criação repleta de muitos cuidados e limites: "tive uma meninice isolada e doente. Cercado de brinquedos mas sem companheiros de folias. Não possui 'amigo de infância'".[322] Em sua mais conhecida descrição:

> Fui menino magro, pálido, enfermiço. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei areia nem andei descalço. Jamais subi a uma árvore. Cuidado com fruta quente, sereno, vento encanado! Brincava com meninas. Um quarto cheio de brinquedos para exercício sedentário, tudo rodando no solo ou em cima de uma mesa de mármore, que ainda possuo. Aprendi a ler quase sozinho, aos seis anos, graças ao ***Tico-Tico,*** proezas de Chiquinho e Jagunço, Juquinha e Gibi, solfejando as cançonetas de Eustórgio Wanderley, que conheceria no Instituto Arqueológico Pernambucano, emocionando-o porque cantava muitas.[323]

Em função dessas restrições, particularmente no tocante ao divertimento com outros infantes, teria lhe restado a opção do contato com os livros e, consequentemente, a possibilidade de uma interação social por meio da leitura: um mundo nos livros e viagens pela leitura. Nesses termos, estaria na doença o tema fundador de sua trajetória intelectual. Já na infância, encontraríamos os motivos pelos quais o filho de um rico comerciante optou por seguir um caminho profissional distinto do pai: "os amigos de meus pais surpreendiam-se do filho ser rapaz de livros em vez de estar no escritório".[324] Na ausência da lúdica infantil, os livros teriam sido os fieis companheiros de distração e divertimento, de modo que surgiria ali, no pequeno *doente aprendiz*, o futuro estudioso do tempo e da cultura de seu povo:

> Em casa, lia, lia, lia, revistas, álbuns de gravuras, viagens, curiosidades, os desenhos de Benjamin Rabier, apresentando os animais

[322] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 55.
[323] *Id.*, *Ibid.*, p. 49.
[324] *Id.*, *Ibid.*, p. 182.

> cômicos em sua naturalidade, sem deformá-los em caricaturas irresistíveis, como faria Walter Disney. Vieram dezenas de livros de estórias infantis.
>
> (...).
>
> A minha solidão, ausência de companheiros dariam hábitos decorrentes: falar só, abstração, timidez-repulsa ao grupo, silêncio pelo isolamento, intensidade de vida interior suprindo a distância da convivência menina. Lia muito, mais do que apreciava os jogos materiais. Ficava horas e horas imóvel, num cadeirão de braços, com o livro na perna, viajando na imaginação. Deveria ser introvertido, ensimesmado, caladão. Foi ao contrário: sou extrovertido, palrador, derramado.[325]

Essas citações nos ajudam a compreender a emergência histórica e a posterior recorrência de uma versão explicativa para a infância cascudiana que foi generalizada por seus biógrafos, segundo a qual o hábito da leitura teria sido inserido no cotidiano lúdico do pequeno *Cascudinho* em virtude de ele ter sido uma criança franzina, de saúde delicada e com educação mulheril. Em decorrência de uma criação cuidadosa, dispondo de vasto tempo para ser dedicado à leitura, ele teria recebido uma educação erudita e, logo, teria se direcionado às atividades intelectuais. Para seus biógrafos, notadamente a também sua amiga Zila Mamede, havia um "código proibitivo de vida-menino" que, uma vez imposto a *Cascudinho*, possibilitou a formação do futuro historiador e folclorista Câmara Cascudo.[326] Tal versão, exposta e defendida por Zila Mamede na mesma época em que *O tempo eu* foi lançado, considera tais elementos infantis como a principal chave de leitura para a biografia de Cascudo, ainda que pelo menos outra versão bem distinta exista na obra cascudiana acerca de sua própria infância.

Particularmente no já citado livro *Vaqueiro e cantadores*, quando o autor se referiu a uma temporada no sertão do Rio Grande do Norte para repouso e restabelecimento de sua saúde, outra infância foi descrita. Nessas temporadas sertanejas, em contraposição às inúmeras restrições e isolamentos de sua meninice em Natal, ele teria vivido como viveriam as crianças do sertão à época: "vivi no sertão típico agora desaparecido".[327] Conforme essa outra versão para a sua infância, posta em livro décadas antes de *O tempo e eu*, ele teria permanecido solto entre plantas e animais, correndo e brincando livre e em grupo, sem qualquer limitação quanto aos divertimentos praticados e ao contato com as adversidades típicas da espacialidade sertaneja – divertimentos, no mínimo, inapropriados para uma criança citadina repleta de imposições médicas restritivas:

---

[325] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 50-57.
[326] MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo:* 50 anos de vida intelectual, 1918-1968, 1970. p. 11.
[327] CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*, 1939. p. 5.

> Vivi nesse meio [sertanejo]. E deliciosamente. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos no inverno. Esperei a *cabeça do rio* nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei "lanços" nos açudes. Cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas "esperas" de ema sob joazeiros (sic). Persegui tatus de noite, com fachos e cachorros amestrados. Matei ribaçã a pau e colhia-a nas aratacas. Ouvi o canto ululado da "mãe da lua", imóvel nas oiticicas.[328]

Submetidas a análise, essas duas infâncias apontam para algumas interpretações acerca das narrativas de vida sobre Cascudo. A primeira interpretação se refere a uma *escrita de si* cascudiana, isto é, ao modo como ele se definiu e se apresentou em seus escritos memorialísticos. A infância do menino sertanejo, sem preocupações ou limites, partiu do iniciante folclorista Câmara Cascudo, servindo para articulá-lo ao sertão, espaço onde o já estudioso do folclore brasileiro teria vivenciado experiências culturais formadoras e a partir do qual direcionava e autorizava seus trabalhos. Por sua vez, a infância do menino citadino, enfermiço e tolhido, partiu do escritor renomado e possuidor de uma vasta erudição pretensamente adquirida *desde* a infância com o auxílio dos livros, servindo para justificar e enaltecer seu conhecimento e sua obra.

A historicidade dessas interpretações tem a ver ainda com a distância temporal que separa as duas versões para sua infância bem como as vivências e mudanças subjetivas do autor ao longo dos anos, ressignificando suas memórias. Ao mesmo tempo, uma segunda interpretação nos remete à apropriação dessa versão de sua infância insalubre por parte dos seus biógrafos, isto é, uma *escrita dos outros*. Presente no seu principal livro de memórias, *O tempo e eu*, esse ponto de vista foi sendo repetido a partir de então para destacar uma espécie de predestinação cascudiana ao universo das letras. No entender dos biógrafos, como o próprio Cascudo havia sugerido em sua autobiografia, a origem do escritor estaria nessa infância peculiar. Assim, esse enquadramento de uma memória infantil foi plenamente aceito e incorporado ao discurso biográfico que até hoje o define.

No tocante a sua juventude, e aqui encontramos um segundo núcleo de significação, o autor também dedicou várias páginas na sequência de *O tempo e eu* para recordá-la ou, em termos teórico-metodológicos, para compor uma enunciação. Porém, diferentemente da sua fase pueril, a mocidade cascudiana aparece ao longo do livro e de sua obra sob uma única perspectiva – a fase do Principado do Tirol, de prosperidade e jovialidade rebuscada e "fidalga", em que o herdeiro de um rico comerciante local habitava a Vila Cascudo, no bairro do Tirol, vindo a ser chamado de *príncipe* por seus conterrâneos.

---

[328] CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*, 1939. p. 6.

De acordo com Jaime Wanderley, amigo do jovem *Cascudinho* à época do Principado e colaborador da revista *A província* (1968) em homenagem ao já consagrado "escritor de província", seu amigo era um "'snob', fidalgo de atitudes, sincero nas suas amizades, digno nos seus gestos de cavalheirismo, cioso de sua honra pessoal, não perdendo, nunca, a linha de conduta, que re-recebeu (sic) da nobre estirpe de sua descendência".[329]

Imagem 16 Fotografia do jovem *Cascudinho*, sem dados de identificação, mas, provavelmente, datando dos anos de 1920.

Acervo: *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo

Presente também em outros textos autobiográficos sobre Cascudo, a fase jovial e opulenta em que o *Príncipe do Tirol* se destacava no cenário letrado natalense, onde havia se lançado como cronista do jornal *A Imprensa*, em 1918, obedece a um mesmo referencial: a menção feita no livro de memórias em questão. Como enfatizou o comentador de *O tempo e eu*, Lauro Ávila Pereira, tamanho o destaque e esplendor atribuído pelo autor à Vila Cascudo,

[329] WANDERLEY, Jaime dos G. O príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n. 2, p. 23-24, 1998. p. 28. (Edição fac-similar de 1968).

onde moravam, o Principado do Tirol acabou por se transformar em um dos principais personagens das memórias cascudianas, demonstrando uma forte ligação afetiva com o espaço da residência onde viveu.[330] Essa espacialização de suas lembranças atribui afetividade e destaque à memória que elaborou em torno de sua vida, notadamente no que se refere à fase da nobre residência familiar.[331]

Ao descrever esse momento, Cascudo não poupou adjetivos e não minimizou nos detalhes acerca do fausto em que sua família viveu nas duas primeiras décadas do século XX: residência com "lustres de cristal. Dois salões de jantar. Nove criados".[332] Residindo em casa de quarteirão no bairro do Tirol, em Natal, os Cascudos eram então uma das famílias mais ricas da cidade e frequentavam os círculos sociais da elite político-econômico-cultural natalense. A Vila Cascudo, como era chamada a mansão da família, destacava-se por seu requinte, por ser palco de grandes solenidades e por abrigar importantes visitantes de todo o país – em sua crônicas jornalísticas, não faltam referências a personalidades que teriam passado pela Vila e solenidades em sua residência ocorridas. Como único herdeiro desse patrimônio familiar, *Cascudinho* seria tratado como um verdadeiro príncipe por seus conterrâneos, de onde teria surgido a nomenclatura do Principado do Tirol. Mencionando as palavras do autor, no livro *O tempo e eu*:

> Aqui [na Vila Cascudo] outrora retumbaram hinos! Fundou-se o Principado do Tirol, com toda a hierarquia aristocrática, reuniões mensais com "frios" requintados (...). Meus primeiros artigos e livros nasceram nesse clima. Meu pai mantinha, à sua custa, o jornal *A Imprensa* (1914-1927), para a nossa inflamação literária. Tenores, barítonos, sopranos, pianistas, declamadoras, artistas em excursão exibiam-se na Vila Cascudo. Sob as árvores de sombra, piqueniques, serenatas, violões famosos, tertúlias, improvisações. Dessa Vila Cascudo planejou-se muita festa vitoriosa e não mais repetida, (...), planos de renovação literária, apoio à Semana de Arte Moderna, leitura de originais de poemas de poetas dos estados vizinhos, euforia, magnificência.[333]

Essa fase abastada da vida de Câmara Cascudo entrou em declínio por volta do final da década de 1920, em momento ainda pouco esclarecido pela historiografia norte-rio-grandense, consolidando-se com a falência comercial de seu pai após as mudanças políticas ocorridas no país em 1930 – notadamente o apeamento das oligarquias locais a que sua

---

[330] PEREIRA, Lauro Ávila. O tempo e eu – memórias. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*, 2006. p. 279.
[331] BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.
[332] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 60.
[333] *Id.*, *Ibid.*, p. 61.

família estava vinculada; e culminado com a perda da Vila Cascudo para pagamento de dívidas em 1932. Ao longo de *O tempo e eu*, de maneira relativamente discreta e sucinta, Cascudo demonstrou ressentimentos com a derrocada financeira de sua família, conferindo mais destaque e saudosismo ao período áureo anterior: o Principado do Tirol. Talvez por isso, ao longo do livro, raras e veladas referências tenham sido feitas à política – tanto sobre o governo Vargas, quando se deu sua virada financeira; quanto acerca da Ação Integralista Brasileira, da qual ele participou ativamente no Rio Grande do Norte.[334]

Entre o lembrar e o esquecer, ele construiu uma memória de sua juventude que enfatizou vivências faustuosas ou, em seus termos, recordou experiências de nobreza, e tangenciou – para não dizer silenciou – diante de eventos marcadamente de percepção negativa: a falência paterna e as consequências desse colapso financeiro para o modo como ele e sua família viviam. O luxo da Vila Cascudo e a nobreza do Principado do Tirol se referem à jovialidade e ao momento áureo de sua vida, cuja memória buscou alcançar e recompor. Enquanto isso, a decadência desse patrimônio representou o início de uma nova fase na vida do escritor, a vida adulta, recebendo uma narrativa pautada pelo sentimento da frustração e, diante da impossibilidade de ser esquecida, ganhando uma descrição mais comedida: "é tudo que me resta [uma chave] do meu *Paradise Lost*, mas continua servil e lógica. Abre, sob o impulso da lembrança, todas as portas do meu antigo lar paterno, ressuscitando as alegrias mortas dos dezenove anos vividos a sua sombra".[335] Centralizada na figura paterna, a narração desse significativo evento familiar representou a inserção do jovem *Cascudinho* na vida adulta – marco que, em suas memórias, separou sua juventude do início de sua maturidade:

> Durante mais de vinte anos todas as iniciativas úteis, oficiais ou particulares, tiveram em Natal a colaboração decisiva do Coronel Cascudo (...). Nunca executou um credor. Nunca requereu um despejo. Nunca cobrou uma conta a uma viúva. Deixou mais de 1.200 afilhados. (...). Encerrando o ciclo comercial, teria a cobrar mais de três mil contos. Desanimado e triste, renunciou qualquer ação judiciária. Hipotecando por 30 contos sua casa, construído em meio de terreno correspondendo a ¾ do quarteirão Jundiaí-Apodi, Rodrigues Alves-Campos Sales, não pôde saldar a dívida e perdeu toda a propriedade, de valor que me dispenso informar. Nada lhe ofereceram e nada solicitou.[336]

[334] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 168-169; 172-175; 181-182.
[335] *Id.*, *Ibid.*, 62.
[336] *Id.*, *Ibid.*, p. 44-45.

Não apenas a transição da riqueza à pobreza, mas a própria imagem paterna ganhou protagonismo nessa narrativa em que o resultado foi a consolidação da maturidade cascudiana. As menções a Francisco Cascudo, na maioria das vezes sob a denominação "meu pai", são recorrentes ao longo de todo *O tempo e eu*, apresentando momentos vividos juntos, curiosidades dele ouvidas e, sobretudo, dando conta da importância social paterna em Natal. O ápice da riqueza familiar no Principado do Tirol, a falência comercial paterna, a execução hipotecária da Vila Cascudo (1932) e, por fim, o falecimento do Coronel Cascudo (1935) aparecem nas recordações de seu filho como uma ruptura cujos principais impactos foram sua inserção na vida adulta e a assunção da cidade do Natal como local de moradia, transformando a província e o provincianismo como marca de sua trajetória intelectual – em contraposição ao protagonismo paterno temos as poucas e discretas referências por ele feitas à figura da mãe. Assim sendo, a imagem e a memória do pai parecem ser elementos afetivos que sedimentaram a identidade do filho e que foram centrais na constituição de sua memória de homem maduro e de então responsável pela continuidade do clã familiar: a figura do patriarca atualizada nos escritos do filho.

Sob os efeitos desse impacto na constituição de sua memória, Cascudo descreveu a sua formação superior como consequência dos rumos econômicos de sua família. A realização incompleta do curso de Medicina, nas Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro, com a intenção de se transformar em um cientista e ter um laboratório próprio, teriam esbarrado na ausência de recursos financeiros para alimentar o sonho. A conclusão do curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, em 1928, teria sido a alternativa que restou para a aquisição de uma formação superior:

> Prestei os exames e fui para a Bahia, cursar Medicina. Depois, Rio de Janeiro, então e realmente "Cidade Maravilhosa". Meu pai empobrecendo, não poderia ser um pesquisador na terapêutica profissional, como sonhara. Não tinha vocação médica. Minha vocação era o laboratório. Naquele tempo não havia a especialidade. Para alcançar o laboratório era indispensável ter uma esmeralda no dedo. Eu queria um laboratório meu. Já não era possível. Fixei-me em Natal, ensinando em colégios e ajudando cursos particulares. Para não ser *seu Cascudinho*, horrorizando mamãe, fui para a Faculdade de Direito do Recife, três meses por ano, levando economias pessoais, hospedado em pensões humildes e típicas. (...). A pobreza de meu pai, altiva e nobre, não me permitia abandoná-lo e viajar para o sul, vencer no Rio. Filho único, devia retribuir em assistência quanto tivera em pecúnia e carinho. Fiquei, definitivamente e sem recalques, provinciano. Ia ser, até a velhice, professor jagunço.[337]

[337] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 50-51.

Demarcou-se, assim, um terceiro momento das memórias cascudianas: a vida adulta e profissional. Nesse instante, a narrativa de *O tempo e eu* passou a dar conta da formação intelectual cascudiana, apresentando pessoas e situações orientadoras e influenciadoras de seu pensamento. Em especial, Câmara Cascudo narrou a contribuição de alguns de seus professores para a consolidação de uma base de formação que, surgida das leituras indicadas e da crítica ensinada por seus mestres, possibilitou o estabelecimento de um pensamento próprio e serviu de esteio para a formulação de sua obra:

> Não sei se tenha interesse depor sobre as "influências iniciais" da minha formação. Mas dois amigos sugerem a indispensabilidade da confidência. Homenagem para mim indispensável à dupla que, há cinquenta anos, trabalhou no granito e no gesso do meu espírito. (...).
>
> Pedro Alexandrino trouxe a literatura básica de Portugal e Brasil, fazendo-a familiar. Autodidata, recomendava as próprias preferências sem atender à projeção dos escritores no âmbito do seu povo. Mas lhe devo o estímulo para pensar, raciocinar e decidir por mim, sem deslumbrar-me pelas famas nem assombrar-me pelos prestígios, admirando depois da verificação pessoal e nunca por imposição alheia. É uma presença inarredável no meu reconhecimento. Enrijou minha espinha dorsal.
>
> Francisco Ivo Cavalcanti, meu segundo mestre, teve ação mais ampla. Ajudou-me a andar sozinho. Professor diplomado pela Escola Normal, possuía conhecimentos mais extensos e variados. Sabia empregar técnica, processos dedutivos de apreciação e crítica.
>
> (...). Ivo dispôs, sacudiu, arejou minhas faculdades de assimilação, acima de tudo, de eleição intelectual.
>
> (...). Aos dois fiquei devendo a minha pequenina festa de iniciação em livros, imagens, sonhos e pesadelos intelectuais. Orientaram o meu rito de passagem.[338]

Em grande medida, o nascimento e a infância doentia, a juventude abastada e a decadência financeira, e o processo de formação e maturidade intelectual são os principais eixos temáticos dessa autobiografia cascudiana, compondo, assim, núcleos de significação para a sua memória. A relação dos personagens citados no livro é vasta, até mesmo por causa do amplo círculo de relações do escritor dentro e fora do Rio Grande do Norte. Porém, com ênfase na figura paterna, sua família é presença constante na narrativa de suas ações cotidianas e, entre os já falecidos, sua ascendência era frequentemente mencionada nas recordações que dizia confidenciar a seus leitores. De maneira gradual e afetiva, vão aparecendo entre os personagens um coletivo de amigos das mais variadas idades, naturalidades e posições sociais, notadamente sujeitos com os quais conviveu a partir da juventude.

---

[338] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 53-54.

Os anos de 1920, quando o intuito de obter uma formação superior fez Cascudo se deslocar pelo Brasil e tomar parte em redes de sociabilidade intelectual, parece ser uma das épocas mais evocadas em *O tempo e eu*. Isso não apenas mostra a importância dessa fase de sua vida na formação e trajetória intelectual escolhida, como demonstra a centralidade que o autor deu em suas memórias para suas experiências no Rio de Janeiro (1919-1922) e Recife (1924-1928). Além disso, a idade septuagenária do memorialista tende a reencontrar a juventude como momento áureo de sua vida. Nesse sentido, a identidade provinciana que Cascudo costumava repetir, como em *ladainha*, em seus escritos aparece enquanto outro ângulo de sua memória. Em contraposição ao jovem que deixou sua terra natal para estudar medicina e se formar em direito, há o maduro "professor vitaliciamente provinciano" que, resistindo a inúmeros convites, decidiu ficar na cidade do Natal para (in)formar a seus conterrâneos acerca do passado e da cultura popular: "toda a minha alegria era o meu professorado provinciano. (...). Eu resisti ao canto da sereia, fechando os ouvidos e continuei professor até a aposentadoria".[339]

Quando a maturidade do autor foi alcançada, especificamente no que se refere ao desenvolvimento da narrativa, o livro *O tempo e eu* não seguiu mais um enredo linear, alternando a todo instante temporalidades ligadas à infância e à vida adulta de seu autor. Além disso, o lugar onde os eventos ocorreram sofreu alterações em função da naturalidade ou da residência dos personagens envolvidos e dos deslocamentos espaciais do narrador. A partir daquele momento do livro, Cascudo seguiu evocando a presença de seus amigos, a grande maioria já falecida, narrando situações cotidianas vividas em comum e mencionando os contatos afetivos e intelectuais outrora estabelecidos. Em semelhança às crônicas que publicava nos jornais, ele escreveu pequenos textos em *O tempo e eu* e se portou como biógrafo de sujeitos "injustamente esquecidos", revelando-se saudosista e utilizando a memória como recurso intelectual contra o esquecimento.[340] Como exemplo dessa postura, podemos citar o texto sobre o médico José Eduardo Teixeira de Souza, com quem Câmara Cascudo conviveu no Rio de Janeiro enquanto cursava medicina: "lembro um nome que já deve está esquecido por quase toda a gente. Seus contemporâneos morreram. Tudo mudou derredor".[341]

Nas últimas três partes que compõem o livro, respectivamente, *A lição do cotidiano*, *Compensações e mistérios* e *Aula de bichos*, Cascudo mudou a perspectiva de construção de

[339] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 181 e 217.
[340] *Id.*, *Ibid.*, p. 74.
[341] *Id.*, *Ibid.*, p. 131.

seu texto. A ênfase passou a ser dada a elementos do seu cotidiano, cujos significados ganharam conotações morais e sugeriam atitudes reflexivas.

Em "A lição do cotidiano", valendo-se de momentos inusitados ocorridos em suas relações sociais, Câmara Cascudo fez uma reflexão acerca de sua vocação intelectual, ressaltando sua certeza de ter feito as escolhas certas em torno de sua atividade profissional. O escritor renomado e prestigiado por seus conterrâneos aparece na narrativa autobiográfica e memorialística em foco como a realização e a concretização de um percurso de vida: elemento contemporâneo que demandou a escrita de um livro autobiográfico e, por conseguinte, clímax literário de *O tempo eu*. Para o autor, seu sucesso intelectual era, exclusivamente, o resultado de sua vocação – percebida como uma realização pessoal: "o segredo da realização em proporção relativa e duradoura é a fidelidade interior à vocação".[342] Diante disso, ele evidenciou sua alegria com o reconhecimento de seus conterrâneos pelos 50 anos de "servidão jubilosa" dedicada a sua terra: "tive, de meus patrícios e semelhantes, as homenagens mais afetuosas e permanentes, sem que as sugerisse, direta ou indiretamente. Não enumero essas honrarias porque seria autobajulação".[343]

Em "Compensações e mistérios", identificando compensações em sua vida provinciana em comparação às atribulações profissionais de seus amigos, Câmara Cascudo procurou demonstrar a seus leitores a convicção e as alegrias da trajetória intelectual que trilhou: "Confidência de José Mariano Filho: - Mestre Cascudo, tenho amigos inteligentes sensíveis, dignos de amizade, tão enrolados nos negócios que há vinte anos que não têm tempo de ver o luar!" ou "José Pires de Oliveira (1912-1966), que faleceu gerente do Banco do Estado de São Paulo, em Ribeirão Preto, passava para mim, num *western* [telegrama], esse aviso: - Não deixe de ver a lua que está linda!".[344]

Por fim, na seção intitulada "Aula de bichos", atribuindo emoções e inteligência aos animais, ele descreveu situações em que as atitudes dos bichos serviriam de ensinamentos para os homens: "Em Triana, Sevilha, vi um jumento dando repetidos coices numa pedra. Descarregava o excesso da tensão nervosa ou apurava a técnica para exercício útil?".[345]

As análises morais e as atitudes reflexivas presentes nas seções finais do livro não se coadunam, em termos conceituais, com uma definição mais comum e tradicional de biografia, na medida em que não se tratam de narrativas que, linearmente, buscam dar conta de uma vida. No entanto, se enquadram naquilo que Cascudo chamou de um "Tempo-dimensão" –

[342] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 166.
[343] *Id., Ibid.*, p. 172.
[344] *Id., Ibid.*, p. 215-216.
[345] *Id., Ibid.*, p. 246.

categoria temporal que organizou sua narrativa e, consequentemente, suas memórias. O conjunto das situações cotidianas que ele reproduziu está ligado a momentos de sua vida e só se efetivam como lembranças pelo fato de ele as ter vivenciado e delas ter feito parte. Ao recordá-las, ele procurou expor a maneira como enxergava essas situações bem como buscou apresentar o processo de constituição de sua visão de mundo e de sua personalidade, incluindo aí valores, princípios e fraquezas. Nas palavras de Alfred Adler, que tomou para epígrafe, Cascudo sentenciou: "Quando um indivíduo se volta par o seu passado, podemos ter a certeza de que tudo o que a sua memória trouxer à luz terá interesse emocional para ele e assim encontraremos a chave da sua personalidade".[346]

Com isso, a narrativa de *O tempo e eu* encerrou um ciclo iniciado com o nascimento de *Cascudinho* e que culminou no sucesso e na consagração intelectual do escritor: pacto autobiográfico que articulou vida e obra e que fez da narrativa de sua vida uma identidade pública. Ao final, a imagem de si elaborada pelo autor é a que ele havia anunciado no prefácio: um "professor de província", escrevendo sobre si e pensando nos outros ou pensando em si e escrevendo sobre os outros. A criança e o príncipe do Tirol são os destaques dessa viagem no tempo, depondo sobre as vivências e influências iniciais de um *Cascudinho* que se tornaria referência intelectual norte-rio-grandense. O tempo, companheiro de sua viagem, ora é cronologia ora é dimensão de sua memória pessoal, mas sempre é o elemento que demarca sua existência e dá sentido a sua vida e obra.[347]

Diante da quantidade de eventos e significações existentes n'*O tempo e eu* – livro que, por si só, pode ser tema de uma tese –, qualquer interpretação que eu tenha proposto ou que eu possa sugerir não deixa de ser um ponto de vista, velho ou novo, para a memória de Cascudo. Por esse motivo, considerando que minha intenção foi perceber as recorrências de uma narrativa memorialística, faço uso de uma das muitas epígrafes que abrem cada uma das seções do livro para apresentar uma citação, por ele atribuída a Goethe, que dá conta de como esse livro nos apresenta um Câmara Cascudo escrito por si mesmo:

> Mas, enfim, sou o que sou,
> Se assim te sirvo, aqui estou;
> Se queres mais linda prenda
> Manda-a fazer d'encomenda.
> Que eu, enfim, sou o que sou,
> Se assim te sirvo, aqui estou.[348]

---

[346] CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu:* confidências e proposições, 2008. p. 33.
[347] *Id.*, *Ibid.*, p. 31-32.
[348] *Id.*, *Ibid.*, p. 53-54.

3.2 Quem não adoece, não se conhece[349]

Lançado em 1969, o *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações* é um pequeno livro escrito durante duas "temporadas" cascudianas no Hospital das Clínicas (agosto de 1967 e abril de 1968), em Natal, para realizar exames e se recuperar de mal-estares, um dos quais teria sido resultado de um desmaio. A permanência de Câmara Cascudo no hospital serviu de mote para ele produzir um segundo livro intimista e de autorreflexão, uma vez que a impossibilidade de atividades cotidianas e a disponibilidade de tempo livre para o exercício mental foram compensados com a elaboração de mais um livro autobiográfico: uma continuidade da *escrita de si* cascudiana.

Produzido no mesmo contexto de elaboração de *O tempo e eu*, finais dos anos 1960, o *Pequeno manual do doente aprendiz* é um livro de memórias que se diferencia dos demais títulos confidenciais de Cascudo. Entre suas particularidades, encontramos: o fato de ter sido escrito em uma situação extraordinária (duas internações hospitalares de seu autor); em razão de ter sido escrito no ambiente de um hospital, existe uma centralidade na discussão em torno de elementos ligados à medicina e, notadamente, à saúde – expectativa que o havia levado ao Hospital das Clínicas natalense; o livro possui um tom objetivo em sua narrativa, uma característica nem sempre comum nos escritos de Cascudo; e, diante do exposto, consegue ser menos plural do que outros textos cascudianos correlatos, quando o assunto é a quantidade de personagens, eventos e significações atribuídas.

Livro escrito com um estilo bastante objetivo, em vários trechos, está composto por aforismos, sugerindo aos leitores reflexões éticas, morais e existenciais e requerendo uma sagacidade interpretativa para a participação em seu diálogo. Porém, por causa mesmo desse aspecto diferenciado, o *Pequeno manual* não pode ser classificado como um livro menor na obra de Cascudo. Ao contrário, sua singularidade faz dele um livro importante para o entendimento de um Câmara Cascudo visto por ele mesmo, ou seja, pela originalidade, é importante para a compreensão de sua vida e obra por meio de uma diferente perspectiva de análise e interpretação fornecida pelo próprio autor.

O prefácio desse livro assemelhasse a uma carta destinada a Onofre Lopes, a quem Cascudo reconheceu como primeiro reitor da Universidade local, médico familiar, companheiro dileto e íntimo e, principalmente, amigo-amigo. Nesse texto de função dedicatória, que pode ser considerada outra característica de diferenciação do livro, ele mais

[349] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998. p. 58.

se dirigiu ao médico amigo do que apresentou o conteúdo do *Manual*, comentando rapidamente, sobre isso, apenas que o livro "consta de imagens sugeridas pelo cenário deslumbrante, reminiscências cujo processo associativo é um mistério psicológico. Frutos velhos da memória, teimando aproveitar o abril, ardente e luminoso".[350]

A mobilidade do autor, durante seu período de internação no apartamento 203 do referido hospital, configura a divisão do livro em três partes – *Janela*, *Poltrona* e *Cama* – ainda que, na integridade, suas páginas girem em torno de uma mesma questão temática: a doença/saúde de seu autor e a introspecção memorialística que essa situação provocou. Dessa forma, como Cascudo definiu o texto, tal "ensaio de bom humor, terapêutico e meditativo" serviu para realizar uma espécie de *check-up*, literal e metafórico, na vida de seu autor, no qual imagens, pessoas, lugares, leituras, notas e maginações foram "sugeridas pelo cenário" onde ele se encontrava. Uma versão de sua memória pessoal construída a partir de um espaço social particular: o hospital.[351]

Segundo uma leitora crítica do livro, Yara Nogueira Monteiro, nas páginas do *Pequeno manual* ficaria evidente como Câmara Cascudo, a partir de um quarto de hospital, "observa, descreve, analisa e registra o cotidiano do Hospital das Clínicas de Natal, seu entorno e, através dele, seu tempo".[352] Apesar de considerar essa relação com o tempo, notadamente a tensão presente/passado da memória, Yara Monteiro tomou esse livro como motivo para expor as modificações ocorridas na saúde pública brasileira, em meados do século XX. Na qualidade de pesquisadora sobre o tema da saúde pública no Brasil, ao invés de considerar o *Manual* como um livro de memórias e analisá-lo como tal, ela o utilizou para demonstrar como seu autor foi capaz de observar, a partir do contato com médicos e enfermeiros, profundas alterações no sistema hospitalar do país.

Escrito pelo "doente aprendiz" ou pelo "velho professor de província" enfermo, como ele mesmo sugeriu, respectivamente, no título e no prefácio, a ideia de um *pequeno manual* nos faz pensar, em especial, na possível intenção de um livro hospitalar de memória: ensinar outras pessoas a se portarem diante de uma enfermidade, particularmente utilizando o momento do repouso para conhecerem melhor a si próprios – aquilo que ele mesmo havia feito.

Assim sendo, existem dois aspectos a serem discutidos acerca do gênero discursivo no qual o livro se enquadra. Primeiro, por se tratar de um manual, ele é um texto curto e de

---

[350] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 14.
[351] *Id., Ibid.*, p. 13-14.
[352] MONTEIRO, Yara Nogueira. Pequeno manual do doente aprendiz. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo,* 2006. p. 237-241.

caráter prático e explicativo para servir de diretriz a outros sujeitos que estejam na condição de pacientes e desejem fazer uso do livro para se orientarem. Os aprendizados que o Cascudo doente alcançou são ofertados aos seus leitores para que também aproveitem as oportunidades para refletirem sobre suas vidas e para que possam se autoconher através desse "exame" interior. Isso nos leva a um segundo aspecto, a condição de um internamento ter servido de instante reflexivo fez da narrativa do *Manual* um texto autobiográfico e, particularmente na obra cascudiana, conferiu a essa autobiografia alguns contornos memorialísticos por causa de sua frequente opção por descrever sua vida e explicar sua trajetória a partir da recordação de momentos e pensamentos "idos e vividos".[353] Não querendo ser profissional, o autor se confessou um doente aprendiz, aquele que fez da condição de enfermidade uma possibilidade de aprendizado subjetivo:

> No domínio cultural devemos menos à Saúde que a Enfermidade à vida das obras-primas. A Saúde raramente consente a introspecção, natural em Montaigne, Nietzsche, Machado de Assis, Marcel Proust, perenemente mordidos de achaques, mal-estar, sofrimentos. A moléstia determina a autocontemplação, minuciosa, demorada, tenaz. O exame instintivo pela situação enferma é uma consequência das longas vigílias silenciosa. Sadios, não teríamos Newton, Pope, Inácio de Loyola, Descartes, Spinoza, Pascal.
>
> A viagem interior é um roteiro mórbido, ditado pela visão introspectiva. As faculdades meditativas, de abstração e alheiamento à sedução exterior, são decorrentes da sensibilidade que a doença tem o condão de aguçar, afinar, polir. (...).
>
> A doença é um processo de análise. Rara oportunidade para o auto-encontro, a intimidade reveladora da própria personalidade. Estar, realmente, consigo. Entender-se. Pesquisar-se. Fusão ideal com o alter ego, disperso na diversidade das preocupações centrífugas. A moléstia nos reaproxima, restituindo-nos a velha unidade psicológica da nossa meninice, quando estabelecíamos a entidade total, na naturalidade, no milagre da conversa dialogal, falando sozinho, com nós mesmos. Reencontramo-nos no final do labirinto perturbador.[354]

Para Câmara Cascudo, o sujeito só seria capaz de se conhecer plenamente após adoecer e se submeter a uma autorreflexão estimulada por uma inatividade forçada pela enfermidade, afastando-se introspectivamente dos entretenimentos dispersivos do mundo exterior: uma catarse mental e espiritual. Nessa linha de pensamento cascudiano, a doença não necessariamente é algo ruim para o sujeito, na medida em que o faz atentar para a necessidade de uma auto-observação e o desvia da intensidade do ritmo de vida levado: "a doença é uma recapitulação memorial, tão útil e avivadora de nossa humildade que a vida disfarça,

[353] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 79.
[354] *Id., Ibid.*, p. 58-59.

enfeitando-a de guizos. Um processo de catarse espiritual, como a Oração, a Confissão, a Penitência".[355] Embora não use o termo, essa paralisação forçada se transforma em condição para um exercício de construção subjetiva, para uma atividade de terapia mental, para um diálogo do sujeito consigo mesmo, enfim, para uma *escrita de si*:

> O conhece-te a ti mesmo é impossível na mobilidade de nossa existência cotidiana. Não temos tempo para ver-nos de perto. Ouvir-nos. Sobretudo, entendermo-nos. Teríamos advertências, críticas, restrições, mas a Vida não permite. Tenho a impressão de muita gente ignorar-se totalmente, perdendo-se de contato logo depois do ingresso no carrossel. Há tanto assunto, econômico, político, literário, social, publicitário, para debater...[356]

Mais uma vez, a questão da saúde – ou a falta dela – serviu de guia para uma determinada configuração da memória cascudiana. Por essa razão, quero propor uma leitura alternativa à interpretação de Yara Monteiro sobre o *Pequeno manual*, destacando o fato de ele ter sido escrito por um ex-estudante de medicina que, percebendo-se duas vezes sob o risco da morte, utilizou essa sua condição pessoal de conhecedor dos temas médicos para realizar uma atividade autocontemplativa – para não dizer autobiográfica: analisar a sua estada no Hospital das Clínicas e, assim, recordar sua trajetória de vida, perscrutando seu passado e compondo uma nova e provável última memória.

Como vimos, em *O tempo e eu*, Cascudo foi estudante de medicina nas Faculdades da Bahia (1918) e do Rio de Janeiro (1919-1922), mas não concluiu o curso médico. Evidentemente que, no caso do *Pequeno manual*, não podemos desconsiderar a escrita como uma distração para o paciente em ambiente hospitalar, ou seja, escrever sobre o tempo passado também para fazer o tempo passar e, assim, amenizar as inquietações de uma dupla permanência no hospital – atividade especialmente habitual de um paciente que, em seu cotidiano, era escritor de ofício.

Se o elemento norteador do *Manual* foi uma situação de enfermidade, analiso-o a partir de sua terceira e última parte – ou estação, como denomina o autor: a *Cama*, local que confere destaque à questão do repouso e à consequente viagem interior aludida. Sem prejuízo à compreensão do texto, talvez, poderia ser essa a estação pela qual o livro fosse iniciado, uma vez que o primeiro momento de um doente no espaço hospitalar é a rotina médica para a realização de um diagnóstico clínico, quando o paciente, sobre a maca/cama, é submetido a exames e outros procedimentos investigativos. Para Cascudo, essa etapa acamada o

---

[355] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 79.
[356] *Id.*, *Ibid.*, p. 58-59.

despertava uma constante curiosidade pelo que não lhe chamava a atenção quando estava sadio e ativo: a variedade de doenças existentes; os procedimentos terapêuticos; e os formatos, cores e sabores dos remédios.[357]

Naquele instante, Câmara Cascudo portou-se claramente como um ex-estudante de medicina, comentando acerca de questões médicas e demonstrando seu pleno conhecimento acerca do tema – saber atualizado com frequência pelo contato com uma literatura médica especializada que costumava ler. Ao longo das páginas do *Pequeno manual do doente aprendiz*, no que se liga ao período de sua permanência no hospital, o autor faz menção à leitura de uma bibliografia científica atualizada sobre o seu quadro clínico, examinando as informações existentes e as aplicando a si próprio na expectativa de melhor entender o que sentia e de verificar o tratamento a que estava sendo submetido.[358]

Tal postura nos remete ao método de trabalho cascudiano, executado a partir de uma observação prévia do assunto em estudo e de uma leitura aprofundada para, só em seguida, transformá-lo em conhecimento escrito. Porém, a ênfase recaiu sobre seu estado febril, referindo-se a ele ao longo de toda a terceira parte do livro e utilizando-o para, mais uma vez, recordar sua infância sertaneja: "nas enchentes do inverno, quando descia roncando a cabeça do Rio, e vivíamos nós, meninos do sertão, gritando e pulando dentro d'água corrente ou remansosa, era fatal a voz ameaçadora e prudente: - Olhe a febre!".[359] Não obstante, ainda que se referisse ao período sertanejo de sua meninice, dessa vez, a ameaça de uma febre não limitou sua lúdica infantil.

Suas reflexões na *Cama*, ainda trataram do tema da morte – escrita com inicial maiúscula, assim como outros tantos termos presentes em sua obra. Quatro aforismos foram escritos sobre o tema: 1) "A Morte é uma libertação. Mas existem servidões jubilosas..."; 2) "Morto não é sinônimo de cadáver. Os mortos dormem. Os cadáveres apodrecem."; 3) "O relógio da Morte não é acertado pelo nosso..."; e 4) "Quando a Morte convoca, não há insubmissos!".[360] Por razões claras, a preocupação com a temática da morte tem a ver com o Hospital das Clínicas, afinal de contas esse local não lida apenas com a recuperação da saúde, mas em alguns casos também com a impossibilidade de recuperá-la. Mesmo assim, escrever sobre a morte em aforismos, isto é, de forma menos assertiva e mais sugestionada, denota

[357] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 54-58; 60-62; e 63-65.
[358] Dentre a bibliografia consultada por Câmara Cascudo enquanto esteve internado no Hospital das Clínicas, em Natal, podemos citar um livro sobre a erisipela, doença infecciosa que provoca a inflamação da pele e da qual ele foi acometido no hospital. Ver: LIMA, Fernando de Castro Pires de. *Arte de talhar a erisipela.* Porto: [s. e.], 1942.
[359] CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.* p. 63.
[360] *Id., Ibid.*, p. 62

como o fim da vida foi tratado como um momento a ser evitado, algo do qual se devia esquivar, na expectativa da alta hospitalar e do retorno ao lar.

Não só em sua terceira parte, mas ao longo de todo o livro, o cotidiano terapêutico de Cascudo foi frequentemente incluído na narrativa do *Manual*. Os tratamentos, as medicações, as recaídas, o contato com os médicos, tudo foi sendo descrito e comentado. A partir dessas situações e cuidados, evocações foram sendo feitas acerca de seus amigos médicos e de seus ex-professores nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro: "Luís Antônio, meu professor de História Natural, de sedutora eloquência, era ateu... com a graça de Deus. Uma vez, dando uma injeção na garganta de um internado, a agulha soltou-se do êmbolo: – Valha-me Nossa Senhora! – exclamou".[361]

Essas lembranças não se revestiam da mesma característica de originalidade que o livro possui, uma vez que a ação memorialística estava presente em seus demais escritos. Contudo, estimulado pelo ambiente e pelo cotidiano hospitalar, existe na narrativa do *Pequeno manual* um recrudescimento da sua intenção de recordar situações que envolveram a medicina, o hospital e a doença, encontrando em sua própria vida a maior parte dos exemplos e na sua juventude de aspirante a médico as principais explicações. Enfrentando as adversidades físicas da velhice, em grande medida, essas recordações serviam também para prestar seu depoimento pessoal acerca dos efeitos do tempo em seu próprio corpo e em sua septuagenária vida: "Estou surdo. Ouço, à certa distância, palavras e melodias em forma confusa, irregular, disfônica. Inoperável porque a lesão é no nervo auditivo. Consolo-me com Beethoven compondo, Ronsard escrevendo, Edson 'inventando', meus antepassados no domínio da insurdescência".[362]

A perspectiva da finalização do tratamento médico passava ainda pelas duas outras estações do *Pequeno manual*: a *Poltrona* e a *Janela*. Como não pensar nessas duas fases do livro relacionado-as ao espaço residencial da Casa de Câmara Cascudo? Sentado em uma poltrona do Hospital das Clínicas, assim como costumava fazer em sua residência, Cascudo recebeu a visita de amigos e parentes, classificando-os em três tipos: os comparativos, aqueles que, diante da própria doença, minimizavam a gravidade do padecer alheio; os negativos, que nunca acreditavam na necessidade de assistência hospitalar; e os familiares ou concordantes, que fortaleciam e renovavam o vigor do paciente.[363]

---

[361] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 57.
[362] *Id.*, *Ibid.*, p. 74.
[363] *Id.*, *Ibid.*, p. 33-34.

Dentre os visitantes familiares e/ou concordantes, estava Ilma Melo Diniz, presidente da Fundação José Augusto – órgão que, aproximadamente vinte anos mais tarde, iria instituir e financiar o Memorial Câmara Cascudo. Devido às informações trazidas por Ilma Melo Diniz, essa visita fez o autor recordar à juventude, mostrando o seu sofrimento com a falência paterna e com a perda da Vila Cascudo:

> A mão leve e branca pousa no meu ombro. É Ilma Melo Diniz, presidente da Fundação José Augusto. Dá-me a ler um ofício de 23 deste abril comunicando ter a entidade criado o "Prêmio Nacional Luís da Câmara Cascudo", no valor de oito mil cruzeiros novos, para o herói que fizer o mais apresentável e decente ramalhete com os mata-pastos e marmeleiros que espalhei nos tabuleiros da minha província.
>
> (...).
>
> Acompanhei-a ao elevador que a leva, sorridente. Volto para a poltrona. Não consigo dissipar o complexo de angústia que me traz lágrimas aos olhos, enevoando-os de saudade e mágoa sem remédio...
>
> Em 1933, meu Pai deixava a nossa grande chácara no Tirol. Ardera como palha seca quanto julgara amontoar em trigo, para o pão da velhice. Meio século de trabalho, dedicação, generosidade, desaparecia numa execução hipotecária.
>
> Pela primeira vez, fomos morar em casa alheia. Quando, em 1945, comprei a que possuo, esgotando os recursos disponíveis, meu Pai já não existia. Perdera tudo, por não ter trinta contos de réis...
>
> 35 anos depois, oito milhões de cruzeiros serão dados a quem estudar o nome do filho...[364]

A alegria da homenagem realizada pela Fundação José Augusto esbarrou no sofrimento provocado pela recordação provocada. A falência de Francisco Cascudo, que aparece na obra cascudiana de forma discreta, na maioria das vezes sendo preterida pela descrição do Principado do Tirol, apareceu no *Pequeno manual* em linhas bastante explícitas e com palavras e sentimentos fortes. Todavia, segundo o autor, essa passagem foi escrita em um momento de dor irremediável, demonstrando a carga negativa e traumática que este evento comportava. Isso significa que, assim como a infância, a juventude de Cascudo foi descrita a partir do mesmo referencial utilizado no livro *O tempo e eu*, muito embora ele tenha tomado uma perspectiva inversa: não aquilo que era memória, mas o que era até então esquecimento, isto é, não a riqueza do início da juventude, mas a pobreza enfrentada ao final dela. Aliás, segundo ele, foi exatamente a crise financeira de sua família que havia determinado seu abandono do curso de medicina no Rio de Janeiro, durante os anos de 1920, fazendo-o retornar para Natal – e, naquela ocasião, servindo de base para a escrita do *Pequeno manual do doente aprendiz*.

---

[364] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 34-35.

Além de classificar os seus visitantes em três grupos, o *doente aprendiz* estabeleceu três categorias para agrupar os médicos, comparando-os às camadas geológicas terrestres: os basálticos, que seriam os médicos conservadores, receosos de novidades terapêuticas e adeptos de uma medicina familiar; os graníticos, que fariam a ponte para uma medicina moderna, mas sem ignorar os conhecimentos constituídos; e os aluviais que, na euforia das descobertas científicas, se transformariam nos médicos especialistas. Tal classificação, que se refere às mudanças pelas quais a medicina passou, remete-nos para a estação da *Janela*, primeira parte do livro, na qual Cascudo também se referiu à mudança de postura dos médicos no recorte cronológico entre o tempo em que ele estudava medicina e o período em que escreveu o livro, concluindo: "outrora o Doutor teria o segredo vital contra a Morte e o Padre o auxílio divino para a estrada do Céu. (...). Agora são dois homens em serviço do Homem".[365]

Estando ele na janela, seu olhar e sua memória poderiam fugir daquele ambiente, projetando-se para a cidade e para a rua que margeia a praia próxima ao Hospital das Clínicas. Isso significava desviar-se da presença de qualquer manifestação da morte e se voltar para a vida urbana.

Imagem 17 Fotografia de Cascudo à janela de sua biblioteca, observando a Avenida Junqueira Aires.

Imagem sem dados de identificação.

Acervo: *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo

[365] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 24.

Mais uma vez, a relação com a sua residência da Avenida Junqueira Aires se torna inevitável. Como se referiram biógrafos e problematizaram estudiosos de seu pensamento, a casa de Câmara Cascudo está localizada no meio da ladeira que interliga os bairros da Ribeira/Rocas (região pobre de Natal) da Cidade Alta (região natalense mais abastada). De acordo com essa ideia, de sua janela, Cascudo observava o comportamento, as trocas culturais e o cotidiano da população natalense de ambos os bairros, vendo a história e a cultura passarem diante de sua casa.[366]

Seu olhar de estudioso, o permitiria observar e entender esse movimento de trocas culturais entre os grupos sociais da Ribeira e da Cidade Alta, transformando-os em temas de estudos e pesquisas. Seus livros, pois, seriam resultado dessa posição frente à janela de sua casa vendo a vida acontecer. Nesse sentido, ao se posicionar na janela do Hospital das Clínicas, Câmara Cascudo não apenas olhava a vida passar, mas analisava a vida acontecendo. Em contraposição ao que o hospital pudesse indicar de finitude, a cidade indicava sua continuidade existencial e a manutenção de seu trabalho intelectual. Através da janela, ele observou e analisou comportamentos, fitou o mar, examinou construções e recordou sua própria vida:

> De um dos janelões para os Reis Magos vejo o casario miúdo que se derrama confuso e sugestivo, no plano irregular dos telhados encardidos, como surgido da terra. No longo alinhamento, paralelo ao Mar, ao pé da colima encimada pelo Hospital, desembocam acessos perpendiculares, com as residências arrimadas, paredes-meias, numa coletividade de apoio econômico e defensivo. Assim foram as mais velhas ruas da Cidade do Natal. Parecem obedecer a um modelo inicial e primário, primeira velocidade para o processo do agrupamento arquitetural.
>
> (...).
>
> Diante de mim o mar sem fim começa onde a terra finda, da imagem herediana. Não creio que as ondas sejam as mesmas da minha meninice. Nem toda a vastidão idêntica ao tempo em que os primeiros pescadores vieram morar, entre a Ponta do Morcego e Mãe Luiza, onde hoje se apruma o farol.[367]

Posicionando-se à janela do Hospital das Clínicas (atualmente denominado Hospital Universitário Onofre Lopes, em homenagem ao médico a quem o *Pequeno Manual* é dedicado), cujo prédio está localizado no alto da Ladeira do Sol e de frente para o mar, Cascudo observou a cidade e teceu comentários sobre ela. Postura semelhante a seu já referido olhar de cronista nos jornais locais e de estudioso das manifestações culturais

[366] MELLO, Luiza Larangeira da Silva. *O gorila, o homem e o robô:* a tensão entre tradição e progresso na obra de Luís da Câmara Cascudo, 2002.
[367] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 15-17.

cotidianas. Por exemplo, da janela hospitalar, ele observou o farol de Mãe Luiza que, segundo escreveu, fechava "o painel que a minha janela abre sobre a Avenida Getúlio Vargas". A iluminação que o farol oferecia ao quarto onde Cascudo estava hospitalizado, incitou o cronista a historiar a imponente construção, expondo sua trajetória no tempo e apresentando a mulher anônima que havia emprestado o nome para batizar a região costeira onde se assentava o farol:

> Mas quem foi Mãe Luiza? Uma velha negra ali residente, talvez ex-escrava, anos e anos numa choupana de palha de coqueiros, na encosta silenciosa do morro. (...). Mas é a madrinha eterna do topônimo. Inútil dar o nome sonoro de um homem deslumbrante. Ninguém recordará a mudança, sentindo a substituição bajulativa. Será, perpetuamente, Mãe Luiza! O Povo defende o patrimônio humilde de suas preferências.
>
> (...). Acompanhei nesse farol a lenta ascensão dos seus 37 metros de estrutura. Retribui-me a simpatia, com a visita luminosa ao meu aposento de enfermo.
>
> (...).
>
> O [farol] de Mãe Luiza expõe história honesta e recente. Cito ainda Luís de Camões: "Ah! vãs memórias, onde me levais?"
>
> O vento esfriou, Fecho a janela.
>
> – Boa-Noite, Mãe Luiza!...[368]

As estações da *cama*, *poltrona* e *janela* permitiram ao autor analisar sua própria vida, partindo daquilo que estava a sua frente naquele momento para voltar no tempo e dar sentido a eventos pretéritos. Seja olhando para fora do hospital, para o interior do quarto, ou para dentro de si mesmo, Câmara Cascudo realizou uma espécie de exame de sua vida. Essa observação autorreflexiva, na perspectiva daquilo que Michel Foucault teorizou como uma *escrita de si*, entendida enquanto um constante e interminável esforço do sujeito em se produzir e de fazer da própria vida um exercício ético e estético da existência, foi utilizado por Cascudo em suas correspondências, diários e, nesse caso particular, em mais uma autobiografia.[369] Ao mesmo tempo, como os significados atribuídos a sua vida dialogaram com um fator presente (sua internação hospitalar), uma explicação pretérita (a experiência de estudante de medicina no início do século XX) e uma projeção futura (uma imagem de si oferecida à posteridade), o *Pequeno manual* articulou uma perspectiva autobiográfica com uma postura memorialística.

Portanto, no *Pequeno manual do doente aprendiz*, Câmara Cascudo nos ofereceu seu "testemunho de estudante de Medicina", elaborando uma narrativa memorialística que girou

---

[368] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 25-27.
[369] FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?*, 2000.

em torno de momentos enfermiços de sua vida.[370] Pelo fato de o livro ter sido escrito no interior de um hospital, o doente aprendiz selecionou eventos e personagens locais, fazendo menção mais direta àqueles que o visitaram ou que haviam participado de algum momento malsão de sua vida. Estando ele na cama, na poltrona ou na janela, seu olhar observador enxergava no cotidiano hospitalar um convite a percorrer instantes passados, e até mesmo já comentados em outros livros, atribuindo significados confessionais por vezes distintos, mas que em grande medida reforçavam sua definição enquanto um sujeito provinciano fortemente vinculado à cidade do Natal. O escritor que escreveu esse pequeno manual era, além de um ex-estudante de medicina, alguém que se aproveitou da falta de saúde para refletir sobre si mesmo e para extrair aprendizados e autoconhecimento diante de uma introspecção derivada – e somente possível – pelo fato de estar doente. Mesmo porque, para esse doente aprendiz, *quem não adoece, não se conhece*.[371]

3.3 Um ano de vida[372]

Em depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, no início do ano de 1969, Câmara Cascudo anunciou o que seria seu mais novo projeto editorial: a escrita já em curso do livro *Um ano de vida*. Sem entrar em muitos detalhes, ele declarou a seus entrevistadores ter iniciado a elaboração de um novo trabalho no qual dividiria com seus leitores um ano de sua vida pessoal e intelectual. Considerando o recorte das fontes para este capítulo, tal título anunciado em entrevista se configura como um terceiro livro de memórias cascudiano. Recebendo a denominação de *Na ronda do tempo: diário de 1969*, esse projeto editorial memorialístico foi publicado no ano de 1971.[373] Como o subtítulo indica, por estar organizado sob a forma de um diário, *Na ronda do tempo* se trata de um conjunto de anotações pessoais escritas durante todo o ano de 1969, contendo observações sintéticas acerca dos eventos ocorridos naquele período e expressando emoções vividas em diferentes épocas da vida de seu autor – elementos que, sempre na relação do cotidiano presente com a recordação passada, presidiram a escrita do livro.

---

[370] CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz:* notas e maginações, 1998. p. 27.
[371] *Id.*, *Ibid.*, p. 58.
[372] *Id.*, Série: Literatura e Folclore. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda, Fernando Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Mozart Araújo, Renato Almeida e Ricardo Cravo Albim. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. 2 CDs (61m e 54m).
[373] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998.

Apesar de ser um diário, gênero discursivo cujas anotações se pretendem regulares e constantes, a escrita desse texto não possui uma regularidade, concentrando-se mais nos meses iniciais e finais do ano e diminuindo a frequência das anotações nos seus meses intermediários. Além disso, a dimensão e densidade dos textos não são uniformes, sendo modificados de acordo com o estado físico/emocional e o interesse do autor em escrevê-los. Por exemplo, no mês de maio, quando o escritor esteve doente, as anotações no diário escassearam e passaram a ser apenas breves comentários semanais: "mal-estar. Febre, Frio. Náusea. Esgotamento. (...). Estou barbudo, lento, com voz de 80 anos. Um doente melancólico cuja eloquência é a tosse...".[374]

Segundo o próprio Cascudo, talvez pelo caráter mais privado que o gênero diário possui, esse seria o mais confidencial e íntimo de seus livros, merecendo edição reduzida e não podendo mais ser reeditado enquanto ele fosse vivo: "solilóquios de um velho professor aposentado e no aposento de sua pequenina biblioteca. Registro de visitas e pensamentos que o procuraram durante um ano. Nem mesmo viagem em torno de mim-mesmo. Mas, de dentro para fora, como num exame de sangue".[375] Nele, estariam observações e recordações de um sujeito septuagenário e já saudoso do mundo, emitindo um depoimento revelador de seu cotidiano e do modo como encarava a vida na terceira idade. Ao longo da narrativa, o autor denunciou as alterações fisiológicas que seu corpo sofreu em razão dos 70 anos de vida recém-completados e, desde a primeira página do livro, demonstrou estar ciente da possibilidade de estar se aproximando do término de sua vida:

> [Este livro] É depoimento revelador de uma vida mental, sem anseios e programas jornaleiros, assistindo à lenta passagem das horas, rumando o tranquilo anoitecer. Sem a melancolia da barca de Gleyre ou sonoridade de viagem transatlântica.
>
> Tempo-dimensão em que todos os volumes e ângulos da Evocação voltam a uma unidade emocional e verídica.
>
> (...).
>
> Sinto em minha solitária companhia as multidões convividas. Ninguém morre. A paisagem regressa às velhas proporções, sempre que desejo. O arranha-céu volta a ser uma residência familiar onde dancei. Onde rodam os automóveis, passando remando numa iole. Ninguém recorda as "eternidades" intelectuais pulverizadas.
>
> Nessa primeira madrugada de 1970, bato as últimas letras, pela velocidade adquirida. Despeço-me do *Ano-Velho* que tantas emoções me deu. Agradecerei ter outros doze meses semelhantes. Se não me forem concedidos, não invejarei a dádiva n'outras almas.[376]

---

[374] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 121.
[375] *Id., Ibid.,* p. 25.
[376] *Id., Ibid.,* p. 25-26.

De acordo com o prefaciador dessa *ronda do tempo*, o já citado Onofre Lopes (na ocasião, já ex-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), o livro desvendaria os tesouros da alma do escritor Luís da Câmara Cascudo, apresentando por meio de emoções vividas seu espírito de juventude. Para Lopes, o diário cascudiano não se trataria de um ano de vida relatado na escrita, mas o relato de uma vida escrito em um ano: "não é, pois, a simples biografia de um ano que 'Na Ronda do Tempo' você nos revela. Este seu livro conjuga indefectivelmente toda uma vida de afeição e beleza, sem uma página de desespero, sem um instante de ressentimento".[377]

Por sua vez, para o próprio autor do livro, *Na ronda do tempo* representaria uma mudança de sua posição na sociedade, deixando o lugar de atuação e assumindo o papel de espectador.

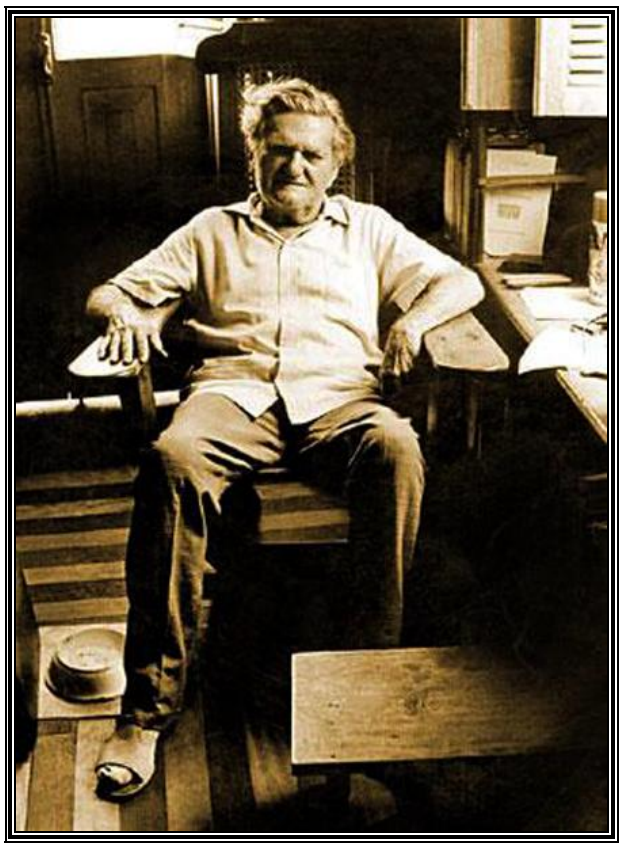

Imagem 18 Fotografia do já maduro Cascudo sentado em uma poltrona, em sua residência, anos de 1970.

Acervo: *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo

[377] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 121.

Conforme apresentou nas palavras iniciais do livro, a atitude de rondar o tempo representaria sua saída de cena do palco cotidiano onde a vida acontecia para ocupar uma poltrona onde passava a observar o que apenas se apresentava:

> Não creio na maldição mentirosa do *Vae soli!* Fui desagradável quando estava vivendo *os outros*. Problemas, crises, reações, angústias, mentalidades alheias e contagiantes. Agora todos esses elementos reuniram-se na mesma superfície, água que se aquietou, depois de ter sido marola, onda e vagalhão. Escolho meus pensamentos como quem elege um itinerário de recreio. Não sou um participante mas um espectador do cotidiano. Interesso-me, comovo-me, acompanho a movimentação com ansiedade e esperança de feliz desfecho. Mas estou na poltrona e não mais no palco. Minha solidariedade humana tem o momento de aplaudir, saudar e despedir-se da representação assistida. (...). É uma fase lúdica que terminará. Sete décadas vivi esse espetáculo para que não mais me dissolva na declamação do tenor ou nas lágrimas da primadona. Enxugo os olhos e deixo o teatro, outrora meu Mundo. Para alguma coisa servirão os setenta anos.[378]

Nesse sentido, em sua *ronda do tempo*, Câmara Cascudo adotou um tom bastante saudosista ao descrever seu dia-a-dia, sugerindo uma proximidade com o fim de sua trajetória intelectual e, mesmo, de sua vida. Essa dimensão nostálgica deu ao livro uma perspectiva diferenciada diante dos títulos do mesmo gênero que o precederam, sendo, em termos teóricos específicos, mais memorialístico do que propriamente biográfico – no sentido de ser uma narrativa mais recordadora de fatos do que apresentadora de uma vida. Por essa razão, diferente de *O tempo e eu* e do *Pequeno manual do doente aprendiz*, o livro/diário *Na ronda do tempo* mereceu por parte de seus analistas uma leitura crítica cuja chave de leitura foi seu caráter memorialístico. Percebendo-o enquanto um diário, gênero no qual o sujeito revela suas intimidades e confidencia suas vivências, Cléria Botelho Costa definiu com propriedade esse livro como uma trajetória intelectual e de vida transformada em texto, logo, uma *escrita de si* cascudiana.

Por meio desse entendimento, Cléria Botelho analisou o conteúdo do diário e mostrou como a narrativa dos eventos ocorridos em 1969 estabeleceu uma relação entre o tempo cronológico vivido pelo personagem no presente e o tempo descontínuo construído pelo narrador através de suas memórias do passado: "o livro de Cascudo está calcado nas lembranças do outrora em confronto com o hoje, numa demonstração de que passado e presente se entrelaçam na tessitura da memória".[379] Com isso, a narrativa do diário não

[378] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 25-26.
[379] COSTA, Cléria Botelho. Na ronda do tempo. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo.* 2006. p. 254-259.

obedeceria à linearidade do fluxo temporal nem buscaria uma pretensa totalidade do passado, mas seguiria a complexidade das lembranças e dos esquecimentos a que o autor se referiu ou silenciou em sua escrita – aquilo que o próprio autor chamou de "Tempo-dimensão", experienciação do tempo na qual as recordações obedecem a princípios emocionais e, logo, subjetivos.[380]

Seguindo o folhear das páginas do diário, 1969 iniciou com comemorações familiares pela passagem de ano e com visitas de amigos à residência da Avenida Junqueira Aires, número 377. Os primeiros meses daquele ano, relatados em sua narrativa íntima, demonstram um Cascudo ainda muito atuante e reflexivo, lendo vários livros e realizando pesquisas para seu estudo *Locuções tradicionais do Brasil* (1970). Em 09 de janeiro, ele escreveu: "Livros. Nesse princípio de ano recebi cinco. Já li dois. Caminho no terceiro. Visita de uma professora do Recife, E. M. Diz-me ter visto as duas coisas 'notáveis' da província: o cajueiro de Pirangi e 'Mestre Cascudo'. É mentira, mas é gostoso".[381]

À exemplo dessa visitante, que usou uma expressão de consagração e de centralidade cultural para se referir a Cascudo como atrativo para os visitantes que chegavam a Natal, o autor fez inúmeras menções às visitas que recebeu ao longo de todo o ano: familiares, amigos, estudantes, turistas, curiosos, pesquisadores, correspondentes, jornalistas e seus pares intelectuais. Fossem personalidades ou anônimos, conterrâneos ou turistas, uma infinidade de sujeitos o visitou em 1969. Respectivamente em 11 de fevereiro e 27 de março, ele escreveu: "Visitas. Enélio Petrovich [presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte], com recortes, e M. Rodrigues de Melo com notícias de sua reeleição na presidência da Academia [Norte-rio-grandense de Letras] e como correra a última eleição" e "Diógenes da Cunha Lima Filho aparece, com charutos e chocolates subordinadores. Presença sempre grata, dilui-se como um aroma difícil. Reencarnando-se, recobra a credencial afetuosa. Evocações e panoramas".[382]

Além da referência aos companheiros e pares que, em peregrinação, o procuraram para uma conversa amiga, são constantes no texto os comentários acerca de estudantes e curiosos que o visitaram com o intuito de realizar consultas intelectuais. Sobre isso, no dia 02 de setembro, ele afirmou: "estudantes, rapazes e meninotas, enchendo minha salinha de uma curiosidade irreprimível. Falam devagar, sorrindo, rompendo o acompanhamento na confiança que lhes inspiro. Vez por outra, silêncio. Olham-me como se desejassem não

[380] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 25.
[381] *Id.*, *Ibid.*, p. 38.
[382] *Id.*, *Ibid.*, p. 80-81 e 109.

esquecer a velha fisionomia que, pela primeira vez, fica ao alcance juvenil: - O senhor já leu esses livros todos?".[383]

Diante do exposto, afirmo que uma primeira *imagem de si* cascudiana transmitida pelo diário desde suas páginas iniciais é a de um sujeito ativo e atuante, lendo, pesquisando, escrevendo, orientando e, mesmo estando no interior de sua residência, mantendo uma vida social intensa e constante. Ainda que vinculado ao espaço familiar e privado do sobradinho de número 377, na Avenida Junqueira Aires, onde a maior parte do livro foi escrita, *Na ronda do tempo* extrapola essa delimitação espacial porque articula o aspecto confidencial e privado de um diário com a dimensão pública e social da atividade intelectual de seu autor. Embora a maior parte dos eventos narrados tenha ocorrido no interior da residência de Cascudo, o que sugere um ângulo de observação privado, os assuntos e sujeitos envolvidos e as reflexões encetadas fazem parte de um contexto mais amplo: a atuação pública do narrador. Mais do que se referirem àquilo que de mais banal e comum havia na vida desse sujeito, as anotações diárias dão conta de um escritor prestigiado e de seu atribulado dia-a-dia enquanto intelectual provinciano.

Em meu entender, isso pode ser explicado no fato de esse diário já ter sido escrito na intenção de vir a público sob a forma de livro. Apesar de apresentá-lo como o mais íntimo e confidencial de seus livros, a narrativa de *Na ronda do tempo* foi organizada para se tornar pública, ou seja, antes de ser um diário que virou livro, ele é um livro escrito enquanto diário. Isso significa dizer que esse diário não é propriamente um caderno de anotações e registros particulares no qual o sujeito escreve em tom de desabafo e, por isso mesmo, o mantém em sigilo. Antes, é uma espécie de *escrita de si* na qual o sujeito constrói uma identidade púbica ao registrar acontecimentos relacionados a sua vida. Particularmente, esse diário ressalta muito mais a imagem do Câmara Cascudo escritor renomado do que uma versão familiar e íntima de sua vida.

Ainda seguindo o folhear das páginas do diário, encontramos em destaque o relato de uma viagem feita por Cascudo ao Rio de Janeiro, com parte de sua família, para visitar o filho Fernando Luís da Câmara Cascudo, que residia nessa cidade; e, no retorno da cidade maravilhosa, há a exposição de sua passagem pela cidade do Recife, onde permaneceu alguns dias. Durante um mês, aproximadamente, ele escreveu sobre almoços, jantares, confraternizações, homenagens, visitas e telefonemas de personalidades dos diversos segmentos sociais cariocas e recifenses. Mais uma vez, ainda que o motivo da viagem tenha

[383] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 147.

sido um reencontro familiar, a ênfase dada pelo narrador à dimensão pública de seu reencontro com as cidades onde já havia residido e com os lugares por onde já havia passado fez da narrativa o resumo das sociabilidades intelectuais ali travadas.

De intelectuais a políticos, passando por jornalistas e amigos, muitos procuraram rever o amigo provinciano que raras vezes teria deixado sua cidade natal: "arrancam o Cascudo da loca".[384] Uma já citada maneira de descrição no diário se repete, dando conta de um período ainda mais intenso para o escritor, que recebia a todo instante visitas no apartamento do filho, onde estava hospedado, e frequentava recepções em residências amigas ou em instituições com as quais mantinha proximidade, tais como a Academia Brasileira de Letras, o Instituto Nacional do Livro e a Campanha de Defesa do Folclore. Para cada encontro citado, uma recordação de momentos vividos em comum e a constatação da amizade mantida ao longo do tempo, demonstrando sua presença em uma vasta rede intelectual:

> Abraço um amigo de 45 anos, Joaquim Inojosa, *leader* do "Movimento Modernista em Pernambuco" (...). Alegria de reviver meu tempo de *"Acadêmico de Direito"* no Recife, e a fase ainda juvenil da agitação literária, *clímax* com a vinda de Guilherme de Almeida lendo o *Raça*. (...). Telefone com Eugênio Gomes e Humberto Peregrino. Impossível comunicar-me com Hélio Viana, que deve estar em Petrópolis. A prosa dos sobrinhos, Joaquim José Lagreca e Paulo Emílio, injeta bem-estar. Renato Almeida e Urânia fazem um serão delicioso. (...).
>
> Fumo o solitário charuto vendo nessa Copacabana a outra e legítima, de 1919-1922, quando praticamente vivi na Capital Federal, *Centenário da Independência*, irritando com minhas polainas brancas, gravata de voltas e o monóculo desafiador. Onde estão essas brasas de outrora? *Ah! Vãs memórias, onde me levais?*[385]

De acordo com a narrativa do diário, o período entre 10 de janeiro e 08 de fevereiro de 1969, momento em que o autor esteve no Rio de Janeiro e no Recife, é o momento mais intenso de seus dias naquele ano. Tamanha a quantidade de eventos sociais e os contatos pessoais estabelecidos, especialmente com escritores, fica notório seu prestígio intelectual e a boa receptividade entre seus pares. Como resultado dessa narrativa acerca de uma intensa atividade literária e social, sua *persona* intelectual se sobressai *Na ronda do tempo*, compondo uma imagem de si que, em grande medida, nos apresenta o labor intelectual do renomado escritor Câmara Cascudo.

Ao mesmo tempo, nessa viagem, reapareceu um Cascudo observador que, na janela de um apartamento em Copacabana ou nas ruas do Recife antigo, analisou comportamentos e

---

[384] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 36.
[385] *Id., Ibid.*, p. 42.

recordou experiências ali outrora vividas: "todo o apartamento, o 601, volta-se para a praia do Posto-4, povoada de banhistas que não tomam banho. Três horas de exibição e três minutos n'água escura" ou "de *táxi* percorro todas as ruas onde morei, (1924-1928), estudando Direito. Circundo, devagar, a praça da Faculdade [de Direito do Recife], lembrando os professores, todos mortos".[386]

Pela ação da sua narrativa somos apresentados a espaços e épocas em que o autor se encontrava ou que suas memórias alcançavam, bem como somos inseridos no amplo círculo de amizades em que Cascudo estava articulado – especialmente norte-rio-grandenses radicados no Rio de Janeiro e Pernambuco e representantes do cenário letrado desses mesmos lugares. Dessa forma, verifica-se *Na ronda do tempo* a inserção da vida pública e intelectual cascudiana em sua vida privada. Mundos que, em seu texto, não estavam desassociados. Não há uma distinção ou um limite em que a narrativa tenha procurado delimitar esferas específicas do cotidiano do escritor. Mesmo se propondo a confidenciar um ano de vida, as informações íntimas desse texto apresentam efetivamente um cotidiano intelectual: a imagem pública do escritor provinciano que, temporariamente se ausentou da sua província, tem privilégio sobre o homem comum em sua vida familiar – *persona* que mereceu apenas menções pontuais.

Ao retornar a Natal, Câmara Cascudo mantém essa percepção de seu dia-a-dia a partir do destaque a seu trabalho intelectual e das referências mais ocasionais à esposa, filhos e netos. Com efeito, priorizando suas atividades em torno do universo mental dos estudos e pesquisas, a função de professor ganhou primazia entre as atividades intelectuais diariamente exercidas. Assim sendo, em 07 de março, ele escreveu: "tenho a alegria em continuar Professor. Diariamente Dahlia transmite ao telefone respostas às consultas de História, Literatura, Etnografia, além de rapazes e moças que recebo e oriento, ditando notas ou emprestando livros".[387]

No que concerne às referências a eventos e personagens, notadamente do passado, a maior parte das citações se voltaram para a juventude do autor e, particularmente, para sua fase de estudante de medicina no Rio de Janeiro e direito em Recife. Em função de sua viagem a essas cidades e por causa de seu cotidiano marcado por correspondências e visitas de velhos amigos, as recordações o remetem ao período de sua formação intelectual. Pela narrativa, o homem idoso deu lugar ao jovem *Cascudinho*, fase de sua vida percebida como momento áureo, quando o autor iniciou sua trajetória intelectual e conheceu a maior parte dos

[386] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 39 e 73.
[387] *Id., Ibid.*, p. 100.

amigos que o procuraram naquele 1969. Outros momentos de sua vida aparecem apenas em rápidas passagens do texto e sem muitas explicações, em detrimento de uma juventude da qual Cascudo sentia saudades e fazia questão de se aproximar – seja por meio do jovem que havia sido um dia ou por meio da juventude dos anos de 1960 que o procurava: "à noite, o cardeal D. Jaime telefona-me. Desde 1944 não o vejo. É a mesma voz do jovem Bispo de Mossoró, imperiosa e musical. Chama-me carinhosamente, *Cascudinho*, nome que o Tempo levou".[388]

Reencontrar a juventude perdida era também reencontrar seus amigos já falecidos. Apesar do cuidado familiar em filtrar informações negativas, são inúmeras as alusões aos seus amigos mortos em 1969: "a família mantém ao redor de mim um fogo-de-barragem anti-emocional. As notícias chegam filtradas e atrasadas".[389] Cada notícia de falecimento, e elas não foram poucas, foi acompanhado de uma anotação no diário, demonstrando seu pesar e sugerindo novas recordações que resultariam na publicação do livro *Gente Viva* (1970), reunindo uma pequena biografia e as recordações pessoais sobre essas pessoas:

> Desde abril venho sendo inexplicavelmente agredido pela tentação de recordar alguns amigos mortos, divulgando frases e episódios de nossa convivência. Parece-me não dever levar para o túmulo essas lembranças, jamais reveladas. Mínimas, terão o valor do pormenor, da impressão pessoal. Hoje, rendi-me. *Dómine, exáudi vocem meam!* Comecei a escrever *Gente Viva*. A Morte existe; os Mortos não![390]

Por despertar lembranças, algumas dessas notícias nos permitem visualizar o sofrimento que elas comportavam e a ameaça que elas pareciam representar para a geração do próprio Cascudo: "hoje, não sei a razão, estou vivendo com amigos mortos. Li seus livros, que são para todos, e lembro-lhes a voz, a presença, as fisionomias, vestígios que a memória guardou em mim".[391] Duas perdas, em particular, mereceram registro emocional do autor e o fizeram pensar em uma Natal perdida no passado: o professor Francisco Ivo Cavalcanti e Idila Lima ou, como a chamava, tia Idila:

> Hoje [2 de março], uma hora, faleceu Idila Lima, que sem ser minha parenta a chamei, 30 anos, *Tia Idila*.
>
> (...).
>
> A figura [de tia Idila] evocava-me a sociedade morta. Tudo ia mudando ao derredor. Idila era uma presença bem-humorada e fiel da velha

[388] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 63.
[389] *Id., Ibid.*, p. 123.
[390] *Id., Ibid.*, p. 150.
[391] *Id., Ibid.*, p. 117.

> Natal romântica, cujas melodias não estavam em discos nem as preferências nas revistas ilustradas. Foi a derradeira a deixar de viver.
>
> Todos os meus foram ver seu pequenino cadáver. Entre as flores do caixão estariam meus anos de rapaz, minhas serenatas e saraus, uma saudade esparsa e doce de mim mesmo.
>
> (...).
>
> Estou cochilando com a senhora Pearl S. Buck, aguardando o chá. Minha mulher vem conversar, desconversar, tomando coragem para a notícia desoladora: - Professor Ivo morreu! Já se sepultou!...
>
> O livro cai da mão trêmula. O derradeiro professor que me restava! Agora, em Natal, os velhos foram rapazes comigo. Meu mestre desde 1916.
>
> (...).
>
> Noite lenta, triste, povoada de recordações, de sombras vivas. Mestre Ivo! que saudades, dele e de mim... [392]

Como livro de memórias, esse percorrer do tempo realizado por Câmara Cascudo é o meio por onde melhor podemos compreender seu entendimento acerca do conceito de memória que utilizava. A perda de seus amigos e familiares o fez refletir com loquacidade sobre o tema da finitude e da morte e, por conseguinte, da memória e do esquecimento. Havia no autor do diário uma inquietação com a passagem do tempo, de modo a produzir suas memórias: "Fujo da salinha de jantar, evitando as novelas bárbaras e os filmes sádicos. Há, invariavelmente, mulher chorando e homem morrendo. De choro e morte bastam as realidades inevitáveis".[393]

Para ele, recordar era sinônimo de viver, de manter vivos seus contemporâneos e de manter vivas uma época e uma geração das quais ele fazia parte. Sua narrativa, além de construir uma versão saudosista de sua vida e obra, manteria esses mortos na lembrança dos vivos. As anotações escritas no diário em 21 de novembro de 1969 são simbólicas da postura saudosista que Cascudo imprimiu em seu livro *Na ronda do tempo*:

> Dia de Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira de Natal! A imagem é a mesma de 1753. A Sé, a Matriz banal e doce do meu Tempo-menino. Nada mais resistiu. Outros são os sacerdotes, liturgia, assistência, trajes. Na Praça, rugem atrações mirabolantes. Desapareceram os doces de outrora nos tabuleiros com vigilantes lamparinas fumegantes. A paisagem é estranha a os meus olhos. Onde está o Fogo-de-Vista? A patrulha de cavalaria de Joca do Pará? O Chevrolet de minha Mãe, esperando por mim? os *rapazes* que envelheceram já não frequentam a velha Rua Grande, onde a Cidade nasceu. (...). Meu nome e o do mês não mudaram. Tão diferente nosso encontro de 1969...
>
> – *Mudaria novembro ou mudei eu?*
>
> Ambos, meu bem. [394]

---

[392] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 97-102.
[393] *Id.*, *Ibid.*, p. 180.
[394] *Id.*, *Ibid.*, p. 174-175.

Nesses termos, memória aparece como o oposto do esquecimento, ou seja, como meta a ser alcançada por seu livro – muito embora, em alguns trechos, ele também quisesse esquecer: "gostaria que Deus, duas vezes por ano, espremesse a esponja da minha memória".[395] Assim sendo, no seu entender, memória também seria uma somatória de lembranças acessadas por estímulos cotidianos. Do mesmo modo, em suas ideias, memória significaria o elemento de diminuição da dinâmica temporal – passado que se torna refúgio de um presente veloz e de fim iminente: "vivo, mais ou menos, no Ontem ou Anteonten, quando muitos já correm no Depois-d'amanhã acelerado. Minha memória faz e refaz suas construções sem açodamento".[396]

Esse conceito de memória presente *Na ronda do tempo* nos faz pensar na velhice do autor e em sua contrapartida: a juventude com a qual ele interage. A todo tempo somos deslocados entre essas duas temporalidades, final dos anos de 1960 e a década que vai de meados dos anos de 1910 a meados dos anos de 1920. As recordações que compõem sua memória mais pessoal e íntima e/ou intelectual e social resultam de estímulos cotidianos. Casa situação por ele vivida remete a uma lembrança que, por sua vez, passa a ser o centro da narrativa para aquele dia, demonstrando o papel de centralidade que as lembranças passam a exercer na velhice. Ainda que a passagem do tempo se faça sentir no corpo por meio de alterações biológicas e físicas, a capacidade mental de observar, analisar e significar os acontecimentos se mantém, de maneira que, para Cascudo, a memória passa a ser uma das principais ferramentas para uma percepção do mundo:

> Aos 70 anos sinto ao derredor de mim, não *la rebelión de las masas*, de Ortega y Gaset, mas a indisciplina do material outrora fiel ao meu comando. A vaidade masculina não me concede a justificativa do enfraquecimento orgânico. Pernas, dedos, olhos servem precariamente, em visível e parcial ignorância ao imperativo da Vontade, ineficiente para a obediência muscular. Não vejo bem pela recusa dos olhos à plenitude da tarefa normal. Assim, a marcha e o equilíbrio comuns, outrora integrais, são vacilantes. Os objetos fogem aos dedos, ou vice-versa, ocultando-se em recantos de custosa recuperação. Visível a rebeldia das pequenas coisas úteis, escondendo-se de mim, num abandono ingrato.
>
> A imaginação é a mesma. A Percepção, idêntica ao velho Tempo. O aparato intermediário à execução é que se amotinou, inconformado com a servidão septuagenária. Não sinto falência na sonoridade motora. A Legitimidade enfrenta a insubmissão dos súditos alvoroçados, numa inquietação revolucionária.[397]

[395] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 131.
[396] *Id.*, *Ibid.*, p. 173.
[397] *Id.*, *Ibid.*, p. 37-38.

Essa outra *imagem de si* construída no diário, cuja narrativa apresenta um cunho saudosista, consolida a imagem pública cascudiana que o livro *Na ronda do tempo* elaborou e divulgou: um intelectual septuagenário que, a despeito da idade, se mantém ativo e atuante, exercendo as atividades culturais que o fizeram reconhecido. Não obstante o fato de ser um diário, esse livro está pautado pela escrita de uma trajetória intelectual ainda em curso, apresentando-nos o autor em pleno exercício de suas atividades literárias e, apenas de maneira mais discreta, deixando perceber ângulos mais pessoais de sua vida como marido, pai, avô e chefe de família. A constante visita de amigos, admiradores e estudantes que marcou o seu cotidiano intelectual narrado no diário reforça essa imagem, na medida em que torna suas atividades constantes e dão a elas primazia diante de outras ações que possam ter sido realizadas e que não foram confidencias ao leitor.

Nesse sentido, entre personalidades já consolidadas e jovens candidatos às letras, muitas pessoas circularam por sua casa. Dentre esses muitos visitantes, para finalizar essa discussão, quero apresentar o ex-aluno e principal biógrafo cascudiano: Américo de Oliveira Costa que, em 1968, havia ganhado o já referido prêmio nacional ofertado pela Fundação José Augusto para o melhor estudo sobre o escritor Câmara Cascudo. Ao comentar sobre essa visita, em 21 de fevereiro de 1969, Cascudo escreveu: "[Oliveira Costa] é um dos espíritos finos, discretos, autárquicos, do Brasil. Alto, forte, sereno, tem o sorriso difícil e um olhar de mestre esgrima. Ganhou o prêmio da Fundação José Augusto de que fui assunto. Exceto a motivação, é um ensaio delicioso de acuidade, elegância, harmonia".[398]

Esse ensaio, conforme vimos no capítulo anterior, é a biografia *Viagem ao universo de Câmara Cascudo* – premiado pela Fundação José Augusto, em 1968; e lançado no aniversário do biografado, dia 30 de dezembro de 1969, em concorrida cerimônia pública apresentada nas páginas finais do livro *Na ronda do tempo*.[399] Dias antes do lançamento, em 19 de dezembro, Cascudo registrou o recebimento do livro de Américo Costa e comentou a impressão que havia lhe causado esse estudo biográfico:

> Recebo *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*, o ensaio de Américo de Oliveira Costa, premiado no concurso da Fundação José Augusto, (1968), impresso no Rio de Janeiro: XIX capítulos, 247 páginas, in-16. Fui ver-me com os olhos tranquilos de quem transitou pela pequenina geografia do meu Universo, viajando em meio século de caminho. Tenho a cosmorama da *comprida maginação*, dos *sonhados e vãos comportamentos*,

[398] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 89.
[399] *Id.*, *Ibid.*, p. 202-203.

> na *vida pelo mundo em pedaços repartida*, as imagens camonianas no sereno anoitecer. A paisagem total dos meus livros fixa-se na perspectiva do analista, num ângulo de simpatia e na luz carinhosa do Entendimento. Fiquei atravessando essas *adventures in Wonderland*, com outro expositor na sucessiva constatação de alheias preferências, salientando pormenores e recantos não mais da minha escolha pessoal. Na mesma motivação, Américo permite a ilusão renovadora pela inusitada disposição seletiva. Será a impressão aos olhos futuros?
>
> Esse meu afetuoso anatomista, fino, sutil, ágil, fruto atual das raízes de Montaigne e Renan, dos Românticos sem exaltação e dos clássicos musicais, olha-me nas faces múltiplas que o Tempo permitiu: meu aluno no Atheneu, meu colega na Faculdade de Direito, prefaciador da minha pesquisa ao Heptameron, recebendo-me na Academia norte-rio-grandense de Letras, professor de minha filha. Serei para ele uma presença familiar em tantos anos de continuidade normal. Fez-me agora, como Ticiano a Carlos V, o arranjo estético para a Posteridade.[400]

A apreciação cascudiana em torno de uma biografia da qual foi assunto, mostra-nos a relação que foi estabelecida entre ele, seus biógrafos e os artífices de sua memória postumamente. Há, em todos e em cada um, aproximações e diálogos no sentido de definir uma leitura para a vida e para a obra de Câmara Cascudo. Nessa perspectiva, *escrita de si* e *escrita dos outros* interagem quando o assunto é o enquadramento de uma *memória* para esse escritor norte-rio-grandense. Ao mesmo tempo em que seus biógrafos leram os textos autobiográficos cascudianos, Cascudo leu seus biógrafos. Por isso, as narrativas de ambos possuem pontos de intercessão, reproduzindo núcleos de significação, eventos e personagens. Particularmente *Na ronda do tempo*, por haver uma exposição sobre as relações intelectuais do autor, podemos entender como essas aproximações ocorreram e, em especial, como as *imagens de si* apresentadas em seu diário fazem parte de um processo mais amplo de constituição de uma memória cascudiana. Pondo o tempo em ronda, ele não só apresentou sua trajetória intelectual como contribui pessoalmente com o seu "arranjo estético para a Posteridade".

*3.4 Hoje, o **Ontem** para o amanhã*[401]

Em 22 de março de 1972, a filha de Câmara Cascudo, Anna Maria Cascudo Barreto, anunciou em sua coluna no jornal natalense *A República* a entrega dos originais de um novo livro cascudiano, cuja publicação ficaria a cargo da editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Segundo a jornalista, Cascudo havia entregado "hoje ao reitor o

[400] CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo:* diário de 1969, 1998. p. 150.
[401] BARRETO, Anna Maria Cascudo. Câmara Cascudo entregou hoje ao reitor o Ontem para o amanhã. *A República*, Natal, 22 mar. 1972.

ontem para o amanhã".[402] Apesar de mencionado por sua filha, esse jogo com as palavras que localizam o dia e, por conseguinte, que indicam a passagem da temporalidade é significativo para entendermos a relação que o autor manteve com o tempo em seus escritos, particularmente o utilizando enquanto uma importante chave produtiva e explicativa de/para as suas memórias. Vivendo no passado, como gostava de dizer, ele escreveu mais esse título autobiográfico, que pode ser classificado na categoria de livro de memórias ou, em sua definição pessoal, no gênero íntimo e confidencial. Para intitular a publicação, nomeou-a de *Ontem: maginação e notas de um professor de província.*[403]

Assim como seus demais livros de memórias, *Ontem* é um diálogo do autor com o tempo e tem a pretensão de elaborar uma narrativa autobiográfica que, enquanto memória, marcaria sua presença em um amanhã ainda não datado, articulando passado, presente e futuro. Dessa vez, conforme o subtítulo, o tema da sua conversa com o tempo é bem mais delimitado, o Cascudo professor de província – ainda que a narrativa se desdobre em diversos assuntos correlatos: "falarei da minha viagem que ainda não terminou entre estudantes. Reminiscências das jornadas no Tempo, figuras de Mestre e de alunos".[404] Para Diógenes da Cunha Lima, ex-aluno, amigo, biógrafo cascudiano e prefaciador do *Ontem*, o autor é a unidade que articula as memórias presentes nesse livro: "velhas reminiscências sobretudo como professor".[405] Isso significa dizer que, no *Ontem*, existe uma *imagem de si* cascudiana privilegiada, uma vez que sua atuação como professor é o eixo temático e narrativo do texto.

Não por acaso, o lançamento desse livro ocorreu no dia 15 de outubro de 1972, junto à comemoração do dia do professor ocorrida na UFRN. Na ocasião, Câmara Cascudo foi saudado por seu ex-aluno, biógrafo e colega de trabalho docente, Américo de Oliveira Costa, em discurso no qual o orador subordinou todas as áreas do saber em que Cascudo produziu à figura do professor que, como ninguém, articularia o *docere* (ensinar, transmitir, comunicar), o *placere* (agradar) e o *movere* (animar, movimentar): "Folclorista, etnógrafo, antropólogo, historiador, (...), com as pesquisas e os trabalhos assim tão rica e prodigiosamente repartidos por domínios superiores da cultura e do pensamento, em todos eles o que mais se eleva e impõe, tem sido sempre a vossa lição, o vosso destino de professor".[406]

---

[402] BARRETO, Anna Maria Cascudo. Câmara Cascudo entregou hoje ao reitor o Ontem para o amanhã. *A República*, Natal, 22 mar. 1972.
[403] CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem:* maginações e notas de um professor de província. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998.
[404] *Id.*, *Ibid.*, p. 23.
[405] LIMA, Diógenes da Cunha. Prefácio. In: *Id.*, *Ibid.*, p. 19.
[406] COSTA, Américo de Oliveira. *Luís da Câmara Cascudo, professor* – Saudação pelo dia do professor. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1972.

Na opinião de Oliveira Costa, por excelência, essa seria a definição mais adequada ao universo cascudiano: a figura do professor, para a qual Cascudo seria "professor-símbolo, professor-protótipo, professor-modelo".[407]

Imagem 19 Fotografia de Cascudo recebendo a visita de estudantes em sua residência na Avenida Junqueira Aires, 377. Anos de 1970.

Fonte: LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz.* 1. ed. Natal: RN Econômico, 1978. p. 121.

De linguagem densa e de abordagem complexa, esse livro se diferencia dos anteriormente analisados quanto à organização do texto e à exposição das ideias, uma vez que as recordações são acompanhadas de reflexões mais amplas e não há qualquer silogismo entre passado e presente claramente evidenciado. Isso significa dizer que os momentos descritos não se tratam de eventos cotidianos que despertaram recordações no autor, mas se tratam de experiências educacionais outrora e ainda vividas e, só então, comentadas em livro. Por sua vez, a temporalidade não segue qualquer preocupação linear, misturando, de forma panorâmica, diversas fases da atividade docente cascudiana, principalmente entre 1920 (quando ele começou a atuar como professor em escolas particulares de Natal) e 1966 (quando, por idade, ele foi aposentado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

[407] COSTA, Américo de Oliveira. *Luís da Câmara Cascudo, professor* – Saudação pelo dia do professor. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1972.

Em texto introdutório, que nomeou de *Princípio*, Cascudo procurou explicar os motivos pelos quais escreveu o livro em questão e o porquê adotou a centralidade narrativa em torno de sua atuação enquanto docente, utilizando-a como núcleo para um de seus textos de cunho autobiográfico e como elemento de significação para suas memórias. Segundo ele, havia uma vasta bibliografia disponível sobre o Ensino (assim mesmo, com inicial maiúscula), mas seriam ainda escassos os trabalhos que relatavam o depoimento do Professor (igualmente em maiúsculo) acerca de sua atuação e de suas relações com os alunos (esses, grafados com letra inicial em minúsculo): "livros sobre o que ensinaram, sim! A quem ensinaram, não! Referências vagas, acidentais, fortuitas, incluem os alunos como surpreendidos numa fotografia de grupo festivo no campo".[408]

Em suas palavras, essa ausência de bibliografia o havia despertado uma sedução pela temática e, por isso, ele foi impulsionado a fazer uma nova e diferenciada incursão ao campo do ensino. Ainda de acordo com sua explicação introdutória, mesmo que a perspectiva de observação do ensino pelo viés da relação emocional e afetiva entre professor e aluno não fosse levada em conta pelos responsáveis em promover as *reformas pedagógicas*, havia a necessidade dos professores registrarem o contato e o perfil de seus alunos durante as aulas, na medida em que a docência é uma atuação profissional de existência interativa e relacional. Isso significa que, para Cascudo, professores e alunos somente existiam por meio de papeis e posicionamentos sociais recíprocos na ação cotidiana. Sobre isso, ele escreveu: "o tenor não ficará sozinho no palco, com solos e árias, atraindo as palmas da plateia. Todos os motivos registrados convergem para a generalidade educacional. Observações, concordâncias, restrições, memórias, no horizonte da Veracidade, participada e cotidiana".[409]

De antemão, o leitor desse livro já identifica que o professor é a imagem central dessa *escrita de si* cascudiana, pautando a narrativa e os eventos e personagens evocados. Por outro lado, isso significa dizer que a leitura desse texto é guiada por uma significação inicial fornecida pelo autor: a imagem do professor como símbolo da "pequena missão orientadora" do *Ontem* e de sua obra.[410] Apesar de haver semelhanças com outros títulos memorialísticos de Câmara Cascudo, como a repetida pretensão de expor "pensamentos idos e vividos" e a percepção da velhice enquanto momento propício ao reencontro com os "vestígios de nossa passagem nos recantos percorridos"[411], esse seu último livro de memórias delimitou uma *imagem de si* a partir da qual foi composta a totalidade autobiográfica que o autor construiu e

[408] CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem:* maginações e notas de um professor de província, 1998. p. 24.
[409] *Id., Ibid.*, p. 25.
[410] *Id., Ibid.*, p. 25.
[411] *Id., Ibid.*, p. 25.

expôs nessa narrativa de sua vida. Estava no *Ontem*, isto é, no passado, a imagem que definiria sua passagem no mundo e a sua missão intelectual:

> Este livro constituiu um depoimento de professor provinciano em quem não se inquinará devotismo abúlico ou desajustamento possesso. Nem esgotei o combustível otimista da Esperança e da Fé, concedendo-me a continuidade do trabalho numa velhice sem equimoses.
>
> Professor particular em 1920, oficial em 1928, aposentado em 1966 na Faculdade de Direito, dirigi o Atheneu Norte-rio-grandense e a Escola Normal, ainda "ensinando" na Faculdade de Filosofia, Instituto de Música, Colégio D. Pedro II, Marista, N. Sra. das Neves [todos em Natal]. Dei cursos sobre Cultura Popular nas Universidades Federais, em Natal, João Pessoa, Recife, Fortaleza. Excluo conferências de caráter didático. Continuo falando aos rapazes e moças que enchem a minha salinha de livros, ouvindo a voz que ainda não se apagou. Ensinança gratuita e recíproca, permitindo perceber a jovem mentalidade contemporânea.
>
> Todos os assuntos aqui reunidos, rumam complementar a paisagem em que vivi e vivo. Ao fim, páginas de ontem não movem moinhos de hoje...[412]

Ao iniciar a exposição sobre o ontem de sua vida, Cascudo elaborou uma classificação para alunos e alunas, estabelecendo três tipos clássicos para definir e ilustrar esses personagens da educação. Conforme essa classificação, os alunos se dividiriam entre o "patinador", que desliza na linguagem para convencer o professor daquilo que não tem conhecimento; o "alpinista", que galga o topo devagar e constante; e o "malabarista" que, na hora da necessidade, é eloquente e tem poder de argumentação para logo em seguida esquecer e decair no assunto. As alunas, por seu turno, estariam divididas em "adágio sustenuto", aquela direta e exata, mas também impessoal e indiferente; em "smorzando", receosa e assustada, não tendo segurança no que diz; e "presto assai", que não expõe nem responde, rindo dos próprios erros.[413]

Após classificar o universo discente, o autor apresentou situações de seu cotidiano profissional a partir das quais estabeleceu reflexões acerca do posicionamento de professores e alunos na relação de ensino-aprendizagem e em torno da pertinência de determinadas escolhas e atitudes em sala de aula. Duas lições, em particular, Câmara Cascudo procurou extrair dessas suas experiências educacionais relatadas em livro, de modo a indicá-las a seus companheiros de exercício no magistério (notadamente no então ensino secundário): a postura mais adequada para o professor realizar uma boa aula e a melhor maneira para mestres e alunos se relacionarem.

---

[412] CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem:* maginações e notas de um professor de província, 1998. p. 23-24.
[413] *Id., Ibid.*, p. 29-32.

De acordo com o autor, o diálogo entre mestres e discípulos deveria se dá por meio de cordialidade e proximidade, de modo que o professor participasse "dos problemas da classe" sem o envolvimento "nos interesses privados do grupo".[414] Para que isso ocorresse, em seu entender, deveria haver uma aproximação afetiva e solidária do professor diante de seus alunos, sem que isso representasse quaisquer possibilidades de intimidade ou de relações mais privadas. Assim, o já comentado papel da observação intelectual cascudiana também ganhou destaque nesse livro, uma vez que suas conclusões teriam sido tiradas após o contato e o exame de situações educacionais vividas pelo próprio professor/autor. Por essa razão, baseado na convivência com alunos e na reflexão posterior dessas experiências, existe no *Ontem* uma longa sequência de páginas em que o autor apresentou suas concepções de ensino e a imagem de professor que buscou ser. Apesar de não imprimir uma reflexão teórica à questão, Cascudo procurou expor o que entendia como uma boa aula e postura docente, enfatizando essas concepções em torno de sua própria atitude enquanto professor:

> Os elementos de fixação didática são dois: - Curiosidade na espécie ensinada e confiança no professor que ensina. Toda turma de estudantes secundários examina e aprova, ou reprova, o professor. Aprovado, será indiscutido. Reprovado, constitui o permanente descrédito. Autoridade moral fundamenta-se na certeza de que o professor sabe o que ensina. Nada mais.
>
> Evite provocar, mais de duas vezes, a hilaridade na sua aula. Contamina de secreta comicidade a preleção subsequente. O professor deve ter respostas felizes e não ser "engraçado".
>
> Não dê explicações porque tosse ou espirra.
>
> As conclusões dos mestres estrangeiros são conclusões, e não dogmas.
>
> Dê aula sem discurso. Feche a escapação retórica. As águas claras têm rumo.
>
> Vá lá que conte algumas "glórias" pessoais aos alunos, mas não mais de uma por aula. Evite ser professor-mostruário ou catálogo. Mareia as honrarias.
>
> Não concorde sem convicção. Sorria...[415]

Com efeito, esse exercício subjetivo de se autodefinir enquanto professor o levou a observar e classificar a figura de outros professores, seus colegas de trabalho, que também foram agrupados em três categorias – assim como ele havia feito ao classificar seus alunos. Seriam esses: "a favor do contra", aquele que sempre discorda dos alunos; "concordante", para quem qualquer explicação é suficiente; e o "provisório-vitalício", aquele que sempre deseja mudar de posto e alcançar uma ascensão funcional.[416] Como alternativa a esses perfis docentes, surgiria o professor por vocação – evidentemente, personificado nele próprio, em

[414] CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem:* maginações e notas de um professor de província, 1998. p. 40.
[415] *Id.*, *Ibid.*, p. 48.
[416] *Id.*, *Ibid.*, p. 29-36.

seus professores e em alguns outros docentes por ele admirados. Todos aqueles que se enquadravam no perfil de professor autorrepresentado no *Ontem*, seriam professores provincianos que, na pequenina cidade do Natal, haviam se dedicado a uma *jubilosa tarefa* determinada por suas vocações e que, mesmo sem maiores recompensas e reconhecimentos de seus patrícios, haviam realizado a missão de contribuir com o desenvolvimento de sua terra. Sobre essa questão, ele afirmou: "tornar-se apto não corresponde a possuir a Vocação. Aptidão virá da aprendizagem, exercício, prática. Vocação é instinto, predestinação, obscura consciência do futuro labor".[417]

Assim sendo, em sua narrativa, ele procurou se distinguir daqueles que chamou de professores apenas aptos ao magistério, atribuindo a si mesmo a vocação para exercer a docência em sua província – predestinação que o haveria articulado e mantido em sua terra natal ao longo de toda a sua vida. O Luís da Câmara Cascudo professor por vocação está, portanto, articulado à imagem do escritor provinciano que, em minha opinião, acabou sendo associado pelo autor às diversas imagens de si que construiu em seus livros autobiográficos e que constituem sua memória em Natal e no Rio Grande do Norte:

> Qualquer excelência no labor provinciano merece a frase consagradora e falsa. Seja qual for a profissão em que o resultado exceda à mediania do esforço artesão, fixa-se a solução condenatória de permanência na Terra Pequena onde se trabalha. Não haverá no ambiente natal a compreensão, o estímulo, a retribuição merecida. Emigre para vencer! A Metrópole é fácil, farta, feliz! Seus trabalhadores, entretanto, sonham abandoná-la por uma Cidade Maior, radiosa, benéfica, premiadora, infalível. Se vivesse nos Estados Unidos... Se morasse em Paris... estaria saciado, milionário, universal como um vício. (...). Cidade Grande dos gênios ignorados, das vozes apagadas, das esperanças inválidas! Fica em tua colmeia, abelha menina! A Terra Grande foi feita pelos braços que ficaram.[418]

Aos poucos, da mesma forma como nos livros comentados anteriormente, a narrativa do *Ontem* foi se convertendo em crônicas do passado, assemelhando-se em muito com seus artigos publicados em jornais. Só então, eventos e personagens que não estiveram diretamente ligados a sua atividade educacional começaram a aparecer nas páginas do livro, mesmo que, muitas vezes, tenham surgido como exemplos utilizados em aulas, como mestres que ensinaram em outros campos do saber ou como ilustrativos de alguma reflexão feita pelo professor narrador. Em função do destaque que possui o professor e os alunos, *Ontem* pode ser lido na chave de um livro de memórias de um educador. Ao mesmo tempo, pode ser

[417] CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem:* maginações e notas de um professor de província, 1998. p. 53.
[418] *Id.*, *Ibid.*, p. 58.

considerada uma autobiografia cujo enredo foi composto a partir da trajetória intelectual cascudiana, mais precisamente no aspecto docente de sua atividade pública.

Isso nos remete a seus biógrafos para os quais, dentre os inúmeros papeis ocupados por Cascudo, a função de educador era o título profissional que mais lhe agradava, preferindo o título de professor a ser chamado de folclorista, etnógrafo ou mesmo historiador. Pelo menos em um momento de seus quatro livros de memória aqui analisados, Câmara Cascudo se definiu como um professor de província e deu centralidade a essa *imagem de si*. Mesmo repetida, essa não é a única recorrência nas memórias cascudianas, uma vez que em *O tempo e eu*, *Pequeno manual do doente aprendiz*, *Na ronda do tempo* e *Ontem* encontramos eventos, personagens, frases e reflexões que se repetiram. Particularmente, quatro imagens foram elaboradas e repetidas: o menino enfermiço que recebeu esmerada formação; o jovem rico que se tornou escritor; o adulto pobre, mas feliz, que se consagrou intelectualmente; e o velho professor provinciano, que cumpriu sua missão para a amada terra. Estes são os principais núcleos de significação para a memória cascudiana que, por meio de associações e extensões de sentido, foram sendo preenchidos com eventos e personagens narrando uma versão para a sua vida e traçando uma explicação para sua trajetória intelectual. Em grande medida, seja por biógrafos, comentadores, estudiosos ou pelo próprio memorialista, essa é a versão mais comum para a narrativa da vida cascudiana, constituindo-se na sonhada "memória final" *Antes da Noite*.[419]

Portanto, a dimensão que esta análise destacou se refere ao vivido, recordado, relatado, narrado e constituído enquanto memória pelos escritos autobiográficos do escritor Luís da Câmara Cascudo. Todavia, não posso desconsiderar aquilo que foi silenciado, negado, apagado e enquadrado como esquecimento. Esse outro lado da questão, em se tratando de Cascudo, geralmente é analisado na perspectiva de suas atuações políticas, mais precisamente seu envolvimento com a Ação Integralista Brasileira. Por exemplo, nas palavras do analista Lauro Ávila Pereira, encontramos a seguinte observação: "apesar da atividade política de Cascudo nos anos de 1930 como líder da Ação Integralista Brasileira, são raras as passagens que o autor refere-se à política. Do seu passado integralista, aparece apenas uma referência indireta, anedótica".[420]

Embora existam razões claras para que esse outro lado da memória cascudiana esteja focado na dimensão política de sua (auto)biografia, isto é, o silenciamento e a negação que o

[419] LIMA, Diógenes da Cunha. Prefácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem:* maginações e notas de um professor de província, 1998. p. 21.
[420] PEREIRA, Lauro Ávila. O tempo e eu – memórias. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*, 2006. p. 277-280.

próprio autor promoveu acerca de uma politização de sua vida, esta tese procurou analisar uma *escrita de si* de Cascudo e, logo, concentrou-se nos elementos de significação por ele utilizados para se autodefinir. Mesmo considerando que memória e esquecimento sejam aspectos correlatos, esta tese procurou identificar e compreender exclusivamente aquilo que o autor recordou e constituiu enquanto uma memória escrita de sua vida e obra. Por essa razão, mais do que caminhar no sentido de apresentar uma contramemória ou de buscar desvendar segredos cascudianos envoltos pelo esquecimento em torno de sua atuação política, este estudo apresentou as recorrências discursivas que forjaram uma memória desse autor. Conhecer essa chave interpretativa pode nos ajudar a problematizar a maneira como a narrativa da vida cascudiana tem sido explorada, inclusive, nos estudos acadêmicos contemporâneos que, *seduzidos por essa memória*, reproduzem e simplificam a complexidade intelectual do *universo de Câmara Cascudo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

...da eternidade à vida[421]

A lição do tempo é acreditarmos nele...[422]

Luís da Câmara Cascudo

Esta tese se propôs a realizar um exercício historiográfico em torno do processo de constituição de uma memória do/para o escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo em sua cidade natal. De maneira mais específica, esta pesquisa problematizou os investimentos pessoais do autor no sentindo de elaborar uma imagem pública de si mesmo e os agenciamentos póstumos por meio dos quais essa constituição identitária cascudiana foi transformada em uma memória coletiva norte-rio-grandense – em outras palavras, um *projeto de memória* que resultou na criação do Memorial Câmara Cascudo, em 1987. Essa instituição não apenas abrigou o acervo pessoal de seu patrono como reproduziu um dado enquadramento de sua memória por pouco mais de duas décadas e, nesse período, exerceu uma forte influência no modo como a escrita da vida e o estudo da obra cascudiana se deram.

Diante disso, a resolução da problemática aqui formulada passou por três etapas analíticas: os esforços pessoais de Cascudo para elaborar suas memórias; o modo como seus biógrafos significaram a vida e a obra desse escritor; e, após a sua morte, o debate visando a criação de um memorial para homenageá-lo e para promover a lembrança de sua atividade intelectual. Aproveitando-me de um poético título bibliográfico cascudiano (*Antes da Noite*) e, intencionalmente, buscando fugir de uma perspectiva biográfica cronológica, os capítulos deste estudo foram organizados retrospectivamente, partindo da morte do escritor (isto é, a chegada daquilo que ele chamou de *noite eterna*) e da criação do Memorial até chegar às primeiras enunciações pessoais de Cascudo para sua vida, isto é, alcançando o contexto de produção de suas autobiografias (o alvorecer de suas memórias).

Para empreender tal análise, foram utilizadas três categorias de significação temporal que mantém distanciamentos e aproximações quando o assunto é o estudo do passado de uma maneira geral e de uma vida de um modo mais particular: a história, a memória e a escrita de si. Isso significou refletir acerca da própria elaboração subjetiva do autor ao longo do tempo e da constituição de um perfil biográfico para Cascudo, historicizando esse processo que, durante a segunda metade do século XX, enquadrou sua memória como uma versão oficial e padrão da narrativa de sua vida e da explicação de sua obra.

---

[421] RABAÇAL, João Alfredo. Câmara Cascudo: da vida à eternidade. *A República*, Natal, 21 set. 1986.
[422] CASCUDO, Luís da Câmara. O documento viverá... *A República*, Natal, 28 set. 1960.

Nessa perspectiva, ao longo do primeiro capítulo, foram discutidos o impacto e a repercussão da morte de Câmara Cascudo entre os potiguares, notadamente entre os seus pares intelectuais da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Naquele dia 30 de julho de 1986, o estado do Rio Grande do Norte perdeu seu expoente intelectual, de modo que os jornais locais noticiaram amplamente o falecimento do escritor. Através dessas matérias, iniciou-se um debate envolvendo jornalistas, intelectuais e políticos locais acerca do rumo do patrimônio cultural cascudiano e sobre a forma como seus conterrâneos deveriam evocar a lembrança do escritor recém-falecido.

Classificando aquele momento como uma irreparável perda humana e identificando um vazio intelectual deixado no cenário letrado local, inúmeras matérias foram publicadas para dar sentido à morte de Cascudo e para definir uma proposta de homenagem a sua memória. Em virtude desse debate, os representantes das principais instituições culturais potiguares se uniram e, com o apoio do Conselho Estadual de Cultura e da Fundação José Augusto, chegaram a um consenso sobre a proposta de memória que julgavam mais adequada ao prestigiado historiador e folclorista: a construção de um monumento em praça pública e a criação de um memorial, onde os norte-rio-grandenses poderiam reverenciar e conhecer a vida e a obra do escritor local com maior projeção e consagração pública.

Esse debate formulou um *dever de memória* norte-rio-grandense no que se refere a uma obrigatoriedade em recordar os feitos intelectuais cascudianos. Em face do prestígio adquirido, constantemente ressaltado por sua permanência na comentada *província*, haveria na opinião desses *artífices da memória* uma dívida intelectual a ser reconhecida por seus conterrâneos e a ser paga através de homenagens póstumas e de uma eterna lembrança de seu nome. Personalidades integrantes das chamadas elites locais, como Diógenes da Cunha Lima, Enélio Lima Petrovich, Américo de Oliveira Costa, Veríssimo de Melo e Paulo Macedo (todos eles imortais da Academia de Letras e sócios do Instituto Histórico locais e com assentos no Conselho Estadual de Cultura), participaram desse diálogo via imprensa e agiram em favor dessa memória de/para Câmara Cascudo, em Natal, instituindo o Memorial como um lugar onde a lembrança impediria qualquer possibilidade de esquecimento.

Particularmente o presidente da Fundação José Augusto, jornalista Paulo Macedo, foi o idealizador e principal artífice da criação do Memorial Câmara Cascudo, sistematizando as diferentes opiniões lançadas por ocasião desse debate póstumo e trabalhando pelo enquadramento da memória escolhida: aquela que seria da vontade do próprio Cascudo – a criação de uma fundação para abrigar, manter e difundir seu patrimônio cultural e intelectual.

Em palavras escritas por Macedo, para o jornal natalense *O Poti* alguns anos depois de inaugurado o Memorial, encontramos o seguinte comentário acerca do processo de criação dessa entidade cultural:

> Registro com orgulho o quinto aniversário do Memorial Luís da Câmara Cascudo, inaugurado no Governo Radir Pereira, por ideia e realização da Fundação José Augusto, sob a minha direção. Não posso esconder a renovada emoção. Decorridos cinco anos, lembro as dificuldades que enfrentei, as adversidades, tantas incompreensões contra o projeto que tinha um único objetivo: eternizar, no bronze, em praça pública, o maior nome da inteligência e da cultura em nossa receptividade nacional e internacional. E a justiça foi feita a quem viveu o seu tempo representativo de homem universal, depois de conquistar o patamar mais alto do conhecimento e da expressão cultural, pelo saber do espírito privilegiado, justificando, assim, a síntese de Cidadão do Mundo. Ali na Praça André de Albuquerque, símbolo da formação da cidade, ao lado da Antiga Catedral, que, depois do Forte dos Reis Magos, significa o primeiro traço humano de Natal, a imagem *cascudiana* viverá sempre no culto maior dos seus concidadãos, mostrando a obra e o criador juntos na saudade eterna de seus conterrâneos e admiradores.[423]

O Memorial Câmara Cascudo, pois, foi criado com o objetivo de ser uma última homenagem dos norte-rio-grandenses ao escritor conterrâneo que havia se dedicado ao estudo da história e da cultura locais. Tal homenagem instituiu um Centro de Estudos e Pesquisas que abrigaria seu acervo pessoal, permitiria a continuação dos estudos em torno das temáticas com as quais ele se dedicou e possibilitaria pesquisas acerca da vida e obra de seu patrono. Nesse sentido, corresponderia à *memória final* desejada, *antes da noite*, por Cascudo. Porém, por ter sido resultado de uma discussão com fins homenageantes e de uma iniciativa póstuma memorialística, a dimensão do estudo e da pesquisa foi obliterada por uma memória laudatória e avessa à crítica, de modo que o Memorial passou muito mais a promover a memória cascudiana e a homenageá-lo do que propriamente a fomentar novos estudos e pesquisas a partir da documentação ali abrigada.

Isso se explica por fatores que vão desde as significações biográficas elaboradas pelos sujeitos que criaram o Memorial Câmara Cascudo até a confusão público-privado que se instaurou ao longo do funcionamento da instituição, uma vez que um acervo particular e de interesse público passou a depender de um amparo estatal, na maioria das vezes, inexistente. Situação que colocou seu acervo sob o risco de deterioração e o impossibilitou de ser consultado. Esse risco era tão evidente que, já em 1992, no mesmo instante em que seu idealizador apresentou o orgulho pessoal de ter criado, cinco anos antes, a entidade em

[423] MACEDO, Paulo. Memorial faz cinco anos. *O Poti*, Natal, 09 fev. 1992.

questão, ele próprio expôs o descaso do Estado do Rio Grande do Norte com o monumento à memória de Câmara Cascudo:

> Há, neste dia, um pouco de tristeza em mim, ao constatar que o monumento está sujo, as lâminas d'água de onde se ergue a estátua do mestre ao tamanho natural, e ainda [possuem] barreiras de terra e lama, depois do crepúsculo, as luzes são apagadas para que o visitante e o turista não possam ver. Em qualquer parte do mundo, um monumento extraordinário desses, seria culturado [sic] e reverenciado permanentemente.[424]

Essa tensão público-privado que ocorreu no funcionamento do Memorial tem a ver, portanto, com o seu processo de criação, no qual personalidades locais discutiram na imprensa a necessidade de uma memória pública a partir do uso de um acervo privado. Memória que, enquanto vinculada a uma fundação/instituição, deveria levar em conta o legado etnográfico e, sobretudo, documental deixado por Cascudo. Desse modo, um acervo particular foi emprestado ao Estado para se tornar público. Mas, como a passagem dos anos permitiu verificar, esse objetivo não se concretizou, uma vez que, pelos motivos apontados e por questões que ultrapassam os limites desta tese, apenas uma pequena parcela desse acervo foi liberada à consulta: a biblioteca pessoal do escritor.

A ação desses sujeitos que estou chamando de *artífices da memória* nos remete ao segundo capítulo deste estudo, no qual os principais interlocutores no processo de criação do Memorial Câmara Cascudo foram identificados e tiveram seus principais escritos acerca desse tema comentados. Considerando que tais debatedores eram também biógrafos do patrono da instituição que estava sendo por eles criada, mapeei as biografias existentes sobre Cascudo e examinei aquelas que mais se articularam à memória que essa entidade instituiu. Em grande medida, procurei entender como essa *escrita dos outros* manteve, de um lado, diálogo com uma *escrita de si* cascudiana e, de outro, foi utilizada no debate em favor de sua memória.

De maneira específica, analisei a primeira entre as publicações biográficas produzidas sobre ele: o opúsculo *Luiz da Câmara Cascudo: depoimentos*, de 1947.[425] Escrita como homenagem de seus pares na Academia Norte-rio-grandense de Letras (pelo fato do escritor ter feito parte de uma comitiva oficial brasileira ao Uruguai, em 1946), essa publicação representou uma sistematização inicial de perfis definidores de/para Cascudo e sua trajetória intelectual, notadamente sua atuação como professor e sua permanência no Rio Grande do Norte: opção que faria dele um escritor provinciano.

---

[424] MACEDO, Paulo. Memorial faz cinco anos. *O Poti*, Natal, 09 fev. 1992.
[425] *LUIZ da Câmara Cascudo:* depoimentos – Homenagem dos seus amigos, 1947.

Em seguida, e na mesma perspectiva dos *depoimentos* de seus amigos imortais da Academia de Letras, comentei a Semana Câmara Cascudo – evento que, dessa vez, foi realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1964. Nele, sócios dessa instituição palestraram e deram testemunhos de aspectos da vida e da obra do escritor que deu nome ao evento. Em 1969, sob o título de *Luís da Câmara Cascudo: sua vida e obra*, os textos lidos na Semana Câmara Cascudo foram publicados sob o formato de livro, constituindo-se em mais uma homenagem biográfica por ele recebida.[426]

Ainda nesse segundo capítulo, apresentei as celebrações em torno dos 70 anos de vida e 50 anos de atividades intelectuais de Cascudo, em 1968; e dos seus 80 anos de vida e 60 anos de suas atividades intelectuais, em 1978. Efemérides que resultaram em mais duas homenagens biográficas, respectivamente os livros *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*, de Américo de Oliveira Costa; e *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*, de Diógenes da Cunha Lima.[427]

Produzidas por sujeitos com os quais Cascudo se relacionava pessoalmente e dialogava intelectualmente, essas publicações compuseram um perfil biográfico apologético e, com esse sentido, foram retomadas no processo de criação do Memorial Câmara Cascudo, fornecendo argumentos e sugerindo explicações em torno de uma memória póstuma a ser consolidada por seus conterrâneos. Mesmo porque, como vimos ao longo do primeiro capítulo desta tese, os autores de tais biografias participaram ativamente do debate público que enquadrou uma configuração de memória para o escritor potiguar. Ao pensar essas narrativas biográficas no contexto de um estado da arte cascudiana, é notório seu caráter personalista e, portanto, pode-se perceber de que modo o Memorial foi instituído: como mais uma homenagem biográfica para o escritor que, no limite, também remeteu a suas autobiografias – livros por ele escritos com o intuito de confidenciar sua vida e fornecer uma chave de leitura para sua longa e profícua trajetória intelectual.

Assim sendo, chegando ao terceiro e último capítulo deste trabalho, analisei textos autobiográficos publicados por Luís da Câmara Cascudo entre finais dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, momento em que a ideia de uma Fundação Câmara Cascudo apareceu nas fontes analisadas. Os livros *O tempo e eu* (1968), *Pequeno manual do doente aprendiz* (1969), *Na ronda do tempo* (1971) e *Ontem* (1972) foram, então, analisados como *escrita de si*, isto é, como um *artesanal* exercício de reflexão empreendida pelo sujeito que, ao utilizar a escrita

[426] *LUÍS da Câmara Cascudo:* sua vida e sua obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1969.
[427] COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*, 1969.
LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*, 1978.

para definir sua vida, compõe uma imagem pública de si mesmo.[428] O meu objetivo era compreender a elaboração de uma memória cascudiana a partir dos núcleos de significação que ele utilizou para escrever e dar sentido a sua vida, apontando para o que poderia ter sido o livro autobiográfico não escrito (*Antes da Noite*).

Com efeito, as principais *imagens de si* que essa escrita elaborou e tornou pública se referem à infância frágil e enfermiça de *Cascudinho*, a sua juventude abastada, a sua trajetória intelectual provinciana e a sua atuação como professor até a velhice. Por sua vez, questões ligadas à falência comercial paterna na passagem dos anos 1920 para os anos 1930 e suas opções políticas foram silenciadas ou esquecidas. Ao longo dessa narrativa, a ênfase do autor recaiu sobre a dimensão pública de sua vida, traçando um enredo teleológico para a sua trajetória intelectual. Partindo da infância de restrições ao universo lúdico e, por isso mesmo, de forte aproximação com os livros, essas autobiografias atravessam todo o percurso realizado por Cascudo para se tornar um escritor consagrado, culminando na fase em que o autor vivia quando as escreveu: a velhice e o reconhecimento de sua terra pelo sucesso intelectual alcançado.

Traçando um panorama desta tese, a relação entre história e memória por meio de uma escrita de si lança uma questão que, neste doutoramento, não pode ser esmiuçada e que, portanto, ainda se configura como uma perspectiva a ser concretizada em minha trajetória acadêmica: o arquivo como problema historiográfico, particularmente no que se refere à historicidade do arquivo pessoal cascudiano. No momento em que esta pesquisa estava sendo formulada como um plano de trabalho, no segundo semestre de 2008, a grande inquietação que me movia era historicizar o arquivo pessoal do escritor Luís da Câmara Cascudo. Naquele contexto de planejamento inicial de minha nova pesquisa, porém, o arquivo estava fechado à consulta e passava por uma reordenação institucional que, ao ser efetivado, trouxe implicações não só para esta tese como para a própria memória cascudiana.

Já em 07 de outubro de 2007, havia sido criado juridicamente o *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo (ICC) para ser instalado na casa onde o escritor viveu seus últimos 40 anos de vida – imóvel que vinha sendo reformado, desde 2005, para atender às necessidades da instituição que iria sediar. Essa entidade foi criada pelos herdeiros legais do escritor, exclusivamente pelo núcleo de descendência formado a partir de sua filha e biógrafa Anna Maria Cascudo Barreto. A inauguração do ICC ocorreu em 30 de dezembro de 2009, junto às comemorações dos 111 anos do nascimento de Câmara Cascudo. Segundo a ata de fundação,

[428] Para as referências completas desses livros, consultar a bibliografia cascudiana em anexo.

"a razão maior desta associação seria promover a educação e a cultura com base no legado deixado pelo patrono da entidade".[429]

Nesse sentido, apesar das diferenças de várias ordens, há algumas semelhanças entre o Instituto e o Memorial Câmara Cascudo – naquilo que concerne aos objetivos e à forma em que as instituições são definidas nos documentos analisados: como entidades voltadas para a promoção e o estudo do universo cultural cascudiano. De maneira mais específica, entre os dez objetivos listados no estatuto do ICC, duas metas fazem com que exista uma ponte entre o Memorial e o Instituto por meio daquilo que comunga(ra)m: o acervo pessoal de Cascudo, particularmente seu arquivo documental. Conforme o referido estatuto, os objetivos mais centrais do ICC são:

> I – Preservação, divulgação, gerência e capitalização do patrimônio cultural de Luis da Câmara Cascudo para potencializar a economia do Estado do Rio Grande do Norte;
>
> II - Promover prestações de serviços de produção, extensão e pesquisa nas áreas técnicas, científicas e culturais, relativas à figura, vida e obra de Luis da Câmara Cascudo, junto às instituições e órgãos públicos ou privados, nacionais ou internacionais, bem como promover o atendimento nas diversas áreas de atuação das pessoas físicas, jurídicas, instituidoras e fundadoras, visando aprimorar e facilitar o desenvolvimento de suas atividades;[430]

Por outro lado, mesmo com os objetivos comuns de preservar e difundir o patrimônio cultural e de contribuir para estudos em torno da vida e da obra de Cascudo, as diferenças entre as duas instituições apontam para uma organização e funcionamento distintos e consolidam duas maneiras diferentes de conceber a memória cascudiana. Ao contrário do Memorial Câmara Cascudo, o ICC não foi criado a partir de um debate público e nem por meio de uma iniciativa estatal. O *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo é, na verdade, resultado de uma iniciativa familiar e, portanto, organizado e instalado em um contexto privado de discussão. Isso significa dizer que, mesmo com a utilidade pública, esse acervo foi devolvido à família e voltou a ser de natureza particular.

Por meio da Fundação José Augusto, o Estado permanece sendo o responsável pelo Memorial (que ainda existe e passa por reformas para modernização), mas a posse e a responsabilidade sobre o acervo voltou à alçada dos herdeiros legais. Já *o retorno ao lar* desse

---

[429] *LUDOVICUS* - INSTITUTO CÂMARA CASCUDO. Natal. *Ata da assembleia geral de constituição realizada no dia 07 de outubro de 2007*. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/instituto/documentos/ata/>. Acesso em: 07 maio 2012.

[430] ESTATUTOS do Instituto Câmara Cascudo. Natal, 07 de outubro de 2007. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/instituto/documentos/estatuto/>. Acesso em: 07 maio 2012. Art. 6.

acervo representou a criação de uma espécie de "casa biográfica" para visitação pública, permitindo uma maior aproximação com essa meta de expor a vida e a obra de Cascudo por meio do contato com os objetos pessoais organizados e expostos como estavam na época em que ele ali viveu. Além disso, estando abrigado no espaço da casa, esse acervo permite agora uma interação simbólica e afetiva entre o legado deixado e as significações que ele possui e estimula. Nas palavras de Daliana Cascudo, neta do escritor e diretora do ICC, o retorno do acervo para a casa e a criação do Instituto possuía o objetivo de dar melhores condições de acomodação e alcançar maior difusão desse patrimônio, representando a concretização de um sonho familiar: "É um sonho muito antigo de nossa família. A nossa intenção é que se torne uma casa biográfica e que consiga ser um local de pesquisa".[431]

Imagem 20 *Casa Câmara Cascudo* - sede do *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo. Endereço: avenida Câmara Cascudo, antiga Junqueira Aires, número 377. Cidade Alta. Natal, Rio Grande do Norte.

Foto: Coleção Particular

Diante desse contexto de mudanças, ressignificações e indisponibilidade à consulta, ainda que pessoalmente tenha acompanhado tal processo de perto, tive que fazer escolhas teórico-metodológicas para manter em voga minha inquietação em historicizar o arquivo pessoal cascudiano. Nesses termos, enfatizei a constituição de uma memória cascudiana através do processo histórico que possibilitou a criação do Memorial e que institucionalizou

[431] CASCUDO, Daliana. In: UMA casa biográfica. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 dez. 2009.

esse acervo, buscando entender as enunciações que cristalizaram as narrativas de vida e as leituras e interpretações da obra de Cascudo – memória que poderia ter sido fragmentada e ressignificada se o Memorial tivesse conseguido fazer do arquivo a porta de acesso para um Câmara Cascudo plural e diverso como seus escritos.

Enfim, talvez ainda seja cedo para a emissão de uma opinião segura acerca dos resultados alcançados pelo Instituto Câmara Cascudo em relação aos seus objetivos principais e a ressignificação dessa memória. Todavia, alguns pontos já se mostram evidentes: o acondicionamento, a conservação e a organização do acervo ocorrem de maneira bem mais adequada no ICC; as correspondências pessoais de Cascudo, declarada em 27.000 exemplares, está digitalizada e disponível a consulta; a instituição funciona de maneira organizada e de maneira a conseguir retornos e parcerias para o desenvolvimento de seus objetivos; e, por meio das exposições e eventos que organiza e da reedição e difusão dos escritos cascudianos, o *Ludovicus* consegue empreender uma maneira mais dinâmica de recordar seu patrono e mantê-lo em evidência.

Isso é importante porque a complexidade da obra cascudiana requer estudos menos laudatórios e mais críticos, não mais centrados na reprodução de memórias e sim na compreensão de seus escritos enquanto partícipes da história do pensamento social brasileiro. Considero que problematizar a memória cascudiana, materializada no seu arquivo pessoal e nas instituições que o abrigaram/abrigam, é um primeiro passo para estimular o estudo de sua obra em termos menos valorativos e mais analíticos. Entender esse *mal de arquivo*, para usar a feliz expressão de Derrida, é também abrir esse acervo para novos questionamentos e reflexões, consolidando o nome do autor no rol dos intelectuais cuja obra é submetida a constantes leituras e originais descobertas.[432]

Portanto, problematizar esse arquivo é questionar uma dada *história vigiada*[433] que atende a desígnios políticos latentes, acreditando que a disponibilização pública desse acervo permitirá que outros pesquisadores possam inquirir a obra cascudiana sem as limitações impostas por *sua enquadrada memória* e não estando mais presos a qualquer reprografia discursiva. Uma vez acessíveis, tais fontes não apenas problematizarão essa naturalizada memória como lançarão novos feixes de luz sobre os momentos pouco conhecidos da vida e da obra de Cascudo, possibilitando constantes reflexões e apreciações críticas de sua atividade intelectual. Mesmo porque, para retomar a metáfora/categoria heurística que me serviu de norte, *depois da noite*, o dia renasce e a vida continua...

---

[432] DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo:* uma impressão freudiana, 2001.
[433] O terno é da autoria de FERRO, Marc. *A história vigiada.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REFERÊNCIAS

1 Artigos

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajetos,** Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

_____. **Patrimônio ou matrimônio, isso é lá com Santo Antônio?** Algumas reflexões em torno da relação entre memória e patrimônio. Natal, 2010. 16p. Digitado.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09-34, 1998.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion,** Canoas, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009.

CARBONELL, Charles-Olivier. La naissance de la Revue Historique. Une revue de combat (1876-1885). **Revue Historique,** Paris, n. 518, p. 331-351, abr./jun. 1976.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. A organização dos arquivos e a construção da memória. **Sæculum,** João Pessoa, a. 1, n. 1, p. 50-58, jul./dez. 1995.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo,** Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a "história cultural" no novo milênio. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 17, n. 49, p, 23-60, set./dez. 2003.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História,** Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HEYMANN, Luciana Quillet. **De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional":** reflexões acerca da produção de "legados". Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1612.pdf>. Acesso em: 03 maio 2013.

_____. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p. 43-58, jul./dez. 2005.

_____. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos,** Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2012.

MACIEL, Sheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais.** Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2011.

NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. **Genèses,** Paris, n. 1, p. 58-85, set. 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História,** São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-91, 1996.

WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova historia cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. **História,** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 185-210, 2003.

2 Livros

2.1 Capítulos

ABREU, Martha. Cultura imaterial e patrimônio histórico nacional. In:___. **Cultura política e leituras do passado:** historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 351-370.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador *NAÏF* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 192-215.

_____. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.). **História e sensibilidade.** Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 117-139.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. (Org.). **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 296-332.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. A função social dos arquivos e o patrimônio documental. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. (Orgs.). **Tempo, memória e patrimônio cultural.** Teresina: EDUFPI, 2010. p. 73-85.

BORGES, Jorge Luis. **Funes, o memorioso.** Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/funes.htm>. Acesso em: 23 jul. 2012.

_____. **La biblioteca de Babel.** Disponível em: <http://www.fenomec.unam.mx/pablo/probabilidad/babel.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2012.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 287-312.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In:___. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 64-119.

_____. A beleza do morto. In:___. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 1995. p. 55-85.

_____. Práticas de espaço. In:___. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 165-217.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In:___. **Microfísica do poder.** 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. p. 15-37.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In:___. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, [s.d.]. p. 13-41.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **História cultural:** experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 9-24.

_____. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.). **Cultura política e leituras do passado:** historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 23-41.

HARTOG, François. Tempos do mundo, história, escrita da história. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 15-25.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 167-182.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 141-184.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. (Org.). **Jogos de escala:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. In:___. **Obras incompletas.** São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 22-34. (Os Pensadores).

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 20 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 103-130.

POSSAMAI, Zita Rosane. Destruição legal e ilegal do patrimônio histórico: problemas, limites e o papel do historiador. In: HEINZ, Flávio M.; HARRES, Marluza Marques. (Orgs.). **A história e seus territórios:** conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 205-217.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). **História da vida privada no Brasil:** Império. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2. p. 95-141.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In:___. **História, memória, literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. p. 59-88.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 131-137.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In:___. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 97-105.

2.2 Integrais

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal:** memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

_____. **O enigma de *Os sertões*.** Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **História:** a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007. (Preconceitos, 3).

_____. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

_____. **Nordestino:** invenção do "falo" - uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). **História da vida privada no Brasil:** Império. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ASSMANN, Aleida. **Construction de la mémoire nationale:** une brève histoire de l'idée allemande de Bildung. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de L'homme, 1994.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. (Org.). **Grafia da vida:** reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo:** os anos 20 em Pernambuco. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2006. (Elos, 2).

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (Orgs.). **A bússola do escrever:** desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Marcovaldo ou as estações da cidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Coimbra: Quarteto, 2001.

COUTO, Mia. **O fio das missangas:** contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (Conexões, 11).

ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo.** São Paulo: EDUSP, 2009.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil republicano:** o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 4.

FERRO, Marc. **A história vigiada.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

_____. **A ordem do discurso.** 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores:** a política cultural do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. (Org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

_____. (Org.). **Em família:** a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda:** os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ: IPHAN, 2002.

GUAZZELLI, César Augusto Barcelos et all (Orgs.). **Questões de teoria e metodologia da história.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Ática, 1994.

KOSELLECK, Reinhardt. **historia/Historia.** Madrid: Editorial Trotta, 2004.

_____. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. da PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **História e linguagens:** texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x:** da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (História e historiografia, 6).

MEYER, Michel. **A retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

MICELI, Sergio. **Poder, sexo e letras na República Velha:** estudo clínico dos anatolianos. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Elos, 4).

_____. (Org.). **História das ciências sociais no Brasil.** 2. ed. rev. e cor. São Paulo: Sumaré, 2001. v. 1.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira:** pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1977.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Românticos e folcloristas:** cultura popular. São Paulo: Olho d'água, [s.d.].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Fronteiras do milênio.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

_____. **História & história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção História &... Reflexões, 5).

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____. (Org.). **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

RIEGL, Aloïs. **El culto moderno a los monumentos:** caracteres y origen. Madrid: Visor, 1987. (La balsa de la Medusa, 7).

ROUDINESCO, Elisabeth. **A análise e o arquivo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. (Org.). **Saber dos arquivos.** Goiânia: Edições Ricochete, 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria.** Barcelona: Paidós, 2008.

WEINRICH, Harald. **Lete:** arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

3 Teses

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias.** 481p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

HEYMANN, Luciana Quillet. **De arquivo pessoal a patrimônio nacional:** reflexões sobre a construção social do "legado" de Darcy Ribeiro. 247p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo:** a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951). 340p. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

4 Específicas

4.1 Artigos

ABREU, Martha. **Câmara Cascudo para historiadores:** um olhar sobre o Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro, 2001. 14p. Digitado.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção da cultura popular:** uma história da relação entre eruditos, intelectuais e as matérias e formas de expressão populares na Península Ibérica e Brasil (1870-1940). Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em: 02 out. 2011.

AMARAL, Patrícia Daliany Araújo do et all. *Ludovicus*: um estudo do Instituto Câmara Cascudo enquanto produto turístico da cidade do Natal (RN). **Revista Brasileira de Ecoturismo,** São Paulo, v. 5, n. 3, p. 632-647, set./dez. 2012.

ARRAIS, Raimundo. Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade do Natal. **Espacialidades,** Natal, v. 4, n. 3, p. 01-32, 2011.

_____. (Org.). Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento,** Recife, ano 4, n. 48, ago. 2006.

CUNHA, Diva. Regionalismo e universalismo em Câmara Cascudo. **Odisséia,** Natal, v. 4, n. 6, p. 37-46, jul./dez. 1998.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Interpretações do Brasil na correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade. **Revista da FARN,** Natal, v. 7, n. 1, p. 155-183, jan./jun. 2008.

GOMES, Ranonildes Alves; GOMES, Valdeci Feliciano. Laços matrimoniais, amarras tradicionais: a família como autoconstituição em Câmara Cascudo. **Caderno CRH,** Salvador, v. 22, n. 55, p. 185-200, jan./abr. 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cotidiano, corpo e experiência: reflexões sobre a etnografia de Luís da Câmara Cascudo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Rio de Janeiro, n. 28, p. 74-81, 1999.

_____. **A etnografia como auto-retrato:** espaço, tempo e subjetividade em Luís da Câmara Cascudo. New Orleans: IX Congresso Internacional da BRASA, 2008. Disponível em: <http://www.brasa.org/documents/brasa_ix/Jose-Reginaldo-Santos-Goncalves.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

LODY, Raul. Objetos amorosos: revelando coleções de Luís da Câmara Cascudo. **Comunicado Aberto,** [s. l.], n. 31, p. 1-7, mar. 1998.

NEVES, Margarida de Souza. Artes e ofícios de um "provinciano incurável". **Projeto História,** São Paulo, n. 24, p. 65-85, jun. 2002.

_____. Literatura: prelúdio e fuga do real. **Tempo,** Rio de Janeiro, n. 17, p. 79-104, 2004.

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. **Revista de História Regional,** Ponta Grossa, v. 15, n. 1, p. 169-193, 2010.

SILVA, Marcos A. da. Câmara Cascudo e a erudição popular. **Projeto História,** São Paulo, n. 17, p. 317-334, nov. 1998.

4.2 Livros

4.2.1 Capítulos

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Cultura e diversidade: a escrita como remédio - erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. In: MEDRADO, Benedito et all. (Org.). **Homens:** tempos, práticas e vozes. Recife: Ed. do Instituto PAPAI, 2004. p. 70-79.

BYINGTON, Silva Ilg. Prezados modernistas: a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza;

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.). **História em cousas miúdas**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 491-518.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Luís da Câmara Cascudo e o estudo das culturas populares no Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Orgs.). **Um enigma chamado Brasil:** 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 174-183.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.). **História em cousas miúdas.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005. p. 237-262.

_____. O artesanato da memória: Luís da Câmara Cascudo e a narrativa autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.). **Narrativas e saberes biográficos.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 59-74.

_____. Na ronda do tempo: Luís da Câmara Cascudo, historiador. In: SILVA, Marcos. (Org.). **Câmara Cascudo e os saberes.** Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 124-147.

PASSEGGI, Luis. A conceptualização do sertão nas cartas de Câmara Cascudo a Mário de Andrade (1924-1944): um estudo de semântica cognitiva. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte.** Natal: EDUFRN, 2012. p. 295-316.

SÁ, Edna Maria Rangel de; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. As correspondências de Câmara Cascudo e Mário de Andrade. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte.** Natal: EDUFRN, 2012. p. 121-142.

4.2.2 Integrais

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (Org.). **Novos estudos cascudianos.** No prelo.

ANDRADE, Maristela de. **Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo.** Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1999.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo:** anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

_____. **Asas de Sófia:** ensaios cascudianos. Natal: FIERN: SESI, 1998.

ARRAIS, Raimundo. (Org.). **Crônicas de origem:** a cidade do Natal nas crônicas cascudianas. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2005.

_____. **Crônicas de origem:** a cidade do Natal nas crônicas cascudianas. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2011.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. **"Mossoró não cabe num livro":** Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade. João Pessoa: Ideia, 2012.

FERNANDES, Luis. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte (de 1832 a 1908).** 2 ed. Natal: Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

GALVÃO, Cláudio. **O céu era o limite:** uma biografia de Oriano de Almeida. Natal: EDUFRN, 2010.

GALVÃO, Mailde Pinto. **1964.** Aconteceu em abril. Natal: Clima, 1994.

GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo:** bibliografia comentada - 1968/1995. 1. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1996.

LIMA, Nestor dos Santos; MELO, Manoel Rodrigues de. **As cinco sedes do Instituto; A fundação do Instituto Histórico.** Natal: Fundação José Augusto: Ed. da UFRN: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1982.

MACHADO, João Batista. **Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003).** Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. **Luís da Câmara Cascudo e a invenção do feminino na "cultura popular nordestina" (1938-1977).** Campina Grande: EDUFCG, 2009.

SALES, André Valério. **Câmara Cascudo:** o que é folclore, lenda, mito e a presença lendária dos holandeses no Brasil. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2007.

_____. **Câmara Cascudo:** sua teoria folclórica, o método de pesquisa e sua relação política com as classes populares. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2007.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam:** Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.

_____. **Luís Natal ou Câmara Cascudo:** de ator a autor da cidade do Natal. Campina Grande: EDUFCG, 2013.

SILVA, Marcos. (Org.). **Dicionário crítico Câmara Cascudo.** São Paulo: Perspectiva: FFLCH/USP: FAPESP; Natal: Ed. da UFRN: Fundação José Augusto, 2006.

TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **O plantador de cidades:** Sylvio Pedroza e sua Natal moderna (1946-1950). Natal: Sol, 2013.

4.3 Trabalhos acadêmicos

4.3.1 Projetos e relatórios

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Luís da Câmara Cascudo em "As batalhas contra o Tempo":** a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. 26p. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

FURTADO, Cristiane Silva. **A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal.** Rio de Janeiro, 2004. 56p. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica FAPERJ. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>. Acesso em: 08 ago. 2008.

NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil:** uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. 2000. Relatório de pesquisa CNPq. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>. Acesso em: 08 ago. 2008.

4.3.2 Monografias

ABREU, Joana Cavalcanti de. **Um patrimônio de tradições:** o folclore na produção intelectual de Cecília Meireles e Luís da Câmara Cascudo. 58p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

BRITO, Marília Barbosa de. **Um homem, uma cidade:** relações de Luís da Câmara Cascudo com a moderna cidade do Natal (1918-1929). 94p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

DUARTE, Marcelo Ramos. **O modelo de pesquisador do folclore nas cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo.** 50p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FARIAS, Mirella de Santo. **Memórias de um menino sertanejo:** o Sertão de Luís da Câmara Cascudo. 37p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, Rosemeire Spedine Lopes. **Câmara Cascudo:** mestre e clássico do popular. 38p. Monografia (Graduação em Letras) – Departamento de Letras, Academia de Ensino Superior, Sorocaba, 2007.

LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo.** 63p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MELLO, Luiza Larangeira da Silva. **O gorila, o homem e o robô:** a tensão entre tradição e progresso na obra de Luís da Câmara Cascudo. 52p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PAIVA, Tatiana Moreira Campos. **Luís da Câmara Cascudo:** um historiador clássico? 59p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ROCHA, João Carlos Vieira da Costa Cavalcanti. **Entre rosas e espinhos:** os discursos sobre feminilidade e masculinidade na obra de Luís da Câmara Cascudo (1920-1930). 41p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas:** uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945). 94p. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

4.3.3 Dissertações

BRANDÃO, Ivone Agra. **Luis da Câmara Cascudo:** diálogos com a cultura popular no romance *Canto de Muro.* 117p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

BYINGTON, Silvia Ilg. **Pentimentos modernistas:** as cores do Brasil nas correspondências de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 173p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FERNANDES, Kaliana Calixto. **Santo de casa "faz" milagre:** Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal. 119p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

FERREIRA, José Luiz. **Modernismo e tradição:** leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Correspondências:** leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 1999. 354p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

GOMES, Valdeci Feliciano. **Vozes que se calam, vozes de quem se falam:** Câmara Cascudo e a cultura popular. 109p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2008.

LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar:** vida, ofício e fé de um historiador potiguar. 233p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

MEDEIROS, Gislainy Alencar. **Luis da Câmara Cascudo:** a produção histórica de uma subjetividade integralista (1910 a 1940). 145p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

NEVES, Alexandre Gomes. **Câmara Cascudo e Oscar Ribas:** diálogos no Atlântico**.** 145p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Felipe de Souza Leão de. **A escrita do tempo e a poética do espaço**: história e espaço no livro Geografia do Brasil Holandês de Luís da Câmara Cascudo. 204p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SCHEFER Maria Cristina. **Dos irmãos Grimm a Câmara Cascudo:** um caso de tradução cultural. 105p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

SOUTO, Carlos Magno dos Santos. **O alvissareiro:** a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas de 1940-1950. 134p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

4.3.4 Teses

FERREIRA, José Luiz. **Gilberto Freyre e Câmara Cascudo:** entre a tradição, o moderno e o regional. 212p. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

GALVÃO, Claudio Augusto Pinto. **Alguns compassos:** Câmara Cascudo e a música (1920/1960). 386p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo:** itinerário de um pensador. 208p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Aluízio Lins de. **Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo.** 165p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade nacional e modernização na historiografia brasileira:** o diálogo entre Romero, Euclides, Cascudo e Freyre. 421p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

5 Fontes

5.1 Audiovisuais

5.1.1 Documentários

CÂMARA Cascudo: o provinciano incurável. Produção: Samantha Ribeiro. São Paulo: TV Cultura, 1999.

CÂMARA Cascudo: reminiscências. Produção: Pedro Bersi. [s. l.]: WindsFilmesBRASIL, 2009.

CÂMARA Cascudo: 25 anos de ausência. Produção: Fred Carvalho. Natal: Tribuna do Norte, 2011.

CONVERSA com Cascudo. Produção: Walter Lima Júnior. São Paulo: [s. e.], 1976.

CORES e nomes – Cascudo. Produção: Margot Ferreira. Natal: Inter TV Cabugi, 2010.

DEPOIMENTO: Cascudo. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

LUÍS da Câmara Cascudo: 100 anos. Produção: Vanessa Menescal. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

O MUNDO da literatura. [s.l.]: Rede STV, [s.d.].

RAÍZES. Produção: Cláudio Cavalcanti; Marli Carloni. Natal: TV Universitária, 1998.

TELA Brasil: Luís da Câmara Cascudo. Produção: Márcia Torres. Brasília: TV Senado, 2008.

5.1.2 Entrevistas

BARRETO, Anna Maria Cascudo. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

BARRETO, Camilla Cascudo. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

BILRO, Newton Navarro. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. Série: Literatura e Folclore. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda, Fernando Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Mozart Araújo, Renato Almeida e Ricardo Cravo Albim. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. 2 CDs (61m e 54m).

_____. Entrevistadora: Cláudia Leite. Natal: TV Neves, 1984. (10m e 45s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0_jXI>. Acesso em: 19 set. 2007.

_____. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

CASCUDO, Fernando Luís da Câmara et all. [sem entrevistador]. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1988. 2 CDs (62m e 50m).

LIMA, Diógenes da Cunha. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

MELO, Manoel Rodrigues de. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

MELO, Veríssimo Pinheiro de. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

MOREIRA, Joaquim Caldas. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

MOURA, Gumercindo Saraiva de. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

5.1.3 CDs

BROUHAHA – Câmara Cascudo poeta e leitor de poesia. Manaus: SONOPRES, 2005. 1 CD. (62m).

5.2 Manuscritas

5.2.1 Correspondências

5.2.1.1 Ativa Cascudiana

Carlos Drummond de Andrade – 1932-1970.

Gilberto Freyre – 1925-1978.

Hélio Vianna – 1946-1971.

Mário de Andrade – 1924-1944.

Mário Souto Maior – 1969-1980.

Ribeiro Couto – 1927-1944.

Sylvio Piza Pedroza – 1949-1981.

Thiers Martins Moreira – 1937-1968.

5.2.1.2 Passiva Cascudiana

Hélio Vianna – 1963-1971.

Mário de Andrade – 1924-1943.

5.2.1.3 De terceiros

Sylvio Piza Pedroza – 1946-1998.

5.3 Impressas

5.3.1 De Cascudo

CASCUDO, Luís da Câmara. (Org.). **Versos de Lourival Açucena.** 1. ed. Natal: Tipografia d'A Imprensa, 1927.

_____. **Conde d'Eu.** 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. (Brasiliana, 11).

_____. **Em memória de Stradelli.** 1. ed. Manaus: Livraria Clássica, 1936.

_____. **O marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870).** 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Brasiliana, 107).

_____. **Vaqueiros e cantadores:** folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. 1. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

_____. Quase depoimento. In: CAVALHEIRO, Edgar. **Testamento de uma geração**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Coleção autores brasileiros, 9).

_____. **História da cidade do Natal.** 1. ed. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1947.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

_____. **História do Rio Grande do Norte.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

_____. A função dos arquivos. Separata da **Revista do Arquivo Público Estadual.** Recife, n. 9-10, 1956.

_____. **Gente viva.** 1. ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

_____. **Seleta.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1972. (Coleção Brasil Moço, 6).

_____. **Prelúdio e funga do real.** 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1974.

_____. **Canto de muro:** romance de costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977. (Sagarana, 1977).

_____. **Literatura oral no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1978. (Coleção Documentos Brasileiros, 186).

_____. **Anúbis e outros ensaios:** mitologia e folclore. 2. ed. Rio de Janeiro: GUNARTE/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983. (Etnografia e folclore/Clássicos, 2).

_____. **Alma patrícia:** crítica literária. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 743).

_____. **Joio:** páginas de literatura e crítica. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 749).

_____. **Histórias que o tempo leva...** da história do Rio Grande do Norte. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757).

_____. **López do Paraguay.** Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, série C, n. 855).

_____. **Pequeno manual do doente aprendiz:** notas e maginações. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN. 1998.

_____. **Na ronda do tempo:** diário de 1969. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

_____. **Ontem:** maginações e notas de um professor de província. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

_____. **Cidade do Natal.** Natal: Sebo Vermelho, 1999.

_____. Discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores, Rio Grande do Norte (1889-2000):** biografia e antologia. 2. ed. aum. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2004. p. 262-270.

_____. **No caminho do avião...** notas de reportagem aérea (1920-1933). 1. ed. Natal: Ed. da UFRN, 2007.

_____. **O tempo e eu:** confidências e proposições. 3. ed. Natal: Ed. da UFRN, 2008. (Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias).

5.3.2 Sobre Cascudo

ALVES NETO, Francisco Martins (Org.). **O silêncio dos secretários:** biografia do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte (1968-2011). No prelo.

ANDRADE, Manuel Correia de. Luís da Câmara Cascudo – do local ao universal. In: MAIOR, Mário Souto. (Org.). **Folclore 1999.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2000.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz.** São Paulo: Duas Cidades: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

AZEVEDO, Romildo Teixeira de (Coord.). **I Painel sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo**. 1. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1988.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. **O colecionador de crepúsculos:** fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo. 1. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2003.

_____. **Coronel Cascudo:** o herói oculto. Natal: EDUFRN, 2010.

COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo.** 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

_____. **Luís da Câmara Cascudo, professor** – Saudação pelo dia do professor. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1972.

FONSECA, Edson Nery da. **Cascudo e Freyre** – Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, 1998. 4p. Mimeografado.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco.** Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1968/1969. v. 1 e 2.

_____. Cascudo e o modernismo. In:___. **Os Andrades e outros aspectos do modernismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975. p. 7-10.

_____. **A arte moderna (1924-1974); O Brasil brasileiro (1925-1975).** Rio de Janeiro: Ed. Meio-dia, 1977.

LEITE, Daliana Cascudo Roberti. Câmara Cascudo, um guerreiro. **Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.** Natal, 2000. 3p. Mimeografado.

_____. A Babilônia – biblioteca de Luís da Câmara Cascudo. **Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.** Natal, 2010. 6p. Digitado.

_____. (Org.). **Câmara Cascudo:** 20 anos de encantamento. Natal: EDUFRN, 2007.

LEITE, Newton Cascudo Roberti. **Lembranças do meu avô.** Mossoró: Coleção Mossoroense, 1992. (Série c, v. 795).

LEMOS, Thadeu Villar de. **O coronel Cascudo.** Niterói: Oficina da Revista Rural, 1967.

_____. **Mensagens de Câmara Cascudo e Cosme Lemos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1978. v. 1.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Luís da Câmara Cascudo:** traços biográficos. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1964.

_____. **Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo.** Natal: Imprensa Universitária, 1965.

_____. **Câmara Cascudo, um brasileiro feliz.** 1. ed. Natal: RN Econômico, 1978.

LYRA, Carlos. **Uma Câmara vê Cascudo.** Natal: Sebo Vermelho, 2002.

LUÍS da Câmara Cascudo: sua vida e sua obra – Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. 1. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

LUIZ da Câmara Cascudo: depoimentos – Homenagem dos seus amigos. 1. ed. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

MARANHÃO, Djalma. **Cascudo:** mestre do folclore brasileiro. 1. ed. Natal: Diretoria de Documentação e Cultura, 1963.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo:** 50 anos de vida intelectual, 1918-1968 – Bibliografia anotada. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3v.

MELO, Luiz Gonzaga Cortez Gomes de. **Pequena história do integralismo no RN.** Natal: Clima: Fundação José Augusto, 1986.

_____. **Câmara Cascudo, o jornalista integralista.** Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1995. (Coleção Humanas Letras).

_____. **Câmara Cascudo, o camisa verde.** 1. ed. Natal: Sebo Verde Amarelo, 2004.

MELO, Veríssimo de. **Pequena biografia de Luís da Câmara Cascudo.** Natal: Academia Norte-rio-grandense de Letras, 1971.

_____. **A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil.** 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1480).

_____. (Org.). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo.** Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

MORAES, Marcos Antonio. (Org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade:** cartas, 1924-1944. São Paulo: Global, 2010.

OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil.** 1. ed. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

PEDROZA, Sylvio Piza. **Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal.** Natal, 1948. 2p. Mimeografado.

_____. **Album grafico del III Congreso Historico Municipal Interamericano celebrado en San Juan Bautista de Puerto Rico en abril de 1948 bajo la presidencia de la Hon. Felisa Rincon de Gautier administradora de la capital.** San Juan, 1948. Copydesk.

_____. **Definições:** documentos vários e políticos de um governo. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

_____. **Pensamento e ação:** marcos de uma trajetória de governo. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

_____. Prefácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

_____. **Discurso proferido por Sylvio Piza Pedroza, por ocasião do transcurso do 1º aniversário de falecimento do escritor Luís da Câmara Cascudo, na sessão promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, 1987. 21p. Mimeografado.

_____. **Discurso proferido por Sylvio Piza Pedroza, por ocasião da posse como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, 1989. 15p. Mimeografado.

_____. **Discurso de posse de Sylvio Piza Pedroza**. Natal: Academia Norte-rio-grandense de Letras, 1996.

SILVA, Roberto. (Org.). **Jasmins do sobradinho:** cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal,** Natal, dez. 1998 a mar. 1999. 11 fascículos.

5.3.3 Periódicos

5.3.3.1 Revistas

5.3.3.1.1 Pernambuco

A Pilhéria – 1926.

Presença – 1948-1949.

O Tacape – 1928.

Revista de Pernambuco – 1924-1926.

Revista do Arquivo Público – 1949-1956.

Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano – 1930-1932.

Rua Nova – 1926.

Quadra – 1986.

5.3.3.1.2 Rio de Janeiro

Bibliografia de História do Brasil – 1944-1952.

Boletim de Ariel – 1932-1938.

Boletim do Centro Norte-rio-grandense – 1966-1967.

Cadernos da Serra – 1978.

Fon-fon – 1922.

Leitura – 1960-1965.

Manchete –1964.

Revista Brasileira de Folclore – 1961-1966.

Revista da Academia Brasileira de Letras – 1969-1986.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 1934-2000.

Revista Esso – 1950.

Revista Fluminense de Folclore – 1974-1975.

Revista Potyguar – 1936-1938.

5.3.3.1.3 Rio Grande do Norte

Arquivos do Instituto de Antropologia – 1966.

Bando – 1949-1959.

Cigarra – 1928-1929.

Nordeste – 1939.

Província – 1968.

Pedagogium – 1948-1949.

Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras – 1956-2005.

Revista do Centro Polymathico – 1920-1921.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – 1903-1996.

Revista Norte-rio-grandense de Folclore – 1979.

Século – 1996-1998.

5.3.3.1.4 São Paulo

Anhembi – 1951-1958.

Diálogo – 1956.

Panorama – 1936.

Revista do Brasil – 1921-1923.

Vamos Ler! – 1939-1946.

5.3.3.2 Jornais

5.3.3.2.1 Pernambuco

Diário da Noite – 1947-1965.

Diário de Pernambuco – 1924-1965.

Folha da Manhã – 1941-1952.

Jornal do Comércio – 1924-1984.

Jornal Pequeno – 1924-1948.

5.3.3.2.2 Rio de Janeiro

A Offensiva – 1934-1938.

5.3.3.2.3 Rio Grande do Norte

A Imprensa – 1917-1927.

A Notícia – 1921-1923.

A República – 1914-1987.

Diário de Natal/O Poti – 1939-2009.

Tribuna do Norte – 1986-2010.

5.3.3.2.4 São Paulo

Folha de São Paulo – 1998.

ANEXO

ANEXO 1

BIBLIOGRAFIA

DE

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO[434]

Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo (Natal-RN)

LIVROS:

DÉCADA DE 1920

Alma Patrícia, crítica literária
Natal: Atelier Typ. M. Victorino, 1921. 189 p.
Edição Atual: 2ª ed. Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 743. 189 p.

Histórias que o tempo leva... (Da História do Rio G. do Norte)
São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1924. 236 p.
Edição Atual: Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 757. 236 p.

Joio (páginas de literatura e crítica)
Natal: Off. Graf. d'A Imprensa, 1924. 176 p.
Edição Atual: 2ª ed. Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 749. 176 p.

López do Paraguay
Natal: Typ. d'A República, 1927. 114 p.
Edição Atual: 2ª ed. Mossoró: ESAM, 1995. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 855. 114 p.

DÉCADA DE 1930

O Homem Americano e Seus Temas (Tentativa de síntese)
Natal: Imprensa Oficial, 1933. 71 p.
Edição Atual: 2ª ed. Mossoró: ESAM, 1992. 71 p.

O Conde d'Eu
São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Brasiliana, 11. 166 p.

Viajando o sertão
Natal: Imprensa Oficial, 1934. 52 p.

Em memória de Stradelli (1852-1926)
Manaus: Livraria Clássica, 1936. 115 p.

---

[434] Levantamento elaborado por Daliana Cascudo Roberti Leite, neta do escritor e diretora do Memorial Câmara Cascudo e do *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo. Constam as referências das primeiras e atuais edições dos livros e opúsculos publicados por Luís da Câmara Cascudo.

O Doutor Barata, Político, Democrata e Jornalista
Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938. 68 p.

O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)
São Paulo: Ed. Nacional, 1938. Brasiliana, 107. 348 p.

Governo do Rio Grande do Norte (Cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais, de 1897 a 1939)
Natal: Livraria Cosmopolita, 1939. 234 p.
Edição Atual: Mossoró: ESAM, 1989. Coleção Mossoroense, Série C, Volume DXXVI.

Vaqueiros e Cantadores; folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará
Porto Alegre: Globo, 1939. Biblioteca de investigação e cultura. 274 p.
Edição Atual: São Paulo: Global Editora, 2005. 357 p.

DÉCADA DE 1940

Informação de História e Etnografia
Recife: Of. de Renda, Priori & Cia, 1940. 211 p.
Edição Atual: Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. I e II. 211 p.

Antologia do Folclore Brasileiro
São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944. 2 volumes. 502 p.
Edição Atual: 10ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. Vol. 1. 323 p.
7ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. Vol. 2. 333 p.

Os Melhores Contos Populares de Portugal. Seleção e estudo
Rio de Janeiro: Dois Mundos Editora, 1944. Coleção Clássicos e Contemporâneos, 16. 277 p.

Lendas Brasileiras, 21 Histórias criadas pela imaginação de nosso povo
Rio de Janeiro: Leo Jerônimo Schidrowitz, 1945. Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba. 89 p.
Edição Atual: 9ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. 168 p.

Contos Tradicionais do Brasil; confronto e notas
Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1946. Col. Joaquim Nabuco, 8. 405 p.
Edição Atual: 13ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004. 318 p.

Geografia dos Mitos Brasileiros
Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947. Coleção Documentos Brasileiros, v. 52. 467 p.
Edição Atual: São Paulo: Global Editora, 2002. 396 p.

História da Cidade do Natal
Natal: Edição da Prefeitura Municipal, 1947. 411 p.
Edição Atual: 3ª ed. Natal: IHGRN, 1999. 495 p.

O Homem de Espanto
Natal: Galhardo, 1947. 204 p.

Os Holandeses no Rio Grande do Norte
Natal: Ed. do Departamento de Educação, 1949. 72 p.

DÉCADA DE 1950

Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore
Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1951. 281 p.

Meleagro: depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil
Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1951. 196 p.
Edição Atual: 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978. 208 p.

História da Imperatriz Porcina. Crônica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e Brasil
Lisboa: Edições de Álvaro Pinto, Revista Ocidente, 1952. 83 p.

Literatura Oral
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1952. Coleção Documentos Brasileiros, V. 6 da História da Literatura Brasileira. 465 p.
Edição Atual: 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006. 480 p.

Em Sergipe d'El Rey
Aracaju: Edição do Movimento Cultural de Sergipe, 1953. 106 p.

Cinco Livros do Povo. Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953. Coleção Documentos Brasileiros, V. 72. 449 p.
Edição Atual: 3ª Ed (Fac-similada). João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1994. 449 p.

Antologia de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão
Natal: Departamento de Imprensa, 1954. 250 p.

Dicionário do Folclore Brasileiro
Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. 660 p.
Edição Atual: 11ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. 768 p.

História de um Homem (João Severiano da Câmara)
Natal: Departamento de Imprensa, 1954. 138 p.

Contos de Encantamento
Salvador: Ed. Progresso, 1954. 124 p.

Contos Exemplares
Salvador: Ed. Progresso, 1954. 91 p.

História do Rio Grande do Norte
Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1955. 524 p.
Edição Atual: Natal: Fundação José Augusto/Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 529 p.

Notas e Documentos para a História de Mossoró
Natal: Departamento de Imprensa, 1955. Col. Mossoroense, série C, 2. 254 p.
Edição Atual: 3ª ed. Mossoró: ESAM, 1996. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 849. 254 p.

Notícia Histórica do Município de Santana do Matos
Natal: Departamento de Imprensa, 1955. 139 p.

Trinta "Estórias" Brasileiras
Lisboa: Editora Portucalense, 1955. 170 p.

Geografia do Brasil Holandês
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956. Coleção Doc. Bras., V. 79. 303 p.

Tradições Populares da Pecuária Nordestina
Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Agrícola, 1956. Brasil. Doc. Vida Rural, 9. 78 p.

Vida de Pedro Velho

Natal: Departamento de Imprensa, 1956. 140 p.

Edição Atual: Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: Memória e Biografias - 50 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 168 p.

Jangada; uma pesquisa etnográfica

Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1957. Coleção Vida Brasileira. 181 p.

Edição Atual: São Paulo: Global Editora, 2002. 170 p.

Jangadeiros

Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Agrícola, 1957. Brasil. Doc. Vida Rural, 11. 60 p.

Superstições e Costumes (Pesquisas e notas de etnografia brasileira)

Rio de Janeiro: Antunes, 1958. 260 p.

Canto de Muro, Romance de Costumes

Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959. 266 p.

Edição Atual: 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006. 230 p.

Rede-de-Dormir; uma pesquisa etnográfica

Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959. Coleção Vida Brasileira, 16. 242 p.

Edição Atual: 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2003. 231 p.

DÉCADA DE 1960

Ateneu Norte-Riograndense; pesquisa e notas para sua história

Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1961. Coleção Juvenal Lamartine. 65 p.

Vida Breve de Auta de Souza, 1876-1901

Recife: Imprensa Oficial, 1961. 156 p.

Edição Atual: Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: Memória e Biografias - 50 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 194 p.

Grande Fabulário de Portugal e do Brasil [Autores Câmara Cascudo e Vieira de Almeida]

Lisboa: Fólio Edições Artísticas, 1961. 2 volumes.

Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil

Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1963. 326 p.

Motivos da Literatura Oral da França no Brasil

Recife: [s.ed.], 1964. 66 p.

Dois Ensaios de História: A intencionalidade do descobrimento do Brasil. O mais antigo marco de posse

Natal: Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, 1965. 83 p.

História da República no Rio Grande do Norte. Da propaganda à primeira eleição direta para governador.

Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965. 306 p.

Nosso Amigo Castriciano, 1874-1947; reminiscências e notas

Recife: Imprensa Universitária, 1965. 258 p.

Edição Atual: Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: Memória e Biografias - 50 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 310 p.

Made in África (Pesquisas e Notas)

Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. Perspectivas do Homem, 3. 193 p.

Edição Atual: 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. 185 p.

Flor de Romances Trágicos

Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1966. 188 p.

Edição Atual: Natal: Fundação José Augusto/Rio de Janeiro: Cátedra, 1982. 189 p.

Voz de Nessus

João Pessoa: Departamento Cultural da UFPB, 1966. 108 p.

Folclore do Brasil (Pesquisas e Notas)

Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. 258 p.

Edição Atual: 2ª ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980. 258 p.

Jerônimo Rosado (1861-1930): Uma ação brasileira na província

Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1967. 220 p.

Mouros, Franceses e Judeus (Três presenças no Brasil)

Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1967. 154 p.

Edição Atual: 3ª ed. São Paulo: Global Editora, 2001. 111 p.

História da Alimentação no Brasil

São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1º volume, 1967. 396 p.; 2º volume, 1968. 539 p.

Edição Atual: 3ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004. 954 p.

Coisas que o Povo diz

Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968. 206 p.

Edição Atual: 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2009. 155 p.

Nomes da Terra; história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte

Natal: Fundação José Augusto, 1968. 321 p.

Edição Atual: Natal: Sebo Vermelho Edições, 2002. 321 p.

O Tempo e Eu; confidências e proposições

Natal: Imprensa Universitária, 1968. 338 p.

Edição Atual: Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: Memória e Biografias - 50 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 248 p.

Prelúdio da Cachaça (Etnografia, História e Sociologia da Aguardente do Brasil)

Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Álcool, 1968. 98 p.

Edição Atual: 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006. 86 p.

Pequeno Manual do Doente Aprendiz; notas e maginações

Natal: Imprensa Universitária, 1969. 109 p.

Edição Atual: Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 1998. Edição Comemorativa dos 100 anos (1898-1998) Luís da Câmara Cascudo. 80 p.

A Vaquejada Nordestina e sua Origem

Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – IJNPS/MEC, 1969. 60 p.

DÉCADA DE 1970

Gente Viva

Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. 189 p.

Locuções Tradicionais do Brasil

Recife: Editora Universitária, 1970. 237 p.

Edição Atual: São Paulo: Global Editora, 2004. 332 p.

Ensaios de Etnografia Brasileira; pesquisa na cultura popular do Brasil
Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro (INL), 1971. 194 p.

Na Ronda do Tempo (Diário de 1969)
Natal: Editora Universitária, 1971. 168 p.
Edição Atual: Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 1998. Edição Comemorativa dos 100 anos (1898-1998) Luís da Câmara Cascudo. 208 p.

Sociologia do Açúcar; pesquisa e dedução
Rio de Janeiro: MIC, Serviço de Documentação do Instituto do Açúcar e do Álcool, 1971. Coleção Canavieira, 5. 478 p.

Tradição, Ciência do Povo; pesquisas na cultura popular do Brasil
São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. 195 p.

Ontem; maginações e notas de um professor de província
Natal: Editora Universitária, 1972. 257 p.
Edição Atual: Natal: EDUFRN - Edição da UFRN, 1998. Edição Comemorativa dos 100 anos (1898-1998) Luís da Câmara Cascudo. 248 p.

Uma História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte; conclusões, pesquisas e documentários
Natal: Fundação José Augusto, 1972. 487 p.

Civilização e Cultura; pesquisas e notas de etnografia geral
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973. 741 p.
Edição Atual: São Paulo: Global Editora, 2004. 726 p.

Movimento da Independência no Rio Grande do Norte
Natal: Fundação José Augusto, 1973. 165 p.

Prelúdio e Fuga do Real
Natal: Fundação José Augusto, 1974. 384 p.

Religião no Povo
João Pessoa: Imprensa Universitária, 1974. 194 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1974. V. 1. 156 p.

Folclore
Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1975. 62 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1976. V. 2. 170 p.

História dos Nossos Gestos; uma pesquisa da mímica no Brasil
São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976. 252 p.
Edição Atual: São Paulo: Global Editora, 2003. 277 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1977. V. 3. 152 p.

O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1817)
Rio de Janeiro: Editora Kosmos, 1977. 179 p.

Antologia da Alimentação no Brasil
Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. 254 p.
Edição Atual: 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2008. 304 p.

Três Ensaios Franceses
Natal: Fundação José Augusto, 1977. 84 p.

Contes traditionnels du Brésil. Alléguéde, Bernard [Tradução].
Paris: G. P. Maisonneuve et Larose, 1978. 255 p.

DÉCADA DE 1980

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1980. V. 4. 164 p.

Mossoró, Região e Cidade
Natal: Ed. Universitária, 1980. Coleção Mossoroense, 103. 164 p.
Edição Atual: 2ª ed. Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, Série C, Vol. 999.164 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1981. V. 5. 136 p.

Superstição no Brasil (Superstições e Costumes, Anúbis e outros ensaios, Religião no Povo)
Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1985. Coleção Reconquista do Brasil. 443 p.
Edição Atual: 6ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. 496 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Coojornal, 1989. V. 6. 140 p.

DÉCADA DE 1990

Notícia sobre dez municípios potiguares
Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, Série C, Volume 1001. 55 p.

Os compadres corcundas e outros contos brasileiros
Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 123 p. Leituras Fora de Série.

DÉCADA DE 2000

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Sebo Vermelho, 2002. V. 7. 260 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, EDUFRN – Editora da UFRN, 2002. V. 8. 138 p.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, EDUFRN – Editora da UFRN, 2005. V. 9. 208 p.

Lendas brasileiras para jovens
2ª. ed. São Paulo: Global Editora, 2006. 126 p.

Contos tradicionais do Brasil para jovens
São Paulo: Global Editora, 2006. 125 p.

No caminho do avião... Notas de reportagem aérea (1922-1933)
Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2007.

O Livro das Velhas Figuras
Natal: Edições do IHGRN, Sebo Vermelho, 2008. V. 10. 193 p.

A Casa de Cunhaú (História e Genealogia)
Brasília: Edições do Senado Federal, Volume 45, 2008. 179 p.

DÉCADA DE 2010

Vaqueiros e Cantadores para jovens.
São Paulo: Global Editora, 2010. 142 p.
Histórias de Vaqueiros e Cantadores para jovens.
São Paulo: Global Editora, 2012. 128 p.

EDIÇÕES TRADUZIDAS, ORGANIZADAS, COMPILADAS E ANOTADAS

Versos. Açucena, Lourival. [Organização e anotações]
Natal: Typ. d'A Imprensa, 1927. 93 p.
Edição Atual: 2ª ed. Natal: Editora Universitária, Coleção Resgate, 1986. 113 p.
Viagens ao Nordeste do Brasil. Koster, Henry. **[**Tradução]
São Paulo: Editora Nacional, 1942.
Festas e tradições populares do Brasil. Moraes, Mello. **[**Revisão e notas]
Rio de Janeiro: Briguiet, 1946. 551 p.
Os Mitos Amazônicos da Tartaruga. Hartt, Charles Frederick. **[**Tradução e notas]
Recife: Arquivo Público Estadual, 1952. 69 p.
Cantos Populares do Brasil. Romero, Sílvio. [Anotações]
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2 volumes, 1954. Coleção Documentos Brasileiros, Folclore Brasileiro, 1. 711 p.
Contos Populares do Brasil. Romero, Sílvio. **[**Anotações]
Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954. Coleção Documentos Brasileiros, Folclore Brasileiro, 2. 411 p.
Poesia. Barbosa, Domingos Caldas. **[**Compilação]
Rio de Janeiro: Editora Agir, 1958. Coleção Nossos Clássicos, 16. 109 p.
Poesia. Nobre, Antônio. **[**Compilação]
Rio de Janeiro: Editora Agir, 1959. Coleção Nossos Clássicos, 41. 103 p.
Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul. Nordenskiold, Erland. **[**Introdução e notas]
Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. 56 p.
Os Ciganos e Cancioneiros dos Ciganos. Moraes, Mello.**[**Revisão e notas]
Belo Horizonte: [s.ed.], 1981.

OPÚSCULOS:

DÉCADA DE 1930

A Intencionalidade no Descobrimento do Brasil
Natal: Imprensa Oficial, 1933. 30 p.
O Mais Antigo Marco Colonial do Brasil
Natal: Centro de Imprensa, 1934. 18 p.
O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte
Natal: Imprensa Oficial, 1936.

Conversa sobre a hipoteca
São Paulo: [s.ed.], 1936. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Os índios conheciam a propriedade privada?
São Paulo: [s.ed.], 1936. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Uma interpretação da couvade
São Paulo: [s.ed.], 1936. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Notas para a História do Ateneu
Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1937. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Peixes no idioma Tupi
Rio de Janeiro: [s.ed.], 1938. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

DÉCADA DE 1940

Montaigne e o Índio Brasileiro. [Tradução e notas do capítulo "Des caniballes" do Essais]
São Paulo: Cadernos da Hora Presente, 1940.

O Presidente Parrudo
Natal: [s.ed.], 1941. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Sociedade Brasileira de Folk-Lore
Natal: Oficinas do D.E.I.P., 1942. 14 p.

Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros
Porto: [s.ed.], 1948. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Conferência (Tricentenário dos Guararapes) [separata]
Revista do Arquivo Público, N. VI.
Recife: Imprensa Oficial, 1949. 15 p.

Consultando São João: Pesquisa sobre a Origem de Algumas Adivinhações
Natal: Departamento de Imprensa,1949. Soc. Bras. Folcl., 1. 22 p.

Gorgoneion [separata]
Revista "Homenaje a Don Luís de Hoyos Sainz", 1.
Madrid: Valerá, 1949. 11 p.

DÉCADA DE 1950

O Símbolo Jurídico do Pelourinho [separata]
Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.
Natal: [s.ed.], 1950. 21 p.

O Folk-Lore nos Autos Camoneanos
Natal: Departamento de Imprensa, 1950. 18 p.

Conversa sobre Direito Internacional Público
Natal: [s.ed.], 1951. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Atirei um limão verde
Porto: [s.ed.], 1951. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Os velhos entremezes circenses
Porto: [s.ed.], 1951. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Custódias com campainhas
Revista Oficial do Grêmio dos Industriais de Ourivesaria do Norte.
Porto: Ourivesaria Portuguesa, 1951. Capítulo XI. 108 p.

A mais antiga igreja do Seridó
Natal: [s.ed.], 1952. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Tradición de un cuento brasileño [separata]
Archivos Venezolanos de Folklore.
Caracas: Universidade Central, 1952.

Com D. Quixote no Folclore Brasileiro [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares.
Madrid: C. Bermejo, 1952. 19 p.

O Poldrinho Sertanejo e os Filhos do Vizir do Egito [separata]
Revista Bando, Ano III, Vol. III, n. 3.
Natal: [s.ed.], 1952. 15 p.

Na Casa de Surdos [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 9.
Madrid: C. Bermejo, 1952. 21 p.

A Origem da Vaquejada no Nordeste do Brasil [separata]
Douro-Litoral, ¾, 5ª série.
Porto: Simões Lopes, 1953. 7 p.

Alguns jogos infantis no Brasil [separata]
Douro-Litoral 7/8, da Quinta Série.
Porto: Simões Lopes, 1953. 5 p.

No tempo em que os bichos falavam
Salvador: Ed. Progresso, 1954. 37 p.

Cinco temas do Heptaméron na Literatura Oral Ibérica [separata]
Douro-Litoral, 5/6, 6ª série.
Porto: Simões Lopes, 1954. 12 p.

Os velhos caminhos do Nordeste
Natal: [s.ed.], 1954. (Apud. Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras, V. 40, n. 28, dezembro, 1998).

Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz
Natal: Arquidiocese de Natal, 1955. 30 p.

Paróquias do Rio Grande do Norte
Natal: Departamento de Imprensa, 1955. 30 p.

Bibliografia
Natal: Lira, 1956. 7 p.

Comadre e Compadre [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 12.
Madrid: C. Bermejo, 1956. 12 p.

Sociologia da Abolição em Mossoró [separata]
Boletim Bibliográfico, N. 95-100.
Mossoró: [s.ed.], 1956. 6 p.

A Função dos Arquivos [separata]
Revista do Arquivo Público, 9/10, 1953.
Recife: Arquivo Público Estadual/SIJ, 1956. 13 p.

Exibição da prova de virgindade [separata]
Revista Brasileira de Medicina, Vol. XIV, No. 11.
Rio de Janeiro: [s.ed.], 1957. 6 p.

Três Poemas de Walt Whitman [Tradução]
Recife: Imprensa Oficial, 1957. Coleção Concórdia. 15 p.
Edição Atual: Mossoró: ESAM, 1992. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1137. 15 p.

O mosquiteiro é ameríndio? [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 13.
Madrid: C. Bermejo, 1957. 7 p.

Promessa de jantar aos cães [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 14.
Madrid: C. Bermejo, 1958. 4 p.

Assunto Latrinário [separata]
Revista Brasileira de Medicina, Vol. XVI, No. 7.
Rio de Janeiro: [s.ed.], 1959. 7 p.

Levantando a saia... [separata]
Revista Brasileira de Medicina, Vol. XVI, No. 12.
Rio de Janeiro: [s.ed.], 1959. 8 p.

Universidade e Civilização
Natal: Departamento de Imprensa, 1959. 12 p.
Edição Atual: 2ª ed. Natal: Editora Universitária, 1988. 22 p.

Canção da Vida Breve [separata]
Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Faculdade de Ciências do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1959.

DÉCADA DE 1960

Complexo Sociológico do Vizinho [separata]
Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos, Junta de Província do Douro Litoral, 18, V. II.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1960. 10 p.

A Família do Padre Miguelinho
Natal: Departamento de Imprensa, 1960. Coleção Mossoroense, série B, 55. 32 p.

A Noiva de Arraiolos [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 16.
Madrid: C. Bermejo, 1960. 3 p.

Etnografia e Direito
Recife: Imprensa Oficial, 1961. 27 p.

Breve História do Palácio da Esperança
Natal: Departamento de Imprensa, 1961. 46 p.

Roland no Brasil
Natal: Tip. Santa Teresinha, 1962. 11 p.

Temas do Mireio no Folclore de Portugal e Brasil [separata]
Revista Ocidente, 64, jan.
Lisboa: [s.ed.], 1963.

História da Alimentação no Brasil [separata]
Revista de Etnografia, 1, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1963. 7 p.

A Cozinha Africana no Brasil
Luanda: Imprensa Nacional de Angola, 1964. Publicação do Museu de Angola. 36 p.

O Bom Paladar é dos ricos ou dos pobres? [separata]
Revista de Etnografia, Museu de Etnografia e História.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1964. 6 p.

Ecce iterum macaco e combuca [separata]
Revista de Etnografia, 7, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 4 p.

Macaco velho não mete a mão em cambuca [separata]
Revista de Etnografia, 6, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 4 p.

Prelúdio da Gaita [separata]
Revista de Etnografia, 8, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 4 p.

Presença Moura no Brasil [separata]
Revista de Etnografia, 9, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 13 p.

Prelúdio da Cachaça [separata]
Revista de Etnografia, 11, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1966. 17 p.

História de um livro perdido [separata]
Arquivos do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, Vol. II, Nos. 1-2.
Natal: UFRN, 1966. 19 p.

Abóbora e Jirimum [separata]
Revista de Etnografia, 12, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1966. 6 p.

O mais pobre dos dois... [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, Tomo XXII, Cuadernos 1º y 2º .
Madrid: C. Bermejo, 1966. 6 p.

Duó
Mossoró: ESAM, 1966. Coleção Mossoroense, série B, n. 82.19 p.

Viagem com Mofina Mendes ou da imaginação determinante [separata]
Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, 9.
Lisboa: [s.ed.], 1966. 18 p.

Ancha es Castilla! [separata]
Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, Tomo X.
Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1967. 11 p.

Folclore do Mar [separata]
Revista de Etnografia, 13, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 8 p.

A Banana no Paraíso [separata]
Revista de Etnografia, 14, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 4 p.

Desejo e Couvade [separata]
Revista de Etnografia, 17, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 4 p.

Terras de Espanha, Voz do Brasil (Confrontos e semelhanças) [separata]
Revista de Etnografia, 16, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 25 p.

Calendário das Festas
Rio de Janeiro: MEC, 1968. Caderno de Folclore, 5. 8 p.

Às de Vila Diogo [separata]
Revista de Etnografia, 18, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1968. 4 p.

Assunto Gago [separata]
Revista de Etnografia, 19, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1968. 5 p.

Vista de Londres [separata]
Revista de Etnografia, 20, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1968. 29 p.

A Vaquejada Nordestina e Sua Origem
Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969. 48 p.

Aristófanes. Viva o seu Personagem...
Revista "Dionysos", 14(17), jul. 1969.
Rio de Janeiro: SNT/MEC, 1969. 11 p.

Ceca e Meca [separata]
Revista de Etnografia, 22, Museu de Etnografia e História da Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 9 p.

Dezembrada e seus heróis: 1868/1968
Natal: D.E.I, 1969. 30 p.

Disputas Gastronômicas [separata]
Revista de Etnografia, 23, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 5 p.

Esta he Lixboa Prezada... [separata]
Revista de Etnografia, 21, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 19 p.

Locuções Tradicionais [separata]
Revista Brasileira de Cultura, 1, jul/set.
Rio de Janeiro: CFC, 1969. 18 p.

Alexander von Humboldt: um patrimônio imortal – 1769 – 1969. [Conferência]
Natal: Nordeste, 1969. 21 p.

Desplantes [separata]
Revista do Arquivo Municipal, Vol. 176, Ano 32.
São Paulo: E.G.T.R., 1969. 12 p.

DÉCADA DE 1970

Conversa para o estudo afro-brasileiro [separata]
Cadernos Brasileiros CB, No. 1, Ano XII, Número 57, Janeiro-Fevereiro.
Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1970. 11 p.

O Morto no Brasil [separata]
Revista de Etnografia, 27, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970. 18 p.

Notícias das Chuvas e dos Ventos no Brasil [separata]
Revista de Etnografia, 26, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970. 18 p.

Três Notas Brasileiras [separata]
Boletim da Junta Distrital de Lisboa, 73/74.
Lisboa: Ramos, Afonso & Moita Ltda., 1970. 14 p.

Água do Lima no Capibaribe [separata]
Revista de Etnografia, 28, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1971. 7 p.

Divórcio no Talher [separata]
Revista de Etnografia, 32, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 4 p.

Folclore nos Autos Camoneanos [separata]
Revista de Etnografia, 31, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 13 p.

Uma Nota sobre o Cachimbo Inglês [separata]
Revista de Etnografia, 30, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 11 p.

Visão do Folclore Nordestino [separata]
Revista de Etnografia, 29, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto.
Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 7 p.

Caminhos da Convivência Brasileira [separata]
Revista Ocidente, 84.
Lisboa: [s.ed.], 1973.

Meu Amigo Thaville: Evocações e Panorama
Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974. 48 p.

Mitos Brasileiros
Rio de Janeiro: MEC, 1976. Cadernos de Folclore, 6. 24 p.

Imagens de Espanha no Popular do Brasil [separata]
Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 32.
Madrid: C. Bermejo, 1976. 9 p.

Mouros e judeus na tradição popular do Brasil
Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Departamento de Cultura/SEC, 1978. 45 p.

Breve História do Palácio Potengi
Natal: Fundação José Augusto, 1978. 48 p.

DÉCADA DE 1990

Jararaca [separata]
Mossoró: ESAM, 1990. Coleção Mossoroense, série B, n. 716. 13 p.

Jesuíno Brilhante [separata]
Mossoró: ESAM, 1990. Coleção Mossoroense, série B, n. 717. 15 p.

Mossoró e Moçoró [separata]
Mossoró: ESAM, 1991. 10 p.

Acari, Caicó e Currais Novos [separata]
Revista Potyguar.
Mossoró: ESAM, 1991.

Caraúbas, Assú e Santa Cruz [separata]
Revista Potyguar.
Mossoró: ESAM, 1991. 11 p.
Edição Atual: Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1047. 11 p.

A Carnaúba [fac-símile]
Revista Brasileira de Geografia.
Mossoró: ESAM, 1991. 61 p.
Edição Atual: Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, Série C, Volume 996. 61 p.

Natal [separata]
Revista Potyguar.
Mossoró: ESAM/FGD, 1991.

Mossoró e Areia Branca [separata]
Revista Potyguar.
Mossoró: ESAM/FGD, 1991. 17 p.

A Família Norte-Rio-Grandense do Primeiro Bispo de Mossoró
Mossoró: ESAM/FGD, 1991.

A "Cacimba do Padre" em Fernando de Noronha
Natal: Sebo Vermelho, Fundação José Augusto, 1996. 12 p.

O Padre Longino, Um tema proibido
Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1500. 11 p.

Apresentação do Livro de José Mauro de Vasconcelos, "Banana Brava", romance editado pela AGIR em 1944
Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, Série B, Número 1586. 4 p.

História da Alimentação no Brasil [separata]
Natal: Edições do IHGRN, 1998. 7 p.

Cidade do Natal
Natal: Sebo Vermelho, 1999. 34 p.

O Outro Monteiro Lobato [Acta Diurna]
Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1999. 5 p.

DÉCADA DE 2000

O Marido da Mãe d'água/A Princesa e o Gigante.
2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2001. 16 p. Coleção Contos de Encantamento.

Maria Gomes
São Paulo: Global Editora, 2001. 16 p. Coleção Contos de Encantamento.

Couro de Piolho
3ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002. 16 p. Coleção Contos de Encantamento.

A Princesa de Bambuluá
3a. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. 16 p. Coleção Contos de Encantamento.

La Princesa de Bambuluá
São Paulo: Global Editora, 2003. 16 o. Colección Cuentos de Encantamientos.

El Marido de la madre de las águas/La Princesa y el gigante
São Paulo: Global Editora, 2003. 16 p. Colección Cuentos de Encantamientos.

O Papagaio Real
São Paulo: Global Editora, 2004. 16 p. Coleção Contos de Encantamento.

Facécias: contos populares divertidos
São Paulo: Global Editora, 2006. 24 p.

Resumo da Produção Cascudiana (Livros e Opúsculos)

	Livros	Edições Anotadas / Traduzidas	Opúsculos	Total
Década 1920	4	1	-	5
Década 1930	8	-	8	16
Década 1940	9	2	7	18
Década 1950	23	5	30	58
Década 1960	21	1	38	60
Década 1970	21	-	15	36
Década 1980	5	1	-	6
Década 1990	2	-	15	17
Década 2000	8	-	8	16
Década 2010	2	-	-	2
Total	**103**	**10**	**121**	**234**